

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

THIAGO DE SOUSA FREITAS LIMA

**GESTO SUTIL:
PEQUENAS PASSAGENS PELAS ANATOMIAS DO ENCONTRO**

NITERÓI

2020

Thiago de Sousa Freitas Lima

**GESTO SUTIL:
PEQUENAS PASSAGENS PELAS ANATOMIAS DO ENCONTRO**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marcia Oliveira Moraes

NITERÓI

2020

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

L732g Lima, Thiago de Sousa Freitas
Gesto Sutil : pequenas passagens pelas anatomias do encontro
/ Thiago de Sousa Freitas Lima ; Marcia Oliveira Moraes,
orientadora. Niterói, 2020.
214 f.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,
2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2020.d.11333279744>

1. Corpo humano; aspecto psicológico. 2. Gesto. 3.
Educação. 4. Produção intelectual. I. Moraes, Marcia
Oliveira, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD -

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Marcia Oliveira Moraes (orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Ana Cabral Rodrigues – UFF

Prof^ª. Dr^ª. Ana Claudia Lima Monteiro – UFF

Prof^ª. Dr^ª. Alexandra Cleopatre Tsallis – UERJ

Prof. Dr. Tulio Alberto Martins de Figueiredo - UFES

Aprovado em 11 de dezembro de 2020.

NITERÓI

2020

À família
Ao mar indo
À Marina

RESUMO

Entendendo que histórias fazem mundos e mundos fazem histórias, a tese se empenha em contar algumas histórias de como expressões gestuais puderam reorientar nossos sentidos, a partir dos encontros que tecemos com um grupo de estudantes da Universidade Federal Fluminense durante uma pesquisa de doutorado. A pesquisa envolve as relações entre a sala de aula, o espaço, o tempo, o movimento, os outros corpos, a universidade pública, enfim, espaços de formação e ensino em nossas vidas. Trata-se de lidar com sutilezas e singularidades, atentar a gestos mínimos que expressam um corpo enquanto interface, capaz de afetar e ser afetado. Um corpo se percebendo corpo quando aprende a ser afetado por mais e outros elementos. Tal estratégia, quando vinculada à escrita, é o que Donna Haraway chama de *worlding practices*, uma operação de escrita imanente ao processo de pesquisa. Os relatos narrados, então, performatizarão um conhecimento que se efetiva a partir de relações e produções coletivas. Nas palavras da autora, trata-se da consolidação de uma *Sympoiesis*, um modo de fazer-junto, um modo de pesquisar que se evidencia no *pesquisarCOM*, que dá visibilidade às direções de mundo que se criam a partir das relações estabelecidas. Entendemos que essa prática evidencia uma política de pesquisa e formação educacional implicada nos encontros e quais versões de mundo se multiplicam a partir dos mesmos.

Palavras-chave: corpo, gesto, educação

ABSTRACT

Understanding that stories make worlds and worlds make stories, the thesis endeavors to tell some stories about how gesture expressions were able to guide our senses based on the meetings we weaved with a group of students at Federal Fluminense University, during a doctoral research. The research involves the relationships between the classroom, the space, the time, the movement, the other bodies, the public university, in short, with formation and teaching spaces in our lives. It's about dealing with subtleties and singularities, paying attention to minimal gestures that express a body as an interface, capable of affecting and being affected. A body perceiving itself a body when it learns to be affected by more and other elements. Such strategy, when linked to writing, is what Donna Haraway calls worlding Practices, a writing operation immanent to research process. The narratives, then, will perform a knowledge that is effective from collective relations and productions. In the author's words, it's about the consolidation of a Sympoiesis, a way of doing it together, a way of researching that becomes evident in the *pesquisarCOM*, which gives visibility to world directions that create themselves from relationships established. We understand that this practice shows a policy of research and educational formation involved in the meetings and which versions of the world multiply from them.

Keywords: body, gesture, education

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Ana Beatriz Benevides de Sousa e ao Gether Quintaes Freitas Lima por acompanharem todos os meus caminhos e me apoiarem em todas as minhas escolhas. Ao Igor de Sousa Freitas Lima por todos os dias me mandar uma mensagem de bom dia, querendo saber se estou feliz e me dar a certeza que não estive nunca sozinho.

À Angela Maria Benevides de Sousa pela inspiração da carreira e o incentivo em crescer. A todas e todos que foram citados até agora agradeço por me ensinarem a amar e a cuidar. A todos e todas as funcionárias, técnicas, corpo discente e docente das universidades do Brasil, que lutam por um ensino de qualidade, público e gratuito.

Ao grupo de estudos PesquisarCOM pelo acolhimento e crescimento em discussões e desconstruções.

A orientação de Marcia Moraes, cuja admiração que lhe tenho não cabe em linhas.

À Debora Lomba pelos bons encontros promissores.

À Julia Bernardes Lacerda e à Tulasi Resende por neste percurso decorarem a tese e a vida com paisagens, ideias, danças e desenhos.

À Dani Lima pelos gestos dançados, pela anatomia sensível, alegre e inspiradora.

Ao Rafael Machado, Gilmar Fidelis e toda equipe do NAPEM e da Faculdade de Medicina da UFMG por abrirem uma trilha de continuidade para este trabalho.

À Ana Godoy por dar corpo à escrita, companhia à leitura e parceria nas apostas de expressar.

À Marina Harter Pamplona por estar comigo na construção da coragem de ir e de voltar a(o)mar.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	10
A PRESENTE AÇÃO	13
Tecer palavras.....	14
Pesquisar.....	18
Apostar	20
RECUAR.....	24
Encontrando possibilidades de contar	25
Ocupar: gestos de aproximação e a espessura do encontro	34
Preservando o Recuo	61
ABORDAR.....	81
Gestos: alguns intercessores	88
Gesto como prática de liberdade	97
Gesto dançado e suas sutilezas	99
HERDAR.....	108
Construindo uma visão de corpo	109
Rupturas do presente	113
Sala de aula e suas heranças	113
Pelo que passamos	117
PROVAR.....	119
Provas e/de sentidos	121
Das coisas que não se esperava I.....	126
OLHAR	129
Tempo de chegada... entre a prova e o provar.....	130
Primeiros movimentos.....	131
Das coisas que não se esperava II.....	134
Das coisas que não se esperava III	139

APOIAR	142
Apoiar <i>com</i>	142
Sobrar, celebrar, abraçar	143
Das coisas que não se esperava IV	147
Dos pés à cabeça.....	148
Sustentando pesos, dividindo dores, emprestando limites	149
PARAR.....	158
Das coisas que não se esperava V	161
Das coisas que não se esperava VI	163
FAZER, PERCEBER E SENTIR.....	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
Cuidado.....	181
Formação	186
Corpo e contornos.....	190
Práticas para se viver junto.....	195
REFERÊNCIAS	202
ANEXOS	210
ANEXO I – Proposta de atividade ocupação	210
ANEXO II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	212

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ocupação #1	34
Figura 2 - Ocupação #2	38
Figura 3 - Ocupação #3	41
Figura 4 - Ocupação #4	44
Figura 5 - Ocupação #5	45
Figura 6 - Ocupação #6	55
Figura 7 - Ocupação #7	56
Figura 8 - Ocupação #8	58
Figura 9 – Paccelli. 2009. Chirurgia Glandulae Parotidae. (tome 7. Planche 20).....	84
Figura 10 – Paccelli. 2009. Compressiones Arteriarium Capitis et Colli. (tome 6. Planche 18)	85
Figura 11 – Paccelli. 2009 Anatomia Topographica et Chirurgica Regionalis Axillares et Colli.....	86
Figura 12 - Rembrandt. A Lição de Anatomia do Dr. Tulp. 1632. Óleo sobre tela, 169,5 X 216,5	110
Figura 13 – Trabalho de uma das integrantes do grupo	127
Figura 14 – Sem título (2020).....	165
Figura 15 – Sem título (2018) #1.....	172
Figura 16 – Sem título (2018) #2.....	174
Figura 17 – Sem título (2018) #3.....	177
Figura 18 - Julia Bernardes. Praticas para se viver junto #1. 2020. Carbono sobre papel	197
Figura 19 – Julia Bernardes. Praticas para se viver junto #2. 2020. Carbono sobre papel.....	198
Figura 20 - Julia Bernardes. Praticas para se viver junto #3. 2020. Carbono sobre papel	199
Figura 21 - Julia Bernardes. Praticas para se viver junto #4. 2020. Carbono sobre papel	200
Figura 22 - Julia Bernardes. Praticas para se viver junto #5. 2020. Carbono sobre papel	201

PRÓLOGO

Essa tese propõe-se a disputar por um sentido de formação na educação em que nossos corpos possam ocupar espaços para escuta, ampliação e partilha de movimentos. Trata-se da possibilidade de experimentar novas formas de ocupar um espaço, mover-se e perceber-se nele. Defendemos, portanto, uma formação sensível às expressões de nossos corpos a partir de uma política de aproximação dos gestos. Podemos definir gestos como todo movimento capaz de contar uma história; o que se busca na tese é o movimento de partilha de histórias herdadas e a possibilidade de composição e construção de outras versões¹. Trata-se da gestação de histórias coletivas.

Na sequência da tese serão apresentadas algumas imagens de diversas naturezas; acreditamos que a partir das imagens podemos abrir outras camadas sensíveis de afetação, percepção e pensamento. Todas as imagens serão descritas visando ampliar a acessibilidade do trabalho. Chamaremos o movimento de partilha das histórias de “gestos sutis”, ou seja, movimentos mínimos que, quando nos aproximamos, são capazes de dar passagem e tecer histórias que podem ser construídas coletivamente, cheias do momento presente, sem compromisso de reprodução com histórias engessadas por algum passado.

Partimos da compreensão de uma educação que permita experiências sensíveis fora dos modelos pré-fixados, que favoreça a expansão dos movimentos corporais no encontro com outros corpos e que use a sintonia afetiva como ferramenta para a aprendizagem, que possa nos reconectar a um mundo comum. Tais ações expandem repertórios sensíveis, cognitivos e relacionais. Entendemos que uma formação aberta a tais reflexões abre-nos para histórias que talvez ainda não tenhamos percebido.

As colocações feitas anteriormente se construíram por um percurso de pesquisa que me acompanha por algum tempo e será delineado no capítulo Caminhar. Podemos começar a contar² essa história traçando uma linha que passa por minha graduação em Psicologia, consolida uma práxis durante a pesquisa do Mestrado em Saúde Coletiva e continua a partir dos encontros que foram delineando-se desde minha matrícula no doutorado.

¹ O verbete “versão”, conforme apresentado, refere-se à concepção de Vinciane Despret (2001) em relação ao trabalho do cientista. A autora entende que os saberes produzidos por cientista co-existem com diversos outros fatores envolvidos no processo de pesquisa. Tais fatores, sejam eles debates, interesses, expectativas, relações pessoais dentro e fora do laboratório..., interferem diretamente na produção da realidade dada como fato científico. Conforme comentado por Viégas e Tsallis (2011) uma versão se conta, se propõe, entra em acordos e desacordos. Ela se cultiva nos encontros e arrasta consigo múltiplas possibilidades de articulação para fazer existir e transformar nossa relação com o mundo.

² Contar histórias faz parte do processo de pesquisa (SPINK, 2003).

O doutorado inaugura-se com deslocamentos e mudanças. A princípio um deslocamento pessoal, pois me mudo da cidade onde fui criado, Vila Velha (ES), para a cidade onde nasci e saí com três anos de idade, Niterói (RJ). Outro movimento de mudança foi um deslocamento coletivo, no qual uma mobilização nacional entre estudantes produziu intervenções em universidades e escolas secundaristas, um movimento de ocupação³.

Trata-se de um movimento que teve como estopim um protesto contra a PEC 241. Tal medida, em nome de uma austeridade fiscal, destinava-se a congelar investimentos do Governo Federal. Qualquer investimento deveria ser condicionado ao teto do orçamento do ano anterior à sua aprovação por 20 anos. Essa proposta foi aprovada, e hoje se inscreve como Emenda nº 55 de 2016. O congelamento de investimentos inclui setores como saúde e educação. A possibilidade de implementação dessa medida criou uma resposta popular, inicialmente articulada por estudantes secundaristas e em seguida mobilizou universidades públicas e somou mais de 1000 escolas ocupadas em todo país. Tal ocupação, em forma de protesto, refez toda a realidade do dia a dia escolar. Ou seja, toda possibilidade de familiaridade com o espaço – escolar e geográfico – sempre me chegava com graus de estranhamento.

Os encontros com os estudantes da Universidade Federal Fluminense (UFF), cuja espessura ganhava contornos de convocatória, serão contados com mais detalhes adiante. Pude perceber que para além de um território afetivo e inventivo, um corpo, quando convida a nos aproximar de seus gestos, pode partilhar e produzir histórias. As primeiras histórias que sinto ao me aproximar dos corpos em um espaço de formação narram uma certa urgência⁴. Urgência aqui podemos entender, inspirados por Ana Cabral Rodrigues (2013), como aquilo que está entre o momento presente e o porvir. Cada instante como uma estreita possibilidade de uma história renovada e extemporânea. A urgência que vivemos tinha uma desconfiança insuperável na ordem natural das coisas e não cabia nos ambientes e práticas formais de educação.

Pudemos compartilhar a importância de refrear uma certa herança dos espaços de formação que tanto produzem gestos úteis: pensados *a priori* e amortecidos de experiência.

³ Para maiores informações reportadas sobre o evento acesso em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-10/mais-de-mil-escolas-do-pais-estao-ocupadas-em-protesto-entenda-o-movimento>>; <<https://epoca.globo.com/educacao/noticia/2017/02/o-legado-das-ocupacoes-nas-escolas.html>>.

⁴ Antes de a tese ser finalizada a humanidade foi atravessada por outra forma de urgência. Fora anunciada, no primeiro semestre de 2020, uma pandemia causada pela COVID-19. Isolamento, distanciamento social, quarentena, limpeza das mãos, máscaras e mortes são palavras que não param de circular entre nós. Ainda não é possível formular os efeitos que essa experiência nos provocou, mas vale ressaltar que alguns momentos vividos pela tese, quando lidos no tempo da pandemia, podem causar estranhamentos e perplexidades.

Percebemos, durante este percurso, que os gestos, no processo de aprendizagem escolar, são feitos para respostas rápidas e uma lógica que dificulta reflexões. Era preciso parar e deixar passar histórias de multiplicidade e experiências de vidas que nos interessavam construir.

A PRESENTE AÇÃO

Algo acaba de acontecer. Por um momento, entre as divergências da vida, um encontro instalou-se. Alguém encontrou-se, neste instante, com este texto, e “tudo que nos separava subitamente falhou” (BRAGA, 1973, p. 54). Se você permaneceu até agora, podemos dizer que, mesmo por um momento, conseguimos permanecer juntos. Como é estar junto de algo para você? Para você, o que pode um encontro?

Talvez nunca saiba sua resposta. Mas, caso continuemos, você poderá notar que esta foi uma qualidade que possibilitou a construção e multiplicação desta tese. A qualidade de estar e permanecer junto.

Neste trabalho, tentaremos dar conta de um regime de afetos que circulou no espaço universitário da Universidade Federal Fluminense – *campus* Gragoatá, entre 2016 e 2018 a partir de experiências cultivadas em sala de aula e com grupos de movimento corporal feitos com estudantes de graduação. Para tentar localizar ainda mais, pretendemos fazer valer perspectiva do PesquisaCOM. Esse método, de autoria de Marcia Oliveira Moraes (MORAES, 2010, 2014), visa afirmar a pesquisa como uma construção nos modos de lidar e estar com outros, com determinada maneira de compor o mundo em que vivemos e de engajar-me em certa composição de mundo que incluía surpresas, mal-entendidos e coletividades (CAITITÉ, 2016). Uma prática performativa que se faz com o outro e não sobre o outro. A expressão “pesquisar com”, sintetizada na grafia PesquisarCOM, tem a dimensão de um verbo mais do que de um substantivo. Indica que pesquisar e intervir é inseparável e a pesquisa, além de representar o mundo, é uma ação que produz um mundo. Para tanto, é preciso acompanhar os processos em ação, fazendo-se na prática cotidiana daquelas pessoas que o vivenciam, entendendo que todo sujeito/objeto tem sua *expertise*. O pesquisar com o outro implica uma concepção de pesquisa que é engajada, situada, e a cada encontro demanda uma lógica de cuidado que se interesse em delinear, problematizar, mover e alargar as fronteiras do pensamento em parceria com os humanos e não humanos que encontramos no processo.

Até agora expusemos a respeito das marcas vividas pelas experiências no período de ocupação desta Universidade. Posteriormente, iremos nos dedicar a um percurso que me levou a experiências vividas em sala de aula e como tais experiências formaram oficinas de movimento realizadas entre os turnos das disciplinas de graduação em Psicologia. Espaços e cenas em que pudemos experimentar momentos de expressão fora de diretrizes curriculares.

Ao nos colocarmos em relação com os envolvidos em tais eventos, tentaremos narrar como alguns gestos trouxeram consigo histórias de dominação e liberdade nos espaços de formação, destacando os desvios, surpresas, rupturas e invenções que tais gestos proporcionaram ao andamento da pesquisa. Trata-se de atentar para as expressividades corporais dos estudantes quando estes experimentam atividades não normativas nos ambientes acadêmicos.

Com efeito, pretendemos trazer fragmentos, restos, pedaços de vida que foram conectando-se, compondo e desafiando a escrita desta tese. Por esse motivo, não temos a pretensão de descrever totalidades, mas narrar acontecimentos que geraram um movimento entre um gesto útil – um movimento padronizado, esvaziado de sentidos e cheio de função. Uma postura previsível e determinada pelo tempo e espaço no qual se insere e um gesto sutil – movimentos mínimos que sustentam nas relações sua possibilidade de comunicação e transformação.

Um gesto sutil, em conexão com outros corpos, encontra composições possíveis para uma estética do ato. Um gesto se aproxima do campo estético quando apreendido como a intensificação do sentimento imediato de vida (LEITE, 2017) ⁵. O conceito de gesto sutil é o que nos propomos investigar e afetar ao longo da tese. Será delineado pelos encontros estabelecidos nos percursos de formação que formaram o campo dessa pesquisa.

Dessa forma, atingir a dimensão estética de um gesto sutil tem a potência de pôr em evidência o que de criativo perpassa as tecnociências, filosofias e artes. Em outras palavras, uma experiência que se produz no trânsito entre diversos campos de saber e fazer. Um processo que implica produzir um sentido, a partir da brecha daquilo que vem abalar nossas estruturas estabilizadas. Tal prática aumenta nosso grau de comunicação e expressividade. Uma vez evidenciada nos espaços de convivência, as experiências estéticas podem anunciar uma transformação irreversível em nossos modos de produzir subjetividades (GUATTARI, 1992).

Tecer palavras

Em uma produção de pesquisa, a escrita é uma ação de destaque, pois por meio dela se investe em artigos, teses, interlocuções, críticas e divulgação do trabalho... Nesse sentido, uma das ações que atravessará toda a pesquisa é justamente o gesto de escrever. Isso implica uma

⁵ O conceito de estético aqui refere-se à reorganização de consciência e os germens de sensações e percepções gerados após um abalo em nossos órgãos de captação de sentido.

tomada de posição, pois coloca-nos diante de decisões de grande importância, como o que escrever, o que deixar de fora, como apresentar os acontecimentos... (MORAES; TSALLIS, 2016).

Para escrever é preciso lidar com muitas convenções e elementos de diferentes naturezas: de normas gramaticais às expectativas acadêmicas, de fluxos de sangue e neuromusculares às teclas, lápis, tinta, elementos virtuais... Independente do conteúdo, etimologicamente, o ato de escrever carrega consigo o penetrar, o pressionar sobre algo, seja por arranhões em superfícies moles como a argila, seja pelo rastro que a ponta da caneta deixa ao passar pelo papel ou ainda pelo bater dos dedos em um teclado. O gesto de escrever marca; não passa, mas entra na superfície para expressar algo (FLUSSER, 2014).

A partir dessas colocações é possível afirmar que se escreve a partir das marcas: “Aliás, só sai um texto com algum interesse quando é assim” (ROLNIK, 1993, p. 9). Como se as pressões que passamos na vida nos convocassem a uma ex-pressão, uma forma de nos manifestar, de nos haver com o que estamos produzindo, a partir daquilo que nos toca. Não escrevemos para reproduzir as pressões da vida, mas para nos posicionarmos nela. O ato de escrever deixa, assim, uma marca única daquilo que nos marca. Quando escrevemos, de alguma forma, somos convocados a encarar a densidade da matéria, e, ao transpassá-la, seja fendendo sulcos em folhas de papel ou cravando nossos dedos nas teclas do teclado, estamos literalmente empreendendo uma força para abrir espaço no mundo, para que outras vozes, outros modos, outros caminhos ganhem passagem. E, nessa construção, algo passa a ser real a partir do momento em que é escrito.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Na escrita é preciso pegar a palavra nas mãos, espremer, remexer, malhar, lutar por um espaço em nosso corpo. Lutamos por uma reforma agrária lexical onde toda palavra encontre lugar no corpo, pois escrever tem uma fora anunciado e toda palavra tem um pulso.

Sem ritmo corporal, a palavra sofre de “parada sintática”, uma doença grave que ataca todos os seres com medo de viver; assim, a musculatura exhibe toda sua contra-ação e um

corpo contra-ido idealiza paraísos e se esquece do caminho – vale lembrar que é no movimento que o horizonte ganha mobilidade.

É preciso inventar palavras para lutar por si e assim encontrar a coragem de encarar nossas resistências e transformá-las em reticências. Para dar conta da proposta apresentada, nossa escrita pode ser entendida como uma composição de estalos e resvalos, que são geridos quando os corpos chocam-se, aconchegam-se e misturam-se em cada encontro.

Um encontro só é mesmo encontro quando acontece de repente. Um acidente, um desvio de trajeto de tudo que é comum. Sua aparição acidental é como uma oferenda que só se efetiva quando retribuída por corpos disponíveis. Dessa retribuição abre-se um espaço mínimo, cuja duração vai, aos poucos, desenhando, marcando e costurando nossas peles. Todo encontro é, assim, descostura de hábitos, desfiando corpos amarrados de passado para abrir brecha, alargando o possível e o pensável, costurando outros mundos e outros modos de estar junto, e, ao mesmo tempo em que rompe o passado e o futuro, ele inaugura o tempo do sentir.

Costurar as linhas do silêncio entre as palavras, para que este silêncio cosa a possibilidade de laços. Dos desmanches cotidianos podemos catar fragmentos, como uma fantasia de Arlequim, costurar os trapos de sensação e memória que deixamos no ar. Cuidar um pouco mais dos restos para inaugurar uma manufatura de vida e pele.

Encontrar, nesta tese, configura-se como método. Porém não se trata de um método para decifrar nada, mas de um método que se interessa por cada acidente/encontro que possa ganhar textura de um tecido feito de acaso. Portanto, a primeira orientação para a leitura dessa tese talvez seja um convite para costurar. Precisaremos de um olhar paciente, que funcione como o passo a passo de cada ponto de costura – também precisaremos de tempos alargados, como aquele de colocar a linha em uma agulha. Além disso, será preciso um olhar não só receptivo para a informação, mas que acompanhe ativamente o processo, pois na costura nada está dado de antemão, cada gesto deve seguir um ritmo atento para que os pontos sigam na direção e na forma que possam compor algo que nos interesse.

Assim como na costura, a pesquisa também tem seus acidentes de percurso, caminhos inusitados e escolhas de quem está tecendo. Essas acontecem e costumam ficar nos avessos das publicações (DESPRET, 2012). Aprendi na primeira aula de bordado⁶ que a sabedoria tradicional das bordadeiras classifica um “bom bordado” quando a figura bordada é equivalente ao seu avesso. Pois é o avesso que conta como a arte foi desenvolvida. No avesso

⁶ Curso de bordado denominado “Oficina de bordado: um olhar contemporâneo”, oferecido pela Escola Livre de Artes – Projeto Arena da Cultura (Prefeitura de Belo Horizonte), entre abril e junho de 2019.

podemos olhar as escolhas, os erros, remendos, a utilização das linhas, enfim, todas as direções que foram feitas no caminho. Olhar o avesso é como acompanhar as marcas e histórias de cada bordado; nele apresenta-se a relação entre o bordado e o/a bordador/a, um campo de tensões e experiências que vão além da forma bordada.

Por este motivo, as bordadeiras tradicionais avaliam um “bom bordado” como aquele em que o avesso é o mais fidedigno possível à forma da superfície, priorizando a constância e o manejo técnico reproduzível – sem muitos desvios. No entanto, no bordado livre ou contemporâneo, as linhas desprendem-se, um pouco, de uma técnica de reprodução do ponto, e o avesso, mesmo sem sentido, passa, às vezes, a compor como parte do trabalho.

Inspirado no bordado e na pesquisa de Keyth Vianna (2019), que nos traz a figura da *pesquisadora do avesso*, podemos dizer que pesquisar um gesto sutil é voltar-se para este lugar das minúcias que dão sentido ao emaranhado de linhas e cores que constituem o campo de pesquisa. O gesto sutil se consolida no avesso, desde sua etimologia *subtilis*⁷, o fio mais fino, o que passa embaixo de uma tela. Ao considerarmos essa direção da palavra, passamos a atentar-nos para as condições de feitura de cada expressão corporal, ou seja, perceber, a partir dos bordados dos encontros, as marcas e as redes de relações que “fazem fazer”⁸ cada momento. Durante a pesquisa, percebemos que a sutileza do gesto se apresenta quando nossos sentidos desestabilizam-se e a forma vista não é a forma esperada. Nestes momentos, precisamos virar nossa visão ao avesso. Ou seja, quando os movimentos corporais deixam de ser previsíveis, nos deparamos com expressões que nos apresentam outros caminhos, escolhas, histórias, marcas que são forças produtoras de desvios.

O bordado produzido pelos encontros vai se tecendo à medida que movimentos corporais e histórias se cruzam. Tais aspectos também precisam encontrar formas de expressão escrita para elaboração da tese. A possibilidade de narrar aparece quando nos aproximamos de momentos em que somos confrontados com mal-entendidos promissores (DESPRET, 1999). Entendemos os mal-entendidos promissores como um momento de perturbação, surpresa e interjeição, em que um curso previsto é refreado.

Momento em que algo nos afeta a ponto de precisarmos parar, recuar e re-parar na história que vaza quando a interrupção do fluxo abre uma fissura naquilo que se esperava. São momentos em que podemos sentir a multiplicação de versões e produções de realidades

⁷ Todas as discussões etimológicas passaram por consultas disponíveis em: <<http://etimologias.dechile.net/>>.

⁸ Essa duplicação do verbo “fazer” faz referência a Latour (2012), quando afirma todo objeto é social, ou seja, o objeto comunica de alguma forma por uma rede de trocas e associações. Não existe a possibilidade de se fixar um ponto de partida ou a marcação de uma origem. Portanto não faz sentido pensar na coisa enquanto coisa, mas nas redes de relações sociais e coletivas que produzem tensões e “fazem fazer” os sentidos.

coletivas. Alguns desses momentos passeiam entre as linhas da leitura corrente da tese e podem fazer o leitor sentir necessidade de parar, recuar e re-parar. Houve momentos em que deslocamentos muito fortes reorientaram posturas e posições – estes momentos foram nomeados como “*Das coisas que não se esperava*”.

Ainda em relação ao gesto de tecer palavras, gostaria de apontar um modo de operar com as palavras no desenvolvimento dessa pesquisa. Em alguns momentos iremos nos deter para esmiuçar, buscar etimologias, inventar ou fragmentar um pouco mais algumas palavras. Para isso, buscamos alguns radicais, mas não para fazer menções e discussões entre rizomas e árvores; buscar as raízes das palavras ajuda-nos a perceber como elas se firmam no solo da linguagem e quais nutrientes podem alimentar seu sentido. Acreditamos que o trabalho ganha força quando palavras inventadas, fraturadas ou recolhidas da terra, ou seja, com suas raízes expostas, são capazes de expor modos de cultivo que ampliam nossa capacidade de perceber, sentir e agir com outras versões de mundo.

Investimos um tempo desdobrando o gesto da escrita e de como costurar palavras em experiências neste texto. Fizemos este movimento, pois, nos interessa produzir uma diferenciação entre *escrever* e *descrever*. Pesquisas classificatórias tendem a *descrever* elementos de uma realidade; essa ação força a que todos os elementos sejam encaixados em lugares, com base em características que lhes são intrínsecas, dadas de modo independente do contexto no qual se deu o encontro com cada elemento. Já o ato de *escrever* seria da ordem do contar histórias e expor as marcas. E é precisamente no contexto, nas relações estabelecidas entre cada elemento, e não em suas qualidades encaixotadas em categorias independentes e apartadas, que a escrita é identificada. “Portanto, histórias, sempre e inevitavelmente, reúnem o que as classificações separam.” (INGOLD, 2015, p. 236).

Pesquisar

Toda pesquisa implica uma ação, um esforço para dizer algo em relação a uma realidade emaranhada de fios e conexões que se instaura no fazer-com (*making-with*), ou seja, um exercício em produzir palavras e funções a partir de um sem fim de transformações e interações entre espécies, elementos e múltiplas escalas (HARAWAY, 2016). Nesse sentido, *a presente ação* da pesquisa não irá se qualificar por extrair dados de uma realidade dada, mas por se colocar em relação com os corpos que atravessaram seu decorrer. Tudo está em relação e relacionar é se responsabilizar (HARAWAY, 2016). Ao trazer a concepção de responsabilidade, fazemo-lo a partir da intervenção que Donna Haraway realiza na palavra, ao

produzir uma multiplicação de sentidos quando da apresentação da proposição *responsability*, isto é, *responsabilidade como capacidade de responder*. A partir deste conceito, começamos a desenhar nossa bússola ética para o desenvolvimento da escrita na pesquisa. Nossa estratégia narrativa compreende a habilidade em responder às intervenções e interações construídas ao longo do processo, sendo, portanto, uma narrativa situada e sensível aos encontros, desvios, interpelações e produções coletivas que se constituíram no caminho.

Entendendo que histórias fazem mundos e mundos fazem histórias (HARAWAY, 2016), o trabalho desta tese é mostrar como as histórias que atravessaram a pesquisa foram deslocando o tema de partida para gerar valores e sentidos vitais àqueles que dela participaram. Esta pesquisa, por não estar sozinha no mundo, assumirá as relações que se constituíram ao longo do processo, com menos pretensão de manipulação a “leitura” da realidade e mais voltada aos interesses que circularam e tensionaram suas ações para estratégias de intervenção e transformação coletiva do presente. Esse modo de pensar/pesquisar considera as relações sempre localizadas e situadas, afirmando a importância da participação coletiva na construção dos problemas e resultados apresentados.

Tal posicionamento aumenta a capacidade de ação e intervenção de todos os envolvidos, um compromisso em fazer jus aos encontros da pesquisa e aos mundos que se abriram a partir deles. É o que Donna Haraway chama de *worlding practice* (HARAWAY, 2016, p. 7), uma operação de escrita imanente ao processo de pesquisa. As histórias narradas pelo pesquisador, então, performatizarão um conhecimento que se efetiva a partir de relações e produções coletivas. Conforme aponta a autora, trata-se da consolidação de uma *symptoiesis*, um modo de *fazer-junto* que dá mais visibilidade às direções de mundo que se criam a partir das relações, do que à criação de categorias invariáveis e generalizantes.

Pretendemos, no decorrer desta pesquisa, desenvolver formas de intervir e posicionar-se em relação ao tema das gestualidades a partir dos espaços de formação. O objetivo é acompanhar como uma certa atenção⁹ às expressões corporais, durante um percurso de formação universitária, possibilita o engendramento de estratégias de integração entre o conhecimento formal e a vida de quem habita estes espaços.

Fazendo coro com Marcia Moraes (2011), afirmamos que pesquisar é verbo. Acreditamos, também, que um gesto enquanto verbo tem a potência de colocar algo em ação, produz um movimento capaz de sustentar e propagar histórias. A capacidade de estar atento e

⁹ A política de atenção cultivada na pesquisa diz de uma deriva, uma capacidade de vagar e escapar de objetos visados para estar à espreita de situações inesperadas e mal-entendidos. Parte da suspensão da consciência cotidiana como uma ferramenta de aproximação, aprendizagem e coengendramentos (KASTRUP, 2004).

deter-se por tal funcionamento será o direcionamento da pesquisa. Decidimos, então, nomear cada capítulo com um verbo que demandou do pesquisador algum movimento, alguma tomada de posição. Verbo é o que conecta e põe em movimento os acontecimentos. A partir dos estados de suspensão que os acontecimentos instauram, são as direções e realidades produzidas que importam (FONSECA; FARINA, 2012).

Essa estratégia visa proliferar versões de mundo que, a partir de vivências, puderam compartilhar marcas de violência e resistência, deslocaram posições e consolidaram intervenções entre aqueles que permaneceram e se interessaram em levar adiante as histórias produzidas ao longo do caminho. Para isso, é preciso radicalizar o método, entendendo-o como *meta* (através, por meio de) *hodos* (caminho) (PASSOS; BARROS, 2010). Com isso, ao nos valermos de histórias, não estamos negando a estrutura da pesquisa, mas afirmando-a em sua concepção, ou seja, como um conhecimento que só se faz em percurso. Entendemos, então, o método como a prática de uma observação que só se efetiva quando posta em movimento, pois a vida tem em si uma capacidade de ultrapassar constantemente o que lhe é dado ou atribuído.

Cabe ao pesquisador abrir-se para deslocamentos e rupturas. Uma postura estática, fixada em verdades ou metodologias cristalizadas, tende a assumir qualquer evento inesperado como erro, destacando o distanciamento e a inépcia para o acompanhamento da realidade da qual o pesquisador também participa. Na perspectiva de um método processual e movente, entendemos tais eventos não como erros, mas efeitos de uma realidade em produção. Dessa forma, desviamos de concepções clássicas que assumem um olho que tudo vê, um olho estático e deslocado da realidade (HARAWAY, 1995). Observação implica movimento e a única condição de percepção é o envolvimento do corpo por inteiro, interagindo com as coisas que nos afetam e “oferecem” aos nossos sistemas de captação de estímulos a continuação da atividade (INGOLD, 2015).

Apostar

O primeiro impulso para a escrita desta pesquisa era ter algo a dizer em relação ao gesto. Tendo dedicado boa parte da minha formação a estudos relacionados aos saberes sobre o corpo, os gestos foram apresentando-se como uma ferramenta que revela uma espécie de saber prático das experiências do corpo.

Entenderemos o gesto como um estado de movimento em que a produção de algum sentido se organiza a partir de afetos, encontros e relações estabelecidas. Tal organização de sentido, ao colocar-se em movimento, carrega consigo marcas, histórias, contextos e gérmenes de criação.

Basta uma rápida pesquisa para nos depararmos com uma enxurrada de produções de conhecimento sobre o corpo nas últimas décadas. De corpos médicos a corpos místicos, tudo parece já ter sido dito. E não há nada a dizer quando tudo já foi dito. No entanto há algo a se fazer: deixar o corpo pulsar. Por este motivo, pretendemos nos debruçar sobre o gesto como um estado provisório, em que a produção de sentido se organiza. Que não apenas comunica, no sentido de informar, mas sinaliza intenções, atitudes e pulsações que vivificam a experiência tanto para nosso corpo, como para seu entorno. Os gestos podem apontar decisões afetivas, éticas, estéticas e políticas. Cada vez que direcionamos e significamos uma ação, afirmamos um projeto de mundo (LIMA, 2013).

Para tentar manter o gesto em seu estado pulsante, pretendemos, nesta tese, apresentar histórias de corpos em movimento. Nesse sentido, a tese apresentará intervalos onde memórias, imagens, cenas e perturbações passam aos poucos à forma de narrativa, e com isso se pode elaborar um modo de dizer a experiência.

Não faz sentido, portanto, categorizar uma sequência de gestos, mas acompanhar como eles constituem e contam uma vida. Acreditamos que a melhor maneira de expressá-los seria a partir de cenas. Essa intermitente exposição de cenas pode provocar estranhamento em alguns leitores, contudo, é pela via do estranhamento que a experiência estética se constitui.

Entendemos por experiência estética aquilo que desestabiliza a percepção e a consciência, sendo a mesma matéria com a qual se pode reconfigurar os sentidos, caso o sujeito se disponha a fazer algo com o que o afeta. O modo de ser de um sujeito e a percepção que tem dele mesmo são alterados por uma determinada experiência que o faz oscilar, uma experiência que, quando se torna consciente, aprofunda e modifica um modo de funcionamento deste determinado sujeito (FARINA, 2005).

Com esse direcionamento, a escrita deve tentar fazer urdir diferentes tempos entre as cenas, tempos da marcação linear; tempos indeterminados que furam o instante e anunciam mudanças; e tempos incomensuráveis que escapam a qualquer tentativa de marcação. Trata-se de uma posição que não visa enquadrar a gestualidade em padronizações, mas contar suas histórias e multiplicar suas versões (DESPRET, 2001). Um estado de atenção poroso que acompanha as linhas que os afetos movem desenhando nossos corpos e articulando nossos gestos.

Uma vez que nos afastamos de tratados e manuais sobre o gesto, entendemos que algo intrínseco a essa questão diz respeito ao gesto só ter sentido em função de um contexto. É o contexto, e suas possibilidades de conexões, que vai dando sentido a ele. A cada ato, disparam-se relações sempre em transformação entre um sujeito e seu entorno (LIMA, 2013). Nesse sentido, um estudo interessado nos gestos só é possível quando situado, entendendo o máximo da objetividade como o máximo da localização (HARAWAY, 1995). Assim, por caminhos que irão abrindo-se ao longo deste texto, estabelecemo-nos na Universidade Federal Fluminense, um *lugar* universitário, para acompanhar como o tema das gestualidades se opera entre os *espaços* de formação.

Escolhemos colocar as palavras lugar e espaço na mesma oração para delas retirar algumas diferenciações. Por *lugar* podemos entender “uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, 1994, p. 201). Uma certa fixação dos elementos que nos rodeiam com formas e funções definidas. Já no entendimento de *espaço* levamos em conta outros vetores, variáveis de tempo e instantes que circulam num determinado local. Um espaço é o efeito das relações estabelecidas, sempre em constante apropriação e desapropriação singular do território. “O espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 1994, p. 202). Nos espaços mesclam-se linguagens da urbe, do *campus* e do ser.

Portanto, se considerarmos a universidade como um *lugar* de conhecimento, estabeleceremos modos de funcionar normativos, estabilizados por relações de predeterminação político-pedagógica que incidem diretamente sobre nossos corpos. Qualquer gesto que não corresponda a uma forma estabelecida costuma não encontrar espaço nem condições de expressão. A formação da instituição escolar, com toda sua herança, passou a estabelecer uma ritualística escolar bem definida. Quando esse sistema se fecha em si mesmo, perdemos a possibilidade de partilhar um espaço comum, um espaço em que os mundos que circulam pelas salas e universidades passem a nos interessar.

O desafio, portanto, está em habitar a construção dos espaços de formação e aproximar-se dos gestos inesperados, aqueles que não falam a linguagem da Academia. Pretendemos trazê-los como narrativas que efetuam um trabalho de transformar lugares em espaços (CERTEAU, 1994). A apresentação das cenas deverá produzir efeitos e não objetos. As cenas apresentadas demonstrarão como alguns encontros tiraram-nos do eixo e convocaram-nos para apresentar instantes que se liguem e produzam, ora no campo verbal, ora num campo gestual, táticas de pesquisa capazes de operar desvios, alterações dos lugares de formação e/ou do próprio objeto de pesquisa. Deste modo, acreditamos ser formulado um

campo de operações dentro do qual se desenvolve também a produção da teoria (CERTEAU, 1994).

Com tal questão, tentaremos acompanhar universos gestuais únicos, a partir das relações que o corpo tece com a sala de aula, com o espaço, com o tempo, com o movimento, com os outros corpos, com a universidade pública, com os conteúdos de ementa. Entendendo que não existirá uma sistematização de gestos sem que estes passem por discursos coletivos. Propomos acompanhar movimentos localizados, encharcados de histórias e possibilidades. Trata-se de lidar com sutilezas e singularidades: um corpo como interface, afetando e sendo afetado. Um corpo se percebendo corpo. Assim entendemos a formação, como um campo de relação em constante transformação.

RECUAR

A escolha de escrever este capítulo para a tese deu-se pela necessidade de recuar e começar a elaborar as relações de aproximação que foram desenhando o campo-tema¹⁰ da pesquisa. Temos, assim, a intenção de pôr em movimento um exercício de re-parar na composição do cenário de abertura para o campo de pesquisa. Essa tese, portanto, irá narrar percursos de aproximação, em que convites e convocatórias por tomadas de posição puderam fazer ver um gesto gestar versões. Para isso, a escrita se dedicará em apresentar partilhas sensório-narrativas sobre experimentos corporais em um espaço de formação.

Tais experimentações deram-se a partir de distintos grupos, que iam se consolidando nos encontros acontecidos ao longo do processo de pesquisa. Dos grupos que se formaram, narraremos três momentos diferentes: os encontros durante a ocupação; as experiências em sala de aula e a formação de um grupo, que ocorreu entre os turnos das aulas, com estudantes universitários. Todos os encontros têm em comum, cada um à sua maneira, experimentações e movimentos corporais que não são usuais no ambiente escolar.

Para efetivar essa proposta, a política narrativa escolhida irá se manifestar pelo estilo de diário ensaístico. As primeiras produções escritas da tese serão apresentadas neste capítulo. Trata-se de diários que escrevi durante minha participação na ocupação estudantil da Universidade Federal Fluminense, no ano de 2016. Dediquei-me a produzir registros escritos das marcas e encontros ocorridos, todos os dias, após o fim de minhas atividades no *campus* Gragoatá – que consistiam em massagens e conversas com os ocupantes. Tais registros, que serão expostos neste momento de recuo, serão apresentados com datas e textos integrais.

A exposição dos diários diz da abertura ao leitor para um bastidor que influenciou todo o percurso de escrita e posicionamento para pesquisa. O ato de escrever diários, a princípio, não me soava como o início de uma pesquisa, mas como uma intuição, um alerta de que o que vivíamos naquele espaço merecia estatuto de memória.

No entanto o que antes eu acreditava que não teria espaço no texto da tese, revelou-se mais do que um simples registro. O diário, na verdade, já era o campo-tema¹¹ da pesquisa delineando-se e convocando-me para uma atenção às urgências de uma certa formação.

¹⁰ Podemos entender campo-tema como a processualidade de temas situados. Ou seja, um complexo de redes de sentidos que se interconectam. Um espaço criado, herdado ou incorporado pelo pesquisador ou pesquisadora em constante negociação com outros atores, na medida em que busca inserir-se nas suas teias de ação. Um campo que não é criado voluntariamente, mas debatido, arguido, interpelado por encontros que também tem lugar e tempo. (SPINK, 2003)

¹¹ O campo de pesquisa a que nos referimos não é um lugar delimitado, um espaço geográfico, mas uma esfera na qual ocorrem as interações sociais, os diálogos e a busca por aproximação.

Portanto, toda escrita que ofereço na pesquisa, mesmo em momentos conceituais, irá passar por cenas, memórias, falas de participantes e ensaios que saíram da partilha de sentidos. Textos que se formaram quando pudemos experimentar o corpo fora do lugar-comum da formação educacional. Este tipo de escrita dedica-se a manufacturar momentos que foram construídos sempre de forma coletiva.

Encontrando possibilidades de contar

Para seguirmos juntos na leitura, quero contar um gesto que foi feito antes deste texto começar. Fiquei por muito tempo ensaiando como poderia incluir na tese os diários escritos durante a experiência vivida na ocupação da UFF, em 2016. Contar essas experiências parece-me fundamental, pois foi o primeiro movimento coletivo do qual participei, ao chegar do Espírito Santo para o doutorado no Rio de Janeiro. Realizei, no tempo de ocupação, trabalhos de massagem, conversas e intervenções que localizam¹² a tese em sua possibilidade de perceber a potência de grupos e encontros, além de ter consolidado uma bússola ética para a pesquisa e os trabalhos que segui realizando. Com essa experiência, pude escutar e partilhar a espessura das histórias de vida que se condensam nos corpos dos estudantes, mas que parecem abafadas durante o cotidiano escolar. Além disso, pude sentir e me comover com os desafios de lidar com coletivos e criações de novas formas de manifestar insatisfações e possibilidades, na formação acadêmica como luta política.

¹² A qualidade de localização aqui tem força conceitual como presente no trabalho de Haraway (1995): o máximo de localização é o máximo de objetividade. Ou seja, um objeto se constitui por suas relações, seja de proximidade, atravessamento ou antagonismo. Para práticas de pesquisa objetivas é preciso localizar nosso tema e campo de atuação com o espaço, tempo e também nossas marcas. Devemos marcar como nos colocamos frente às relações estabelecidas. Trata-se, portanto, de uma corporificação específica e particular de cada encontro e como nosso corpo vincula o objeto aos nossos instrumentos teóricos e políticos, de modo a nomear onde estamos e onde não estamos.

Pausa

Após um mês afastado do texto, retomo percebendo que acabei me alongando, e posso ter perdido a proposta inicial de contar um gesto anterior a estas palavras... O que gostaria de dizer é que antes de escrever o texto, tal como se encontra agora, só conseguia montar tópicos e direcionar o que fazer com o texto em terceira pessoa; exagerava em verbos como “escrever...”, “lembrar...”, “contar...”, “citar...”. Era um texto fraturado, com muitos espaços entre linhas, tópicos de ideias e lembranças com verbos imperativos e impessoais. O fato é que eu parecia não conseguir ocupar as palavras que pudessem compor a escrita das experiências vividas – ocupar às vezes dá medo.

Este gesto pré-texto, de afastamento e impessoalidade, remete-me à uma pista escrita por Ricardo Piglia – autor que conheci em uma oficina de escrita e política desenvolvida por Maria Carolina Junqueira Fenati, em outubro de 2019. Essa oficina foi motivada por um afeto que Carolina dizia estar experimentando e localizando em parcerias: uma sensação de estar vivendo um caos interno, sem muitas condições e vias de expressar em palavras o que sentia. Algo que reverberava diretamente em mim, quando me via confrontando a escrita da pesquisa por meio de tópicos incipientes – que duraram meses na tela do computador – e os diários da ocupação que preservavam um frescor, ainda que passados três anos desde sua escrita.

No encontro com o texto de Ricardo Piglia (2012), vejo o autor dispor-se a escrever a sexta proposta para o próximo milênio. Trata-se de uma alusão à obra de Calvino (1990), que começa a empreitada de escrever seis propostas que seriam desejáveis à literatura, algo que pudesse contribuir com a experiência com a linguagem, mas Calvino termina sua vida antes de completar esta obra, que ganha reticências ao “parar” na quinta proposta.

O autor argentino propõe-se, então, a continuar este trabalho, e nos convida a um deslocamento: como seria se a literatura fosse escrita pela margem, pelo subúrbio do mundo, pelo sul? Assim sendo, lembra-nos que a Argentina, tal qual a América Latina como um todo, compartimentou em sua história experiências de horrores e repressões clandestinas, experiências que parecem impossíveis de nos aproximarmos com a linguagem. E neste recado, mostra-nos que a literatura encontra-se, por vezes, com acontecimentos que são muito difíceis, quase impossíveis, de transmitir e demandam uma relação nova com a linguagem e seus limites.

Nesse momento, o autor nos dá exemplos e pistas de um movimento que parece fazer falar a experiência: um gesto de deslocamento, uma pequena distância em que o que parece não conseguir ser dito é, na verdade, dito por um outro. Uma forma de dar a palavra ao outro, que falará a sua dor, uma dor que se partilha. O que o outro pode fazer é narrar o que para nós é um ponto cego da experiência. Uma distância criada não gera afastamento, mas sim a

criação de um vazio; um vazio que antes parecia vácuo e, na verdade, é a criação de um espaço para produção de reverberações. A reverberação nada mais é do que a relação de um espaço vazio com um determinado ruído, uma reação do espaço a um elemento que é estranho a ele, e por isso causa novas formas de expressão e ressonâncias. Deste modo o autor encerra o texto, propondo essa saída do centro, deixar que a linguagem fale também da margem, no que se ouve, no que chega do outro, mesmo que seja um outro fictício.

Quando então, antes de escrever o texto, me desloco até de mim, trazendo verbos imperativos e em terceira pessoa, intuo a impossibilidade de escrever só. Não apenas convoco um outro Eu imaginário, que esperei chegar para me dizer o que escrever, mas percebo que toda a escrita dos diários e da tese ganha sentido quando o encontro com um Outro faz dizer aquilo que de modo diverso não poderia ser dito. Uma escrita à espreita, em que é sempre outro quem vem dizer. “Esse outro é o que se deve saber ouvir para aquilo que se conta não seja mera informação, mas tenha a forma da experiência.” (PIGLIA, 2012, p.4).

Além disso, apostamos que a inserção dos diários na tese pode ser mais uma tentativa de ressoar uma experiência que muitas pessoas no país inteiro viveram. Apesar de cada pessoa ter vivido a ocupação das escolas e universidades de maneira singular, algo deste tempo nos atravessou enquanto coletivo, por isso os diários tentam apresentar palavras que em muitos momentos, e por diversos motivos, não conseguiram vias de expressão.

Este texto enfrenta de partida o desafio da distância, não só a distância do tempo, pois revisito o que já havia sido escrito em forma de diários três anos depois, mas também a distância entre uma experiência vivida em uma ocupação e uma escrita do doutorado que me faz lidar com pareceres e instâncias burocratizadas. Agora, passados três anos após essa experiência, preciso lidar com esses recém-companheiros de escrita que são: coração palpitando e frio na barriga. Recuo novamente.

Escrever sobre as experiências vividas na fase das ocupações de 2016, para mim, tem se aproximado de uma sensação de ir para a guerra, e lembro-me de aprendido em algum lugar que a guerra devora palavras (BENJAMIN, 1987).

Algo me acalma: a possibilidade de partilha. Então, paro, respiro. Sigo em direção à tarefa. É preciso registrar como entro nesse texto. Há três semanas revisei os diários escritos três anos atrás. Não sabia como apresentá-los, analisá-los ou até incluí-los na tese. Sentia que precisava abranger essa experiência de alguma forma, afinal foi a experiência nas ocupações que começou a localizar a aposta da tese em como inventar formas de estar juntos, e a localizar a urgência de intervenções nos processos de formação. As ocupações me mostraram

a multiplicidade de vidas, desejos e histórias que circulam no *campus* e se apagam nas carteiras.

Porém, mesmo invadido de vontade de incluir um capítulo que discorra *sobre* as ocupações, toda vez que, passados já três anos, tentava ler os diários para alguém, chorava. Ao me aproximar do encontro com a escrita, há mais choro que palavra. Talvez um dos primeiros problemas seja essa demanda de escrever *sobre* as ocupações. Para mim é impossível falar *sobre* algo em que só me via dentro, no meio, entre – em qualquer lugar, exceto por cima e distante. A impossibilidade de escrever *sobre* se dá de saída. Minha participação na ocupação foi trazendo a proposta de um espaço de cuidado em saúde mental, oferecendo massagens e conversas para quem quisesse. Ou seja, todo um jogo de forças, tensões e práticas de cansaço e esgotamento, de alguma forma, passaram, no mínimo, pelas minhas mãos. Os dedos que agora entram no teclado, antes, entraram na carne de quem partilhou aquela experiência.

Ainda não sei explicar o porquê, sei que agora o medo e a sensação de estar diante de algo enorme e destruidor têm empurrado meu corpo, há semanas, para longe da tela, da tecla, das paradas e das palavras. Na experiência de ruptura, há ações sem nome. A escrita fica, neste momento, na fissura entre a palavra e os movimentos, só posso contar quando e como corpos se encontraram e compuseram algo.

Sento-me diante do computador, apenas com isso sinto frio na barriga, meu coração acelera e meu abdômen colapsa. Meu corpo parece que vai enfrentar uma batalha, algo esmagador, uma batalha que parece perdida, tamanha a imensidão do enfrentamento. Então, tento me recolher às dobras mais profundas do corpo; já que é o frio na barriga que salta tanto, me volto ao que foi digerido e está fixado na carne, e dessas dobras e impressões colho palavras que multipliquem as sombras e fluxos que continuam a pairar. A saída me parece ser expor de forma crua os encontros que vivemos, que ganharam força para durar e virar palavra ao final dos trabalhos. Uma força que até hoje me emociona.

As experiências da ocupação fizeram parte de um movimento que mobilizou o *campus*, o país, uma coletividade extensa. Quando fiz as massagens nas pessoas que ocupavam a UFF, parece que pude sentir, por um momento, um país em convulsão, lutas, desesperos, apagamento de esperança e possibilidades de conquistar formas de viver, que atravessavam meu corpo entre ansiedades, exaustões e medos partilhados.

Fico pensando que este movimento de visitar diários para escrever uma tese pode forçar a aparição de conceitos ou verdades *sobre* os acontecimentos. Isso me parece o risco de produzir um conhecimento ensimesmado. Uma explicação de eventos que só aumenta a

distância. Creio que este momento de revisita deve apostar na precariedade de conceitos e no compartilhamento de histórias, às vezes a explicação dos eventos perde a força da partilha. Assumir a precariedade de alguma forma é lidar com as ruínas da história e encontrar brechas e rachaduras por onde vemos que algumas paredes institucionais não se sustentam mais. Será, então, pelos cacos que restaram de uma luta gigante que contaremos essas histórias.

Seguirei com o sentimento de que me faltam palavras para dar conta do que foi vivido ali – certas experiências do contemporâneo, especificamente na cidade do Rio de Janeiro, sintonizam com as de uma guerra –, as palavras desaparecem e não parece honesto empurrar conceitos. Talvez só reste o corpo estilhaçado, mas interessado em partilhar suas marcas.

Começo tentando definir algo *sobre* o movimento: as ocupações são táticas populares para tomar e defender espaços (RUSSEL; GUPTA, 2013). Para além desta rápida definição, as ocupações dos estudantes secundaristas, que contagiariam o ensino superior e se espalharam pelo Brasil, em 2016, propunham uma outra forma de estar nos espaços de ensino; uma forma de reivindicar não apenas o direito de ocupar, mas de habitar, participar e constituir aquele território. Dentro da Universidade Federal Fluminense, as atividades faziam o *campus* pulsar, extravasando paredes e salas projetadas para conter e direcionar os corpos discentes e docentes. Todos os dias, um painel com atividades na entrada do Bloco N coloria e dava movimentos improváveis a quem passava pelo *campus*. Pudemos acompanhar defesas de doutorado e monografias nos pilotis dos blocos, aulas públicas, oficinas de dança e teatro, grupos de estudos, assembleias, enfim, uma infinidade de formas que se inventavam a cada momento para aprendermos a estar juntos. A pauta central era a luta contra a PEC 241, mas o que construímos ali permitia vislumbrar outras formas de constituir uma formação universitária. Propostas que inseriam, no *campus*, reflexões e ações diante da conjuntura macropolítica do país e as realidades e dificuldades de todos que ali habitavam. Esse modo de ocupação germinou diversas possibilidades de enunciar e intervir nos problemas do cotidiano. Podemos citar, como exemplo, desde técnicas do teatro do oprimido à confecção de cartazes, que davam visibilidade a questões referentes aos direitos das mulheres, das pessoas trans, de pessoas pretas, pessoas com deficiência...

Os textos que seguem fazem parte de uma atividade localizada dentro da ocupação. São diários feitos a partir de uma ação denominada “saúde na ocupa”. Essas atividades surgiram após uma reunião extraordinária de colegiado, durante e devido ao período de ocupação. Tratava-se de uma reunião do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) que, no entanto, foi realizada do lado de fora do prédio de Psicologia, em um dos pilotis do *campus*. Tal mudança geográfica não é um detalhe, pois, a saída dos membros do Programa

de uma sala pré-definida para um espaço de convivência permitiu o atravessamento de uma série de outros ruídos, vozes e participantes. Um dos pontos de pauta da reunião era o apoio às atividades realizadas durante a ocupação. Seguido de debates e deliberações, o Programa afirmou a suspensão das atividades formais para apoiar as atividades ali presentes.

Durante a reunião, surge uma intervenção de graduandos de outros cursos que já ocupavam a universidade há dias. Durante a reunião, um graduando de outro curso, que ocupava a Universidade há dias, fez uma intervenção, reforçando a polifonia que circulava entre nós, a partir do momento em que passamos a habitar outros espaços de encontro. O graduando pediu aos participantes da reunião para que o apoio do PPGP não fosse da ordem do abstrato ou apenas intelectual, mas que de fato as pessoas ali envolvidas pudessem vivenciar a realidade da ocupação, dedicando-se a afazeres diários e cumprindo as demandas cotidianas, tais como a necessidade de manutenção e limpeza da instituição, segurança e vigília, cozinha...

Esse convite reverberou em alguns integrantes do PPGP, que se voluntariaram para participar destas comissões de afazeres. Porém, outras pessoas, entre as quais eu me incluía, sentiram a necessidade de construir outra comissão, que trataria de um assunto até então não contemplado: uma comissão de saúde.

Decidimos, então, apresentar a ideia em uma assembleia geral da ocupação, para podermos iniciar os trabalhos. A princípio, gostaríamos de ampliar as ações de saúde unindo outros cursos como medicina, enfermagem... – o que de fato ocorreu em alguns momentos. Mas permaneceram, por dias consecutivos, apenas os colegas do PPGP, que passaram a frequentar diariamente um microambiente estabelecido na entrada do Bloco N para acolher, conversar, oferecer massagens, chás, e o que mais as técnicas de cuidado com o corpo pudessem produzir.

Antes de existir essa proposta, senti que poderia oferecer algumas técnicas de massagem¹³, para que fossem propagadas pelos participantes com o objetivo de proporcionar ferramentas de autoconhecimento e desestagnação de movimento, em razão das pressões enfrentadas no cotidiano. Afinal, o espaço físico havia se reestruturado completamente e era preciso também uma reestruturação subjetiva para lidar com a convivência de tantas diferenças e enfrentar modelos institucionais tão entranhados em nossas carnes. Acreditava

¹³ Em relação à minha trajetória com as técnicas corporais de cuidado posso citar passagens como as livres experimentações durante a graduação, cursos introdutórios de bioenergética, formação profissional em Psicologia Formativa, aulas e *workshops* de diversas danças. Além disso, tenho formação como massoterapeuta indiano. Acreditei, durante o processo de ocupação, que a massoterapia poderia apresentar-se como uma ferramenta interessante de aproximação e intervenção. Para além das potencialidades do toque, a “massagem” poderia ser uma técnica mais conhecida e de melhor aceitação para experimentações coletivas.

que, nos momentos de revolução, era preciso cuidar dos movimentos de *re-volta*, para que estes fossem uma oportunidade de voltar a si mesmo e para que, diante de padrões cristalizados ou reproduzidos em nós mesmos, pudéssemos extrair graus de diferenciação e inventividade.

Como lembra-nos Foucault:

[...] o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não é o de tentar libertar o indivíduo do Estado e das instituições estatais, mas de nos libertar tanto do Estado quanto do tipo de individualização que está vinculado a ele. Precisamos promover novas formas de subjetividade através da recusa desse tipo de individualidade que tem sido imposta a nós há vários séculos. (FOUCAULT, 1983, p. 216)¹⁴

Dessa forma, resolvi oferecer uma oficina de massagem (ANEXO I), que se mostrou fundamental para uma primeira aproximação com o grupo de pessoas que participava da ocupação, e fez com que os trabalhos da “saúde na ocupa” pudessem encontrar mais apoio, amparo e adesão. Tal oficina foi aprovada por uma comissão permanente que recebia e organizava as atividades de intervenção durante os dias da ocupação.

Quando cheguei à universidade, para o projeto de doutorado, queria trabalhar gestos de forma abstrata, não sabia como me aproximar deste objeto enquanto tema. Entretanto, a ocupação me deu a espessura do encontro para encontrá-lo. Na ocupação, não era preciso parecer forte – a força nascia do lugar em que entendemos ser o de maior fraqueza de um certo modo de conceber a Academia, um lugar de não saber. Diante de um ensino rígido e distante de nossas histórias, naquele lugar nos aproximávamos.

O que vivemos naquele momento, por pior que tenha sido, é melhor do que aquilo que estamos vivendo agora. Muitas coisas não funcionam mais, as pessoas não falam mais e estão adoecendo. A PEC 241 foi aprovada. Um governo fascista¹⁵ foi eleito e isso é a expressão do desejo de um povo. Há uma violência que destrói nossos meios – universidade, trabalho, saúde... Não é muito visível, a gente se sente só. Logo, é a partir do corpo que acredito poder dizer algo.

¹⁴ Tradução nossa.

¹⁵ Há um conjunto de pensadores, produções e ações que dissertam acerca das políticas de governo fascista disseminadas após o empossamento de 2019. Podemos citar, como exemplo, o pronunciamento da Secretaria da Cultura parafreando um discurso nazista. Ainda destacamos falas supremacistas do presidente frente à pandemia da COVID-19, em 2020. Um dos textos que podemos indicar refere-se a um manuscrito de Vladimir Safatle (2020) denominado “Bem vindo ao Estado suicidário”. Disponível em: <<https://www.n-ledicoes.org/textos/23>>. Acesso em: 22 jan. 2021.

O que começou não acabou, continua, e o que estamos fazendo? Nas universidades públicas é preciso poder dizer algo, e estes diários pretendem ser uma memória e testemunho do que foi possível produzir de uma época.

Poder dizer das ocupações me produz uma comoção muito grande. Parece que caminho com essa emoção seguindo um trabalho constante que aposta no tema do cuidado na formação. Atualmente, sou professor convidado da Faculdade de Medicina da UFMG, atendo estudantes como psicólogo voluntário na mesma universidade e ministro duas disciplinas que trabalham com o sistema de *mentoring* e de expressão corporal para pensar a lógica do cuidado para além da conduta. São trabalhos interessantes, mas neles mergulho de forma incessante e não paro para produzir memórias, marcar o que me marca e me move; não tenho parado nem para escrever a tese.

Sigo com os trabalhos que realizei durante o mestrado e o doutorado, agora na UFMG. E percebo que alguns momentos nos fazem parar. Parar para contar, mesmo de forma incipiente, o que ocorreu durante minhas ações na ocupação. Acredito que possa ser uma forma de não silenciar uma experiência coletiva. O que se desdobrou na macropolítica foi um desmonte na educação e na saúde, mas outras coisas desdobram-se na micropolítica. O governo macropolítico foi para um lado fascista. As pequenas ações que me acompanharam nas universidades caminharam para novos modos de ocupar a formação.

Ocupar: gestos de aproximação e a espessura do encontro

A vontade não é um fluido, é um gesto, e a espessura é consequência de um trabalho de empurrar, forçar, remoer...

(UNO, 2018, p. 68)

Figura 1 - Ocupação #1



Fonte: Ocupa ICHF¹⁶

Descrição da imagem: A fotografia mostra um ambiente de chão de pedras. Na parte superior há um grupo de quatro pessoas sentadas lado a lado, em cadeiras escolares. Seus rostos não aparecem. Usam roupas casuais. Suas pernas ocupam metade da imagem e estão em posições diferentes: umas cruzadas, outras abertas, outras fechadas. As duas primeiras pessoas estão calçando chinelos e as outras duas, tênis. [Fim da descrição]

¹⁶ Todas imagens foram retiradas do perfil do Facebook “Ocupa ICHF”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupaichf/>>. Acesso em: 22 jan. 2021.

22.11. 2016

Hoje é o primeiro dia em que começarei a trabalhar na “saúde na ocupa”. Antes de *armar*¹⁷ o espaço, caminho pelos prédios e comento a proposta de trabalho com algumas pessoas da ocupação, principalmente com as que conheci antes, quando realizamos a oficina de massagem coletiva. Acontece que antes da deliberação para a montagem da ação “saúde na ocupa” havia entrado em contato com uma comissão que ficava responsável por estabelecer as agendas de atividades. Isso é importante de registrar, em nenhum momento ocupar era sinônimo de estagnar e paralisar qualquer possibilidade de ensino (algo distribuído pelos meios de comunicação na época). Todo dia tinham atividades que muito colaboravam para os estudos e a formação de quem circulava pelo *campus*.

No contato feito anteriormente, intuía a importância de multiplicar técnicas de massagem como produção de ferramentas de cuidado. Então, elaborei uma oficina de massagem coletiva (ANEXO I), que foi submetida à aprovação e realizada antes do início desses diários.

Em cada grupo que chego para anunciar o início do trabalho, sou recebido com muita empolgação. Depois de *armar* a canga, olho para os grupos que convidei. Eles também me olham e rapidamente se dispersam.

Aos poucos, duas pessoas já conhecidas vão chegando devagar. Como quem não quer nada, elas andam e brincam com uma *slackline* armada ao lado da canga. Eu me divirto com a cena e participo, começando uma conversa. Parecia ser importante essa aproximação lenta. A dupla aparentava ensaiar um boas-vindas comigo, além de me presentear com uma pista para o trabalho que iria acontecer: um corpo que se equilibra tem que lidar diretamente com a precipitação. Assim, degustei a cena como um recado: “Thiago, vai devagar, não se precipite”. O segredo do equilibrista é perna firme e coração bambo.

Eis que de repente uma pessoa da dupla comenta com a outra: “Você não vai se deitar ali, não?” E foi preciso apenas esse sinal para que alguém se deitasse na canga. Começamos a primeira massagem e, passados alguns segundos, chega muita gente para participar.

Eu não estava sozinho, outra companheira da pós-graduação estava lá e, em sintonia com as pessoas ao redor, logo puxou um grupo de movimento para as muitas pessoas que iam chegando. Uma forma de não acumular espera, mas produzir fluxo.

¹⁷ Pelo olhar da Maria Carolina Junqueira, na oficina de escrita e política, me atento que o verbo *armar* evoca um sentido bélico, uma imagem de guerra. Talvez sejam essas as armas-ferramentas que vimos como possíveis no momento.

E assim foi a dinâmica. Enquanto eu ia terminando uma massagem, outra pessoa que estava no grupo de movimento já se deslocava para receber uma massagem individual.

Mas, uma das massagens me envolveu de forma singular.

Antes do toque, sempre pergunto o que a pessoa vem passando, o que a leva até aquele espaço.

Nessa massagem, que me mobilizou de forma diferente, escutei: “tristeza, dor, tudo dói e está tenso”.

De algum jeito, consegui sentir um processo bem específico no corpo em que tocava. Parecia que conseguia sentir muita raiva sendo contida e virando tristeza por não achar formas de expressão.

De repente, entre um toque e outro, uma imagem de muita fumaça invadiu meu pensamento e uma sensação de ansiedade ressoa em meu corpo. Pergunto: “Você está fumando mais do que o normal aqui?”. Escuto em resposta: “Muito mais!” Aquilo foi o suficiente para eu convidar a pessoa para uma conversa/micro atendimento.

Durante a conversa, revelam-se fatos como: tomar remédio controlado, depressão, síndrome do pânico; me diz que não conseguiu ir ao psiquiatra por estar envolvida na ocupação; que não consegue voltar para casa, pois a relação familiar está cada vez mais difícil e incompatível com a ocupação. Há o medo de contar para a pessoa com quem está se relacionando o quanto gosta dele. “Homem é muito babaca mesmo”.

Também durante a conversa, um gesto lindo se apresenta. Ela abre os braços e concentra uma expressão penetrante no rosto dizendo: “Eu estou aqui”. Captei esse gesto no ar e pedi para trabalharmos com ele, repetindo, lentificando, fazendo contato.

O gesto pareceu se montar em três camadas possíveis.

1. Eu estou aqui (me agito para não permanecer aqui)

Mãos para cima, palmas para fora e olhar para cima;

2. Eu estou aqui (me afasto do mundo e me julgo, me sinto culpada por encolher)

Mãos para cima, palmas para dentro parecendo uma oração;

3. Eu estou aqui (eu posso acalmar meu coração por estar aqui – quando estou aqui posso acalmar meu coração e falar de mim para você)

Mãos cruzadas fazendo contorno para dentro.

Após essa experiência, aprendemos sobre o medo de se expressar. Parece que esse medo revelou uma agitação muito grande, um corpo em turbulência que não conseguia dizer

de si e apenas queria se lançar para alguém que pudesse apaziguá-lo. Ao fazer contato com essa agitação, influenciá-la, lentificá-la, colocá-la nas mãos, foi possível encontrar-se com um estado de serenidade. Modular uma forma de estar consigo, sem se encolher, e de estar com o outro, sem se debater. Ganhei um abraço e um sorriso. Ela saiu com um brilho nos olhos que parecia um farol em alto mar. Os faróis servem para assinalar rotas aos navegantes, alertar sobre perigos e indicar caminhos. Algo me diz que é isso mesmo. Saímos com um caminho.

Assim o dia passeou entre massagens, grupo de movimento e conversas sobre o cotidiano. Aos poucos, sem nos precipitarmos, equilibrando-nos entre o que podemos e o que devemos fazer para cuidar, vamos construindo nossos faróis, ali naquela canga.

Figura 2 - Ocupação #2



Fonte: Ocupa ICHF

Descrição da imagem: A fotografia mostra um chão de grama, onde estão sentadas algumas pessoas. No lado esquerdo há o torso de uma pessoa deitada em uma esteira de palha. No centro da imagem há uma pessoa sentada de frente para pessoa deitada, de bata branca e calça vermelha, de pernas cruzadas e descalça. Uma de suas mãos está sobre o rosto da pessoa deitada, e a outra massageia seu pescoço. Na parte inferior há uma marca d'água de uma câmera fotográfica, com os escritos: navarro photography. [Fim da descrição]

23.11.2016

Canga.

Um prato com preservativos.

Um ramo de alecrim.

Essas foram as únicas companhias por um bom tempo.

Eis que se aproxima uma pessoa para receber massagem; e quando chega uma, logo chegam muitas.

Sinto que ter feito a oficina de massagem tem permitido um primeiro contato/contágio mais rápido para as pessoas aderirem ao espaço.

Começo com o torcicolo de um corpo que era só pescoço: não conseguia perceber diferença entre ombro, pescoço e costas.

Também me marcou por ser um corpo que estava carregando muito peso. Era uma das responsáveis pela cozinha. Dessas imagens que me invadem o pensamento, me chega um coração sangrando. Senti que não era só o peso da panela que ela estava carregando. Depois de um tempo, descubro: um relacionamento que acabou na mesma época da ocupação.

Outra massagem e novamente o pescoço se revela a alfândega das emoções. Parece que os sentimentos pararam ali. Como se os corpos tivessem medo de conhecer/olhar o que sentem.

Durante essa massagem, também experimentamos exercícios bioenergéticos. Descobrimos, com isso, novos carinhos, uma tontura diferente, novas formas de lutar – uma luta em que caiba também ternura.

A pessoa com quem realizei um micro atendimento no dia anterior retorna.

Chega com olhos brilhando, outro corpo, uma história para contar, uma atitude diante da tristeza. Não consegui ouvir, estava constrangido com a plateia que se formava em cada massagem. Não consegui conversar. Deixei-me ser tomado por um protocolo, um espírito de psicólogo formal me assombrou, fiquei pensando que seria demais dois atendimentos seguidos – mas é conversa ou atendimento?

“Vocês podem fazer atendimento individual em pessoas que conhecem?” Essa foi a pergunta que inaugurou um grupo – a massagem se transformou em prosa grupal.

- Como cada um se abre para o outro?
- Alguém entrega algo para o outro ou o encontro sempre cria um terceiro elemento?

Sensibilidade, espiritualidade, esoterismo, todo mundo pode ter à sua maneira, mas parece urgente sensibilizar para pautas claras, por exemplo transfobia e genocídios, como uma pessoa apontou no meio dessas conversas.

O dia começou com genocídio – a primeira atividade que realizei no dia foi assistir a uma palestra sobre genocídio da população preta, fruto da tese de doutorado do pesquisador que se voluntariou para ministrá-la. Essa palestra foi realizada dentro do espaço denominado “Ocupação Preta”¹⁸.

Genocídio foi um dos tópicos que emergiu do grupo. Pautas e debates abriram-se espontaneamente naquela canga e permitiram discussões sobre a vida e os modos de viver – conteúdos presentes em muitas aulas de filosofia, que ali se apresentavam como conversa, um espaço em que nos vemos dividindo saberes.

Despedir para se nutrir.

A responsável pela cozinha, que tinha recebido uma massagem logo antes, chama todo mundo que está ali para preparar a janta.

A conversa acaba. Paramos de nos abrir uns para os outros e passamos a abrir chuchu, cenoura, abóbora, berinjelas....

¹⁸ Cabe destacar que a “Ocupação Preta” foi uma intervenção dentro da ocupação. Ou seja, a ocupação enquanto intervenção no espaço de ensino, durante as assembleias coletivas, se viu interpelada por diversas questões que iam além da PEC 241 ou 55 e, no entanto, urgiam por serem debatidas. Esses momentos faziam-nos ver como o espaço de formação é atravessado por uma multiplicidade de forças muito importantes e que clamam ser inseridas no campo de disputa por sentido e conhecimento. Foi assim que surgiu a “Ocupação Preta”. Essa se materializou pela tomada de um espaço no *campus* com programações diárias, que circulavam os temas do racismo e outros interesses de quem lá ocupava.

Figura 3 - Ocupação #3



Fonte: Ocupa ICHF

Descrição da imagem: Uma fotografia, com o fundo desfocado, de pessoas preparando alimentos. Do lado direito está o primeiro plano, em foco, de duas mãos cortando um pedaço de cenoura com uma faca. [Fim da descrição]

24.11.2016

Hoje começamos alargando e encorpando nossa estrutura. Uma amiga ofereceu tapetes e ganhamos instrumentos, cheiros, óleos, caixa de som. O que sinto é que já somos companhias: as mesmas pessoas que ficam juntas, todos os dias naquele espaço. E simplesmente ficam ali, apenas ficam, conversam, ocupam.

Acho que estamos mais robustos mesmo. Acabei de comentar como estou menos cansado, mesmo terminando mais tarde do que o previsto. Deve ser isso que chamam de ganhar um corpo. Uma forma de conseguir manejar com mais harmonia o trabalho que se oferece, com os afetos que se apresentam.

Parece não se tratar mais de fazer massagem, chá e/ou atendimento *em* pessoas. As técnicas, conhecimentos, procedimentos, ao se encontrarem com os corpos ocupados, não conseguem ficar inabaláveis. Agora sinto que consigo fazer massagem, chá e/ou atendimento *com*¹⁹ pessoas. Essa palavrinha tão conhecida nos meios onde circulo realmente não é um detalhe, é um tipo de consciência, um tipo de presença que só se apresenta quando exercitamos uma forma de estar juntos. Isso só é possível com o corpo. Isso só é possível construindo um corpo que se contorna de entorno.

Falando nisso... novamente o entorno ajuda nas aproximações.

No primeiro dia, foi o *slackline*. Hoje, uma oficina de tecido que intermediou para que uma pessoa que queria muito receber massagem, mas não conseguia descobrir uma forma de chegar, pudesse finalmente se aproximar. Como se os objetos que contornam nossas cangas fossem uma espécie de trilha, um espaço de transição para chegar até nós.

O grupo para receber massagem tem engrossado. Em sintonia, a massagem também engrossou. Para dar conta de muita gente que estava em volta, esperando para receber, inventamos uma massagem “coletiva”.

Em fila, encaixados, começamos a experimentar formas de massagear e sermos massageados ao mesmo tempo. Aos poucos, ainda encaixados, em fila, percebemos outras possibilidades de brincar com esse contato. Cada um dizia, começando pelo primeiro da fila, em qual parte queria ser massageado. Uma vez dito, todos deveriam fazer e receber massagem na parte do corpo falada.

A cabeça foi pedida duas vezes em seguida – só assim para amaciar mesmo.

¹⁹ Começo a fazer referência a um método de pesquisa denominado PesquisARCOM. Este pode ajudar a expandir nossos olhos e poros ao que nos está chegando e friccionar estranhamentos, pois, nesse método permitem-se encontros com o múltiplo, num emaranhado complexo de intensidades de vida, criando em ato “formas muito distintas de lidar com as questões da presença, ausência e alteração.”(MORAES, 2010, p.33)

Percebemos ainda que o encaixe podia ser explorado, resolvemos deitar ainda encaixados e continuamos o carinho.

Acho que essa fila encaixada também engrossou, pois pessoas que passavam perto faziam expressões, como se também estivessem recebendo os carinhos. Sorrindo, conseguimos alargar sorrisos.

Ao desfazer a massagem coletiva, a massagem pessoal continua, e quem é de prosa continua também.

A conversa gira em torno da sexualidade e suas derivações.

De repente, uma pessoa surge inserindo a palavra/proposta meditação. Após algumas conversas sobre o tema, a meditação se consolida como experiência e consegue unir e dispersar.

O que nos une? Essa pergunta sustenta os mais lindos mistérios que ando vivendo nessa experiência de ocupação.

Uma pessoa que atendi há dois dias retorna.

Vamos para a orla e aprendemos sobre tristeza – agitação – aceitação.

Descobrimos que é possível sustentar o trabalho, a família, a faculdade, os relacionamentos com o peito mais aberto, e essa forma de abrir o peito produz uma sensação de liberdade, mesmo com o peso destas instituições (isso não foi uma metáfora, foi um exercício corporal e o peito abriu mesmo).

Com o peito aberto, sentimos que é possível refletir. E quando pensamos alegres, pensamos diferente!

“Aceito o que você me falou sobre alegria”, e desta vez aceitar não foi algo que machucava. A tristeza virou um alarme para se diferenciar: “não sou aquilo que me entristece”. A agitação como um convite para agir. Aceitar como um exercício ativo.

Na volta do atendimento, uma conversa sobre a questão das pessoas trans. Aprendo que dialogar é um privilégio de quem tem tempo. Coisa rara e difícil para muita gente, principalmente para uma população que luta, muitas vezes, por sobrevivência.

Mais uma vez uma das organizadoras da cozinha volta para receber massagem antes de trabalhar.

Será que muda o tempero?

Figura 4 - Ocupação #4



Fonte: Ocupa ICHF

Descrição da imagem: A fotografia mostra duas pessoas preparando alimentos. Do lado esquerdo está uma pessoa à frente, em foco, descascando uma batata com uma faca. Ela usa uma camiseta de um evento estudantil. Ao fundo, outra pessoa está fora de foco, picando algo em uma tábua. Do lado direito, também desfocados, há uma grande panela e outros alimentos e utensílios. [Fim da descrição]

Figura 5 - Ocupação #5



Fonte: Ocupa ICHF

Descrição da imagem: Fotografia de pessoas ao ar livre, na grama. As cores são vívidas e brilhantes. No lado esquerdo há uma pessoa agachada com a mão no queixo, o rosto coberto pelas folhas do primeiro plano. Ela observa sete pessoas deitadas, na diagonal da imagem. Uma está encaixada na outra, com as pernas abertas, formando uma fila, com as mãos postas nos ombros da pessoa seguinte. Do lado direito há uma marca d'água de uma câmera fotográfica, com os escritos: navarro photography [Fim da descrição]

26.11.2016

Hoje cheguei sozinho.

Ao pegar os materiais para *armar* o espaço, percebi que as pessoas estavam muito concentradas dentro do prédio. Talvez fosse um convite para eu ir mais para fora, não me encastelar na canga. Foi assim que entendi. Foi assim que resolvi sair do lugar e ir até a Ocupação Preta, um espaço que leva alguns poucos minutos de caminhada para chegar, a partir de onde *armava* a canga. Topei essa pequena caminhada para fazer convites.

Cheguei, me apresentei, cada palavra era flechada com olhares desconfiados, até chegar o que realmente eu tinha para oferecer: “Estamos fazendo massagem, atendimen....”

“Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!!!!”, “Eeeeeeeeeeeeeee!!!!”, “Quero agora!!!!”

Agarrado pelo braço, fomos até o espaço da canga. No caminho aprendi que a galera da Ocupação Preta pesquisou a história do lugar que estão ocupando. Era uma estação de rádio. Era importante saber a origem do lugar. Segundo algumas religiões, saber a história dos espaços que habita é fundamental, uma forma de respeito e bússola para poder chegar e ocupar.

Sem saber o porquê, quis fazer massagem nas costas.

Só encontrei costas duras, arqueadas, assustadas.

Meus dedos iam se deixando tocar por um convite invisível.

É como se meu dedão resolvesse desviar a rota por centímetros. Como se tivesse um ímã entre meus dedos e os pontos de bloqueio dos corpos.

Eis que tocando escuto: “Nossa, está me dando vontade de chorar”.

Essa emoção deu vazão para conversas sobre militância e os toques foram desafiando um corpo desconfiado. Parecia que, em cada soltura de tensão, meu dedo não encostava só naquele corpo, mas cutucava, chamava outros corpos que foram realmente chegando e se aglomerando em volta. Muitos da Ocupação Preta.

Uma mulher trans, antes companhia de dia a dia só para conversa, quis ser cuidada, mesmo após dias dizendo que não acredita em atendimento psi – apesar de acompanhar os trabalhos daquele espaço e dizer que não gosta de massagem.

Hoje ela quis, ela fez, eu aceitei e algo me tocou.

Senti uma força caminhando pelos meus braços e, quando chegou no peito, uma bomba explodiu.

Tocamo-nos. (tocar, etimologicamente, remete à palavra acontecimento – será que é isso que estamos fazendo, produzindo acontecimentos com as mãos?)

Novamente deixo meus dedos serem levados pela intuição (é impressionante o mundo que se sente embaixo da pele, um mundo gigante, silencioso e invisível).

Escuto novamente: “Tá dando vontade de chorar”, mas desta vez ela acrescenta: “cada ponto que você toca dói e dá vontade de chorar”; “Ontem vocês não vieram e eu queria muito trocar ideia, fiquei muito tensa”.

Após ouvir, aconchegar, entender o processo do corpo e tentar liberar essa emoção, escuto outra frase radical: “Eu não choro em público”. Trabalhei no diafragma, intestino e peito. Todas as partes muito irritadas e sensíveis.

“É muita loucura isso, não sei como é seu trabalho, mas os pontos que você tocava me fazia reviver exatamente coisas que eu vivi. Como se você ligasse uma chave. São coisas muito ruins que eu senti. Normalmente, lido com isso com vários filtros e sei bem ativar minhas defesas. Mas quando você toca, parece que vem o sentimento cru. Muito louco.”

Uma breve conversa foi possível a partir dessa história.

Conseguimos colocar a importância de fazer contato com esses sentimentos, pois só saberemos lidar, modular, transformar, conhecendo-os. Ela entendeu que não fui eu quem colocou os sentimentos ali, eles apenas se manifestaram porque o corpo dela ainda os carrega.

Em relação à cruza, por pior que seja, é ela mesma a nossa potência, pois é isso que nos contém e com isso podemos manejar e sentir o mundo.

Essa pequena conversa ganhou o reconhecimento necessário para que ela quisesse continuar a “trocar uma ideia”. Ela ainda não conseguiu falar o que aconteceu ontem. Ela quer falar a sós (pela primeira vez). Não sei o que aconteceu, mas sei que nesse encontro algo foi além de nós dois.

Continuei a massagem em outras pessoas e descobri que ontem teve assalto, susto e “treta” entre as mulheres.

A ocupação, ontem, se viu refém e frágil.

As costas, de alguma forma, já tinham me contado isso.

Enquanto ouvia essas histórias, também ouvi que um modelo de assembleia menos cansativo seria um que não fosse centrado na fala.

Mexer nas costas me fez concordar com essa fala.

Acho que hoje ficaram mais pessoas esperando para receber massagem do que de fato eu pude fazer, mas sinto que tudo bem. Um trabalho possível está por vir e o contágio sempre acontece. Além disso, o convite para aquele espaço continua aberto para outros dias. O convite é um elemento que paira na ocupação e sempre inventa formas de cuidado, assim como fui convidado para comer biscoitos e tomar café antes de ir embora.

27.11.2016

Arrumo o espaço com uma vontade firme de mexer em nuças, braços e costas.

Em todas as pessoas que acolho, sinto essas partes muito rígidas. Como se vivessem em um eterno sistema de alerta, sempre atentos ao que está acontecendo em volta, sempre ansiosos para entender logo o que se passa, sempre tensos sobre o que pode acontecer ao conviver. Parece que alarmes se acoplaram aos corpos: é preciso manter os alarmes ligados, pois tudo pode acontecer.

Outras pessoas me procuram para “trocar ideia”, enquanto tento desanuviar esse estado quase robótico de alarme. Escuto desabafos sobre brigas e rachas ocorridos nos últimos dias e lesões antigas voltando a incomodar. Na última massagem do dia, recebo uma pessoa que tem aparecido todos os dias. Estamos nos aproximando mais. Isso parece garantir um cuidado mais extenso, que vai além de apenas um alívio para a tensão. Essa pessoa conseguiu discernir que existem pesos, como quilos de arroz, que a gente carrega o dia todo, fica cansado, e para melhorar basta descansar. Porém, existem outros pesos que também cansam e não se consegue melhorar, não se consegue descansar, por ser um peso que ainda não se parou de carregar.

Após essa conversa, e de identificarmos juntos vários processos corporais, uma frase: “Nossa, estou aprendendo até a andar de novo”.

Durante o trabalho, me serviram churrasco. Me sinto mais próximo de todo mundo, uma sensação que a atividade está conseguindo compor a ocupação.

Ao procurar uma pessoa que disse querer “trocar ideia”, fui atacado e mordido por 6 cachorros.

As nuças já tinham avisado: “Fique alerta! Tudo pode acontecer!”

Após o ataque, todos da ocupação se mobilizaram. Me levaram até o kit de primeiros socorros, ajudaram a cuidar do ferimento e disseram os procedimentos que eu deveria fazer (tomar vacina).

Não deixaram uma companheira da Pós sair comigo sem antes prometer que iria fazer com que eu fosse ao hospital.

Todos cuidando de uma pessoa que estava ali só para cuidar (não seria isso compor?).

Durante os cuidados, escuto uma frase: “Cuida dele! Ele não pode ficar doente, não!”

Descobri que posso. E o lugar de cuidado não tem dono.

PS: Acredito que possa estar me sobreimplicando. Ando me dedicando exclusivamente a essas atividades. Já não tenho roupa para vestir, pois não tenho nem tempo de lavar roupa

(pilha acumulando como indicador de cuidado). Está muito difícil ver, sentir, tocar e trocar com esses corpos que lutam e ocupam e não me convocar radicalmente. Aos poucos, é possível perceber a diferença entre suas durezas e firmezas. Deflagramos juntos momentos de muita ternura, angústia, medo e tristeza. Não sei ainda como sentir tudo isso passando em minhas mãos (massagem) e não me mover por um ímpeto além do meu limite.

Percebi, ainda, que as ocupações estão virando instituições familiares. A potência de ocupar está perdendo força para a reprodução de um estar juntos em um lugar. Reclamações com tons familiares e ressentidos estão ganhando mais espaço do que experimentações. Não sei como contar isso para alguém de lá, nem sei se é a hora e o momento.

Às vezes, imagino trabalhos maiores, intervenções institucionais, grupos de movimento, enfim, formas de instituir analisadores e dispositivos de tensão e alegria na ocupação.

Hoje, 28.11.2016, percebi que essa vontade de fazer coisas grandes pode ser uma grande armadilha. É muito confortável imaginar trabalhos grandes e perfeitos apenas nas ideias. É quase uma tirania querer delinear as formas certas de se analisar e experimentar a realidade e seus desdobramentos possíveis.

Entendi que isso em mim é apenas uma produção de momentos de deslumbre, que me afastam do presente, da minha perna mordida por cachorro e do que posso fazer na concretude do real.

Demorei horas para fazer contato com o susto que tomei, e consegui perceber que a realidade atual é que ainda tenho medo de fazer grupos aqui no Rio, ainda não senti que cheguei nessa cidade, ainda me sinto inseguro perto dos grandes nomes que cercam essa Universidade, ainda acho meu trabalho frágil e incipiente, diante das grandes técnicas que muitos conhecem na Universidade, ainda não tenho rede o suficiente para encarar os riscos que estes trabalhos grandes impõem, ainda não sei.

28.11.2016

Cheguei com o braço muito dolorido, por causa da vacina.

Senti uma sensação de aconchego, com olhares doces e muitas perguntas das pessoas querendo saber se eu estava bem. Até os que não estavam presentes no dia da cena já conheciam a história e vieram saber como estou. Parece que, mesmo não dormindo lá, de alguma forma me fiz presente.

Não teve massagem hoje.

Fiquei contemplando uma música tocada por uma mulher de voz suave e, quando me vi, estava tocando e cantando com ela.

Uma rápida insegurança me bateu. De não estar ali trabalhando.

Mas quem disse que saúde também não se pode fazer com música?

29.11.2016

Recebi uma massagem. Já estava me esquecendo de como é preciso de força também para se entregar.

Ao fim do dia, meu corpo cansado senta e se encontra com outro corpo, que parecia estar transbordando palavras.

Era uma mulher trans, que estava contagiada pela necessidade e desejo de fazer uma intervenção em razão dos privilégios de outras categorias, que não conseguiam ver a opressão que atualizavam nessa minoria.

Uma conversa se inaugura, sobre os desafios de como caminhar entre a culpa e a autonomia. Não negar uma política de extermínio nos faz perceber como algumas identidades se constituem apenas pelo crivo da violência e desconsideração.

Nessa conversa, fomos percebendo como essa violência ajuda a produzir uma forma de existir que sempre vasculha o perigo e o ataque. Por uma questão de sobrevivência, o olho já leva o corpo para aquilo que pode aniquilá-lo. Como consequência, causa enormes proporções de silenciamento, angústia e ansiedade. Forma de se expressar só como descarga, despressurização.

A universidade narrada por ela se mostrou, para mim, como produtora de sintoma, em que esse corpo feminino, que nunca teve problema em se expressar, quando habita a sala de aula ou até rodas da ocupação, não consegue falar. Parece que a vida, nesses corpos, se tornou

tão insuportável que só se consegue falar por bandeiras, representatividades, conceitos da grande militância. Cenas de transfobia iam descortinando minha ignorância.

Já havia feito massagem nela, quando uma memória se fez presente.

Lembrei que senti uma linha fina passando pelo meu braço e quando chegou ao peito parecia que uma bomba tinha explodido, mas, ao invés de voar estilhaços, era como se tudo voltasse para mim. Uma implosão.

Ao dizer-lhe isso, escuto: “Eu sinto isso todo dia.”

30.11.2016

Não tenho a menor ideia de como começar esse texto.

Não dá para começar escrevendo e descrevendo o dia desde o começo.

Acabei de ouvir relatos de morte, pisoteamento, desmaios, convulsões, crânios se abrindo, mulheres em cima de carro, para procurar socorro, sendo empurradas e espancadas por policiais, 15 policiais espancando um homem, desmaios e *spray* de pimenta na cara por tentar ajudar senhoras, crianças e idosos sendo massacrados, encurralamento, uma cidade fechada, helicópteros, policiais espancando pessoas e protegendo um prédio à custa de sangue. Um prédio fechado e ocupado por pessoas que tomam champanhe e destroem direitos e lutas da grande maioria das pessoas.²⁰

“Eu só queria chorar”.

“A gente só chorou, mas eu só quero chorar agora”.

“Não consigo chorar”.

“Sempre fui de falar, não consigo falar com ninguém agora, de qualquer forma. Não quero ter uma conversa superficial”.

“Tô estranha”.

“Todos estão estranhos e se estranhando”.

Briga entre militantes também aconteceram.

Uma mistura de ódio, impotência, medo e desespero.

“Eu só quero esquecer essas imagens”.

Fiz várias intervenções, mas não quero escrever sobre nenhuma.

Tenho medo de que escrever sobre as intervenções soe como um apaziguamento.

²⁰ Houve uma movimentação de centenas de ônibus do Brasil inteiro para protestar contra a votação da PEC 241 ou 55, em Brasília. Os acontecimentos relatados neste diário dizem do dia em que alguns estudantes da UFF acabavam de retornar dessa manifestação.

Sei apenas que uma pessoa que não conseguia chorar, chorou.

Outra que não dormia há três dias, após a massagem, dormiu quinze minutos.

Sei que isso não resolve o problema de insônia do mundo.

Não vai tirar as imagens da cabeça de ninguém.

Mas também sei que não quero parar de estar perto e poder agir com esses sentimentos, essa destruição de guerra, enquanto puder.

Só quero poder fazer o mínimo e as únicas coisas que sei não tenho pretensão, posso nomear mais como uma vontade de viver junto. Vibração, agitação, inquietação e descoberta de que, ao abrir-se, cabe gente, cabe história, cabe dores e comporta o compartilhar. Estar juntos. E qual a medida do envolvimento? A gente sabe que não é seguro abrir-se. Quando não praticamos encontros, fica confuso saber quanto de entrega podemos dispor. A porosidade envolve esse risco e a prudência você descobre escutando a própria bússola. Não há resposta além daquela que se constrói caminhando.

Hoje quis armar a canga de qualquer jeito. Armei mais tarde que o habitual, mas tinha em mim uma vontade de estar lá, como se encontrasse um lugar de investimento. Vivi muitas palavras grandes durante o dia. Muitas referências intelectuais que, mesmo próximas de minha formação, me pareciam cada vez mais distantes, cada vez mais apaziguadoras, cada vez mais insuficientes de pulso. Não consigo mais extrair conhecimento nenhum que não seja do presente. Estava desconfiando de tudo que era livro, tudo que tinha cheiro de escrivania não parecia fazer sentido. Não acreditei em nenhuma certeza, só em trocas – e a canga, para mim, ainda parecia o melhor lugar para exercitar isso.

Ao armar a canga hoje, já estava ouvindo que seria importante me preparar, pois o ônibus de Brasília estava chegando.

01.12.2016

Após a noite de ontem, vivemos cenas e situações muito intensas.

Acolher as pessoas que chegavam de Brasília era prioridade, então convocamos um grupo de pessoas para fazer esse trabalho.

A metodologia, a forma de abordar, não sabíamos – e foi melhor assim.

A equipe da ocupação separou um andar para a gente, preparamos uma sala e, aos poucos, as pessoas que vinham de Brasília foram chegando. A experiência do trabalho se deu em grupo. Todas e todos dividindo as experiências. Ainda me ambientando, me envolvendo com as histórias, fui sentindo o movimento.

Em cada gesto e som foi se compondo uma coreografia.

As cabeças permaneciam baixas. Aos poucos, alguma cabeça já cheia de memória se levanta. Todos os olhares acompanhavam a cabeça que se levantava. Bastava a boca disparar histórias, como as balas e bombas que foram disparadas naqueles corpos, que todo mundo voltava a ficar cabisbaixo e chorando muito. O choro em coro fazia o fundo de uma experiência compartilhada.

Ao fim de uma experiência contada, essa cabeça que estava erguida logo se abaixava e dava lugar a outra, que se erguia em meio ao coro de choros cabisbaixos. Eram dores compartilhadas, muito próximas. Parecia que vivíamos uma só carne. Uma carne política exposta e que convulsionava nossos lugares de pesquisa, estudo, universidade, cidadania...

E assim se dava a coreografia de cabeças abaixando enquanto uma se levantava.

Os discursos também tinham seu movimento. Pareciam funcionar como chicotes. Saíam das gargantas para a frente e pareciam voltar contra os corpos. Como um açoitamento.

Um chicote feito de culpa por não ter conseguido proteger os amigos, não ter conseguido impedir uma violência desproporcional...

Aos poucos, quem não havia ido para Brasília e estava lá para ajudar a acolher, foi produzindo diferenciações. Conseguimos discernir melhor o que só se conseguia nomear como culpa.

Fomos percebendo a culpa como uma pressa em reagir a algo que ainda não entendemos. Fomos percebendo os limites de cada corpo e também tirando o nome “culpa” de coisas que não eram possíveis de serem feitas por corpos cansados.

E assim a palavra que parecia um chicote começou a parar de fazer o movimento de açoite e começou a circular.

E, de repente, um acontecimento se agencia.

Uma pessoa que foi a Brasília começou a falar. Começou a destacar a importância de cada ação que antes foi dita como insuficiente.

Um discurso com a força de Atlas, que levantou e sustentou em pé, de uma vez só, todas as cabeças cabisbaixas.

Como mágica, as lembranças iam mudando, até uma mesma cena conseguiu ser dita de outra forma pelas mesmas pessoas que a trouxeram. Conseguimos compartilhar as experiências de estar ali e o que poderíamos fazer daqui para frente. Pudemos colocar ainda mais força em nossas escolhas, respeitando-as – respeitar no sentido de re-respeitar: olhar outra vez e colher o que há de desejante nelas. Assim, paramos de ver a militância como meta e conseguimos extraí-la como um modo de viver.

Percebemos, também, a importância de aceitar que ainda não sabemos e podemos usar os espaços de resistência como espaços de parada e reinvenção, diálogos, conexão e fortalecimento.

Levantamo-nos e gritamos.

Em uma militância cheia de certeza e enfrentamento, é importante ter um espaço em que se possa encarar nossas fragilidades; mostrar-se frágil para enfrentar a incerteza e insegurança de existir.

Figura 6 - Ocupação #6



Fonte: Ocupa ICHF

Descrição da imagem: Fotografia de um espaço amplo, com boa parte mostrando um céu nublado. Do lado esquerdo está uma parte do prédio do Congresso Nacional. Em frente a ele há uma manifestação com muitas pessoas e bandeiras diversas levantadas. A maioria das pessoas está de roupa preta, vermelha ou branca. No primeiro plano, do lado direito, uma pessoa está com o rosto pintado de branco e com um símbolo do feminismo pintado em vermelho. Atrás dela uma fumaça amarela sobe para o céu. Ao centro, embaixo, há uma marca d'água de uma câmera fotográfica, com os escritos: navarro photography [Fim da descrição]

Figura 7 - Ocupação #7



Fonte: Ocupa ICHF

Descrição da imagem: Fotografia que mostra a parte de cima do Congresso Nacional ao centro, sob um céu nublado. Embaixo há algumas pessoas ao longe, a maioria policiais, virados de frente para a foto. Ao centro está erguida uma grande bandeira amarela, onde se lê “Juventude #Contra a Pec55”. Outra parte da bandeira está dobrada e ilegível. No canto inferior direito há uma marca d’água de uma câmera fotográfica, com os escritos: navarro photography [Fim da descrição]

2.12.2016

Hoje retomei as massagens, em uma sala reservada pela equipe da ocupação.

Percebi algumas alterações nos corpos que toquei.

Antes eram muito prevalentes costas e nuca duras e atentas.

Agora mudou.

Passaram a habitar em minhas mãos peitos fechados e doloridos.

Emoções inflamadas.

Ouvi uma frase antes de ir embora: “Isso aqui virou reunião de condomínio”.

Ando sentindo que uma grande luta seria a luta para entender e deslocar o ressentimento.

Agarrar-se às bandeiras está evitando contatos.

O grupo de ontem também me colocou em questão. Consigo sentir que atender individualmente alcança muitas especificidades, mas o grupo consegue produzir força de contágio e invenção de uma forma extraordinária.

Figura 8 - Ocupação #8



Fonte: Ocupa ICHF

Descrição da imagem: Fotografia de uma quadra ampla em um espaço aberto, com muitas pessoas. Ao fundo, no canto superior esquerdo, há uma Kombi estacionada. Um grupo pequeno de pessoas conversa em pé ao lado do carro, enquanto outro está sentado na frente do carro, atrás de duas mesas. A maior parte das pessoas se concentra em frente, sentadas em arquibancadas, de costas para a câmera, e outra parte está em pé na lateral. [Fim da descrição]

4.12.2016

Participo de uma atividade da ocupação e escuto algumas discussões sobre modos de resistência. Ao conviver com tantas diferenças e dificuldades, vou começando a tomar consciência de um lugar que ocupo. Algumas histórias de vida mostram muitas distâncias em relação à minha própria vida. Sou indagado por histórias de pessoas que sofreram risco de vida por terem corpos femininos ou afeminados, por terem uma tonalidade da pele diferente, pela experiência da pobreza.

Escuto sobre a fome e o medo em lugares que nunca pensei que existiriam ou deveriam existir. Percebo-me e alongo-me na compreensão e necessidade de lutar por diversos direitos. A começar pelo direito de existir fora da normatividade, melhor dizendo, da heteronormatividade branca.

Mas não consigo concordar que a mudança venha sendo usada apenas para virar a mesa ou oprimir o que oprimi. Essa posição é uma grande exposição e pode estar marcada por um lugar confortável que não tem fome nem pressa.

Parece que a grande a única forma de resistência é apenas incomodar. Deixamos escapar pelas mãos a possibilidade de deslocar, descentrar, criando o mundo que se quer para incomodar o mundo que incomoda.

Toda essa tensão está emergindo, pois paira no ar um processo de desocupação.

Muitos não conseguem ver mudanças concretas. Acham que sair agora é entregar de mão beijada, e que nada vai mudar.

Temos que tomar cuidado para não determinar o que deve ser mudado com tanta rigidez – nesse ponto, em uma conversa durante o dia, uma ocupante concordou comigo.

Estou perdido e percebo que todo mundo está. Falam de mudança e que deve ter uma mudança concreta, mas ninguém sabe que mudança é essa.

Foi “na pista de dança” que senti uma boa pista.

Teve oficina de afro *funk*. “A gente fala e dança porque o que a cabeça entende o corpo entende bem melhor.”

As histórias de orixás eram inseridas enquanto dançávamos; era como se a gente se inserisse também e, no fim de cada história, um convite de empoderamento. “Dançamos Oxum” e aprendemos que a dança e a beleza também são uma arma, então, precisamos dançar nossas belezas todos os dias. Precisamos rebolar todos os dias, porque isso acorda partes importantes do corpo.

Muitas das pessoas que estiveram todos os dias lá e se sentiam mal não conseguiram dançar. Não tinham distribuição de vitalidade e mobilidade no corpo. Senti que isso não é um detalhe. Mas também não posso generalizar, nem interpretar nada. É muito difícil dormir em condições precárias, ter que manter toda a estrutura universitária limpa, organizada e segura, alimentar muita gente todo dia, manter vivas todas as atividades, aulas públicas, mesas redondas, oficinas. Neste sentido, todas e todos ali já provaram ter mais do que dança, eles construíram jogo de cintura!

Precisamos mesmo e sempre cuidar dos corpos, pois eles ainda são os alvos das bombas de gás que temperaram a praça pública hoje aqui no Rio.

A pista veio no rebolado. Não há revolução sem dança.

17.01.2017

Há uma semana voltei a circular pela Universidade. Um estranhamento ia pousando aos poucos sobre mim. Esse estranhamento começou nas assembleias entre docentes e discentes, em que se insistia em deslegitimar o vivido ali como campo de formação e conhecimento. Nos debates sobre como avaliar ou compensar o “tempo sem aula”, iam se construindo tapumes narrativos em nome das ementas que apagavam a infinidade de experiências, oficinas e grupos de estudos – que transversalizaram diversos temas das diretrizes de disciplinas formais e se estabeleceram, espontaneamente, durante o período de ocupação. O retorno à rotina escolar passou a aparecer no modo de andar dos alunos. Os olhares não circulavam mais para contemplar cartazes ou possíveis rodas de conversa. Percebi que os olhares estavam mais duros e diretos, apenas seguindo os caminhos entre as entradas e as salas de aula. Os corpos já pareciam teleguiados: mísseis da educação.

Os passos seguiam um ritmo mais acelerado, parece que aos poucos fomos perdendo o direito de parar e de nos juntarmos.

Estar juntos também foi causa de estranhamento. Quando me permiti vagar pelo *campus*, percebi que o mistério do que nos juntava não me tocava mais, afinal não existiam mais cadeiras e grama com corpos juntos para experimentar coisas novas.

As conversas também mudaram – parece que o discurso que compartilhava experiências de vida e contexto político agora se prende à grade curricular; conversas apenas sobre trabalhos e provas habitavam os pilotis.

Porém, ao me aproximar de pessoas que estavam na ocupação, sinto meu corpo tremer levemente. A ocupação ainda existe naqueles corpos. E isso faz com que eles possam ver o

que ninguém vê, como comentou um participante da ocupação, que se juntou com outras pessoas e passou a tarde toda olhando para uma sala de aula que, durante a ocupação, era o quarto delas. Esses corpos sentem na pele que uma instituição pode transmutar. Essas mutações escapam aos olhos duros e aos corpos teleguiados. Não são todos que, ao entrar em uma sala de aula, veem um quarto. De alguma forma, consigo, assim, entender quando discursos reacionários dizem que alguma luta é impossível: deve ser porque esse corpo não consegue ver nada além do concreto. Talvez os corpos da ocupação tenham desenvolvido a capacidade de re-parar e por isso carreguem consigo essa possibilidade de arrancar das paredes de concreto outras visibilidades.

Uma vez li em uma parede que a revolução só ocorre quando há um investimento de desejo, sempre coletivo, de tal forma que se configurem inversões de poder. Isso aconteceu. Não eram mais professores, técnicos ou burocratas que ordenavam a Instituição. Mas todo dispositivo de poder sempre pode carregar consigo sua possibilidade de retorno. E o retorno foi implacável. E nessa luta, a ocupação não perdeu, ela segue nos corpos de quem se ocupou de fazer daquele lugar um espaço de luta. A Universidade volta com seus códigos de conduta e reconhecimento, mas seu retorno deixa rastros para se farejar a produção de diferenças.

Preservando o Recuo

Mulher, como você se chama? – Não sei.

Quando você nasceu, de onde você vem? – Não sei.

Para que cavou uma toca na terra? – Não sei.

Desde quando está aqui escondida? – Não sei.

Por que mordeu meu dedo anular? – Não sei.

Não sabe que não vamos te fazer nenhum mal? – Não sei.

De que lado você está? – Não sei.

É a guerra, você tem que escolher. – Não sei.

Tua aldeia ainda existe? – Não sei.

Esses são teus filhos? – São. (SZYMBORSKA, 2011, p. 51).

Assim como no poema de Szyborska, este capítulo diz sobre o que nos chama para uma tomada de posição. Diante da perplexidade de uma guerra, a radicalidade do poema nos mostra como nada do que foi imposto àquela personagem fazia algum sentido, seja seu nome,

de onde veio ou de qual lado da guerra ela estava – a personagem se põe alheia a tudo que não saiu das suas entranhas. É quando se aponta algo que foi gestado por ela, que se produziu com sua participação direta – como seus filhos –, que ela se coloca, se posiciona e se afirma.

A apresentação dos diários não irá advir com alguma conclusão ou moral da história. A intenção de localizá-los como um recuo se dá por entender o recuo como um espaço para tomar fôlego. Um respiro, antes de imergir naquilo que balizou a escrita da tese: quais gestos nos deslocam e convocam para uma tomada de posição? Percebo, a partir das ocupações, que aquilo que nos convoca para agir performa a possibilidade de poder estar juntos, pois não se trata de algo imposto, mas de algo que reconhecemos, também, como nosso.

Os dias de ocupação me ajudaram a perceber a formação como espaço múltiplo que pulsa histórias e oportunidades de produzir cooperação e conhecimentos. Sinto-me convocado a uma proposição frente à formação que estamos gerindo. Surgem novos chamados de como ocupar os espaços que me cabem no momento: a prática docente, discente e de pesquisa.

Ocupar também diz de uma disputa pelos órgãos da percepção. Uma disputa do sensível, por aquilo que urge de algum sentido. Por isso preservo esse recuo como ferramenta para me nutrir dos sentidos que me convocam a estar nos espaços de formação e que irão produzir na tese algum sentido, seja no campo sensível, semântico e/ou direcional.

CAMINHAR

Tenho como primeira lembrança da escola²¹ a importância da postura. Nas primeiras aulas do ano a direção e a coordenação da escola apresentavam-se aos estudantes. Os profissionais mudavam, mas o jeito de entrar na sala nunca mudou. Eram corpos antigos e contidos, pareciam guardar todos os tratados pedagógicos entre as articulações e não podiam mover-se demais para não deixarem escapar a tradição. Com uma atmosfera de autoridade, sempre pediam para que a gente atentasse a como estávamos sentados. Era como se um raio caísse na sala: todos ficavam impossivelmente eretos, de olhos arregalados e mãos travadas sobre a mesa.

Antes de aprender a ler, era preciso aprender a sentar, calar e conter. Talvez sejam essas lembranças que me situem no campo dos gestos dentro da educação. Tais recordações, no momento institucional em que me encontro, demandam a produção de um conhecimento científico de doutoramento. Este instante permite levantar algumas questões: o que ganhamos no campo da educação se pudermos gerir nossos gestos? Se pensarmos no corpo como a sede das experiências, aquilo que nos dá a medida do mundo, qual mundo estamos produzindo com os objetos com os quais nos relacionamos durante a formação? O que as carteiras querem de nós? O que a lousa e o projetor *data show* querem de nós? O que a instituição de ensino, por nós frequentada, quer de nós? Como estas expectativas direcionam nossos gestos?

Tais perguntas não devem apresentar respostas absolutas, pois a compreensão de um espaço de formação como espaço coletivo deve considerar a singularidade de cada encontro. Nesse sentido, o que apresentaremos ao enfrentar tais questões não serão respostas definitivas, mas modos de aproximação. Essas questões balizam uma orientação na construção de um *ethos* de intervenção em educação, com menos respostas e mais possibilidades de ação.

Para manter essas questões em suspensão, uma cena nos convoca a pensar as relações entre os movimentos e os espaços de formação: uma aula de educação física no Ensino Fundamental. O professor nos convida para um ginásio poliesportivo, aquela quadra que contém em si linhas que demarcam os limites para se jogar vôlei, basquete, futsal e handebol ao mesmo tempo. Além disso, tem ao seu redor uma arquibancada para torcedores.

Este professor armou uma rede de vôlei, dividiu a turma em dois grupos, cada grupo de um lado da rede, nos entregou uma bola de vôlei e disse: tudo é campo. Não havia limites, a bola poderia tocar em qualquer lugar e ainda assim conseguiríamos o ponto. A turma inteira

²¹ Vivi a maior parte da minha formação em uma escola particular tradicional e religiosa da região metropolitana do Espírito Santo.

permaneceu no quadrado do vôlei. Não exploramos o espaço fora das marcações, não exploramos o alcance da bola, não exploramos nossa capacidade de vazar.

Ao final de alguns minutos, o professor interveio na partida. Pediu a bola, lembrou que tudo era campo e, com uma força desconhecida por mim, arremessou a bola para o último platô da arquibancada, dizendo: “*Isso vale.*”

Pela primeira vez fiz contato com algo que iria além das linhas de marcações e descrições, algo que pode transbordar. Essa partida me abre campos possíveis de vivências e, então, a possibilidade para a busca de dispositivos de experimentação, para além das linhas predeterminadas do campo da formação, passa a ser um lugar desejado. Com essa perspectiva, podemos deflagrar um contato com forças capazes de dar maleabilidade às linhas que demarcam nossas barreiras. Os limites passam a ser construídos a cada movimento do corpo em relação com o espaço e nos situa em uma relação direta com os acontecimentos. Para isso, é preciso mais consciência de si. Saber até onde nosso corpo pode ir, acompanhando-nos no processo, é diferente de saber até onde nosso corpo pode ir olhando as linhas de fora, marcadas anteriormente. Para tanto, é preciso pôr o corpo em jogo com contato e atenção constante. Sem a perspectiva de uma eliminação total das linhas e referências, com ousadia e prudência, podemos expandir nossos campos de atuação.

Chego ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo em 2007/1 com uma palavra que, em mim, gerava uma intensidade estremeceadora. Essa palavra já me soava como um conceito abissal,²² a palavra/conceito: corpo. Pensando em como caminhei com essa palavra, posso marcar uma certa sincronia de eventos e sensações muito importantes na minha vida, que foram acompanhadas por um trabalho constante de aprimoramento de alguns gestos.

Refiro-me a uma trajetória marcada por esportes, principalmente a prática do judô e do vôlei. Esportes em que pude aprofundar-me em experiências competitivas, até momentos de lazer que podiam durar doze horas em um dia. Atividades que atravessaram fases e construíram cenas de passagem entre a infância, a adolescência e o início da vida adulta. O uso dos gestos esportivos foi acompanhado pela formação de amizades, de entendimento

²² Conceito que traz uma sensação de abismo, um estupor frente a um infinito de possibilidades inimagináveis, algo como o salto no vazio de Yves Klein (1928-1962). Interessante pensar como a figura do abismo faz lembrar a carta do Louco no *Tarot*. Esta carta é ilustrada com uma imagem do Sol ao alto, uma pessoa com uma trouxa nos ombros caminhando em direção a um abismo e um cachorro tentando evitar o próximo passo. De um conjunto de 21 arcanos, esta carta é simbolizada pelo número 0 ou 22, ou seja, está no limite entre o fim e o começo, o exato ponto de escolha, de transmutação, onde podemos manter os pés no chão ou saltar rumo ao desconhecido. Segundo os estudos do *Tarot*, apenas saltando o Louco pode iniciar sua jornada rumo ao conhecimento. É justamente nesse ponto que me encontrava, no início de uma formação, e acredito hoje que aceitei o convite para saltar.

sobre o medo, a ansiedade, a alegria, a tristeza... A vivência contínua dessas sensações, durante a prática dos exercícios, me permitiu compreender, de alguma forma, como alterações na respiração, nas contrações musculares e nos estados emocionais se agenciavam, formando *designes* de experiências.

Com essas histórias em meu corpo, caminho pelo *campus* da Universidade e me deparo, já no segundo semestre, com um evento de filosofia sobre o tema do corpo em Descartes. Entrei por curiosidade e me vi diante de um corpo mecanizado, exposto de uma forma que viria a ser recorrente em congressos e conferências. A forma de exposição de um corpo mecanizado se atualizava com leituras de textos em tom monótono e linear. Sem me acomodar na apatia com a qual aquele corpo apresentou-se, resolvo buscar na grade curricular da Psicologia – curso que escolhi me formar – como seria abordado o tema das corporalidades.

Percebi que não iríamos ter nenhuma disciplina com este direcionamento, apenas um estágio em um projeto clínico de extensão que se aventurava a pôr o corpo em movimento e debate. Nas marcações universitárias ainda não havia a possibilidade de contornar e experimentar a palavra que tanto me estremecia, ou seja, era preciso vazar. Junto com amigas e amigos que tinham inquietações em comum, resolvemos criar o que, no futuro, se chamaria Coletivo SomosKorpuz. Um espaço para estudo, leitura e experimentações corporais.

No início, fazíamos leituras das obras de Reich e experimentações de exercícios bioenergéticos de Lowen. No entanto, no decorrer dos encontros, percebemos que o corpo ia além de demarcações psicologizantes. Não fazia sentido tentar compreender o corpo, mas ativar corporalidades. Passamos, então, a variar autores e técnicas.

A organização dos encontros também mudava semanalmente: em nos dedicávamos a ler e debater e em outro experimentávamos exercícios, até chegar a momentos em que só realizávamos experimentações, que passaram a percorrer várias áreas de expressão: jogos teatrais, dança contemporânea, dança afro, contato improvisação, bioenergética...

Tais técnicas mesclavam-se de acordo com o tema que queríamos disparar e os encontros davam-se como oficinas, onde a participação era aberta a toda comunidade acadêmica. Também era aberta a possibilidade de cada um oferecer uma oficina. Assim, com o tempo, cada participante foi investigando estes lugares de facilitador e facilitando. Os encontros tinham um caráter de constante ensaio e experimentação do que pode um corpo.

Disponibilizamos nossos corpos para estudos ativos, ou seja, inventando formas para que os conceitos estudados dançassem e habitassem nossos corpos. Por conseguinte,

percebemos que corporificar as experiências e deslocar o corpo de seus automatismos dispara um querer dar forma e visibilidade a desejos, trajetões e composições de outras vidas possíveis.

Este coletivo fez parte da formação de muitas pessoas, multiplicando-se nas atividades profissionais e em trabalhos de mestrado concluídos, por ordem cronológica: Thiago de Sousa Freitas Lima (2014), Julia Alano Porta (2017) e Carolina Rachel Mascarenhas Teixeira Barreiro (em andamento). Além das pesquisas de mestrado, tais referências marcaram atuações profissionais com oficinas corporais oferecidas periodicamente.

Criamos, assim, um espaço entre a formação. Uma atividade que não ficou registrada em nenhuma ementa ou currículo, mas que explorou demarcações da sala ao retirar sempre as carteiras para podermos nos mover; circulou entre cursos, como o de Educação Física, para dançar nas salas de dança; invadiu áreas verdes não utilizadas do *campus* e marcou em nossos corpos outras possibilidades de habitar um espaço de conhecimento.

Após a graduação, passo por uma especialização em Esquizoanálise e Esquizodrama e um mestrado em Saúde Coletiva que se dedicou a pensar a sensibilização corporal como tecnologia em saúde. Tanto no mestrado como na especialização, operamos vivências de esquizodramas, uma forma de pôr em cena, principalmente com jogos corporais, os conceitos da esquizoanálise.

Nessas experiências vivemos situações muito distantes do repertório sensível do cotidiano. Desmontes de padrões de movimento, toques e cuidados coletivos, cenas que faziam aparecer situações dos processos de trabalho com outra roupagem e possibilidade de intervenção. Por exemplo, uma forma de sentar-se na cadeira de dentista, que passava despercebida, se transforma em um corpo que se movimenta de forma grotesca e revela fonte de dores musculares e incapacidade de um melhor contato com os usuários.

Tais elementos foram demonstrando como outros usos dos corpos demandavam outras narrativas. Pessoas que nunca haviam escrito poemas na vida só conseguiam, naquele momento, expressar-se por meio de poesia. Também surgiram falas difusas em estados de suspensão de sentido, como o relato de ter vivido a experiência de estar em uma grande bola azul, após um contato de abraços consecutivos. Tais relatos iam apontando a importância de expandir o corpo acompanhando seus gestos de transformação. Trata-se de experiências que alteram nossas percepções e inventam novas formas de sentir e estar no mundo. Essas experiências precisam, para serem elaboradas, de outro tempo e espaço. Percebi que a ausência de cuidado no acompanhamento destes eventos pode provocar a impossibilidade de comunicação.

Neste percurso vou abrindo passagens para uma vida profissional e dou início a trabalhos em uma clínica particular. Outra cena se revela – agora em um consultório de psicologia:

Uma mulher começa a contar uma experiência de encurralamento. As palavras se espremem para sair dos dentes serrados de sua boca. As experiências dizem de sua maternidade e vida adulta sendo sobrepostas e apagadas por comportamentos autoritários de familiares. Conforme suas palavras, é como se estivesse cercada no meio de uma roda por essas pessoas que constantemente observam, julgam e antecipam suas ações.

Peço para ela elaborar um gesto que expresse, em um movimento, as sensações expostas. Seu braço direito se levanta na direção dos olhos e a mão se espalma para mim. Convido para que este gesto seja feito com ela de pé e que seja repetido algumas vezes. Durante a repetição, em pé, outro elemento aparece no gesto. Além do braço direito à frente, o pé direito se desloca levemente para trás. Em cada repetição ela colocava mais intensidade e este gesto ia ganhando um balanço. O pé ia se afastando cada vez mais para trás enquanto o braço direito ganhava firmeza. Outro ritmo se instaura. Um novo movimento se apresenta no ambiente.

Pergunto se ela já havia gingado na vida. Ela, enquanto continua seu movimento, me responde que não. Apresento a ginga da capoeira que compunha exatamente com o movimento que estava em ato, incluindo apenas a alternância entre os braços e pernas. Ao invés de fazer só do lado direito, passamos a fazer do lado direito e esquerdo. O ritmo rígido de recuo ia dando espaço para uma dança cada vez mais solta. Trocamos algumas manobras de capoeira.

Novamente lanço um questionamento:

— *Onde se joga capoeira?*

— *No meio da roda.* Ela responde.

Percebemos outras formas de estar no meio da roda e como o seu gesto tinha em si outra possibilidade de germinar. Do recuo ao enfrentamento. Ao trabalharmos seus gestos, ela consegue dizer que o que estava no meio do movimento ganhava passagem. Como se houvesse um impulso, um pulso dentro dela. Com o trabalho, pôde-se esperar, dar tempo e forma para que suas ações formassem outras ligações e significados. Com este acompanhamento de si, podemos gerar um conhecimento sobre sua forma de responder à demanda dos outros e finalizar uma função de recuo, que produzia uma experiência de rigidez e paralisia, construindo, a partir de um ato físico, a elaboração de outra forma de posicionar-se, calcada na produção de limites e sustentações de seu próprio pulso.

Essa cena fortaleceu uma aposta clínica que culminou em uma formação profissional em Psicologia Formativa, no Centro de Psicologia Formativa do Brasil – espaço em que permaneço até o presente momento (2014–2018), participando do curso profissional avançado em Psicologia Formativa. Tal aposta refere-se a uma prática baseada no processo evolutivo de uma estrutura corporal que expressa sua história herdada, social e pessoal, sua maneira de estar no mundo e de relacionar-se. Quando trabalhamos formativamente com alguém, lidamos com a lógica daquela estrutura somática, ou seja, com suas regras internas. Cada forma somática tem uma lógica própria e um padrão emocional. Trabalhando com a estrutura somática, por meio de técnicas corporais, a pessoa pode influenciar seus padrões emocionais e cognitivos, gerando novos padrões de resposta e comportamentos diante da vida. O trabalho com a Psicologia Formativa possibilita à pessoa organizar um conjunto de valores pessoais elaborados a partir de sua própria experiência.

Outra cena:

Entre danças e andanças, me encontro em um espetáculo de formatura de uma tradicional escola de artes de Minas Gerais. Era um espetáculo de celebração, o encerramento de um ciclo de formação. O espetáculo era composto por diversas pequenas apresentações de toda ordem: performance, dança, teatro, música. Uma coisa parecia pairar sobre aquele evento, uma imagem que não me largou por muito tempo. Na grande maioria das apresentações, os corpos encerravam a cena caídos no solo. Eram explosões de vigor, velocidade, ritmo, entre as danças e diálogos. Mas ao encerrar a cena, os corpos entregavam-se ao solo. O que pode nos dizer um corpo no chão? Longe de uma interpretação, uma impressão me tomou de assalto. Aquele evento era uma formatura profissional, as cenas estavam encerrando um processo de formação. Estes corpos no chão me chegaram como uma caixa de ressonância, uma imagem que ilustrava os vários espaços de formação por onde andei: corpos exaustos a ponto de sucumbir.

Após caminhar por alguns anos carregando a questão “o que pode um corpo?”, tão recorrente nos estudos da corporalidade, hoje me sinto carregado por outra questão: o que implode um corpo?²³

Algumas mortes também cruzaram o caminho dessa pesquisa, mortes de pessoas próximas, de pessoas que se aproximaram e de pessoas de quem eu poderia me aproximar. Todas elas trazem algo em comum: o peso de um corpo que cai e se atira para a total desorganização.

²³ Inspiração em conversa com Nayara de Salles Neves.

O contato com a primeira notícia deste tipo me custou um Sol inteiro para digerir o acontecido. Apenas após um dia transcorrido consegui chorar e expressar como essa morte se deu em mim. E me chegou como uma virada no projeto. É de saúde também que estamos a falar. É a partir da tônica da saúde que incessantemente os corpos me chamam, empurram, convidam para me juntar aos espaços de formação.

Algo me convoca a querer encarar aquilo que empurra tantos corpos de pontes e janelas. Não sei o que levou essas pessoas ao chão, mas vejo todos os dias corpos sucumbindo em razão do tipo duro de vida, cheio de normas e expectativas, em que vivemos.

Pois, se falo em gestos, é porque eles precisam ganhar da gravidade para existir, é preciso força, impulso, pressão, para criarem formas de expressão. O gesto resiste, enfrenta e se inventa a partir da nossa primeira lei: a lei da gravidade. Penso agora no gesto como gestação. Essa coisa que as mulheres da minha vida e do grupo de pesquisa do qual participo na UFF²⁴ me ensinam a cada encontro. Gestação é coisa lenta e demanda um amor que ainda desconheço.

Essa é uma das viradas do projeto, a morte chega e quem me olha de volta é a vida. Do gesto eu quero poder acompanhar sua gestação e ampliar esse gérmen de vida dentro da Academia.

Agora todas essas palavras.

Mas na hora em que recebi a morte, apenas tristeza.

Uma colaboração para compreender este cenário de quedas e implosões são as ideias de Regina Favre (2011), quando demonstra como os processos de subjetivação contemporâneos encontram-se detidos pela lógica da dispersão, aceleração e terror da exclusão. Corpos atordoados constantemente pelo medo da doença, envelhecimento, isolamento, violência, miséria, desemprego, crise econômica, desamparo. Desse estado contínuo de apavoramento por ameaças de pulverizações, acaba-se gerando perda das conexões e desarranjos nas agregações de si.

No entanto essa mesma política hegemônica de divulgação do terror oferece contornos existenciais vendáveis que prometem forma, organização segura e inclusão. São imagens de fácil assimilação, que suscitam o reflexo da imitação. Tal como também nos apresenta Guattari:

²⁴ Laboratório PesquisarCOM. Grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

O resultado deste trabalho é a produção em série de um indivíduo que será o mais despreparado possível para enfrentar as provas importantes de sua vida. É completamente desarmado que ele enfrentará a realidade, sozinho, sem recursos, emperrado por toda esta moral e este ideal babaca que lhe foi colado e do qual ele é incapaz de se desfazer. Ele foi, de certo modo, fragilizado, vulnerabilizado, ele está prontinho para se agarrar a todas as merdas institucionais organizadas para o acolher: a escola, a hierarquia, o exército, o aprendizado da fidelidade, da submissão, da modéstia, o gosto pelo trabalho, pela família, pela pátria, pelo sindicato, sem falar no resto. (GUATTARI, 1986, p. 14)

Ainda neste incurso, Sennett (1997) apresenta a proliferação de certos artefatos modernos que nos afastam da possibilidade de consciência do corpo e contato com o outro, aumentando a sensação de isolamento e imobilidade. Como exemplos o autor expõe a invenção de cadeiras extremamente confortáveis que afundam, imobilizam e abstraem o corpo das exigências do mundo. As tecnologias em questão unem o passivo ao individual e reduzem nossa partitura sensível e comunitária, operando na lógica da comodidade, velocidade e “segurança”.

Estes modos de produção refletem num empobrecimento de ações e experiências comunicáveis. Tal como aponta Benjamin (1987), perdemos a capacidade de contar histórias, entre as políticas de guerra, crise econômica, moralização e sobreposição da técnica ao homem. O autor nos oferece duas pistas para compor essa paisagem, são elas: a trincheira e o vidro. Um mundo transparente, duro, liso, no qual nada se fixa; sua frieza e sobriedade explicita toda pobreza de experiência e retira todo mistério. Por telas e janelas regularizam-se hábitos e nos entrincheiramos em ambientes onde os gestos devem adaptar-se aos objetos. Neste cenário de medo, imitação e isolamento, os objetos mantralizam: “Não tens nada a fazer aqui” (BENJAMIN, 1987, p. 116).

Um estado de alerta para nos atentar sobre como estamos operando nossas formações universitárias. Com estas cenas e proposições, coloco na mala as pistas para trabalhar o gesto como uma possível ferramenta para operar uma experiência estética capaz de deslizar entre representações e “leituras corporais”, a fim de constituir novas formas de estabelecer-se no mundo.

De malas prontas, me desloco do Espírito Santo para o Rio de Janeiro, com o objetivo de ocupar-me das articulações possíveis entre gestos e produção de conhecimento. Como fio condutor, a pesquisa pretendia desenvolver formas de conhecimento situadas a partir de gestos sutis. Uma proposta para cultivar-se um certo caminho disparador de movimentos sutis, aqueles que se organizam fora dos automatismos habituais, expressados por gestos mínimos que dão passagem a uma nova experiência.

No entanto, a forma como este trajeto se localizaria ainda não estava clara. Estava chegando a um lugar novo, e toda chegada dispara estados de suspensão e reconhecimento. Nessa dança entre o estranhar e o familiarizar-se com os espaços, percebo que as mudanças permitem afirmar escolhas. Viajo para saber se minha escolha ainda estará lá. Se a aposta do projeto pode resistir ao desgaste da estrada, à maresia da Baía de Guanabara, a um novo sotaque que, como um chocalho, parece fazer samba de tudo que fala. O Rio, com uma história de funcionamento portuário de constantes trocas e passagens, era o melhor lugar para saber se o desejo de doutorado já nasceu, amadureceu e tem força para migrar ou ficou preso na barreira verde²⁵.

Não há método para estabelecer-se em um lugar novo, apenas uma longa preparação. Era preciso e precioso o tempo de chegada. Tempo para desfazer as malas e as antigas formas, que funcionavam em um determinado lugar, para receber os sinais do novo território e assim construir outras camadas, que ainda estão em formação.

Uma organização macropolítica configura entre um golpe de Estado, sentenciado por um *impeachment*, e um governo de desmontes, que atingia diretamente toda coisa pública da cidade do Rio de Janeiro – de atrasos de salários à impossibilidade de sustentar uma Universidade estadual. Este cenário também despontava em diversos pontos do Brasil²⁶.

As tramas entre a urbe e o *campus* não estavam na ordem do comum. Lembro-me da primeira marca que me chamou atenção ao pisar na cidade do Rio de Janeiro. Foram os joelhos das pessoas. Percebia joelhos fortes na pisada; havia uma musculatura, que contornava os joelhos de quem andava pela cidade, que eu desconhecia. Os joelhos, em algumas possibilidades de entendimento, dizem da capacidade de adaptação: são a dobradiça que se modifica para adaptar-se ao terreno e ao relevo em que estamos andando. Talvez os joelhos estivessem me dizendo que era preciso desenvolver uma outra musculatura em mim para adaptar-me ao Rio e aos riscos que existem ao circular nesta cidade.

²⁵ No contexto da febre do ouro, a província do Espírito Santo foi proibida de construir qualquer tipo de estrada ou passagem. Esta tática da coroa, de isolar a área, servia como proteção contra invasões e contrabando de ouro. Essa região ficou, então, conhecida como “barreira verde”.

²⁶ No dia 31 de agosto de 2016, após uma série de manobras empresariais e jurídico-políticas, instaura-se um golpe no Brasil. Sob a imputação de crime de responsabilidade, tipificado pela Lei nº1.079, de 1950, mesmo após a comprovação de ausência de dolo, a presidente eleita Dilma Rousseff é deposta do cargo de Presidente da República Federativa do Brasil. Maiores informações disponíveis em: <https://www.lemonde.fr/idees/article/2016/08/26/la-triste-ironie-de-la-chute-de-dilma-rousseff_4988341_3232.html> e <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/31/opinion/1472650538_750062.html>. O Estado do Rio de Janeiro, nesta conjuntura de contradições, após receber dois eventos de porte internacional – uma Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e uma Olimpíada, em 2016 –, deflagra uma série de escândalos de corrupção, falência dos cofres e de todos os setores públicos. Um desmonte do Estado, tendo como marco simbólico o atraso no salário do funcionalismo público e o sucateamento da sua principal Universidade Estadual. Ver mais em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2017/01/31/um-simbolo-da-falencia-do-rio.htm>>.

Nessa caminhada, fui estabelecendo redes que, aos poucos, sedimentavam minha possibilidade de atuação e construção de pesquisas COM os espaços que habitava. Importante trazer as trocas de massoterapia com Maíra França, que se revelaram um espaço para fortalecimento mútuo na elaboração de um cuidado a partir do toque e de como podemos expandir o toque em outros trabalhos. Houve também trabalhos com Elis Teles, nos quais fizemos intervenções com estudantes de graduação em Psicologia, apresentando modos de trabalhar o corpo com presença e dança – esses trabalhos eram recheados de muita conversa sobre apostas epistemológicas situadas em uma psicologia comunitária do cotidiano. Também consegui amparo como o ofertado por Lucila Lima da Silva, para suportar dores e desamores vividos no processo.

Além disso, pude vivenciar cursos livres de dança e encontrei pouso nas aulas da Dani Lima, com enfoque na senso-percepção, na experiência de estados físicos de presença, na gênese do gesto a partir de suportes e estímulos brotados da relação com os diferentes sistemas anatômicos do corpo, com as categorias tempo | espaço | peso, e com os corpos dos outros. Em cada aula trazíamos à tona o corpo em constante estado de construção e produção de vínculo em face dos acontecimentos. Estas aulas transformaram-se em uma parceria de vida e pesquisa.

Nesse tempo, como já exposto, vivi, a meu modo, uma experiência nas ocupações em escolas. Engraçado que, até agora, todas as experiências com as quais me envolvi me arrepiaram. Isso não é um detalhe. O arrepio, para mim, é um grande indicador. Após viver muitos arrepios na vida, em diferentes lutas, circunstâncias e situações, consegui aproximar-me e dialogar com eles. Consigo, então, contar para vocês que todas as memórias de arrepio carregam em sua história a marca da beleza, da alegria, da emoção, da maravilha, de uma vida que arrasta. Uma vida que se esquece de mim como um sujeitinho fechado e rabugento e dilata meu corpo. Daí, meus pelos expandem-se a tal ponto que quase se tornam aquilo que me cerca. É isso. O arrepio em mim é uma arma contra os azedumes e paranoias de plantão. Ele não se rende a críticos severos. Faz-me ser o que nunca fui. Faz-me um ser público. Ou seja, me sinto capaz de sair de um estado de ensimesmamento, podendo me misturar com o fora. Um ser público, no arrepio, seria uma máxima capacidade de partilha, uma forma de dar fisicalidade à experiência de estar junto. Tudo isso foi para dizer que o arrepio em mim não é um detalhe. Arrepiar nas ocupações não foi qualquer coisa.

Ainda não consigo dizer muita coisa, mas as palavras hoje me pediram uma posição. Posicionar-me em relação a esse mundo que me arrepia. As ocupações foram lugares de mistério, onde experimentamos a arte de aglutinar. Alguém dedicava-se a fazer algo (seja uma

aula pública, uma oficina, um debate, uma assembleia). Basta essa ação, de simplesmente dedicar-se a fazer algo e continuar fazendo, que logo aparecem, quase brotam, olhares brilhantes, ouvidos atentos, curiosidades, corpos que chegam com o pescoço levemente inclinado. Esse pescoço ligeiramente inclinado tem me encantado, é como se qualquer assunto pudesse nos tirar do eixo, da cabeça grande, dura e reta. Uma quedinha de pescoço que mostra a delicadeza e a humildade de chegar com mais vontade do que certeza em qualquer assunto. Esta inclinação de pescoço sedimenta uma imagem para a pesquisa, aquela capaz de inclinar-se, desviar trajetórias e sacrificar certezas em nome da possibilidade de construir encontros.

Isso tudo ainda é um mistério. Mas não seria no mistério que encontramos a criação? O que nos junta?

Não sinto que estávamos lá para responder. É preciso conseguir suspender uma vontade de resposta para o desejo recuperar sua plasticidade. Todos esses mistérios, esses arrepios, são apenas convites a chamar-nos para fora. Dentro das escolas, estamos conseguindo ocupar o fora. E assim recuperamos a força do desejo, aprendemos que o desejo é público²⁷, é fora, é o que talvez os arrepios queiram alcançar. Como se os pelos fossem dedinhos esticados querendo tocar os desejos que nos envolvem. Aquilo que circula à flor da pele. Por exemplo, durante a ocupação fomos assistir a uma defesa de tese de doutorado²⁸ do lado de fora do prédio; ela foi concebida e escolhida para ser defendida assim, fora de ambientes instituídos, uma forma de compor com o movimento de ocupação. Mais do que levantar bandeiras, as ocupações estavam conseguindo salvar momentos. Mas os estudantes estavam exaustos, pois ocupar também é experimentar limites.

Experimentamos os limites das instituições e, ao mesmo tempo, os nossos próprios. Após conversas sobre o cotidiano, reuniões entre alunos e troca de experiências durante a programação da ocupação, tentamos engendrar com os estudantes espaços para modulação destes limites. A proposta era inventar um espaço para que não ficássemos rígidos demais, como as paredes das instituições e suas ementas escolares podem tornar-se, para que não ficássemos demasiados machucados com os constantes combates que a convivência impõe, nem colapsássemos com os incessantes golpes que levávamos da macropolítica a cada dia (golpes que se atualizaram em pancadas policiais para muitos que foram protestar em Brasília e nas ruas do Rio nas manifestações contra a PEC 241). Resolvemos, com um grupo de pós-graduandos, ocupar um microclima. Um espaço composto por cangas, travesseiros, incensos e

²⁷ Inspiração prática e política da afirmação de Deleuze e Guattari (2010), segundo a qual todo desejo é produtivo e social.

²⁸ Refiro-me à defesa de tese da pesquisadora Marília Silveira (2016), intitulada “*A formação na Gestão Autônoma da Medicação: Políticas e Práticas de Cuidado em Saúde Mental*”.

peessoas que ofereciam massagem, conversa e acolhimento – e, de abraço em abraço, riso em riso, discussão em discussão, lágrima em lágrima, encontramos formas de nos expandir.

Mas se tem gente falando que isso não dá em nada, se tem gente dizendo que isso só prejudica a educação, se tem gente dizendo que isso é uma falha, faço meu coro com Beckett e digo que sim, estamos exercitando a arte de falhar sempre, de falhar de novo, de falhar melhor. Porque a falha pode ser o desvio daquilo que todo mundo achava certo e, de repente, permite-nos confrontar limites, ocupá-los, sentir o que deles nos interessa, e assim encontrar força para os próximos arrepios.

O tempo de ocupação foi, aos poucos, desarticulando-se e a instituição²⁹ escolar, que antes era como uma bruma, passou a consolidar-se entre os caminhos e prédios da Universidade. Todo dispositivo de poder sempre pode carregar consigo sua possibilidade de retorno (BERNARD, 2016). E o retorno foi implacável. Todo um jogo de desarticulação, mistura e confusão de códigos, passou a entremear as relações. Não só vindas de forças conservadoras que estavam fora da ocupação, como também de dentro do próprio movimento.

Nessa luta, pressões de alguns professores pelo retorno do ensino tradicional, divulgações em veículos de mídia dizendo que não estava ocorrendo um processo educacional, mas uma parada absoluta, ou seja, um atraso no ensino, e disputas internas, foram esvaziando a vitalidade para inventar novas formas de aprender e usar aquele espaço.

Muitas assembleias ocorreram nesse processo e alguns discursos foram ganhando mais força. Eram falas que retornavam à ideia de que a única maneira de produzir conhecimento é com avaliações pedagógicas tradicionais e o cumprimento da grade curricular, como era esperada antes do evento de ocupação. O problema não seria o retorno para a sala de aula ou o retorno do tradicional. O problema era que tais discursos e direcionamento produziam um desmerecimento de todas as marcas colhidas pela ocupação. A potência do encontro foi perdendo força para a violência do cansaço.

Nesse momento, a pesquisa sofre outro deslocamento. Após dias de contato com experiências que transbordavam os espaços de formação institucionalizados, me deparei com violências de Estado, preconceitos, disputas políticas, processos de elitização do ensino, pessoas que não conseguiam voltar para a rotina de casa depois de terem vivido a ocupação, dificuldades de permanência na universidade – desde dificuldades de acesso ao transporte público até relações de ensino produtoras de silenciamento e rebaixamento de modos de vida

²⁹ Por instituição, entendemos um conjunto de organizações lógicas que regulam as atividades humanas, indicam o que é permitido, proibido e indiferente. Podem expressar-se em leis, normas, hábitos, modos de usar e construir um espaço. E para realizar-se, concretamente, as instituições materializam-se em organizações e estabelecimentos, tal como a estruturação da Escola (BAREMBLITT, 2002).

não normativos, como os de pessoas trans. A vida acadêmica mostrou-se como um caldo de complexidade atravessado por todas as tramas que tecem uma vida. Convivi com potências inventivas borbulhando em constante relação com forças reacionárias, a cada dia no *campus*. Uma relação de força que não era antagônica, mas agonística. Uma luta que não se localizava em polos e sujeitos distintos e determinados, mas que circulava entre todos os corpos, posições e atitudes ali presentes.

Viver essas experiências me acendeu a relevância de retomar práticas e pesquisas que considerem a indissociabilidade entre clínica e espaços de formação. Algo que esteve presente em momentos anteriores, desde minha graduação até o mestrado (LIMA, 2014). Pude revisitar aquilo que sempre esteve comigo em minhas atividades profissionais. Tornou-se inevitável um movimento de inclinação³⁰, para ver, ouvir e sentir o circuito de afetos que compunham a universidade. Uma percepção que só se deu quando escolhi permanecer e participar do dia a dia de alguma forma. Apenas permanecendo, colocando o corpo em jogo, podemos ser atravessados pela complexidade de forças que, aos poucos, ganham forma nos ambientes de ensino e que interseccionam toda uma vida em comunidade. Assim, podemos afirmar, como Santos (2010), que todo conhecimento é um autoconhecimento e, como Maturana e Varela (2002), que em nossas bases biológicas é indissociável ser, fazer e conhecer. Munido de tais afirmativas, torna-se inviável uma prática de ensino que não garanta espaços para se cuidar dos modos de vida que pelo *campus* se formam.

Interessante que nas ocupações os corpos circulavam mais. Ocupar não é estagnar. Outra pista para quem quer pesquisar os gestos – ocupar-se dos gestos implica movimento. No bojo da Academia, onde me encontro completamente envolvido, precisei responder a algumas obrigações institucionais. É importante para um pós-graduando bolsista efetivar carga horária na graduação, o que chamamos de estágio de docência. Nesse momento, escolhi acompanhar uma disciplina denominada Epistemologia e História da Psicologia.³¹ Essa escolha não era obrigatória, eu poderia oferecer atividades paralelas, cursos, grupo de estudos,

³⁰ A utilização deste verbo é atravessada por uma articulação etimológica. Clínica tem origem indo-europeia: *KLEI* que denota inclinar, recostar. Essa palavra remete à prática médica da Grécia antiga. Os médicos adotavam uma posição de inclinação à beira do leito para acompanhar as crises que afligiam quem estava deitado. Como figura ética, entendemos que essa postura pode dar pistas para uma prática metodológica e profissional, uma vez que o direcionamento clínico não se encontra nem na posição vertical (impossibilidade de contato com quem está no leito) nem completamente horizontal (posição de prostração, impossibilidade de intervenção). Percebemos, então, que a inclinação pode manifestar uma forma de produção de vínculo, é assumir seja o que for que nos padece, nos afeta, e implica desvio e atenção. Nesse sentido, ao falar de *clínica*, o foco não está em uma relação de passivo (“paciente”) e ativo (profissional de saúde), mas naquilo que gerou uma ação de interesse comum, na força que nos tira do eixo para produzir contato.

³¹ Disciplina obrigatória aplicada ao primeiro período do curso de Psicologia, da Universidade Federal Fluminense (UFF).

mas era dentro da sala de aula que eu gostaria de estar. Misturar-me com essa massa que gravitava os corpos dos alunos em espaços e tempos demarcados, respirar pauta, era uma forma de me sentir mais junto do que estava passando pela graduação, além de ser uma saída para um certo estranhamento que me tocava quando surgia a ideia de fazer grupos extraclasse.

Não me parecia interessante, para alguém que vem de fora, propor grupos de movimento corporal apenas para coletar gestos, sem saber nem viver os interesses de quem se formava naquele cotidiano. Soava-me como uma ideia de um certo laboratório, entendido majoritariamente por sua assepsia e apagamento das multiplicidades de relações com objetivo de comprovação de hipóteses. Não me sentia capaz de oferecer nada, me parecia artificial e descontextualizada qualquer atividade que não fosse o estar junto e dividir momentos.

Entro na sala para o primeiro dia de aula. Chego com antecedência e, esperando a professora Marcia Oliveira Moraes – responsável pela disciplina e supervisora do estágio de docência –, não me apresento. Sento-me no fundo, colado à porta, e encontro uma turma silenciosa, recatada, desconfiada. A maioria havia chegado com mais antecedência que eu e, mudos ou com alguns murmúrios, apenas olhavam para o quadro ainda vazio de presença.

Essa imagem disciplinar fez-me lembrar que, para mim, educação também é processo grupal. Antes de disseminar conteúdos, é preciso provocar grupos. Afinal, o propósito de todo conhecimento encontra-se na sociedade, na existência, na vida. Conhecer, portanto, se dá no processo onde sujeitos convivem com outras dimensões de sua realidade. A prática da educação, às vezes, pode confundir-se com o exercício de conviver; ao conviver, nos transformamos espontaneamente, mudando nossas estruturas e abrindo possibilidades para o conhecimento (MATURANA, 2009). Provocar grupos, então, pode funcionar estrategicamente como um dispositivo³² para a potencialização da convivência, pois ele opera na fronteira das realidades ali presentes e faz as narrativas de vida encontrarem apoio, perturbações e desvios. Deixa de ser apenas pessoas juntas e passa a operar na produção de conexões, pondo em jogo o aprender a estar junto em um espaço de manufatura, que ultrapassa histórias individuais e coletiviza a possibilidade de mundos outros, novas saídas e novos problemas (BARROS, 2007). Problemas que são gestados por interesses comuns.

³² Entende-se dispositivo como máquinas de fazer ver e falar (DELEUZE, 1996). Em outras palavras, é o aparecimento de questões e situações, sejam elas discursivas ou expressivas, por meio de práticas. O dispositivo ao mesmo tempo evidenciava e desestabilizava as forças que circulavam no ambiente e direcionavam nossos modos de conhecer a realidade vigente. Além de fazer ver e falar uma situação ou ocorrência, os dispositivos também são compostos por possibilidades de gerar movimentos, ou até transformações, de formas dadas como naturais. Em suma, podemos lançar mão do dispositivo como a possibilidade de fazer com que um problema ou situação circule de forma coletiva e, dessa forma, pode-se dar visibilidade aos usos que fazemos de nós mesmos frente a realidades institucionais.

Em uma turma tão silenciosa, era preciso criar barulhos, para que estes, aos poucos, formassem histórias; era preciso germinar movimentos, para que estes gestassem direções de mundo. Durante a disciplina, íamos lentamente alimentando possibilidades de outras maneiras para aquilo que se tornaria a experiência de se formar. Dar vazão às histórias daquela turma era a bússola da disciplina, então experimentamos alongamentos, dramatizações de textos, trabalhos colaborativos e diários de sala. Vale destacar que a produção dos diários, propostos pela monitora Mariana Thomaz de Aquino Ribeiro, somados aos trabalhos corporais realizados ao longo da disciplina, foram uma ferramenta importante para possibilitar um espaço de reflexão de percurso. Tais diários puderam trazer apropriação e organização de experiências intensivas.

Ao fim do curso, um chamado. Na última semana da disciplina de Epistemologia e História da Psicologia, um grupo de três estudantes me fez um convite, no corredor, na saída da aula. Uma nova convocatória para uma tomada de posição. Queriam saber da possibilidade de criarmos um grupo extraclasse para cuidar das dificuldades encontradas durante a formação em Psicologia.

Este grupo teve um contato com a tutoria³³ e levantou as dificuldades que a turma vinha enfrentando nos primeiros períodos. A principal demanda dizia respeito a eles não conseguirem lidar com as provas, trabalhos e o volume de leitura do curso. Vale ressaltar que se tratava do primeiro período do curso, ou seja, composto por uma maioria recém-egressa do Ensino Médio, de uma lógica em que notas e sistemas de avaliação ainda tinham muito peso sobre eles – segundo seus relatos, após serem questionados sobre o motivo e a importância de formarmos um grupo de apoio tendo em vista estas questões.

Ainda segundo o grupo, o contato com as vivências corporais na disciplina de Epistemologia e História da Psicologia ressoaram como ferramentas que poderiam ajudar no enfrentamento destas questões. Propus então que, após a última aula, poderíamos conversar melhor sobre a montagem e as possibilidades de ação. Senti que ali teria a chance de formar grupos para poder trabalhar os gestos.

Ao invés das três pessoas que anteriormente me haviam contatado após o fim da aula, todos e todas que estavam na sala permaneceram para pensar juntos como fazê-lo. Ainda ansioso para manter minha proposta original de pesquisa, disse que poderíamos fazer grupos

³³ Projeto desenvolvido entre a coordenação do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e a Pró-Reitoria de Graduação, visando ampliar, democratizar, qualificar e sustentar uma política de permanência dos estudantes de Psicologia na Universidade. Esse projeto conta com tutores da Pós-graduação em Psicologia, selecionados por edital, que apresentam projetos para acolher e orientar os acadêmicos em seus primeiros passos na vida universitária.

para pensar os gestos, mas os gestos me olharam de volta. Não precisavam de mais um pesquisador, de mais um sistema de saber sobre eles.

Precisavam de uma escuta, precisavam de um espaço para contar suas histórias e criar uma outra universidade. Aqueles corpos não queriam só gesticular códigos que se esperam de alunos, queriam gerir uma formação que se interessasse por quem dela se ocupa e que deve ser ocupada; gestos que podem narrar histórias e fabricar impossíveis. Nesse mesmo dia, criamos um grupo de *whatsapp*³⁴ para marcarmos os encontros. Aos poucos, este grupo ganhou um nome produzido com participação de todos que quiseram – “Suavidades: o corpo que fala” – algo cujo porquê é importante explicar.

Dentre as diversas produções com o tema das corporalidades, muito se trabalha com a chamada política das sensibilidades (RANCIÈRE, 2017, 2018), um tema de profunda relevância, haja vista o corpo ser espaço privilegiado de captação dos estímulos e percepções. A etimologia da palavra *sentir* comunga diretamente com as produções de um corpo: do latim *sentire* – ouvir aquilo que passa a percepção de todos os sentidos, aquilo que avança, toma uma direção. Torna-se, portanto, fundamental tornar indissociáveis política e sensibilidade, visto que esta qualidade direciona formulações de mundos. Podemos, assim, afirmar que o corpo (do radical *kwerp* – forma, aparência, aparecer) seria aquilo que surge a partir de um arranjo de sensibilidades. Nesse sentido, o conhecimento do mundo precisa antes tocar-nos, precisamos saber o gosto daquilo que nos envolve – lembrando que *saber*, do latim *sapere*, significa ter inteligência e também sentir o gosto. Sabedoria como uma forma de saborear e degustar a realidade.

Tais palavras trazem o pano de fundo para os desejos que o grupo apresentava. Para o grupo, era importante criar um espaço de acolhida para perceber o corpo, rever as maneiras como nos colocamos no mundo, desfazer automatismos, perceber o corpo como possibilidade de expressão. Ou seja, um trabalho que implica paradas para digerir padrões, conhecer sensações e produzir experiências. Um espaço de acolhimento para as suavidades do corpo (*suavidade*, do latim *suavis* – grato, agradável, que remonta ao radical *swad* – doce). Por isso escolhemos este termo como uma prática que se dispõe a sentir e a degustar, a partir do saber do corpo, sua alquimia de sentidos. Importante ressaltar que todo esse apanhado só tornou-se possível e relevante porque construímos algo em sala de aula, em que parar, nos escutar, nos tocar e aprender como estar juntos davam o tom dos conteúdos e das falas.

³⁴ Aplicativo de conversas e chamadas disponível em *smartphones*.

Foi a partir da convocatória deste grupo de estudantes que se confirmou a problemática desta tese permeando o espaço da formação. Além disso, o encontro com ele consolidou-se em oficinas corporais que serão o material para diversas cenas narradas no decorrer da tese³⁵. Um convite que germinou o desejo em formar um microambiente de cuidado, um movimento que abrisse o tempo e o espaço escolar para que as pessoas possam acessar a universidade respeitando a espessura de suas próprias vidas.

Portanto os espaços de formação convocaram-me para uma atenção aos graus de adoecimento que uma determinada lógica de ensino pode atualizar. As proposições, seja na ocupação ou na sala de aula, em que incluir momentos de atenção às expressões do corpo seriam ações constitutivas de cuidado na produção do conhecimento, mostraram-se interessantes para aqueles que delas participaram. No momento em que o interesse em levar este pensamento adiante tornou-se coletivo, passou a circular por pessoas que partilharam formas de ocupar este espaço comigo, algo precisava ser construído.

A partilha dos encontros e as construções de sentidos partilhados serão narradas em um momento posterior da tese: do capítulo PROVAR em diante. Ao todo foram realizadas 11 oficinas abertas a quem participou de sua concepção (estudantes do segundo período de Psicologia UFF 2017/01), expandindo para pessoas de outros cursos e períodos que chegavam por convites de quem já participava. Além das 11 oficinas, construímos um encontro de finalização em que conversamos sobre o percurso que criamos juntos.

A periodicidade dos encontros era semanal, porém vivemos dois momentos com intervalos maiores do que sete dias. Um devido às férias do final do período letivo 2017/2 e outro por causa da minha mudança do Rio de Janeiro para Belo Horizonte, que se caracterizou por três meses sem encontros presenciais. Após minha mudança foram realizados mais dois encontros: uma oficina corporal e o último encontro de finalização, com intervalo de um mês entre eles. Vale ressaltar que não eram apenas as oficinas que nos mantinham em contato e o grupo de *whatsapp* criado foi uma ferramenta importante para movimentos de conexão e combinados.

Ao final de todas as oficinas abordávamos o tema de como garantir uma participação ativa e colaborativa também nas formas de expressar suas falas e produções durante os encontros. Conversamos sobre o anonimato presente no Termo de Consentimento Livre e

³⁵ Para apresentação das cenas, falas e expressões dos participantes o projeto foi submetido à Plataforma Brasil e obteve sua aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal Fluminense sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número: 82849317.1.0000.5243. (ANEXO II)

Esclarecido (TCLE) (ANEXO II) e até que ponto essa prática não poderia distanciar e nublar um envolvimento tão participativo. O grupo que estava presente nesta conversa manifestou-se dizendo que não via problema em apresentar seus nomes.

Neste sentido, para aqueles que concordaram iremos nomear como escolheram e aos participantes que não participaram desta conversa iremos colocar nomes fictícios. Essa mistura entre realidade e ficção participa na tese como uma aposta também presente em Haraway (2016) e Flusser (2014), quando a ficção força o pensamento a expandir suas realidades, dadas de antemão, as histórias, as curiosidades, os mistérios passam a friccionar uma realidade ao ponto de expandir pensamentos e atitudes frente à multiplicidade da vida.

Seguindo este entendimento, os relatos, diários e ensaios que dizem respeito aos efeitos dos encontros não seguirão uma ordem necessariamente cronológica, nem serão apresentadas todas as oficinas de forma descritiva e sequencial. Optamos por apresentar as oficinas em forma de capítulos com narrativas sensório-afetivas. Momentos em que os movimentos coletivos produziram blocos de sentido. Trata-se de uma política de fazer-ver questões que atravessaram a pesquisa produzindo relações de deslocamentos, ampliação de versões, construção coletiva de sentidos, interesses e tecnologias de cuidado.

Por fim, os acontecimentos narrados neste capítulo, por meio das memórias que ganharam passagem, pretendem abrir espaço para uma forma de abordar os gestos como operadores de encontros. Trata-se de atentar-se às histórias que cada ato pode contar quando encontra formas de partilha e expressão.

ABORDAR

Este capítulo pretende localizar nossa posição em relação ao gesto. Uma escrita que direcionará como iremos abordar o tema das gestualidades para a possibilidade de cultivo do conceito de gesto sutil.

Abordar é um verbo que denota o sentido de se colocar a bordo. Ou seja, tocar ou ir em direção a uma das extremidades da embarcação. Dentre suas derivações, o termo *bordada* refere-se ao ato de navegar, o rumo que toma uma embarcação. Esse verbo também carrega um sentido de tomar de assalto, acometer sobre algo ou alguém. Esta linha de pensamento pode fazer com que a forma de investir sobre um tema (abordar) carregue consigo ações invasivas, ações de apoderamento e desapropriação.

Diferentemente, o que gostaria de propor com este verbo é uma cisão da palavra: tentarmos, então, nos colocar *a-bordar* o tema do gesto. Assim, ao invés de uma prática de usurpação de elementos, gostaríamos de assumir uma postura de costura com os elementos que as gestualidades oferecem. Uma disposição atenta às linhas³⁶ que nos constituem e como os movimentos do corpo tecem-se a partir das sutilezas do gesto.

Portanto iniciaremos desenvolvendo a partir de onde nos orientamos para a escolha de trabalhar o conceito: gestos sutis. Sutil vem do latim *subtilis*, em sua construção de sentido designa o fio mais fino que passa por baixo da costura de uma tela. Podemos assim destacar que, apesar de não estar em evidência, é o traçado que dá base para toda trama, um *quantum* de invisível que engendra tudo aquilo que se faz tecido.

Sutil ainda comunga de uma raiz indo-europeia: *teks* (tecer; fazer), que formou, na língua dos gregos, os radicais para várias atividades de feitura, tais como: construtores, carpinteiros, aqueles que são capazes de construir (artífices). Dessa forma, podemos abstrair da palavra sutil sua potência de composição, um plano de feitura de onde vem a técnica.

Vale lembrar que o radical *teks* foi designado por Aristóteles (1973) como uma virtude de conhecimento, esse que advém da experiência. Trata-se do refinamento de uma experiência até que essa ganhe consistência, êxito de execução e capacidade de transmissão. Em outras palavras, quando uma experiência é consolidada e encontra formas de ser partilhada, a técnica efetiva-se enquanto forma de retransmissão de conexões e movimentos funcionais.

Temos aí algo importante para a formulação de gestos sutis nesta pesquisa, a relevância de sua transmissibilidade, a possibilidade de se narrar uma experiência, um tipo de

³⁶ Conceito desenvolvido no decorrer da obra *Mil Platôs* como centrais na construção de uma realidade (DELEUZE; GUATARRI, 1995; 1996; 1997).

conhecimento sempre localizado³⁷ que emerge a partir das marcas do corpo: um saber encarnado que corporaliza histórias únicas e que não podem reduzir-se a únicas histórias³⁸. As únicas histórias criam estereótipos e são incompletas. É importante falar de outras histórias, singulares: histórias únicas. Ou seja, atentar para os movimentos sutis nos convoca ao acompanhamento de um saber-fazer que se opera no quase imperceptível, na construção de materialidades afetivas, um plano sempre em vias de ser, entre os fios que tramam as experiências e transmitem modos de vida a partir das formas de expressão de um corpo. Ao pensar os gestos sutis, então, passamos a desenvolver um conceito de anatomia a partir das suas processualidade e multiplicidade das formas que a vida produz.

As “partes anatômicas” não se reduziram em pedaços observados por olhares que nada têm a oferecer além de distância e categorização. Passamos a entender anatomia como um evento complexo em que diversas camadas de existência formam-se e interagem entre si. O corpo, então, seria uma cadeia de eventos e fatos vivos, em uma rede organizada, um organismo em contínua autoconstrução.

Uma anatomia dos encontros acontece à medida que nossas formas dialogam com as formas que nos cercam. Este diálogo carrega consigo histórias desde a origem das espécies aos eventos cotidianos de nossas vidas. A depender de suas intensidades e durações, tais encontros influenciam diretamente na consolidação de estratos, texturas, fluxos, mais formas ou menos forma em nossa constituição corporal. Percebemos que tais processos de organização fazem emergir formas emocionais. Uma geometria viva da consciência somática.

“O processo anatômico constitui uma sabedoria profunda e poderosa, que nos dá origem a imagens internas e sentimentos... Os sentimentos são a cola que nos mantém inteiros e se baseiam na anatomia...” (KELEMAN, 1992a, p. 12).

Os sentimentos têm uma arquitetura somática que se compõem e articulam a partir das relações entre nossas histórias enquanto espécie, sociedade e sujeito. Tais relações constituem forças que podem inibir ou facilitar a conformação de uma vida.

Nesta pesquisa, buscamos desenvolver uma articulação com o corpo, aproximando-nos da ideia de uma anatomia dos encontros. Nossos esforços se concentrarão, então, em

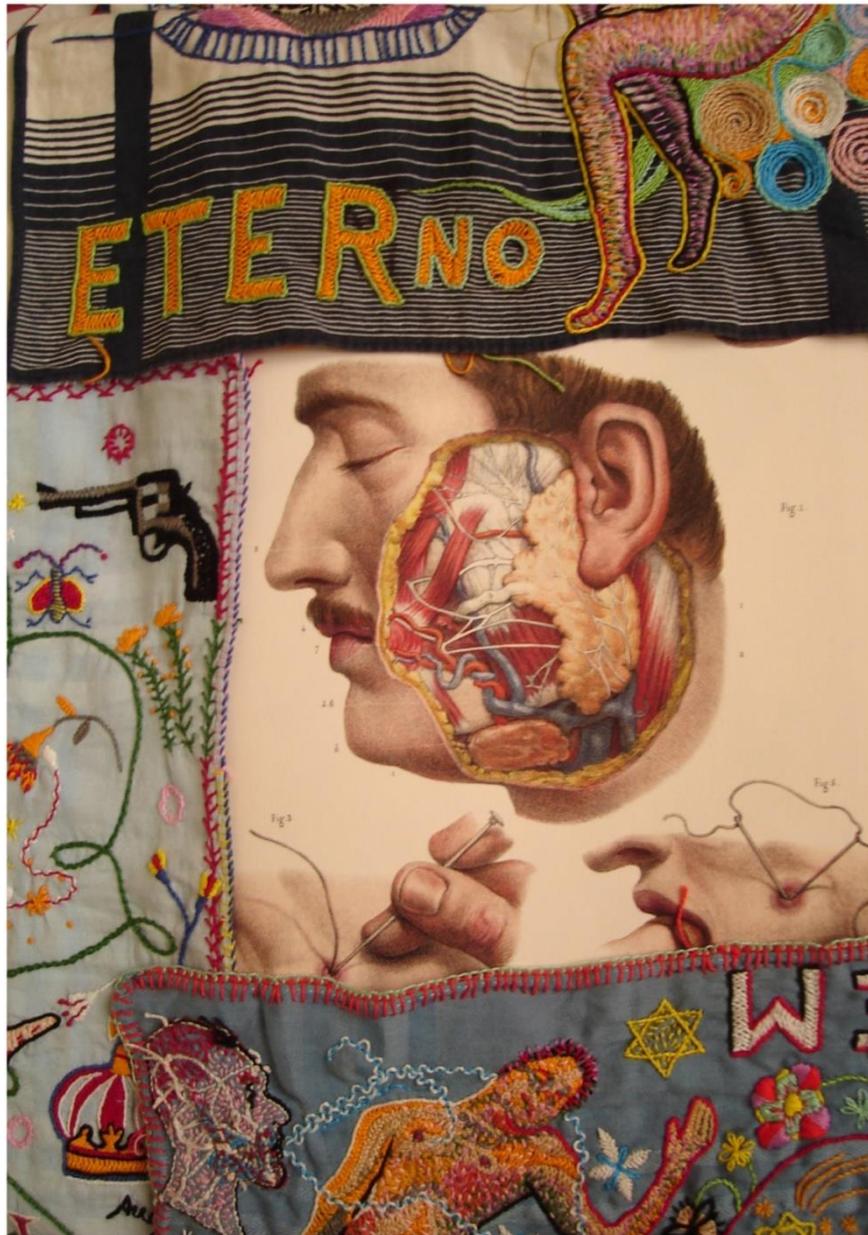
³⁷ Em relação a objetividade e um conhecimento encarnado sugerimos a leitura do artigo de Donna Haraway “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial” (1995), publicado originalmente, em 1988, sob o título “The science question in feminism” na revista *Feminist Studies*.

³⁸ Termo cunhado por Josselem Conti que afirma uma mudança de posição do adjetivo e disso retira uma consequência. O adjetivo quando precede as histórias passa ideias de preconceções e generalismos que imobilizam as diferenças na história. Quando o adjetivo muda de posição afirma-se a singularidade de cada história. Essa posição inspirou as aulas de Epistemologia e História da Psicologia e foi disparada pelo vídeo *Os perigos de uma única história*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>>. Acesso em: 12 out. 2017.

cultivar a noção de uma *tecnotomia*³⁹, ou seja, um neologismo que visa operar, a partir dos radicais das palavras *teks* e *tome*, a qualidade de se tecer, fabricar (*teks*), a partir dos cortes (*tome*). Entendemos esta operação neológica como uma postura a partir de um movimento de conexão com a realidade, performando-a como um plano composto por infinitos elementos, sempre parciais e provisórios. Portanto não se trata de separar e dissecar o mundo com diretrizes epistemológicas que usam sua própria navalha para amputá-lo, mas de afirmar as parcialidades que já nos constituem e exercitar uma arte do ser-fazer-partilhar, um gesto mais de composição do que de corte.

Pensando em oferecer outra camada sensível para fortalecer a proposta da *tecnotomia*, essa imagem de composição entre fragmentos, iremos apresentar algumas imagens do trabalho artístico de Eugênio Paccelli Horta presentes no catálogo denominado “TOMOS”. Trata-se de um trabalho que transita entre a ilustração científica e o desenho artístico. Nos trabalhos o autor se utiliza de ilustrações de livros de anatomia médica para fabricar novos caminhos e traçados com seu gesto de bordar. Dessa forma, podemos tornar visível a possibilidade de costura entre corpos que se modulam entre o dilaceramento dos cortes e as linhas do bordado. O ato de seccionar partes e individualizá-las em categorias anatômicas quando encontra com as linhas do bordado ganha novos registros e estórias. O gesto de bordar, neste trabalho, tece novas versões entre panos, linhas, livros e fragmentos.

³⁹ Neologismo inventado para direcionar algumas ações da pesquisa.



Fonte: Catálogo TOMOS (Eugênio Pacceli & Wanda Tofani)

Descrição da imagem: Fotografia de trabalho artístico de técnica mista, com bordado e imagem impressa. Três pedaços de tecido emolduram a reprodução. Na parte superior está bordada a palavra “Eterno”, ao lado de um par de pernas e formas circulares. Abaixo, do lado esquerdo, um retângulo de tecido claro traz bordados um revólver, flores e uma coroa. Na parte inferior, outro pedaço de tecido mais escuro tem duas pessoas bordadas, flores e uma Estrela de Davi. Da boca da primeira pessoa saem duas correntes que enlaçam a segunda pessoa, que está em posição deitada ou como se estivesse caindo. Ao centro, a reprodução impressa traz o desenho anatômico de um rosto de perfil, com um corte mostrando a sua estrutura interna. Há linhas em diferentes cores representando os músculos, veias e nervos. Abaixo há outras duas figuras indicando o processo de uma sutura na bochecha. [Fim da descrição]

Figura 10 – Paccelli. 2009. Compressiones Arteriarium Capitis et Colli. (tome 6. Planche 18)



Fonte: Catálogo TOMOS (Eugênio Pacceli & Wanda Tofani)

Descrição da imagem: Fotografia de trabalho artístico de técnica mista, com bordado e imagem impressa. A fotografia mostra um tecido azul bordado com muitas linhas de muitas cores, formando um emaranhado colorido. O tecido está dobrado e apenas algumas figuras são reconhecíveis, como algumas flores. Na parte de cima, do lado direito, o tecido tem uma abertura entre a qual está a imagem impressa, mostrando um desenho de um rosto com um aparato vermelho com cintas preso na cabeça. Os olhos da figura apontam para a direita e levemente para cima. [Fim da descrição]

Figura 11 – Paccelli. 2009 Anatomia Topographica et Chirurgica Regionalis Axillares et Colli.



Fonte: Catálogo TOMOS (Eugênio Pacceli & Wanda Tofani)

Descrição da imagem: Fotografia de trabalho artístico de técnica mista, com bordado e imagem impressa. O fundo é uma reprodução que mostra um desenho de um rosto voltado para cima, com um corte que começa no queixo e embaixo da orelha e desce até o peito, mostrando a estrutura anatômica interna. Há linhas em diferentes cores representando os músculos, veias e nervos. Por cima da reprodução há um tecido colocado diagonalmente. Ele tem dobras e traz na ponta um rosto bordado, soltando pela boca linhas azuis. Essas linhas encontram outra figura de linhas muito emaranhadas, que aparenta ser um outro corpo. No canto inferior esquerdo há muitas outras linhas coloridas. [Fim da descrição]

A afirmação de tais parcialidades e suas composições possíveis, também encontra força e ressonância com o projeto ético de Donna Haraway. Uma ética, pois, interessa-se pelos modos de existência envolvidos, para além de padronizações e valores transcendentais (ARENDR; MORAES, 2016). Quando nos implicamos pelas parcialidades, é por entender as possibilidades de aberturas inesperadas que o conhecimento encarnado e situado oferece (HARAWAY, 1995).

Interessam-nos, então, a visão parcial e a voz limitada do pesquisador que, ao posicionar tais aspectos, permite a junção de outras visões parciais e por consequência a multiplicação de visões, versões e modos de vida que os encontros, perturbações e atritos podem causar. Esta seria uma forma segundo Haraway (1995) de operar uma ciência capaz de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes e diferenciadas em termos de poder.

Desse modo, podemos encontrar a perspectiva daqueles pontos de vista que nunca podem ser conhecidos de antemão. E, a partir de uma construção coletiva e encarnada, podemos nos responsabilizar pelos fragmentos de expressões que aprendemos a ver.

A construção deste saber-fazer que advém da experiência e desloca a política de pesquisa para um espaço interessado em admitir que as expressões do corpo e as formas de pesquisar disparam um estar no mundo, isto é, a constituição de um conhecimento sutil que se implica em planos éticos e estéticos⁴⁰.

Chegamos à palavra gesto, e também nesta palavra vale uma parada. Um momento para desembainhar sentidos e retirar consequências. Gesto vem do verbo em latim *gerere* (levar a cabo, administrar) e contém raiz indo-europeia *gas* (andar, fazer andar, conduzir). Neste sentido, ao mencionarmos gesto não o tratamos apenas como um movimento direcionado, mas dos processos acionados para que tal movimento ocorra. Um campo mais de implicação do que de puro deslocamento.

Gesto é a gestão de um deslocamento, ou seja, um gesto faz algo acontecer, faz algo se articular. Assim, coloca-se em evidência seu plano relacional, produtor de sentido, a partir de vínculos e contextos possíveis. Carrega consigo direções, encaminhamentos, escolhas sobre o que expressar e o que conter. Definimos, então, o gesto como uma ação provisória, capaz de dar forma, transmitir histórias e afetações que atravessam um corpo. Gesto é todo movimento que arrasta consigo mundos e histórias, porém “só existe história onde há um preço a pagar” (CERTEAU, 1994, p. 196).

⁴⁰ Para reverberações éticas e estéticas de conhecimentos encarnados, sugerimos as instalações de Grada Kilomba, disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w>>. Acesso em: 12 out. 2017.

O preço é aquilo que nos liga a ela. Participar de uma história demanda implicação. É preciso estar atento às conexões estabelecidas, que localizam nossas qualidades de presenças e ausências em cada relação. Por isso o gesto tem a função de suportar e responsabilizar-se por aquilo que move. Um estado de sustentação das tensões. Ou seja, não é a pura execução de um deslocamento, nem o deslocamento em si mesmo, mas a exibição de quais meios envolvem um deslocamento. A comunicação da própria capacidade de se comunicar (AGAMBEN, 2008).

O desafio no campo da formação começa a se esboçar quando percebemos a importância em criar campos de ensino que garantam a participação de corpos que podem contar histórias para além de ementas. Dedicamo-nos, então, em como partilhar essas histórias e garanti-las como formas legítimas de conhecimento. Gostaríamos de, em grupo, fazer ver quais interesses estão *a-bordar* os gestos durante o percurso de formação.

Gestos: alguns intercessores

Neste momento do texto, pretendemos seguir com o desenvolvimento do percurso que oriente o conceito de gesto sutil a ser manejado no decorrer da tese, objetivando a emergência de sua potência estética para além de representações e interpretações categorizantes. Entendemos que os estudos das gestualidades permitem ativar concepções de corporalidades diferentes das que até agora foram citadas.

Para tanto, faremos uso dos trabalhos de Marcel Jousse e comentadores, acreditando que este autor é reconhecido como instituidor do que se considera hoje como uma ciência dos sistemas gestuais (CERTEAU, 2011). Ainda tecendo cruzamentos entre a filosofia e arte, apresentaremos apontamentos da obra de Flusser (2014), Gil (2001) e Agamben (2008) em consonância com estudos da dança e análise do movimento. Pretendemos, assim, depurar os conceitos apresentados por Godard (1999), com a proposta de escarafunchar nestes trabalhos a proliferação do conceito de gesto sutil.

Dentro do campo de produção de conhecimento relativo ao gesto, convocamos Marcel Jousse (1886-1961). No decorrer de sua obra, o autor localiza sua bússola na experiência corporal como ponto de partida para a reflexão do ser humano. O pensamento, para o autor, é corporificado. Ou seja, uma instância que se dá ao mesmo tempo em que o corpo como um todo experimenta o mundo e nele se elabora.

Existir está, antes de tudo, localizado na experiência, nas trocas, encontros, conexões e cortes que se estabelecem enquanto vivemos. Um jogo sempre relacional que cria repetições e surpresas que dão condições para a percepção de um si formando-se com o mundo. Uma subjetividade encarnada que se estabelece pelas condições de um corpo que se abre e responde ao seu redor. “O corpo torna-se ponto de partida de se ser.” (ANDRADE, 2017, p. 129).

Esta proposição demandou do autor uma reconfiguração do conceito de corpo, pois, a partir do século XII, vive-se uma hegemonia epistemológica da separação que destitui vida e movimento do corpo. A dissecação, a observação controlada, o isolamento das variáveis, o entendimento de uma natureza física que pudesse ser fragmentada permitem que a ideia de corpo seja designada como cadáver. Assim, o autor afirma que seria preciso outra palavra para dizer do ser vivo, “homem vivente”, e nos apresenta o conceito de *Antropo* ou composto humano⁴¹.

Nesse movimento, Jousse aponta os limites da perspectiva de uma ciência que trabalha pela atomização e divisão das coisas. Trata-se de reivindicar um novo vocabulário para o corpo, localizando-o em sua indissociabilidade da vida vivida. “Diante do velho vocabulário expressando a morte, quer dizer a alma e o corpo, nós vamos ter um vocabulário novo manipulando a vida, quer dizer expressando o composto humano” (JOUSSE, 2011, p. 43)⁴².

A antropologia de Jousse é fundamentalmente dinâmica e dialógica entre disciplinas. Ele se utilizava de avanços científicos da psiquiatria, medicina, fonética e dialetologia (CERCLET, 2014). Todas as disciplinas não serviam para particionar, mas entender que o sujeito não pode ser visto fora de seu contexto. Jousse baliza sua teoria a partir da difusão de energia de acordo com uma lógica vibratória, uma mecânica de onda, uma dinâmica interacional.

Em 1913, conquista sua *Licence de Lettres Classiques*, na Faculdade de Letras da Universidade de Caen, com a análise da expressão de Delfos: conhece-te a ti mesmo. Esta informação nos oferece uma pista em relação ao tema central de suas investigações: a tomada de consciência, por parte do homem, acerca de seu funcionamento.

Nessa cosmovisão que demarca a antropologia jousiana, entendemos e formamo-nos com a realidade, num devir de infinitas ações, interações, registros e respostas com energias

⁴¹ Haraway (2016) também se conecta com a imagem da compostagem, trazendo o humano para uma condição de *humos*: embaixo da terra é o lugar das relações de decomposições, lugar de transformações ininterruptas. Uma forma de contrapor a posição de Homem Deus e suas relações transcendentais.

⁴² Tradução nossa

concretas. Nosso conhecimento se daria pela capacidade de abertura ao mundo. Somos sensíveis a determinados ritmos, vibrações e movimentos das coisas, que de formas específicas são incorporados por nossos órgãos receptores.

Essa potência de abertura o autor denomina *Intussuspection* (*intus*: dentro, *susceptum*: ação de receber). Uma qualidade constante, e não necessariamente consciente, que implica uma atitude de disponibilidade para o mundo. Tal proposição orienta-nos a perceber um corpo vivo que se efetua a partir das incessantes interações com seu meio, organizando uma fisiologia dinâmica e relacional.

Em composição com a capacidade de se afetar, incorporar e responder ao entorno, Jousse apresenta conceitos fundantes para sua obra, são eles: *mimese*, *jeu* e *rejeu*. O *jeu* nos diz de nossa capacidade de oscilação e assimilação. A recepção dos afetos irradia por todo nosso corpo e ativa uma impressão do mundo. O *jeu* localiza-se, então, neste balanço entre interno e externo. É a forma como imprimimos os estímulos vividos com todo nosso corpo àquilo que nos infligiu. Este jogo co-incide com um processo de mimetismo, uma tendência a repetir os movimentos que estão sendo jogados.

O composto humano, como um ser de sensações que se impressiona com o real circundante, a princípio recebe e tende a vibrar na mesma frequência – uma ressonância com aquilo que nos envolve, uma espécie de correspondência. Podemos visualizar esta manifestação em bebês que, em suas primeiras interações conscientes, apresentam gestos físicos que “imitam” gestos e expressões daqueles que os acompanham. Assim como o sorriso de “Manuela”⁴³, uma bebê de 6 meses que conheci no ano novo de 2017: ao receber sorrisos das “tias” e “tios”, seu corpo chacoalhava como uma onda e fazia tudo sorrir. Uma vibração que estica a boca e sacode as mãos e pés.

“Manuela” mostra-nos como o corpo inteiro se envolve nas interações: ela sorri com os pés também. Chegando aos 8 meses, junto com os primeiros balbucios e o início do engatinhar, “Manuela” apresenta uma novidade: passa a repetir os gestos tão recorrentes de seus “tios” e “tias” que esticavam os braços abrindo e fechando as mãos chamando-a para o colo. Agora, sempre que “Manuela” se encaixa sentada, ela estica seu braço abrindo e fechando a mão neste gesto que tanto se repetiu ao seu redor.

A partir de nosso sistema sensorio-motor, somos capazes de reproduzir o que nos toca. A mimese reflete a grande força de ligação entre nós, entre os seres e os encontros que compõem nossos corpos. Esse conceito exhibe a impossibilidade de isolamento e divisão de

⁴³ Nome fictício.

partes, uma vez que são as partes, as parcialidades que nos tocam, que também nos constituem.

No entanto, a imitação não se encerra no campo da representação. À medida que algo nos afeta recorrentemente, isto pode ser contido e assimilado mesmo sem a presença física. Ou seja, pela lógica da impressão e repetição nos tornamos capazes de produzir uma consciência capaz de conter o momento, memorizá-lo. Podemos, assim, compor, decompor, recompor ações e gestos com o que já foi jogado anteriormente, e esse movimento pode produzir ações, direções e significações singulares (CERCLET, 2014). Nossa elaboração de consciência advém de uma apropriação das mimeses em um *rejeu* consciente e significativo, de modo que o conhecimento faz parte de uma mecânica gestual física e concreta.

No processo, o meio é intussusceptado e inscrito em nosso mecanismo vivo, gerando registros gestuais. Pode-se tomar, então, a memória como uma memória de gestos, uma memória motora do que foi vivido e encarnado para além de "ideias" como abstração ou instâncias metafísicas (TROËL, 2015). Não há inteligência ou conhecimento sem essa gestualização, que é de todo o corpo. Desse modo, nós só conhecemos as coisas à medida que elas são jogadas e se gestualizam em nós (JOUSSE, 1974).

O pensamento faz parte de uma rede mnêmica de movimentos e gestos experimentados e apropriados pelo corpo. O movimento do corpo fomenta trilhas neuronais, deslocamentos cognitivos e, especialmente, o compromisso de todo o corpo nesta operação de composição do pensar. Toda manifestação de sentidos e pensamentos vem daquilo que se imprime em nós a partir de nossas experiências com o mundo. Ou seja, as mimeses incorporadas por nós constituem a qualidade e a amplitude de nosso conhecimento do mundo e de nossas experiências pessoais com o real (BOURDIN, 2016).

Fora de nós só sabemos o que se *rejeu* e que podemos expressar. Essa afirmação demonstra a importância da proliferação de espaços na formação que possibilitem a ampliação de regimes de sensibilidade, a degustação e o compartilhamento destes sentidos. Segundo Andrade (2017), a tradução literal para *jeu* e *rejeu* seria “jogo e rejogo”, no entanto, a segunda palavra não existe na língua portuguesa, nem como substantivo na língua francesa.

O verbo *rejouer* na língua francesa refere-se a voltar a jogar depois de ter parado. Esta significação nos parece muito relevante pois inclui um tempo de parada ao jogo. Um tempo de interrupção para o que temos de ritmo singular se manifeste. Podemos entender a parada como uma espécie de alargamento da experiência, para que ela possa ser metabolizada; um tempo de composição entre os elementos que nos tocam e como podemos produzir escolhas e direções com estes elementos.

O *rejeu* é um conceito que possibilita, então, uma reflexão. Denota uma inventividade estética para o gesto, pois não automatiza o processo de troca em reatividades, não trata o *jeu* e *rejeu* como simples transferência de mecânica de energia, mas inclui um hiato, um plano de silêncio, um ritmo particular de espera que poderá assemelhar-se ou redefinir o objeto.

Temos, portanto, um corpo sensível; essa sensibilidade, no sentido latino de *sensos*, é a faculdade que se refere à recepção das coisas (intussuscepção) e deriva de um funcionamento do nosso organismo. Munidos dessa sensibilidade, somos capazes de imprimir (pressão dentro) e jogar com as interações. Estas passam por nossa estrutura sensório-motora e são replicadas (mimese), armazenadas e traduzidas em expressão (pressão fora), *rejeue*. Ou seja, não apenas percebemos as sensações, mas somos capazes de dar sentido e direções àquilo que nos toca. Este funcionamento gera um complexo plano de manifestações, que irá balizar as leis que serviram de base para a compreensão do ser segundo Jousse.

Dos gestos às leis antropológicas, Jousse formula o *globalismo*, que nos diz sobre a complexidade dos processos. Acompanhando a crise do paradigma moderno (SANTOS, 2010), o autor coloca em questão análises lineares e mensuráveis por cálculos duros e afastados dos fenômenos da vida, e que privilegiavam as separações e os isolamentos de variáveis. Em consonância com este sistema, o autor nos convida a perceber todo o corpo, pensamentos e emoções, fazendo parte da cena como uma unidade indissociável. Em cada movimento, está em jogo todo o organismo com seu entorno biológico, físico e antropológico. “É como um todo que todo o ser se entrega ao todo” (BOURDIN, 2016, p. 75)⁴⁴.

Outra proposta é a lei do mimetismo interacional, como já abordado, que seria a manifestação das interações estabelecidas entre ser vivente e o mundo. Nossa capacidade de capturar o mundo cósmico, armazenar e, possivelmente, replicar, originando significações e sentidos para os gestos antropológicos. Essa atitude consciente é a realização do *mimaje*. O jogo com o exterior desconhecido, uma vez nos afetando, se insere em nós e, após ter se estabilizado, força-nos a expressá-lo. O jogo é o que recebemos e o que nos modela. (BOURDIN, 2016)

Outra lei seria a do ritmismo. Estamos submetidos a uma multiplicidade de ritmos que nos constituem e atravessam. Toda nossa fisiologia se organiza por variações vibratórias, muitas delas de natureza involuntária. Jousse também percebeu que, assim como as variações fisiológicas (respiração, batimentos cardíacos, bombas intracelulares), pode-se perceber variações típicas nas expressões e vocalizações de várias culturas. As vibrações fisiológicas

⁴⁴ Tradução nossa.

engendram-se nas organizações culturais e performam-se em gesticulações de toda ordem: artísticas, visuais e sonoras. Ou seja, é possível observar variações sutis das expressividades corporais em diferentes épocas e culturas. Seja executando um mesmo movimento de *ballet* em épocas diferentes (GODARD, 1999) ou observando o cumprimento de funções cotidianas por culturas diferentes (MAUSS, 2003), a aprendizagem sobre os gestos e as técnicas do corpo variam de acordo com os ritmos de cada organização social.

O ritmo também tem uma função estética vinculada ao prazer, gerando sensações de bem-estar ao confluir suas ondulações com as pulsações orgânicas dos nossos tecidos neuromusculares (BOURDIN, 2016). Assim, podemos dizer que somos seres sensíveis e sensuais, capazes de nos unir, direcionar e manifestar com prazer, a partir de pulsos que compõem com nossas vidas.

O ritmo recebe, inclusive, atenção por parte dos psicólogos e psiquiatras, que acusam doenças por meio das falhas e anormalidade rítmicas nas ações motoras e orais de alguns sujeitos (AGAMBEN, 2008). No entanto, Jousse se dedica às manifestações culturais como fonte de inspiração para o ritmismo. Para ele, o ritmo nas manifestações culturais organiza os conteúdos de uma memória étnica e tradicional (mantra, tambor de crioula, capoeira). O gesto, nesse sentido, encontra-se imerso em informações e significações que trazem em si a possibilidade de transmitir sentido para alguém – mais uma vez destacando a corporificação das informações e o contágio como constitutivos de nossa subjetividade.

Outra categoria que faz parte das leis antropológicas e se aproxima do ritmismo é o bilateralismo. Constatando a própria estrutura simétrica e bilateral do corpo (dois olhos, dois ouvidos...), o autor entende que tal organização ativaria uma constante oscilação nos padrões de movimento. Por meio deste balanço, conquistaríamos a manifestação rítmica do espaço/tempo, distribuídos em direita-esquerda, acima-abaxo e frente-trás. O bilateralismo desenvolveria uma constante em que toda percepção, memória e qualquer outra atividade expressiva se organiza de forma rítmica e alternada.

Proporciona o fluxo de energia, a recepção e a integração de uma lógica que pode ser conservada e repassada, ou seja, o ritmo preserva e transmite modos de expressão funcionando como uma estratégia pedagógica, que permite transmitir e fixar na memória as gestualidades humanas. De modo que as informações culturais dotadas de qualidades presentes no corpo e corporificadas no gesto, quando consolidadas em fixação de ritmo e conteúdo, podem tomar formas estereotipadas capazes de traduções e interpretações em determinados contextos (ANDRADE, 2017).

Essa afirmação se aproxima de outra lei denominada formulismo. O humano, neste constante fluir de energias, não seria capaz de viver em perpétua espontaneidade criativa – tal ficção impossibilitaria, inclusive, a ordenação da linguagem. Nesse sentido, o formulismo seria a tendência a certa estabilização de ritmos, a lei do estereótipo, do padrão. Um movimento que, ao ser repetido, organiza a intussuscepção e o *rejeu* em automatismos, originando atalhos cognitivos e estabelecendo nossos estilos e manifestações ordinárias. Os gestos parecem seguir, portanto, em direção à estereotipia, o que facilita a firmeza de aprendizados, a conformação dos pensamentos com formas memorizáveis, a sedimentação das leis da gramática e das palavras e a expressão comum e cotidiana.

No entanto o formulismo não seria apenas uma tendência, mas também um risco. Afinal, inclusive nas tradições, não se percebe uma simples repetição, mas uma fidelidade com o inventivo (TROËL, 2015). As novas tradições são feitas com o velho, mas, acima de tudo, com recordações da "memória do coração" de alguém que coleciona antigas tradições e as reproduz de maneiras únicas e coerentes com seu entorno. A paralisia das manifestações criativas, o congelamento dos fluxos de interações, em nome de padrões e repetições mecânicas, deflagra uma possibilidade adoecedora. Pode-se dizer que esta é, no final, uma luta da vida com a morte. É a luta da vida, isto é, do que se mantém em fluxo e movimento, com aquilo que parece morto, isto é, o mesmo – repetição sem sentido e esquecimento. (TROËL, 2015).

Segundo o autor, à medida que os gestos vão sendo significados pela cultura, tendemos a uma acomodação passiva no regime das palavras e gestualidades vazias. Por exemplo, sinais ritualísticos como o sinal da cruz ou rezar o terço. Formas de expressão que, ao automatizarem-se, perdem a produção de sentido, pois tendem a ser significados e sacralizados por institucionalizações – “Nando continuava indo ao ossuário todos os dias, mas em vez de meditar, rezava, o que era mais fácil. Repetir palavras de adoração é mais simples do que adorar” (CALLADO, 1984, p. 21). Trata-se de uma armadilha do conforto que superficializa as relações. Tal movimento tende a afastar-nos da investigação de nós mesmos e de como os sentidos das palavras e suas manifestações corporificam-se.

Este fenômeno o autor denomina *algebrose*, uma forma de expressar o cosmos com moedas e letras. Quando a *algebrose* se instala, percebemos uma morte da possibilidade de experimentação de si provocada por repetições não refinadas, desprovidas de pensamento crítico, um gesto esvaziado de uma significação vibrante e coerente conosco. Assim se constitui uma degradação do gesto, que passa a dizer qualquer coisa, pois nos afasta do contato com o real. E, por fim, configura a hegemonia do palavreado verbal e escrito, o que

atinge diretamente os sistemas de ensino que colocam os livros à frente das experiências, produzindo uma paralisia da originalidade e observação humana.

Pode-se perceber que o ponto de convergência entre as leis apresentadas e o que manifesta o *antropos*, em sua condição de vivo, é o gesto. O autor entende o gesto como todo movimento antropológico, pequeno ou grande, microscópico ou macroscópico, total ou parcial, completo ou em formação. Uma vez aberto ao cosmos, toda alteração de ordem muscular, química, elétrica, hormonal é gesto. Em outras palavras, o gesto seria nosso metabolismo do mundo, a forma como ligamos, significamos e transformamos a nós e ao mundo. Uma palavra viva que se liga ao real e se executa em um composto humano. Nas palavras de Jousse (1974, p. 39), “do mundo físico temos movimentos que podemos, por comodidade, chamar ações. No mundo da vida temos os gestos”⁴⁵. Os gestos são cultivados com interações das quais não podemos nos esquivar, pois coincidem com o ato de viver e nos impulsionam a manifestar.

Portanto o gesto pode ser compreendido como uma ferramenta fundamental para nossa compreensão do mundo. Afinal, manifesta a via máxima de interação e formatação de nossa maneira de agir e compreender. Seríamos, segundo o autor, um “complexo de gestos”; à medida que nos debruçamos no gesto como ferramenta capaz de operar e modificar nossa consciência, poderemos fazer uso dos gestos que se elaboram instintivamente em cada um de nós e afinar o pensamento conforme tomamos mais consciência de suas direções e intenções (JOUSSE, 1974).

O gesto como operador de encontros passa a ser uma atividade incessantemente aberta a intervenções, repetições e composições com o real. Uma vez implicados nas esferas gestuais, podemos romper ciclos de automatismos e produzir movimentos de autonomia⁴⁶. Nos movimentos relatados durante a tese, acreditamos que os gestos podem ativar relações analisadoras no que diz respeito à instituição de ensino; podem atualizar como o corpo se abre e recebe as demandas institucionais.

Nossa autonomia está em reconhecer os formulismos, tomar consciência deles para ampliar as extensões de seu uso na perspectiva de poder sempre estar atentos às experiências encarnadas, suas linhas de uso e como podemos produzir novas e nossas próprias significações (ANDRADE, 2017). Dessa forma, o pensamento jousiano nos apresenta pistas para uma outra formulação em relação às epistemologias do corpo. O corpo, aqui, ganha uma qualidade sinestésica, singular, que demanda outra forma de abordá-lo.

⁴⁵ Tradução nossa.

⁴⁶ Capacidade de receber, acompanhar, compreender e modular os tempos e movimentos do corpo.

Abre-se a possibilidade de uma ruptura epistemológica que não parte mais da correspondência entre traços e características análogas, como a fisiognomonia⁴⁷, nem da permanência de leis anatômicas, mas da radicalidade da experiência viva, o que implica uma forma de abordar o corpo sempre em relação, em atenção àquilo que nos passa, nos atravessa (BONDÍA, 2002). Uma forma de conhecimento que inclui uma dimensão ética, na qual o objeto tem um papel ativo e participativo na produção do conhecimento, pois o gesto não suporta aqui codificações exteriores, apenas o gesto pode dizer dele mesmo.

Neste sentido, podemos redimensionar a dimensão do corpo com a ciência. Segundo Latour (2007) a questão do corpo depende da definição do que é ciência. O autor nos alerta de que se a ciência dispuser apenas de seus próprios dispositivos para definir por si aquilo de que é feito o corpo, sem mais diálogos, articulações e atravessamentos, será impossível defender outras versões do que é um corpo, congelando-o numa figura morta, sem passagem para perturbações, metamorfoses e experiências.

Essa proposição já começa a desenhar um entendimento de que a observação ou “leitura” corporal deve ser constituída pela complexidade e espessura da vida. Tem-se como pauta para o entendimento do composto humano o seu fazer prático, expressivo e situado em suas relações com o mundo.⁴⁸

Essa abordagem é interessante porque conecta humanos em um sistema ressonante com seu ambiente. O ser humano não é mais um átomo isolado, nostálgico de uma comunidade perdida, mas em relação com a natureza – humanos e não-humanos –, que influencia seus termos de escolha e operações. Tal pensamento nos obriga a rever as modalidades de relacionamento. Jousse havia montado um sistema baseado na plasticidade do

⁴⁷ Considerada como a arte de decifrar a linguagem do corpo, tem seu apogeu entre os séculos XVI e XVIII, desempenhando um papel acentuado tanto na história das ideias como na história da sociabilidade. Para além da fisiognomonia, nesta mesma época, um vasto domínio de saberes condensava a possibilidade da emergência do enunciado: “o corpo fala”. Podemos citar diversos outros domínios, que iam desde manuais de retóricas em suas prescrições consagradas, às técnicas corporais, livros de civilidade nas formas de controle de si e observação do outro, artes da conversação, que ensinam a medir o gesto assim como seus propósitos, artes do silêncio da palavra, para melhor manifestação do corpo, obras de medicina que prometiam desvendar a superfície anatômica encontrando desde sinais mórbidos até traços de caráter e personalidade, além de tratados utilizados por pintores expondo as melhores maneiras de representar as figuras da paixão. Todos esses movimentos se baseiam em sistemas que prometem a ligação entre o exterior (marcas, traços físicos) e o interior (paixões, sentimentos, emoções, tendências) (COURTINE, 2012).

⁴⁸ Vale ressaltar que é um campo de saber ainda em disputa. A fisiognomonia, por exemplo, apesar de seu declínio no campo científico e de ser desacreditada como uma psicologia arcaica, em sua genealogia deixa uma herança ainda viva para os sistemas vindouros. Trata-se de uma forma de abordar o corpo em que se talha mais códigos, representações e guias de conduta do que se escuta e percebe o corpo enquanto campo de manifestação criativa. Há uma espécie de decalque em que códigos e métodos pré-estabelecidos vão sendo cravados no corpo. Obedecendo às analogias estabelecidas para determinação de destinos.

humano, capaz de absorver as vibrações do mundo, reproduzi-las e reinventá-las, concedendo-lhes coletivamente um significado social.

O corpo está no coração do dispositivo, porque está aberto tanto ao ritmo do cosmos quanto aos ritmos do exercício do social. E porque está continuamente passando pela individuação, o indivíduo contribui tanto para moldar os outros como a si mesmo. Nesse sentido, o gesto nasce de nossa capacidade de ligação, da possibilidade de receber e criar laços. Não apenas captar, mas tocar e ser tocado, unir-se e responder a um mundo sensível.

Gesto como prática de liberdade

O sistema de pensamento que Jousse organiza possibilita alguns intercessores⁴⁹, tais como Vilém Flusser (1920-1991), filósofo tcheco naturalizado brasileiro. Podemos dizer que, em sua obra, Flusser opera uma ficção filosófica, uma espécie de comunicação que abre trilhas ao pensamento quando nos força a imaginar realidades distintas se inter cruzando entre a filosofia e a vida. Nesta tese, nos dedicaremos especialmente à sua obra denominada “*Gesto*”, buscando compreender em que medida este tema pode intervir nos métodos que abordam o gesto como objeto de estudo.

A princípio, o autor afirma que as teorias da comunicação, apesar de não serem as únicas, podem ter privilégio sobre os estudos do gesto. Esta afirmação permite construir a seguinte linha de raciocínio: toda comunicação implica uma atitude, logo, um gesto. Toda atitude implica uma mensagem, logo, uma comunicação (FLUSSER, 2014).

No entanto o estudo dos gestos apenas como puro dispositivo de comunicação não seria capaz de explicá-los satisfatoriamente. Uma gama de fatores complexos e variáveis participa dos movimentos humanos. Este argumento permite ao autor começar a esboçar motivos para uma teoria geral dos gestos. A partir desta teoria, o autor acredita que conseguiríamos instrumentos para orientar nossa situação no meio das coisas e dos outros. Uma interface que sintetiza o método de várias disciplinas.

Dentre os motivos para essa elaboração, o autor destaca a necessidade de reestruturar as universidades e demais instituições acadêmicas, haja vista os direcionamentos hegemônicos de pesquisas que se ancoram em modelos de natureza física mantidos pela égide

⁴⁹ Apresentamos a ideia de intercessores como um conceito brevemente apresentado por Deleuze (1992). Por intercessores, sempre no plural, podemos entender aquilo que mobiliza o pensamento forçando-o para sua produção mais radical: criar conceitos. Os intercessores organizam-se por séries, arranjos, e podem ser filósofos, artistas, cientistas, humanos e não humanos.

da distância e separação. Assim, uma teoria do gesto poderia ser uma ponte entre as ciências humanas e naturais.

Por assumir esta qualidade de ponte, de mediação entre saberes, instantes e movimentos, podemos inferir que no gesto há algo de inapreensível. Ele seria um tipo de movimento específico, que não poderia ser totalmente explicado por habitar o plano da articulação de forças diversas. Um movimento bem determinado por teorias não exerce, nesta medida, nenhuma capacidade de articulação, pois se encerra em descrições herméticas. Por exemplo, movimentos retilíneos uniformes estudados pela física são movimentos que estão à mercê das leis da física clássica, não permitem articulações que fujam desta matriz. A definição de gesto implica ser ela uma presença ativa no mundo. Um movimento que pode ser explicado em sua totalidade deixaria de ser um gesto, pois, segundo Flusser (2014, p. 16), “gesto é um movimento no qual se articula uma liberdade”. Entendemos que o tema da liberdade é um debate extenso na filosofia, neste trabalho não iremos esgotar essa discussão. Optamos por usar a ideia de liberdade exposta pelo autor em relação ao gesto, devido à sua potência de se fazer e desfazer com a velocidade de cada conexão, logo, incapaz de ser capturado por um sistema fechado de pensamento. Um movimento que pode sempre revelar ou velar-se àqueles que o observam. “A teoria geral dos gestos é competente para movimentos não satisfatoriamente explicáveis por outros tipos de teoria” (FLUSSER, 2014, p. 14). Nesse sentido, Flusser propõe uma teoria instrumental, engajada, antiacadêmica, anti-ideológica. Em outras palavras, uma teoria capaz de suportar um sistema aberto, que não se fecha em si mesmo e seus pressupostos, mas encontra formas de acompanhar o absurdo, o inútil, o mal-entendido e o que não cabe no campo das representações.

A teoria dos gestos seria a teoria dos estudos de expressões da liberdade. Contudo, tais estudos não permitem a “leitura” da liberdade, pois só temos acesso a ela quando já expressada. Os estudos da liberdade engajam-se com os efeitos de liberdade, o que recebemos de cada atitude espontânea que gerimos. Para estes estudos, Flusser dá prosseguimento propondo quatro tipos de gestos: 1) gestos comunicativos; 2) gestos de trabalho; 3) gestos absurdos; e 4) gestos rituais. Todos estes tipos podem se cruzar e interpenetrar em diversos momentos. Uma inclusão interessante neste prospecto foi a categoria de gesto absurdo. Uma pura manifestação, ou o que se chamaria arte pela arte, aquilo que escapa a toda e qualquer tentativa de codificação e abre caminho para novas codificações a partir de uma novidade absoluta para quem o realiza.

Ao que se refere aos estudos dos gestos, não é possível observar todos os que nos circulam, é preciso fazer escolhas. Um dos critérios do autor é a importância do gesto para a

crise existencial do contemporâneo. Assim, dentre outros, Flusser (2014) elege o gesto de pesquisar, localizado historicamente entre os séculos XVII e XIX, como um dispositivo que faz ver a crise da modernidade. O autor sinaliza a hegemonização de gestos técnicos em pesquisa como reprodutores de realidade.

Porém um novo gesto de pesquisa se configura no contemporâneo, um gesto que se dá na plenitude da vida. Um gesto vital, ético, estético e político do conhecimento. A teoria deixa de ser um conjunto coerente de hipóteses e contemplação das formas estáticas para passar a ser uma estratégia de vida, que deve ser vivida coletivamente, ativando a realidade em seu espectro de intersubjetividades. Ou seja, não se trata mais de sujeito e objeto, mas de participantes ativos de uma realidade que interessa a todos os envolvidos.

Não se mede mais a distância entre os objetos, mas entre os interesses. Não se trata de uma ode ao subjetivismo relativista, pois não estamos sós no mundo, e para captá-lo é preciso interessar-se pelos outros que também pesquisam e medem. Conhecer as circunstâncias é conhecer-se nelas. Sempre em diálogo, a pesquisa assume uma tônica de modificar ao invés de manipular. Trata-se, portanto, de uma pesquisa que visa modificar as circunstâncias para torná-las mais de acordo com os interesses, desejos e sonhos daqueles que dela participam. Na mutação do gesto de pesquisar modifica-se uma forma de estar no mundo.

Uma vez caracterizado o gesto por sua potência de liberdade, percebemos que ele não se esgota naquilo que representa, mas no que apresenta como condição de possibilidade. Ou seja, para onde apontam as modificações existenciais contemporâneas, o gesto de pesquisar comunica a possibilidade de gerar comuns.

Quando me proponho a falar de gesto na formação é justamente para falar de um ensino pautado na experiência, no constante diálogo entre todos os sujeitos que dela participam. Uma pedagogia que privilegie a expressão de uma liberdade como espaço para construção coletiva de interesses.

Gesto dançado e suas sutilezas

Em sua obra “*Movimento Total*”, Gil (2001) nos propõe uma distinção entre gesto comum e gesto dançado. Segundo o autor, no gesto comum nosso corpo entra em movimento no espaço em virtude de uma ação que impõe do exterior um deslocamento. Por exemplo, o ato de escrever esta tese impõe movimentos em espaços já determinados para digitação, sendo eles: as teclas do computador. Cada movimento dos meus dedos corresponde às ideias de

palavras que quero construir. Ou seja, o teclado como espaço exterior impõe determinados movimentos das mãos.

No gesto dançado, o movimento é vindo do interior e levaria consigo os dedos. Uma ação que seria subordinada ao sentimento e criaria um espaço próprio, não determinado antes do movimento, mas feito com ele. Por exemplo, na dança flamenca os movimentos dos dedos fluuando advêm da capacidade de adesão de um corpo bailarino que se conecta aos arranjos corporais emergentes dos sentimentos que atravessam cada frase musical compondo com o momento vivido. No movimento dançado, estes arranjos nunca se esgotam, pois uma vez chegada a uma posição, um passo de dança, já podemos desencadear outros passos. Cada gesto pode se prolongar para além de si próprio numa continuidade tecida pelos ritmos da dança e do pulso corporal de cada ser dançante.

Nesse sentido, o gesto dançado abre espaço para uma dimensão do infinito (GIL, 2001), pois, mesmo com limitações anatômicas, os arranjos possíveis são incontáveis, imperceptíveis e incomensuráveis. Afinal, o mover advém de conexões com todos os elementos que nos cercam e que podem intervir na composição dos movimentos; tudo ao redor pode influenciar e acoplar-se a um corpo que dança. As paredes, a plateia, outros participantes, as paisagens da janela, os ritmos da cidade, tudo pode pertencer a um movimento dançado. Em última instância, são as combinações e configurações entre elementos que geram a circuitaria neuromuscular que dá a forma do movimento.

Tanto nos movimentos com o teclado quanto com o bailado, podemos crer que o corpo tem um tal poder integrador que pode transformar tudo o que dele se aproxima em assimilações e conexões como parte constitutiva do próprio ser. Dessa forma, um corpo parece ir apagando as fronteiras da corporeidade anatômica tradicional, perdendo uma identidade rígida, para poder deslizar no espaço cada vez com menos atrito. “O espaço do corpo é o corpo tornado espaço” (GIL, 2011, p. 19).

Para chegar a tal experiência é preciso experimentar, também, espaços vazios. Uma certa suspensão de significados. Um intervalo entre o que eu carrego e o que me arrasta. Este silêncio dos gestos permite uma concentração de elementos não codificados que, entre um movimento e outro, escorrem como fluxos corporais germinando novas dimensões de sentido.

Nesse momento em que somos transportados pelo movimento, o corpo experimenta seu espaço liso, um nomadismo sem território definido no qual cada deslocamento alimenta a si próprio. O seu espaço vai sendo construído a cada rodopio do corpo e o movimento é apenas a consciência que temos dele. Sem estranhezas, passamos a ser cada vez mais íntimos de nós mesmos, na possibilidade de inventar o sentido que o sentido nos der.

No texto “Da análise do movimento à abordagem sistêmica do gesto expressivo” (2011), Roquet nos convoca a nos debruçarmos sobre a complexidade do sentido do gesto, quando o colocamos como objeto suscetível de “leitura”.

Como primeiro movimento sobre o sentido, tendemos a expressá-lo com um caráter de significação. Para este fim, as perspectivas semiológicas nos propõem descobrir a significação do gesto, encerrando-o como um signo, um elemento representativo que, hermeticamente, estabelece significações bem precisas e legíveis independente de contexto. Assim formam-se manuais de leitura que funcionam como espécies de catálogos gestuais.

Um exemplo que a autora traz é o do aperto de mãos catalogado por Morris como um signo de boas-vindas. No entanto, como a autora nos chama atenção, o sentido que damos a essa troca depende de muitos elementos (diálogo tônico, troca de olhares, atitudes, odores etc.). De acordo com o modo como se agenciam esses elementos, podemos perceber muito além do código de boas-vindas. Ou seja, o sentido do gesto não pode ser dissociado do seu contexto.

Outra conotação em relação ao sentido do gesto é sua dimensão de sensorialidade – sentido como capacidade de sentir. Essa proposição reafirma o corpo em sua construção com os elementos com os quais nos relacionamos. Assim, a percepção no interior de uma história social e cultural tem papel fundamental na aprendizagem do gesto. Como nos aponta Marcel Mauss (2003), percebemos as realizações do cotidiano destacando um sujeito sinestésico mergulhado nos elementos apresentados pela cultura, que realiza aprendizagens das técnicas do corpo.

Porém, outra categoria de sentido se apresenta em seu trabalho: o sentido como direção no espaço. Uma gama de autores postulou trabalhos nessa direção, encaminhando a dança e a produção de gestos a partir de partituras e marcações, considerando o deslocamento no espaço exterior. Contudo, “esse sistema leva em conta a ossatura da dança, ele não leva em conta sua carne.” (ROQUET, 2011, p. 7).

Nossos deslocamentos no espaço ultrapassam as parametrizações demarcadas. Citando Laban, a autora mostra que mover-se requer esforço, e esse engloba vários parâmetros, tais como: disposição para agir, manifestação física do ato e aspecto interior de intenção psíquica. Esse trabalho sobre o esforço permite deslocar a compreensão do movimento como uma ciência cinemática do movimento e englobar também seu aspecto simbólico e subjetivo.

Uma vez inter cruzadas tais propriedades do sentido – como a significação, a sensorialidade e o deslocamento –, entendendo a complexidade e transversalidade de cada elemento exposto, a autora nos convoca a compreender o gesto a partir de sua significância

(ROQUET, 2011). Portanto o gesto dançado engaja o aspecto expressivo do movimento. Mais do que um objeto de leitura, o gesto põe algo em ação, gera efeitos e consequências a cada ato. Compreender o gesto a partir de sua significância inaugura uma dimensão performativa do gesto como ato estético: aquele capaz de construir saberes e sentidos para além dos conteúdos ordinários. A partir daí, pode-se entender que todo gesto está prenhe de significações; ele tem a potência de gestar sentidos, redimensionar condutas, apresentar e estabelecer relações com o outro (PEREIRA, 2010). Ao operarmos a experiência estética do gesto, acreditamos desmontar as mecanizações de nossas formas de viver e conhecer o mundo.

Aos poucos, ao longo do trabalho, pretendemos sinalizar estas operações conceituais e corpóreas para a construção de um gesto sutil, para além de um gesto útil; mais produtor de sentido do que reprodutor de codificações. Isso porque, olhando as coisas mais de perto, entre uma e outra sinapse, gerando estados de silêncio e suspensão, descobrimos infinitas maneiras, por exemplo, de colocar parte do nosso corpo para frente para dar um passo que seja (GIL, 2011).

Outra imagem que pode nos aproximar dessa prática de significação entre corpos pode ser ilustrada pelo Cavalo Hans, citado por Despret (2004). Trata-se de um cavalo que tinha a capacidade de responder questionamentos matemáticos a quem lhe perguntava e sabia a resposta. A forma como o cavalo produzia seus acertos diz de um gesto que se aprende entre, na conexão de corpos, quando o cavalo, sensível às mínimas respostas dos seus interrogadores, efetiva uma conexão. A partir dessa conexão um micro diálogo se inaugura, compartilhando sentidos desenvolvidos pela capacidade de aprender a afetar cada vez mais o outro.

A sutileza do gesto vem do fato de ele se ocupar sempre de uma relação pontual, única, situada e microlocalizada. Por exemplo, entre o levantar um braço e posicionar a mão para acenar, há uma infinidade de micromovimentos que se articulam para disparar e finalizar este movimento. Se o tomarmos quadro a quadro, veremos que há uma zona de transição, ou seja, movimentos que não tem significação aparente nem imediata, mas que estão envolvidos na construção do gesto de acenar. Ao intensificar essas zonas de transição, o gesto se torna o seu próprio sentido. Um sentido encarnado que se forma por microacontecimentos que ecoam e reverberam por todo corpo. O gesto nunca se desligará do resto do corpo. Essa tomada global torna muito difícil isolar elementos e etapas que causariam o gesto, o que permite afirmar que ele só existe de forma situada, contextualizada e carregado com possibilidade de outras articulações gerais.

[...] cada gesto (macroscópico) arrasta consigo fragmentos de outros gestos que contêm outros fragmentos de outros gestos ainda, mas o tipo de equilíbrio próprio do gesto dançado fragmenta o movimento em múltiplas sequências microscópicas. (GIL, 2011, p. 94).

Nesse arrastão de micro variações, o movimento dançado vai conduzindo maiores amplitudes, as quais, por sua vez, geram sequências articuladas dotadas de um sentido próprio. Uma consciência de si que emerge junto com o gesto. Existem, portanto, dois planos de movimento no gesto. Um que percebemos na superfície do corpo e outro que opera como pano de fundo nas microarticulações e oscilações que sustentam o plano da expressão (GIL, 2011). Portanto, a expressividade do gesto advém deste jogo de tensão que oscila entre micro e macro variações que percorrem o interno e o externo do corpo.

Em relação a este pano de fundo que sustenta as possibilidades de expressão do gesto, contamos com o trabalho de Godard (1999) e seu conceito de pré-movimento. O autor assim denomina nossas atitudes e respostas em relação ao peso, à gravidade, ao conjunto de estabilizações que devem existir antes mesmo de iniciarmos qualquer movimento, pelo simples fato de estarmos em pé (GODARD, 1999).

A postura ereta ultrapassa a simples organização de nossa locomoção. A força da gravidade é um elemento constante de pressão sobre nossos corpos, que nos acompanha da fecundação à deterioração. A forma como nos organizamos para lidar com nosso peso corporal em face da gravidade está carregada de qualidades afetivas e se liga diretamente ao modo como me expesso e evoluo no mundo.

É preciso lidar com o peso para operar movimentos como alcançar, puxar, empurrar, trazer, barrar tudo aquilo que me envolve e me constitui. Dessa forma, o autor afirma que a “A relação ao peso, à gravidade, já contém um humor, um projeto sobre o mundo.” (GODARD, 1999, p. 13). Essa gestão do peso específica garante nossa singularidade, a ponto de fazer com que possamos reconhecer pessoas apenas pela forma como escutamos o ritmo de sua caminhada, ou como se arrasta um chinelo ou, pelo exemplo do autor, como uma pessoa soe familiar subindo uma escada.

Nossa organização postural constitui a forma como nos apresentamos ao mundo, assim podemos afirmar que a construção da eretibilidade é um evento social (KELEMAN, 1992) e, por isso, cheio de complexidades marcadas por histórias de corpos que herdamos, corpos que conquistamos e corpos que somos demandados a apresentar.

Retomando o conceito de pré-movimento, este, então, se estrutura a partir de músculos gravitacionais (músculos estabilizadores). Seria este sistema muscular que determinaria o

estado de tensão padrão do corpo. Os músculos gravitacionais antecipam cada um de nossos gestos e, por conseguinte, determinam a qualidade de intenção que exerço em cada ação (GODARD, 1999).

Dentre as características importantes do pré-movimento, podemos destacar que sua ação escapa, em grande parte, à consciência e que são estes músculos que registram as mudanças em nossos estados afetivo e emocional⁵⁰. Dessa forma, toda modificação de postura incide diretamente sobre nosso estado emocional e todo estado emocional organiza uma fisicalidade em nossa postura. “É o pré-movimento, invisível, imperceptível para o próprio indivíduo, que acionará, simultaneamente, os níveis mecânicos e afetivos de sua organização.” (GODARD, 1999, p. 15).

Ao destacar a carga expressiva e singular de como nos movemos, o autor nos convoca a uma postura global de abordagem em relação ao tema da gestualidade. A partir deste pensamento, podemos distinguir gesto, movimento e as formas de observá-los. O movimento seria compreendido, segundo o autor, como um fenômeno que descreve deslocamentos estritos e específicos do corpo no espaço, uma reprodução estéril e externa das locomoções de um corpo, tal qual uma máquina executa movimentos.

Já o gesto seria mensurado a partir da distância entre um movimento e a tela de fundo tônico-gravitacional, ou seja, como o deslocamento se relaciona com todas as dimensões afetivas implicadas no pré-movimento. Esta concepção de pré-movimento nos permite oferecer uma consciência somática ao conceito de sutil, apresentado anteriormente, como o fio mais fino que passa por baixo de uma tela. Encontramos no sutil aquilo que sustenta a produção de uma expressividade.

A dança, aqui, ocuparia um lugar privilegiado para dar visibilidade a este estado gestual, porque

[...] faz visível o turbilhão em que as forças de evolução cultural se afrontam, produzindo, controlando ou censurando as novas atitudes de expressão de si e de impressão do outro. Desse modo, o gesto e sua captação visual se apoiam em fenômenos de infinita variedade que impedem toda esperança de reprodução idêntica. (GODARD, 1999, p. 11).

Temos, portanto, a dança como aliada no processo de amplificação da sutileza do gesto. Ao dançar, intensificamos nossas instabilidades e lançamo-nos a experiências de abismos de sentido e vibrações de movimento. Transportados pela dança, nosso esforço se implica em ocupar lugares improváveis e desprovidos de certeza. Uma experiência em que

⁵⁰ Atualmente, existem diversos estudos sobre as fâscias que complementam esta abordagem, porém não serão tratados neste trabalho.

podemos expor e explorar nosso pano de fundo tônico-gravitacional, lugar da origem do movimento, lugar onde nos despimos de nós mesmos e podemos inventar aquilo que nunca fomos, traçando uma forma de espaço em que nunca estivemos.

A partir do máximo de nossa intimidade encontramos um corpo como território sensível, uma interface com fome de contato e conexão, que compõe com o invisível – linhas de sensação que passam a bordar e colorir nosso repertório gestual.

Nosso corpo é povoado por tensões e atravessado por forças o tempo inteiro. São sistemas dentro de sistemas, em que cada célula possui uma sinfonia polifônica de velocidades, trocas, fluxos e recortes diferentes que se organizam em um equilíbrio metaestável. Segundo Gil (2011), eis que resulta a arte do bailarino: em fazer amplificar essa instabilidade, deixando cada gesto extrapolar suas funções e significações para a proliferação de gestos sutis operadores de novas mobilidades e consciências. A dança, a partir do que somos, nos conduz para o que podemos ser. Coloca-nos como testemunhas do infinito que habita em nós.

A arte do bailarino consiste em construir um máximo de instabilidade, em desarticular as articulações, em segmentar os movimentos, em separar membros e os órgãos a fim de poder reconstruir um sistema de equilíbrio infinitamente delicado – uma espécie de caixa de ressonância ou de amplificador dos movimentos microscópicos do corpo... Então, o corpo solta-se e a consciência do corpo torna-se um espaço interior percorrido por movimentos que reflectem à escala macroscópica os movimentos subtis que atravessam os órgãos. (GIL, 2001, p. 26-27).

Ao produzir diferenciações entre o gesto comum e o gesto dançado, ou entre movimento e gesto, podemos apontar uma potencialidade do gesto: produzir sentidos para além de operar funções. Essa afirmação nos coloca diante de um corpo em estado de saturação de sentido.

Se os bailarinos chegam ao ponto de saturar seu corpo de sentido, enquanto os movimentos funcionais ou utilitários não exprimem senão significações precisas, pobres ou isoladas, isso resultaria do facto de a dança dizer um “mundo”; ao passo que um gesto de limpar um vidro, se não for dançado, diz apenas uma função. (GIL, 2001, p. 89).

E mais uma vez tocamos no campo da formação. A educação dos corpos dos sujeitos institucionalizados por escolas, fábricas, prisões, forças armadas... comporta estratégias cada vez mais complexas de controle motor, visando adaptações e padronizações de movimentos para a vida ordinária. Tais políticas anatômicas (FOUCAULT, 1997) geram efeitos de normas, que tendemos a naturalizar, pensando os gestos como passíveis de “leitura”, subordinados a uma “linguagem” e conduta determinadas.

No entanto, o corpo, quando abordado como um campo vivo e expressivo, escapa à linguagem, pois é impossível recortar, nos movimentos do corpo, unidades últimas

comparáveis aos fonemas da linguagem. A complexidade de tecidos, camadas e fluxos envolvidos na articulação entre um movimento e outro impede que tracemos fronteiras muito nítidas para separação e análise das sequências de movimentos.

Além disso, o sentido na expressividade corporal não deriva apenas de estruturas anatômicas. Não apenas o movimento mecânico participa dos gestos, mas também toda uma qualidade de presença que se organiza por múltiplas variáveis que, não necessariamente, são mapeáveis por recortes. Basta um exercício de olhar nos olhos de transeuntes, por exemplo, em uma estação de metrô. Podemos, neste exercício, sentir a multiplicidade de sensações e imagens que cada presença nos ativa, mesmo quando os corpos estão realizando o mesmo trajeto mecânico, o mesmo movimento.

Portanto, a oportunidade de observação da sutileza do gesto reside nos momentos de instabilidade, de desequilíbrio do sistema, onde a recomposição da postura nos revela um corpo em formação. A visibilidade e não visibilidade são resultados dos graus de concentração entre as sutilezas dos gestos que percorrem as extensões de nosso corpo e sua relação com o corpo herdado por nossa espécie, história e cultura. “O dançarino seria, então, um arauto, testemunha dos movimentos da cultura que repousam, talvez, antes de tudo, nas profundezas da gênese do gesto” (GODARD, 1999, p. 34).

A operação sutil do gesto não extrai significações prévias, mas se caracteriza como um movimento *em direção a* um sentido. O gesto, neste momento, tem mais sentido do que significações. Sentido por direcionar algo, por inaugurar formas de sentir e estar com o mundo.

Tal forma de abordar o gesto, então, expõe nossa condição ética: estamos sempre em meio a algo (AGAMBEN, 2008). Nesse sentido, a sutileza do gesto não se efetiva em executar algo com função definida, mas em uma qualidade de sustentação. Sustentar em seus múltiplos sentidos: seja por amparar e dar força, impedindo-nos de sucumbir em face das forças que nos atravessam – por exemplo, a força da gravidade –; seja por conservar, ao revelar contextos e as forças dos padrões culturais em nossas ações; seja por alargar, a partir da possibilidade de expansão da consciência de espaço/tempo quando o gesto entra em estado de fruição; seja por garantir recursos necessários, nutrindo-nos de novas composições e respostas diante do mundo.

O gesto sutil nos coloca em contato conosco e com como respondemos e nos apropriamos daquilo que nos toca, como exibição de nossa capacidade de existir em composição. Logo, trata-se de se deixar afetar para que as forças de vitalidade ganhem passagem e forma. Trata-se de acompanhar um gesto em estado de dança, ou seja, uma abordagem

implicada no que nos desequilibra, inclina (posição clínica), mantém em movimentos de vertigem e surpresas.

Ao expor a construção de um gesto sutil, este trabalho pretende mostrar que a produção do gesto está implicada em um circuito de afetos, relações e conexões únicas que demandam atenção, desequilíbrio e acompanhamento ao processo de construção de sentido. Ou seja, essa operação aponta para a possibilidade da criação de uma clínica do gesto e suas implicações no espaço de formação universitária.

Ao pensar uma clínica do gesto, apontamos para uma forma de abordar e interessar-se pelo campo das corporalidades que leve em consideração os encontros e suas expressões localizadas em ato. Um entendimento do gesto como uma expressão do sensível, onde convergem relações, histórias pessoais e sociais, carregando consigo possibilidades de bifurcações.

Por isso, propomos nesta tese momentos de parada e lentidão, deixando os movimentos mais densos e próximos, atentando para suas intenções, direções, escutando os rangidos dos gestos e quais palavras eles criam, para delas inventar-se novos mundos. Abre-se, assim, a possibilidade de conceber o conhecimento e a compreensão das coisas em termos físicos, sem distinção entre interpretar e interagir, conhecer e degustar, compreender e digerir⁵¹ (DE MARINIS, 2012). Por fim, um esforço em acompanhar as relações possíveis entre o encontro de corpos vivos e quais experiências tais conexões podem inaugurar.

⁵¹ Por isso as palavras sensibilidade, saber e suavidade estão direcionadas por suas etimologias no capítulo *A PRESENTE AÇÃO*.

HERDAR

A forma como vemos e conhecemos um corpo está carregada de heranças e surpresas. Para tentar compreender como algumas heranças interferem em nossos regimes de sensibilidade, na visualização e compreensão do corpo enquanto tema de estudo, nos serviremos de imagens históricas oferecidas por Courtine (2013; 2012) e Mandressi (2012). Além disso, apontaremos para uma expressão artística de Rembrandt (1606-1669), para dela retirarmos consequências ético-políticas dos estudos que envolvem as expressões das corporalidades e suas repercussões no direcionamento de pesquisa. Também nos serviremos de cenas e imagens vividas durante a pesquisa, partilhando experiências que pretendem dar cor e forma ao verbo herdar para esta tese.

Vale ressaltar que as marcações históricas serão trabalhadas para inaugurar posições e interrogações do presente. Assim como trabalhado durante meu estágio docência, em 2017, na disciplina de Epistemologia e História da Psicologia (UFF), sempre olhamos para o passado desde o presente.

Esta afirmação era anunciada nos primeiros dias de aula e traz consigo imagens das reações dos estudantes ao se depararem, pela primeira vez, com esta frase: “só podemos olhar para o passado a partir do presente”. Os olhares pareciam não ter lugar onde pousar, alguns corpos se contorciam, estranhavam suas posições, parecia que naqueles corpos ainda não cabia tal afirmação, não por uma incapacidade cognitiva, visto que, ao longo da disciplina, este tema foi retratado de diversas formas com maestria por eles.

O que parecia não caber naquelas carteiras e na sala de aula era a possibilidade de ocupá-las de fato, uma vez que a carteira não seria mais um lugar abstrato, depositário de tempos e momentos invivíveis, mas um lugar que considera tanto o passado quanto quem o olha. Os olhares perdidos mostravam como somos marcados por uma lógica de formação desarticulada de participações e objetificada pelo conteúdo grudado no quadro. Às vezes, uma experiência incômoda – como não saber para onde olhar – pode alertar-nos para como uma determinada forma de agir se encontra engessada.

Provocar nossos pontos de vista também é uma possibilidade em sala de aula e nos faz perceber que o que enxergamos participa das produções de um si. Afinal, tudo o que nos afeta, provoca reações e respostas que nos convidam para uma experiência de estar e perceber-se em relação.

Construindo uma visão de corpo

Neste momento do texto, gostaria de assinalar como algumas heranças epistemológicas foram produzindo este regime de visibilidade reprodutor de um sentido realista (MORAES, 2010), destituído de presença, afeto e alterização. Tentaremos destacar como, pouco a pouco, a profusão de alguns dispositivos físicos e demandas epistemológicas semearam princípios de separação e reducionismos em relação aos saberes do corpo.

Segundo Courtine (2013), um dos dispositivos que solidificam o sistema de categorizações sobre o corpo refere-se à universalização da escrita e difusão dos livros impressos. É preciso um grande esforço e toda uma redução para fazer caber uma cultura em uma folha de papel. Tornam-se inevitáveis simplificações de todo um sistema sutil de gestos, movimentos, tons e nuances próprios da cultura oral para levar a cabo um projeto de ordenações gráficas e gramaticais, que hierarquizam e fracionam as propriedades dos objetos nas linearidades, nas divisões de capítulos e na sequencialidade das páginas⁵².

A disposição escrita em linhas e colunas consegue atribuir a cada elemento uma posição permanente, que define, sem ambiguidade, sua relação com os objetos⁵³. As relações estabelecidas entre os termos impressos possuem a força de fixação da tinta e garantem mais determinações e classificações do que trocas e alterizações. O projeto moderno impresso em livros passa a estabelecer uma força colonizadora entre as folhas, figuras e palavras⁵⁴.

Os livros, então, anunciam uma mudança de extensão e de objeto em relação ao corpo – um novo exercício de olhar que opera a partir da separação e diagramação. Apagam-se lentamente as presenças mágicas que animam e unem o corpo aos astros e à natureza, os humores que garantem um fluxo dinâmico nas relações corporais, todo detalhe singular e expressivo se extingue para dar a vez aos catálogos de figuras impressas. Um ser humano sem

⁵² Denota-se que o enunciado não dá um sentido específico para os signos que o constituem e não se identifica com uma frase de significação universal. O enunciado, aqui trabalhado, é um exercício, uma prática sempre relacional que não se encerra nas estruturas gramaticais, mas constitui uma existência entre as condições históricas, econômicas, institucionais e políticas, nas quais foi possível a emergência de determinados signos, discursos e suas funções. (FOUCAULT, 1971).

⁵³ A afirmação não esgota a possibilidade de linhas de fuga na escrita, estamos apontando nestas colocações a produção de uma certa organização hegemônica de escrita.

⁵⁴ Parte das consequências do modelo colonizador absorvido pela modernidade e seus modos de produção pode ser visto no filme *África 50*, de René Vautier. *África 50* é um documentário em curta-metragem filmado em 1949, quando Vautier tinha 21 anos de idade, a pedido da Liga de Ensino. O filme tinha por objetivo mostrar as condições de vida e os benefícios das intervenções francesas nas colônias da África Ocidental Francesa. O que vemos, no entanto, é um filme disruptivo que, ao invés de engradecer a presença francesa no continente, denunciava o genocídio, a proliferação da ideologia comercial e cultural francesa, a aculturação dos povos e sua resistência às forças colonizadoras. “A colonização é o reino dos abutres”, nos aponta o cineasta em sua compilação de cenas e relatos, que renderam sua expulsão do país e da Liga e uma condenação de um ano de prisão, além de ter seu filme censurado e caçado por mais de quatro décadas.

expressão vai ganhando uma aparência a partir de universos de referência como o da anatomia, da geometria, do cálculo; uma estética vetorizada por figuras reconhecidas e controladas.

Esta mudança performatiza um novo conhecimento sobre o corpo e o saber anatômico parece corresponder a essa perspectiva. Um conhecimento pautado em uma observação distanciada, que visa reafirmar o que é dito nos textos, encerrar opiniões discordantes e influências exteriores. Uma circularidade de pensamento fechado às partes de um corpo morto gerador de verdades embalsamadas. Assim poderemos constatar na pintura de Rembrandt, que nos ajuda a ilustrar tal posicionamento epistemológico:

Figura 12 - Rembrandt. A Lição de Anatomia do Dr. Tulp. 1632. Óleo sobre tela, 169,5 X 216,5



Fonte: História das Artes (site).⁵⁵

Descrição da imagem: Fotografia de uma pintura. O ambiente é escuro, mas os corpos estão iluminados. Os tons são de sépia. Há um homem em pé ao fundo, dois homens logo abaixo um pouco abaixados, cinco homens sentados e mais abaixo um cadáver estendido, ao redor do qual estão todos os outros. O homem sentado na ponta da direita é o único de chapéu e sua roupa também é diferente das demais, sendo mais escura. Ele coloca com a mão direita

⁵⁵ Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/a-licao-de-anatomia-do-dr-tulp-rembrandt/>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

um instrumento no braço dissecado do cadáver e está com a outra mão levantada no ar. Seu olhar está apontado para a lateral esquerda, sem fixar em nada. Ao seu lado, um dos homens segura um papel e olha para frente, na direção do espectador. [Fim da descrição]

Algumas considerações em relação ao quadro podem situar como se dá este treinamento de saber e olhar sobre o corpo. Podemos começar pela preposição “sobre”. Pois como preposição, já nos indica uma forma de colocar-se, de pôr-se em relação, de como a forma de apoio se dá quando um termo se subordina ao outro. Ao nos depararmos com o quadro, vemos que os observadores estão efetivamente *sobre* seu objeto de estudo. Um corpo morto e subordinado por uma visão superior, que pode alcançar todas as partes estudadas e não pode ser olhada de volta, visto a condição do objeto.

Outro ponto que reafirma a impossibilidade de troca é o jogo de luzes que o artista investiu. Há um jogo de iluminação que realça uma vitalidade em todos os rostos e expressões que observam. Por outro lado, o objeto de estudo, corpo rígido e inerte, conserva em seu rosto tons frios e sem vitalidade, que quase se apagam no debruçar de um dos estudantes.

Outro ponto interessante: ao lado direito e inferior da tela se encontra um livro – alguns comentadores desta obra afirmam ser um tratado de anatomia. Podemos perceber que é justamente este livro que fixa o olhar da maioria dos estudantes. Esta atitude pode demonstrar-nos como, mesmo com uma troca direta entre corpos, o objeto corpo não oferece muita coisa, apenas descreve verdades já escritas no livro – objeto este que ganha o destaque na direção dos olhares.

A aula parece apenas cumprir uma função de verificar em *visu* o que é dito nos textos. O objeto perde em sua multiplicidade para reafirmar as alcunhas dos tratados anatômicos. Tal prática metodológica não apenas constitui um momento de verificação do que é lido, mas também um modo de se apropriar do corpo, como ele deve ser observado.

Os estudantes que não olham para o livro, olham para nós, parecendo retratar uma certa inclusão do espectador na obra. Somos incluídos assumindo uma condição de observadores que também não poderão trocar com os envolvidos na cena. Essa inclusão ainda mantém-se sob a égide da separação entre aquele que observa e aquele que é observado.

Assim, este saber anatômico vai acompanhando o gérmen do reducionismo, do mecanicismo e um direcionamento do olhar. Seu método de formação não trabalha com o corpo inteiro e contínuo, mas prioriza a divisão. Seja por decomposição do todo em partes, até chegar às partes mais simples, seja fracionando as partes entre similares até compor um todo.

Ora, a divisão, que é um gesto concreto executado sobre o cadáver da obra, é também a atualização de uma organização do pensamento, uma vez que a “[...] ‘parte’ resulta da divisão do corpo, cortado tanto pela lâmina do dissecador como pelo pensamento do anatomista.” (MANDRESSI, 2012, p. 434).

Há uma literatura extensiva demonstrando como tais heranças, quais sejam: a produção de dispositivos e tecnologias individualizantes sobre o corpo, coemergem com a consolidação de saberes reducionistas e participam diretamente na produção de subjetividade de um sujeito moderno⁵⁶. No entanto não nos debruçaremos sobre essa questão a partir dessa literatura. Cabe a nós, neste momento, atualizarmos como alguns efeitos de tais sistemas de pensamento configuram-se em nossos espaços de ensino atuais. Na formação em Psicologia, estudamos o que nos move – emoções, sensações e experiências. Com Marcia Moraes (2003), podemos afirmar que a Psicologia se debruça sobre o papel dos sentidos no exercício do conhecimento. Um objeto que se passa entre, nas relações e conexões que fazemos, e nos constitui. Ou seja, um objeto que está entre nós, pulsando em nossos corpos.

No entanto insistimos em treinar um olhar de separação que se performatiza em uma infinidade de textos, seminários temáticos e provas. A maioria das discussões no processo de formação é balizada por textos e tendem a permanecer encerradas nos textos. O objeto se transforma em um conteúdo com cheiro e textura característicos, que permanece pelos semestres, ao som das máquinas de xerox e, atualmente, no brilho das telas de celular.

Assim como na tela de Rembrandt, a prevalência do olhar vai se estabelecendo sobre letras e palavras já escritas. Nossas experiências parecem não caber nos textos, é preciso então separá-las do que se aprende e olhar para o que “realmente importa”: as letras canonizadas por autores consagrados. Assim, nosso olhar continua sendo treinado para não re-parar na vida que circula entre nós e os trajetos até a universidade.

Não acompanhamos nossa forma de conhecer, apenas gerimos um ritmo da emergência, em que o olhar parece estar sempre colocado em momentos pontuais do semestre, nos quais se deve apresentar o conhecimento que já se espera das ementas e grades curriculares. À medida que os estudos avançam em programas de pós-graduação, o sintoma da redução pode se agudizar, sob o enunciado dos problemas de pesquisa cada vez mais objetivos que reduzem progressivamente a lâmina de observação.

⁵⁶ Alguns exemplos de literatura para o aprofundamento da questão mencionada: Sennet (1997), Breton (2011), Foucault (2006; 2004; 1997), Courtine (2013), entre outros.

Rupturas do presente

Começaremos a apontar alguns movimentos que podem ser disparados na produção de outra forma de olhar. Tratamos neste momento de contemporizar esta discussão com furos que apareceram no percurso da pesquisa.

Era o início do semestre e decidimos apresentar a disciplina em roda⁵⁷. Sem acreditar que a roda funciona por ela mesma, ao propor este formato na sala de aula, dissemos o que acreditamos que podemos proporcionar quando nos colocamos nesta disposição circular.

Contamos com a roda como um espaço onde todos podem olhar-se, destituindo a imagem monótona da nuca e do quadro como única paisagem possível em aula e apresentando os rostos e expressões daqueles que irão seguir juntos por todo um semestre.

Além disso, acreditamos que a roda faz a palavra não ter uma força unidirecional – do quadro para frente –, possibilitando que ela circule e se misture com o discurso de todos, produzindo um sentido coletivo. Uma espécie de oficina em que as experiências compartilhadas em roda geram um comum no centro.

Exposto isso, as aulas e o curso continuaram nas ondas do tempo. Foi então que, na última aula, recebemos um retorno de uma das estudantes ao avaliar o trajeto da disciplina. Ela conta de outra disciplina, em que o professor declarava sua dificuldade em trocar com a turma. Dizia ele sentir-se desanimado com o desânimo de todos e sobrecarregado ao apenas tentar passar o conteúdo, sem troca. Eis que foi sugerida a ele a formação de uma roda. Após a dissolução das filas, a palavra começou a girar, trocas de impressões e experiências acharam lugar para se expor, e o professor, ao fim do encontro, enuncia que pôde *olhar* melhor todo o percurso dos estudantes no decorrer da disciplina.

Com este relato, pretendemos mostrar como um dispositivo de visão também pode compor um olhar em relação, um olhar compromissado com o processo e não com a correspondência.

Sala de aula e suas heranças

Estamos na Universidade Federal Fluminense, campus do Gragoatá, Bloco N, sala 209. Esse campus se organiza por blocos, em ordem alfabética. Prédios grandes e grossos, com letras azuis pintadas em cada fachada, possíveis de avistar das barcas no percurso Rio –

⁵⁷ Para uma possível entrada de compreensão do dispositivo da roda, recomenda-se a leitura de “Um método para análise e gestão de coletivos” (CAMPOS, 2000).

Niterói. Uma sequência em que as letras fazem um ziguezague entre espaços gramados, árvores sem fruta, jardins improvisados e pés de boldo. Cada bloco agrupa departamentos e uma série de disciplinas temáticas, em sua maioria voltadas para a área das humanidades.

A sala 209 é ampla, comporta mais de 40 carteiras, e nesta cena se encontra repleta de estudantes. A cena ocorre justamente na segunda aula, com uma turma do primeiro período do segundo semestre de Psicologia.

Junto com a professora da disciplina e a monitora, pretendemos costurar uma aula de Epistemologia e História da Psicologia e utilizamos como pano de fundo um texto do Malba Tahan (1983) e a herança dos 35 camelos. A herança foi nossa linha de costura.

Para aquecer e garantir um movimento inicial, pedimos que formem grupos de 5 pessoas e conversem sobre o texto. Para balizar a conversa, seria interessante debater o que poderia ter a ver o texto com Epistemologia e História da Psicologia, uma disciplina que contém em seu título conceitos que ainda não eram familiares para aqueles recém-chegados ao curso de Psicologia.

Como a palavra herança é o fio condutor da aula, é preciso contorná-la de alguma maneira. Por isso, vamos atrás de sua etimologia e encontramos um cruzamento de sentidos. O termo herança, ao mesmo tempo, carrega os radicais GH AIS (estar aderido, unido, colado) e GHE (deixar ir, soltar, liberar).

Ou seja, quando herdamos algo, carregamos tendências, estamos colados, unidos de alguma forma ao passado. Ainda assim, uma vez herdado, apenas quem recebe pode fazer uso, ou seja, aquele que deixa a herança precisa soltá-la, liberar, deixar ir. A herança carrega, então, um certo vazio, um plano de possíveis que só pode ser inventado por quem dela faz uso no presente. Uma espécie de passado em possibilidade de transformação.

Assim é a epistemologia e não podemos perder a sua herança de vista. Toda história do conhecimento porta uma herança e carrega com isso problemas que cabe a nós manejá-los. Ou seja, a herança não é uma recepção passiva, mas nos convoca para um problema.

Bom, sem perder a costura de vista, todo bordado tem uma sutileza. Tal sutileza se moldou a partir da fala dos/das estudantes que foram convidados/as a dizer quais heranças elas e eles acreditam estar em jogo na disciplina.

Escutamos eternidades e, de cada fala, algumas palavras iam sendo passadas ao quadro. Vidas foram povoando o quadro com palavras como: insegurança, liberdade, diferença social, machismo, coisas boas, vontades de abrir a mente, liberdade de se expressar e até perdas.

Uma morte foi anunciada por uma estudante enquanto falávamos nossas histórias de heranças. Ali ela se sentiu à vontade para chorar e partilhar a dor de perder um parente querido recentemente, eis que um silêncio tapa seu discurso, ela tenta falar, mas só consegue expressar gestos com as mãos repetidas vezes para frente e para trás, esses gestos parecem poder carregar o silêncio nos braços, um silêncio pesado, tão pesado que não consegue fazer o ar vibrar nas cordas vocais e virar voz. De repente, outra voz atravessa as lágrimas e soluços que fazem a sala tremer. Uma voz que diz: “Posso te dar um abraço? Também perdi parentes esse ano.”

Os dois corpos se levantam.

Um abraço surge no meio da roda, faz o silêncio virar experiência, devolve a voz a quem carregava silêncio nas mãos e nos ensina que não é porque herdamos uma sala de aula que tradicionalmente espera alunos em silêncio, que iremos repetir silenciamentos. Podemos também bordar um abraço.

Parece que, balançando uma inércia reprodutiva de nossos olhos na sala de aula, tão habituados a comportar-se do mesmo jeito desde a infância escolar, podemos lembrar quais heranças formam um olho. Desde o início da vida escolar, vamos treinando nossos olhares para pousarem sobre o quadro e o discurso da/o professor/a. Fora isso, nada nem ninguém parece digno do nosso campo de visão e a disposição das carteiras nos ajuda a desconsiderar o entorno, fazendo-nos dirigir um olhar reto para a frente.

Quaisquer outras formas de interação, como conversas com os/as colegas ou tentativas de olhar o tempo pela janela, implicam rotações de coluna dignas de contorcionistas, que são logo identificadas e reprimidas pelo olhar do conhecimento (professor/a). Neste momento aprendemos: o saber não funciona sob desvio e as nuças – o máximo que conseguimos ver dos colegas – aos poucos não parecem ser tão interessantes assim.

Durante o trabalho na disciplina de Epistemologia e História da Psicologia, partimos de uma aposta diferente, pensamos na formação de um conhecimento com a participação e o envolvimento de todos, entendendo que a história de uma Psicologia só se efetiva quando afirmada no presente.

Esta proposição nos convida a diminuir distâncias em relação ao passado e a nós mesmos, pois quando olhamos para algo é importante não esquecer onde estamos pisando. O que olhamos depende de como olhamos, onde estamos, quais as referências espaciais e

culturais, como esta nossa qualidade tônica⁵⁸. Ou seja, há uma impossibilidade de descrever um acontecimento sem ocupar uma posição. A forma como narramos, manejamos e nos debruçamos sobre o passado atua e situa diretamente nossa relação com o presente.

Neste sentido, a história, na presente pesquisa, se afasta da perspectiva de uma representação do passado como um bloco monolítico, uma linha do tempo lógica, linear e evolutiva, organizada por um olhar atrofiado da capacidade de se articular, que tudo vê, mas nada habita (HARAWAY, 1995). Entenderemos os rastros da história como pistas para *contemporaneizar* o presente.

Podemos entender o contemporâneo, em consonância com Agamben (2009), como uma forma de tomada de posição em relação ao nosso tempo. Ou seja, não se trata de coincidir perfeitamente com este, mas criar uma relação singular com os tempos que nos atravessam.

Em determinado momento do texto, o autor define: “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEN, 2009, p. 62). Para elucidar essa visão do escuro, o autor faz uso da neurofisiologia da visão. Ao nos depararmos com ambientes privados de luz, células denominadas *off-cells* são acionadas e produzem aquela peculiar visão que nos faz “enxergar” no/o escuro. Portanto, perceber o escuro, mais do que uma condição passiva de ausência de luz, trata-se de uma atividade, uma habilidade em construir outros modos de ver. Ser contemporâneo, nesse sentido, significa voltar a um presente em que jamais estivemos (AGAMBEN, 2009). O gesto pode aqui, portanto, ser entendido como contemporâneo do corpo.

Novamente se destaca a importância de situações, tomadas de posição e responsabilidades. O compromisso, então, não está em corresponder a um tempo cronológico em si mesmo, mas encarar algo que nele urge e o transforma. Assim, o significado do contemporâneo não se fixa no presente, mas se articula com as interrupções do tempo para estarmos à altura de transformá-lo e colocá-lo em relação com outros tempos, constituindo modos singulares e situados de se ler a história.

⁵⁸ Talvez a melhor maneira de compreender esta afirmação seja praticando. Tente observar alguém ou algum objeto próximo alterando sua disposição física. Por exemplo: olhe para algo ou alguém assumindo uma posição submissa, encolha os ombros, abaixe a cabeça, se encurve e se renda. Em seguida, observe esse mesmo objeto ou pessoa com uma posição de superioridade, expanda os peitos, contraia a barriga. O que muda em você? O que muda em você em relação ao objeto? Como você descreveria o objeto em cada situação?

Pelo que passamos

No correr deste capítulo, apresentamos, então, esse trânsito, que não visa refutar os sistemas de saber, mas dizer como determinadas epistemologias podem atualizar-se em nós e em nossas formas de relacionarmos-nos com o mundo. Por isso, usamos os relatos, momentos históricos e obras estéticas como dados, resquícios de experiência que não sucumbem em seus fragmentos, mas se cruzam, esbarram, atritam e constituem novos sentidos aos modos de conhecer. Assim, apostamos em desenvolver formas de lidar com as heranças que carregamos das faculdades de saber, a partir de narrativas coletivas. Nesse sentido, visamos deslocar sistemas de conhecimento que se pretendem senhores de olhares em que apenas um observador treinado conquista o direito de saber.

Ao passo em que a razão e a conservação do objeto tornam-se mais importantes do que perturbações externas, o saber anatômico vai secando e limpando aquilo que nos suja, infiltra. Nada transborda nem está além da razão. A verdade cristalina e irrefutável faz brilhar o triunfo epistemológico da fragmentação. Tais são as heranças com as quais temos que lidar e, ao mesmo tempo, abrem brechas para outras formulações.

Entendemos que, para investir em uma pesquisa que visa acompanhar as expressões do corpo, era preciso lidar com essas heranças. O modo reducionista e individualizador de abordar o corpo não são naturais. Le Breton (2011), ao apresentar os estudos de Maurice Leenhardt sobre a sociedade canaque, permite-nos perceber que nessa estrutura social não há uma palavra que designe corpo e este recebe suas características do reino vegetal. As características assumem uma subjetivação a partir de uma conexão com a natureza. “A ligação com o vegetal não é uma metáfora, mas uma identidade de substância.” (LE BRETON, 2011, p. 23). O corpo confunde-se com o mundo que o banha, ele não é a prova de individualidade, mas a efetivação de sua condição de permeabilidade.

Do nascimento da anatomia (MANDRESSI, 2012), percebemos um conhecimento sobre um corpo ensimesmado, que funciona por interpretações e representações das formas congeladas de um corpo morto; a observação se fixa em fronteiras bem estabelecidas, independente de contexto e isoladas de seu entorno.

Ou seja, a partir dessas correntes de pensamento, nos vemos herdeiros de um sistema de separação que gera um corpo único passível de observação e controle, sem possibilidade de expressões singulares. Tal é a lógica que herdamos dos saberes sobre o corpo e que nos convoca a abordar suas vias de expressão de outra forma.

A herança também tem o poder de gerar efeitos. Não se trata, portanto, de determinantes anunciando tragédias nem paraísos. Podemos entender as heranças como materiais carregados de histórias que nos marcam, moldam e modulam, sendo estes nossa matéria-prima para estabelecermos relações. Entendendo a herança como um jogo de efeitos – quais efeitos queremos produzir?

Este questionamento irá mobilizar a sequência do texto e começaremos a partilha de algumas produções que foram possíveis a partir das marcas dos encontros entre heranças e o que nossos corpos em movimento puderam provar, olhar, apoiar-se e parar para colher, acolher e criar.

PROVAR

A sequência do texto tem como objetivo compartilhar com a leitora ou leitor as questões que movimentaram um grupo feito com estudantes de graduação em Psicologia. Tais questões apresentam-se a partir da construção de um espaço coletivo de cuidado em relação às experiências acadêmicas. Consideramos que cada encontro produz um material afetivo próprio, que afeta o grupo, o pesquisador e a pesquisa; tal regime afetivo serviu como matéria-prima para a construção dos encontros que se seguiram.

No capítulo CAMINHAR apontamos a experiência vivida com estudantes do segundo período, do ano de 2017, da graduação em Psicologia da UFF, na qual estes comunicaram a necessidade de um espaço para conversar sobre os problemas enfrentados no processo de formação universitária. Após este momento, reservamos um dia e uma sala, entre os turnos das aulas, para nossa primeira conversa.

Nessa conversa, reunimo-nos em roda e a palavra “desespero” girou algumas vezes. Notas, provas e trabalhos eram realidades que estavam começando a aparecer na vida acadêmica do grupo, que então encontrava-se do segundo ano de faculdade. Esses dispositivos chegavam como disparadores de ansiedade.

Uma experiência de desespero era o que parecia ser nomeada pelo grupo como “*Academia da Psicologia*”: um ambiente indigesto em que qualquer ação parecia pautar-se numa resposta face aos dispositivos avaliativos. A atmosfera de provas e trabalhos parecia abafar o campo da experiência, e também da universidade como espaço múltiplo na possibilidade de produção e elaboração de conhecimento a partir de outras vivências.

A primeira demanda chegou com a expressão: “*é preciso tirar o estresse da faculdade*” (Isabella, 05/08/2017). Foi levantada a pergunta sobre como aquele grupo poderia intervir nesta frase. Nesse momento, lembranças das aulas de Epistemologia e História da Psicologia, em que partilhamos experiências juntos, começaram a aparecer. Trouxeram à tona dias em que experimentamos exercícios corporais de presença e atenção ao movimento dos outros e narraram que neste dia foi possível esquecer a ansiedade por uma prova.

Também lembraram-se do dia em que, nessa mesma disciplina, ao debatermos sobre o que encanta na experiência humana, alguém da turma expressou ser o abraço. Passamos a improvisar diversas formas de abraço. Investigar o abraço dentro de outros braços, ao invés de debates abstratos. Ainda nesse dia, fizemos massagem baseadas na reflexologia, focando na região dos rins (medos). Relataram relaxamento e um melhor estado para encarar outra prova.

As lembranças foram extraindo efeitos das vivências para além de um estado de relaxamento. Falou-se sobre como “*a parte corporal*” uniu mais a turma e como a turma mais unida passou a ajudar-se mais nos estudos e na saúde mental de cada um – “*não é saudável se desesperar com a UFF*” (Lucca, 05/08/2017).

Notaram que outro reflexo destes momentos, em que a expressão corporal ganhava consistência, estava nos trabalhos finais. Ao final da disciplina de Epistemologia e História da Psicologia 2017/01, pedimos que fossem realizadas apresentações sobre o conceito de “epistemologia do sul” (SANTOS; MENESES, 2010).

As formas de apresentar tal conceito eram livres e os trabalhos que surgiram deram lugar a músicas, danças, performances, relatos de experiência com cenas... Nessa reunião, os estudantes, lembrando de tais trabalhos, disseram que foram “muito artísticos” e que desejavam viver mais arte na formação. “*As aulas eram os espaços em que a Academia parecia caber na minha vida. Não quero fugir da Academia, mas integrar com a minha vida*” (Isabella, 05/08/2017). Este momento abriu brechas para se pensar como exercícios de sensibilização, cuidado e autoconhecimento podem ser levados para a vida profissional.

Pactuamos, então, ser aquele um espaço de reflexão sobre os processos de adoecimento que perpassam a formação, utilizando o corpo como ferramenta de cuidado e produção de sentido no tornar-se psicólogo/psicóloga. Delineamos que faríamos encontros semanais, com duas horas de duração, e o local, bem como a confirmação de cada encontro, se daria via grupo de *whatsapp*. Com estes constructos, elaboramos um próximo encontro cujo tema seria: estratégia de enfrentamento para um corpo/prova.

De alguma forma, a perspectiva deste espaço talvez fosse de retomar um gesto escolar. Ou seja, uma reconciliação com a escola como *skholé*: ócio, tempo livre, descanso, livre do trabalho servil (BONDÍA, 2017). Construir momentos de pausa, ao invés de uma realidade em que todo movimento seja ditado por ementas e expectativas institucionais; criar instantes que deem sensação de intervalo – um tempo/espaço que permita a consciência de como os estudantes estão pessoalizando suas experiências de formação.

Buscamos perceber uma formação de um si que vai além da materialização de números: “*fazemos trabalho para tirar uma nota, mas não somos apenas uma nota*”⁵⁹ (Aline, 29/07/2017). Uma re-tomada na formação que passe por nossas mãos, para que juntos pudéssemos nos ocupar voluntariamente de um espaço/tempo no qual as pessoas não precisam lutar de forma antagonista contra um determinado sistema, mas acessar o mais

⁵⁹ Fala de estudante no último dia de aula da disciplina Epistemologia e História da Psicologia, após apresentação de trabalho final.

bonito que temos. Ou seja, habitar um vazio, uma ausência que permite que algo se manifeste através dela⁶⁰.

Provas e/de sentidos

No dia da primeira oficina de movimento, em que faríamos experimentações de sensibilização corporal, chego com bastante antecedência ao local combinado, uma sala de aula, mais precisamente a sala 207 do bloco P, *campus* de Gragoatá, Niterói, Rio de Janeiro.

Era preciso um tempo de preparação. Uma vez que iríamos nos dedicar ao grupo como um espaço de transformação, era preciso transformar o espaço. A sala em sua configuração tradicional já direcionava toda uma tendência de movimentos muito conhecidos e que ali seriam experimentados e influenciados para outras possibilidades de formação.

Comecei retirando as carteiras da sala de aula. Importante dimensionar que o *campus* do Gragoatá possui muitas árvores entre os prédios. Vida do mato e vida do mar brindando algumas janelas com uma vista direta para a Baía de Guanabara. Uma vista que, mesmo escancarada, não é para todos, apenas para quem consegue abrir um furo no tempo entre provas e trabalhos para um tempo de contemplação.

Preparar a sala era uma estratégia para abrir, aos poucos, também esses furos. A cada remoção de carteira parecia que uma árvore ia nascendo na janela. Algumas carteiras permaneceram na sala, mas apenas ocupando o lugar que formalmente é do/a professor(a). Definitivamente, outra paisagem.

Sala mais ampla e varrida. O grupo começa a chegar.

A princípio entendem o convite para tirar os sapatos, mas não tiram os gestos institucionais e logo vão buscando as únicas carteiras remanescentes para sentar e depositar a mochila ou um caderno em cima. Convido para movimentos fora das carteiras, ocupar os espaços “vazios da sala”.

Começamos trabalhando contrações e relaxamentos. Cada participante escolhia um lugar confortável para se deitar. Aos poucos, cada parte do corpo era convocada para executar o máximo de contração e depois se soltar no máximo de relaxamento possível. Começamos pelo rosto, indo até os pés e finalizamos com o corpo inteiro. Este exercício inaugura o acesso a modulações de nossos estados físicos, por hora desconhecidos, visto a dificuldade de muitos

⁶⁰ Inspirado em conversas entre cidades e cachoeiras povoadas por Cortazár, Miyazaki e outras riquezas que habitam os encontros com uma amiga que acompanhou a escrita desta tese, Tulasi Resende.

participantes em soltarem o corpo após as contrações. O estado de tensão parecia ter colado naqueles corpos e era preciso aprender a intervir voluntariamente.

Lentamente, fomos expandindo as qualidades dos movimentos para explorações do espaço, ainda sob o clima da modulação. Circulávamos tentando ocupar o máximo de espaço possível, em seguida, o mínimo de espaço possível. Encontrar espaço para expandir o corpo em uma sala de aula já começa a alargar nossas formas de pertencimento àquele lugar.

O cuidado não era em executar apenas a polarização máximo/mínimo, mas iluminar a atenção para as transições. Como me realizo nestas transições? O que sinto? Como me posiciono?

Estas perguntas reverberavam nos corpos até mesmo no convite para que eles encontrassem a melhor medida da caminhada, no sentido da melhor sensação tônica possível para estar presente naquele momento. Esse procedimento pretende ensinar como as emoções podem ser inibidas ou expressas, pensamentos tornam-se ações e os sentidos e significados vão se formando em nossos corpos. Nesse sentido, a proposta é ir além da contração e do relaxamento da musculatura, mas perceber que sentimentos, imagens, percepções também estão envolvidas nesse processo.

Os braços encontravam outros balanços, os pescoços pareciam mais soltos, podendo acompanhar o que estava acontecendo com cada um.

Ainda em contato com os diversos andares que polinizavam a sala, outro convite: caminhar como se estivesse indo para a aula. O chão parecia um tambor, os passos aceleravam-se e “tocavam” no chão algo próximo de marchas militares; alguns olhos desciam enquanto os pés pesavam, outros arregalavam-se e os joelhos enrijeciam. Agora uma caminhada como se estivessem de férias. Suspiros e sorrisos alargavam os rostos de cada um. O chão parecia ter amaciado, e passos de uma quase valsa/*reggae* teciam os caminhos.

Esse exercício pretendia soar como um convite silencioso para a percepção de como os estados tônicos formam blocos de sensações e formas de estar no mundo. Mudar uma forma de caminhar muda nossa forma de sentir: “*Si quieres cambio verdadero. Pues, camina distinto*” (CALLE 13, 2010).

Outra consigna: caminhar como se estivesse fazendo uma prova, a prova mais difícil do semestre. Nesse momento, o grupo passou a pintar alguns matizes mais claros do encontro com a prova como agente estressor. Uma parte da turma colapsou quase completamente. Ombros caídos, cabeça pesada para baixo, pés quase se arrastando, faziam contraste com a outra parte que se enrijecia completamente. Colunas eretas e duras, os joelhos quase não

dobravam, braços pregados no corpo, as articulações pareciam ter colado nos ossos, tamanha a pressão interna.

Podemos assim perceber que cada regime de corporiedade tem um afeto que lhe é hegemônico. A partir dessa constituição é preciso pôr em análise como se dão as relações com seus limites, fronteiras e limiares, para que sejam possíveis canais de intervenção. Para tanto é necessário atentar às velocidades de resposta, força recrutada, contato com os outros e, assim, desenvolver um acompanhamento dos estados de dominação nos movimentos do corpo.

Passamos a incluir mais contato entre os participantes para compreender essa experiência de rigidez e colapso em sua atualização na relação interpessoal. Após um tempo de caminhada, investimos em abraços com diferentes modulações dos estados apresentados anteriormente. Seria uma espécie de diálogo tônico que funcionaria por alternâncias. Uma pessoa abraça com a máxima rigidez enquanto o abraçado se solta com o máximo do colapso.

Esses momentos alternavam-se silenciosamente, convidando a atenção para as variações sutis de cada corpo. À medida que alguém do abraço transitava de forma, isso servia como sinal para transitar a qualidade do abraçador e do abraçado. Após um tempo nesse exercício, peço para que investiguem um abraço “perfeito”: um abraço que se descubra a diferença entre ceder e colapsar, entre estar inteiro, mas sem impedir o contato.

Uma experiência de estar junto era exercitada em cada variação de abraço. É preciso radicalizar a experiência do encontro quando a atenção habita as micro nuances da musculatura. Um clima de apoio manufacturava-se à medida em que os abraços investigavam um eixo de presença entre o colapso e a rigidez. Uma forma de exercitar como é estar COM.

Após essa prática, retomamos o tema do corpo da prova. A proposta era retomar, a partir da memória, como seria o corpo preparando-se para uma prova. Para isso, fizemos um modelo muscular deste corpo – em seguida peço para exagerarem a forma expressada. Essa etapa auxilia a desenvolver uma percepção consciente dos padrões de sensações, ritmos e emoções que formamos quando usamo-nos em determinada situação.

Desmanchar este padrão é um segundo passo, feito em etapas. Vale apontar que desmanchar não é relaxar, mas desorganizar uma forma padronizada. Por exemplo, os corpos que, em face da prova, colapsavam e expressavam um derretimento, ao desfazer esta organização, demandavam dar-se mais estrutura. Nesse caso, desfazer é aumentar tônus. Esse movimento aposta na possibilidade de encher os gestos de abismo entre o movimento e o significado. Criar vazios de sentido para que dele algo se manifeste. Encontrar padrões, aproximar-se deles, não para destituí-los, mas para conectá-los ao corpo e acompanhar seus movimentos de desvio.

Dessa forma, geríamos um exercício de sanfona (KELEMAN, 1995) passando pelas percepções: o que ativo em meu corpo na iminência da prova? Como estou fazendo? Como paro de fazê-lo? O que acontece quando paro de fazer? Como se estabelece e se altera minha relação com o outro nestas variações?

Outra convocatória de abraço surge. Como seria possível abraçar o outro com meu corpo de prova? Qual abraço seria possível com o corpo que se formou após desfazer meu corpo de prova?

Uma brisa de aconchego passa pela janela da sala e envolve todos aqueles abraços. Os olhos arregalados pela rigidez aos poucos parecem descer e pousar nos sorrisos macios que surgiam. Os ombros cabisbaixos do colapso abrem-se e estufam o peito na exata medida para receber e suportar um abraço.

Como última proposta de exercício, na perspectiva de guardar um momento para a digestão mínima dos afetos vividos, pedi para que, com as mãos, moldassem uma borda externa, como um duplo. Em suma, esculpisse com as mãos o corpo que formaram neste encontro, uma vez moldado, sentido e recebido, poderiam fazer com ele o que quisessem.

Paramos por instantes nos olhando e iniciamos uma roda para conversar sobre as reverberações desta vivência.

Em roda, começaram a surgir elaborações e constatações tais como: “*Quando eu fiz o corpo da prova, senti que não tinha mão!*” (Aline, 04/10/2017); “*Meus pés estavam tão pesados que eu não conseguia sair do chão, eu derreti!*” (Monique, 04/10/2017); “*Vi que meus ombros ficavam muito duros, mas não tinha pernas*” (Leticia, 04/10/2017). Tais relatos demonstram a fisicalidade da prova como um analisador nos processos de ensino. Um instrumento, que traz como fundamento a possibilidade de acompanhamento dos conteúdos trabalhados, apresentou-se como uma ferramenta de imobilização. Uma forma que, ao invés de checar conhecimento, amputa mãos e pernas, ancora passos, derrete alguns corpos e endurece outros.

Vale destacar o relato que dizia sentir um corpo de prova sem “mãos”. A constituição anatômica das mãos e seus modos de uso são significativos para a neurociência e biologia evolutiva, pois possuem correspondência nos processos evolutivos dos homínídeos e no desenvolvimento do córtex (ORÓ, 2004). Tal relação também aparece na filosofia, em autores como Heidegger (1995) e Engels (2006), mostrando a mão como um órgão relacional com o mundo. Fato importante na constituição da subjetividade do conhecimento e da produção no trabalho. Neste sentido, “não ter mão” na hora de realizar uma prova não é um detalhe. Pode nos dizer sobre qual conhecimento estamos formando. Um conhecimento sem relação com o

mundo que nos cerca. Benjamin nos alerta para este ponto quando afirma “O papel da mão no trabalho produtivo tornou-se mais modesto, e o lugar que ela ocupava durante a narração está agora vazio” (1987, p. 116). O autor nos leva para a importância da coordenação mão, alma, olhar na tessitura do narrar de uma experiência. Quando contamos algo que participa de nossa experiência, a mão intervém diretamente: orquestrando, manufaturando, dramatizando o fluxo do que é dito. Um processo avaliativo que se afasta da possibilidade de narrar torna incipiente a possibilidade de artesanizar vidas humanas. Mecaniza saberes e amputa mãos.

“Quando não tinha prova, mudava minha respiração, a prova ocupa muito espaço em mim a ponto de eu não me mexer e nem conseguir estar com o outro. Não consigo perceber o outro, interagir com ninguém.” (Amanda, 04/10/2017)

Não se trata aqui de produzir um movimento maniqueísta contra as provas, mas reconhecer como, neste grupo, este elemento produz impactos relevantes que explicitam elementos e relações de uma realidade institucional a ser debatida e problematizada. A forma como foi composto este grupo, então, começa a mostrar-se como um espaço interessante para a elucidação e intervenção nos sentidos e sentimentos dos estudantes em relação à prova, elemento tão presente nos campos de formação. Ou seja, a proposição do grupo começa a mostrar-se como uma possibilidade de ampliação formativa nos espaços de ensino.

Estar com o grupo para identificar padrões de uso de si a partir de relações institucionais é o primeiro passo de autonomia (KELEMAN, 1992b). Aprender a interferir voluntariamente neste processo é o segundo passo, porém, antes de alterar um padrão é preciso entender como ele acontece. Nesse sentido demos fisicalidade ao que antes era citado como desesperador e ansiogênico.

Acreditamos que a possibilidade de criar espaços de conversa, trocas de sentimentos em relação ao processo de ensino, poderia intervir no termo prova como momento de inclusão dos aspectos afetivos que envolvem a formação. Provar também ganharia a conotação de acolhimento e aprendizagem de si, com o mundo e o universo que nos cerca. Provar como degustação de sentidos. Trata-se de uma virada em modelos que reafirmam, com notas frias e conteúdos distantes, formas de exclusão, submissão, seleção de poucos, medo e estagnação (LUCKESI, 2005).

Enquanto conversávamos sobre esses processos, outros discursos iam compondo a roda: *“Vi que mudei, estou inteira até agora, mas não sei se vou conseguir ser assim o tempo todo. Às vezes me sinto sozinha”* (Isabella, 04/10/2017). Mais uma vez trabalhamos um exercício de sanfona, agora com este corpo que se sente só. Como me produzo sozinha? Aos poucos, a tonicidade vai se perdendo e seu corpo vai se esparramando lentamente. Após

perceber este padrão, logo se associa ao mesmo padrão da resposta diante da prova. Desmontamos passo a passo a organização do derretimento e uma mulher que se sustenta estrutura-se novamente. Assim como na produção do duplo, um gesto volta à cena. Quando produzimos o duplo, e fizemos o que queríamos com ele, esta mulher trouxe-o para si. Ia com as mãos como se esculpisse si a mesma, tocando cada parte do seu corpo. Este gesto retorna sutilmente agora, na roda. A partir dessa memória, convidei-a a prestar atenção neste movimento, talvez o gesto sutil se efetive nestes momentos, quando, após explorar nossos gestos, podemos acompanhar seus regimes de povoamento, o que forma-se nas microvariações que apontam para um novo campo expressivo. Esse suave movimento de ir com as mãos em direção a si mesma formou uma mulher que se sustenta, ela se toca novamente, se veste de menos pressão e encontra mais espaço consigo.

Silêncio.

Outras vezes movem os efeitos do encontro: *“Estava com cólica antes de vir e passou”* (Aline, 04/10/2017); *“Estava com dor nas costas e passou”* (Amanda, 04/10/2017); *“Vi que eu até agora não tinha te visto, Thiago, não vi ninguém. E depois, quando fui exercitando o ceder, eu consegui te ver. Meu corpo se abriu para o outro. Parece que eu estou nua na frente de vocês e isso é muito bom, mas é muito novo”* (Miranda, 04/10/2017). Os olhos começam a entrar em maré cheia, até transbordar em lágrimas. Esse relato dispara uma conversa de que outro corpo é possível, podemos modular nossas formas e também nossas experiências de mundo. Brincamos que as lágrimas podem servir para lavar os olhos e podermos nos ver melhor. Construir outro corpo e estar juntos nos emociona.

Após alguns instantes de silêncio e troca de olhares, fomos nos organizando para sair da sala. Porém, antes de irmos, a sala precisava novamente ser reconfigurada em filas. Não estamos lá para desmontar tudo, mas para abrir brechas. Outra sala é sempre possível.

Das coisas que não se esperava I

Ao final deste encontro, pedi para que quem se sentisse à vontade me escrevesse ou elaborasse uma forma de expressar o que foi vivido naquele momento. A produção destes relatos pós-encontros poderia funcionar como uma possibilidade de outros canais de cultivo do trabalho. Passadas duas semanas, recebo de uma das participantes a seguinte produção:

Figura 13 – Trabalho de uma das integrantes do grupo



Fonte: arquivo pessoal.

Descrição da imagem: Fotografia de uma pintura. O fundo é branco, com manchas e pontilhados coloridos. Ao centro há um torso humano desenhado com linhas pretas, sem a cabeça e com os braços cortados na metade, sem os antebraços. Atrás do pescoço está uma mancha de grossas linhas pretas. Em cima dos ombros há duas manchas azuis e vermelhas. Embaixo dos braços há duas manchas vermelhas. A da esquerda é pequena, a da direita é grande e sobe até o canto superior direito do papel. No centro do torso há um buraco amarelo, do qual sai uma mancha azul contornada por linhas pretas, que se encontra em seu começo com a mancha vermelha. Embaixo há uma mancha azul que sobe e se encontra com o desenho. Ao lado direito do corpo a palavra “transformar” está escrita em letras pequenas, acompanhando sua curva. No canto inferior direito está escrito à tinta: 2017. [Fim da descrição]

Ela me entregou o trabalho um pouco tímida, dizendo que desde que entrou na universidade não desenhava e comentou como foi importante, ainda que difícil, essa retomada. Comentou também que ao viver as experiências da oficina, as sensações eram de uma outra ordem. Passou a experimentar estados que ainda desconhecia e pululavam entre imagens, cores e movimentos, por isso, inclusive, experimentou técnicas de desenho novas e

precisou de um tempo para conseguir expressar de alguma forma algo que não passasse pelo conhecido nem por palavras descritivas.

É na distância entre aquilo que nos tira de nós mesmos e a força que empregamos para nos expressar que talvez o gesto sutil se manifeste. Um gesto cuja comunicação pode também ser entendida pelo encanto.

OLHAR

Este texto pretende apresentar algumas questões que foram levantadas na segunda oficina realizada com o grupo. Ou seja, um texto que começa com algo que já começou e por isso traz consigo certas impregnações de imagens, sensações e memórias vividas no encontro anterior.

O primeiro movimento do texto, então, propõe uma forma de situar de onde partimos para criar a proposta desta oficina. Para isso, partilho o que vi na oficina anterior e me acompanhou para pensar a oficina a seguir. Trata-se de uma estratégia para que o leitor acompanhe a linha que costurou as paisagens do encontro anterior com as pistas para os próximos passos.

Da última oficina, as imagens que ficaram comigo compunham duas paisagens que dividiam o grupo em corpos arrastando-se para caminhar, disparando sensações de desistência e ausência de animo, e corpos rígidos com costas e joelhos duros que pendulavam para se deslocar; sensações de hesitação e susto pairavam nestas últimas formas. Estas imagens convocaram-me a pensar em como provocar movimentos que permitissem maior mobilidade e diferenciação de graus em estados tão extremos de rigidez e colapso.

As imagens narradas vieram de arquiteturas musculares que se formaram quando perguntei como seria um corpo ao deparar-se com uma prova, um instrumento de avaliação pedagógico. Foi assim que se esboçou a paisagem corpo-prova. Ou seja, ao atualizar os efeitos do instrumento avaliativo da prova e atentar para seu grau de afetação no corpo, surgiram corpos rígidos, cristalizados, endurecidos, e também corpos colapsados, liquefeitos, que despencam, com pouca estrutura e pulsação. Ambas as formas não apresentam uma boa possibilidade de troca e expressão, pois ou inibem-se na retenção ou escorrem na ausência de fronteira.

Podemos considerar que tais efeitos (colapso e rigidez) podem caracterizar a prova como agente de agressão, pois, quando evocada, tal dispositivo pedagógico logo atualiza suas marcas na história dos corpos daqueles sujeitos. No que diz respeito ao conceito de agressão, estamos utilizando a perspectiva da psicologia formativa, que considera agressão qualquer evento interno ou externo que desperta o reflexo de susto (KELEMAN, 1992b, p. 76), ou seja, qualquer experiência que impeça, momentaneamente, a pulsação do corpo. O susto resulta de um reflexo instintivo para lidar com o perigo e a ameaça. “Nos detemos, paramos, nos firmamos, contraímos os músculos, prendemos a respiração, investigamos e respondemos,

esperando o perigo passar ou agindo” (KELEMAN, 1992b, p. 76). Tal reflexo muda nossa forma corporal e nos permite lidar com riscos e emergências em pequenos intervalos de tempo. No entanto se os fatores de agressão estendem-se em quantidade e/ou intensidade, essa continuidade é denominada padrão de distresse e pode influenciar diretamente nossos modos de estar, responder e formar-nos com o mundo.

A prova, esse modelo de avaliação, parece ter incidido sobre tais corpos ao longo de toda sua vida estudantil e com tamanha intensidade que podemos, ao reentrar no corpo-prova, acompanhar seus efeitos nos modos de ser e agir diante de tal agressão.

Com este conceito de agressão tão presente no último encontro, pensamos para este momento a proposta de ampliar as respostas possíveis quando somos confrontados com agentes de agressão. Criar momentos para modular graus ao invés de enrijecer ou desfazer-se demais em relação aos afetos que nos atravessam.

Tempo de chegada... entre a prova e o provar

A sala arrumada para o segundo encontro está sem nenhuma carteira na sala. A ausência de carteiras parece fazer a palavra e os olhares circularem com mais espaço. Pergunto sobre as reverberações do encontro anterior e escuto, com surpresa, os seguintes relatos:

“Não sabia que meu corpo dizia tanto para mim. Antes ele era só um veículo para me levar para os lugares aonde eu queria. Aqui percebi que posso sentir muitas coisas diferentes e minha forma influencia em como estou.” (Isabella, 11/10/2017).

“Essa semana eu não conseguia dormir. Lembrei do último encontro e parei, me ouvi, ouvi uma música e foi bem mais fácil conseguir dormir. Acho que estou me conhecendo melhor e como posso sentir meu corpo melhor.” (Ellen, 11/10/2017).

Estes relatos permitem lançarmos outro olhar em relações às qualificações do conceito de corpo. A partir de um movimento de olhar para si, parar, sentir e influenciar o que nos atravessa, podemos entender um corpo para além de sistemas de modelizações (BERNARD, 2016, p. 301). Trata-se de tomar uma perspectiva de corpo como qualidade processual, que

se ativa por suas relações e afetações (LATOUR, 2007). Um corpo que se constitui nas e pelas relações que estabelecemos (ARENDDT; MORAES, 2016).

Nesse sentido, as oficinas mostram-se um espaço que provoca um deslocamento do modo como entendemos a prova nos espaços de formação. Ela deixa de ter uma relação direta com uma capacidade *para* alguma coisa predeterminada ou ter que provar algo *para* alguém, pois este modelo avaliativo só adquire utilidade quando qualificado, comparado e chancelado por algum padrão externo. Por outro lado, gostaríamos de sugerir um outro contorno que a oficina disparou nesta palavra. A prova aqui foi ganhando um caráter de experimentação, degustação. No espaço que construímos, não temos que provar algo *para* alguém – uma instituição de ensino, no caso. Provar, aqui, é um convite para provar os sentidos que nos atravessaram *a partir de* nossas experiências. Uma qualidade que demanda outro tempo e movimento. Um intervalo para que possamos metabolizar novas e mais interessantes formas de estar no mundo. A chance de degustar os sentidos nos aproxima, pouco a pouco, de um corpo que nos importa (DESPRET, 2004).

Primeiros movimentos

Após essa escuta, começamos as propostas de dinâmica do dia. Como a intenção era realizar experimentações e trabalhar nuances que não se fixassem em formas rígidas e/ou colapsadas, apostamos em explorar a triangulação entre afeto, limite e segurança⁶¹.

Essa triangulação diz de um procedimento que garanta a possibilidade de experimentação – entendemos experimentação como uma forma de desorganizar a percepção para organizar de um modo diferente. Ou seja, por apostarmos na dimensão estética do gesto, entendemos que a experiência se dá como um exercício constante sobre o acompanhamento e a perturbação dos sentidos.

Para explicar melhor a triangulação afeto, limite e segurança, temos o afeto como o grau de variabilidade de um corpo pelo qual sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada (SPINOZA, 2010). Em outras palavras, os afetos são os impulsionadores da ação e toda ação se depara com um limite. É por esses limites que podemos dar contorno à experiência. O limite existe, então, para que possamos viver ainda melhor os afetos.

⁶¹ Esse modelo de triangulação é referência de aulas do professor Nelson Antonio Alves Lucero, lecionadas no período de 2017, na Universidade Federal do Espírito Santo.

Nessa lógica, temos a segurança como a capacidade de gerir os limites para que os afetos possam ser contornados e ganhem força de significação. Essa triangulação ocorre de forma múltipla, dinâmica e constante; assim, a cada experiência podemos ser atravessados por outros afetos que podem transgredir um pouco mais os limites anteriores, com segurança, para que outra organização de limite possa efetivar-se, criando novas significações.

Iniciamos a experimentação desse dia a partir do olhar. Um convite para perceber o tônus do olhar vasculhando o espaço de diferentes maneiras: sentada, caminhando, se agachando, focando e desfocando... Após um tempo com esse aquecimento de sensibilização, outra proposição: em duplas, uma de frente para a outra, cada dupla escolheria quem permaneceria parada e quem ficaria em movimento.

O exercício seria o seguinte: quem ficasse em movimento se deslocaria, ora se aproximando, ora se afastando. Quem escolhesse ficar parada, determinaria as distâncias (proximidade e afastamento) ao dizer “PARA”. Ou seja, a dupla em movimento iria se aproximar até o momento em que sua parceira, que permaneceria parada, dissesse “PARA”.

Uma vez dito isso, ambas permanecem paradas um tempo, experimentam as sensações, e a dupla que escolheu estar em movimento começa a se deslocar para trás até sua parceira falar “PARA”. O exercício seguiu entre aproximações, distanciamentos e pausas, sempre mantendo os olhos nos olhos. Após algum tempo, os papéis são trocados: quem se movimentava agora ficaria parada.

As vozes que diziam “PARA” seguiram tímidas por todo exercício e, por vezes, trêmulas. A distância na aproximação e na separação mudava a cada vai e vem demonstrando algumas preferências de limite de cada dupla: algumas bem próximas, outras mais apartadas. Os olhos, que tanto passaram momentos antes, desenhavam linhas retas e duras entre os olhares das duplas. Algumas variações de velocidade e expressão facial cortavam essa linha e faziam os olhares desviarem algumas vezes. Paramos um pouco para conversar sobre os efeitos desta prática.

Antes de iniciar as experiências partilhadas durante os exercícios comentados anteriormente, trago as ressonâncias e autores que me fizeram optar por trabalhar estes exercícios nesse encontro. Tocado pelo que vi no último, tinha interesse em sentir como aquelas estudantes viam suas relações, como encaravam conviver nesse espaço de formação.

Afinal, como desdobramento do primeiro encontro, parecia que estávamos começando a olhar para nós mesmos em relação. Além disso, considerando a forma como usamos nossos sentidos corriqueiramente, parece que o olhar é o sentido que sempre chega primeiro e nem participamos de sua direção; está à frente até mesmo do nosso corpo, como algo deslocado.

Gostaria de experimentar um olhar que não distanciasse, mas aproximasse, um olhar que tocasse, como se pudéssemos tatear também as vibrações de luz e sentir a pulsação em nosso corpo. Essa era a intenção: perceber o que ocorre quando tocamos e somos tocados, começando pelo olhar.

Ao comentar os sentidos da vida cotidiana, Le Breton (2011) nos alerta para o sentido da visão e a corrente sensorial ininterrupta que assola nossas condições mais ordinárias. As imagens ou sons de telas, dispositivos e aparatos cercam-nos e revestem permanentemente nosso campo perceptivo. Um constante estado de alerta e estimulação tende a ocultar o jogo do corpo na sua apreensão sensorial do mundo, destituindo a possibilidade de refletir sobre os estímulos que afetam um corpo e como agem em nossa constituição subjetiva.

Um dos sentidos para o qual o autor chama atenção, por sempre ser solicitado para o espetáculo das cidades, é a visão. Breton (2011, p. 161) afirma que “O olhar tornou-se o sentido hegemônico da Modernidade”. Vitrines, telas, janelas, câmeras, propagandas são realidades constantes em nossas vidas⁶². A vigilância protagoniza a produção dos espaços durante toda a construção da modernidade. O olhar da vigilância torna-se o sentido da distância, da representação; é o vetor da apropriação do sujeito e sua cisão com o meio. O olhar da vigilância passa a ser um olhar que tudo pode ver, o corpo passa a ser um obstáculo para esse sentido, que tem alta capacidade de focalização e velocidade de interpretação. É um mundo de humanos apressado e anestesiado.

Portanto, pensamos em uma oficina que fizesse o olhar parar e aproximar-se de um tocar. Olhar não para descrever, mas para perceber-se em relação. Essa percepção com o olhar podemos chamar de háptica. A percepção háptica foi estudada a partir do domínio do tato. O tato é uma modalidade sensorial cujos receptores estão espalhados por todo o corpo e que possui a qualidade de ser uma próximo-recepção, sendo seu campo perceptivo equivalente à zona de contato (KASTRUP, 2015). A percepção háptica é formada por movimentos, por explorações proprioceptivas do campo tátil, que visa construir um conhecimento dos objetos.

Estendendo o alcance do conhecimento a outros domínios sensoriais, Ingold e Kastrup, aliados ao pensamento de Deleuze e Guattari, distinguem a percepção háptica da percepção ótica. Esta última se caracterizaria pela organização do campo em figura e fundo (KASTRUP, 2015), distância e desapego (INGOLD, 2015), um tipo de projeção paisagística

⁶² Em exposição que circulou pelo Centro Cultural Banco do Brasil denominada “AI WEIWEI – RAIZ”, o artista plástico chinês Ai Weiwei instalou em mármore as câmeras de segurança colocadas pelo governo chinês na frente do seu ateliê. Tal obra simboliza a natureza extensiva da vigilância na maioria das sociedades de hoje e faz alusão às estátuas clássicas de mármore da Grécia antiga, marcando tal objeto como um símbolo clássico de nossa época.

do mundo que configura uma visão distanciada característica da representação. Por outro lado, um olhar háptico só se constitui em ação, uma percepção que se dá a partir de um engajamento do corpo costurando-se às texturas do mundo, dos percursos e envolvimentos sensoriais (INGOLD, 2015).

De todo modo, nesta pesquisa interessa enfatizar um conhecimento que só se efetiva ao nos relacionarmos com o mundo ao redor. A percepção que nos sensibiliza não está na afirmação da observação à distância e reprodutibilidade do mundo, mas na exploração de um corpo sensível ao que o cerca, toca, dilata e contrai. Por isso o interesse na experimentação de um olhar ativo que considera, encontra, toca e é tocado por aquilo que vê. Um olhar aberto ao olhar do outro. E quando uma troca se estabelecer, que estes possam, em compromisso e companheirismo, criar autonomia para atender, cuidar e se importar.

Neste momento, o texto parece ter entrado em um vale. Uma tromba d'água de autores, conceitos e teorias foram despejadas sobre a leitora ou leitor, afogando o relato das experiências que estávamos contando. Mas assim estava meu corpo quando parei para escutar o grupo após os exercícios: cheio de efervescência para despejar esses conceitos em quem supostamente os praticou. Mas a tromba d'água se inverteu. E as falas do grupo, como a força de uma enxurrada, arrastaram todos esses conceitos para outro lugar. Naquela sala, parece que não cabiam conceitos que não foram construídos juntos.

Das coisas que não se esperava II

A primeira manifestação da roda de conversa se inicia com a seguinte frase: “*Percebi que preciso de distância para me sentir bem, principalmente com homens.*” (Giovana, 11/10/2017). Tal fala destaca um efeito do exercício que nunca havia sido pensado por mim anteriormente, mesmo propondo esse exercício em outros grupos, nunca imaginei que poderia tocar o tema apresentado.

No entanto ela revela experiências conhecidas por todas as participantes do grupo, presentes em um passeio pela rua ou nos cumprimentos cotidianos. Giovana relata ainda uma cena com o porteiro do prédio, que passa do limite da distância que cotidianamente estamos habituados a manter, em relação a outras pessoas, para ajudar com as sacolas do mercado que ela carregava. Esse gesto de aproximação repentina, mesmo motivado pela ajuda, dispara um reflexo de susto intenso e ativa experiências de contração características de uma agressão. Ela

diz que o gesto de ajuda não foi suficiente para superar o susto de ser um homem se aproximando.

O que eu via, antes, como movimento no exercício, eram corpos se aproximando e afastando. O que os corpos expressavam era um gesto de convite para olhar os estados de repressão que uma estrutura machista atualizava.

Este é um momento crucial para a discussão de políticas de pesquisa e suas implicações com a proposta do pesquisar *com*. Na obra “*A árvore do conhecimento*” (2002), Maturana e Varela alertam-nos para a tentação da certeza; uma tentação na pesquisa que desconsidera que toda experiência cognitiva inclui aquele que conhece de um modo pessoal, ou seja, todo observador está enraizado em uma estrutura biológica singular, com pontos cegos em relação às experiências de outros sujeitos. Em outras palavras, “Tudo o que é dito é dito por alguém” (MATURANA; VARELA, 2002, p. 31). Para os autores, essa solidão cognitiva, portadora de diversos pontos cegos, só é ultrapassada em um mundo que se cria *com* outros: “É no estranhamento do encontro com o outro que um pensamento pode advir” (MORAES, 2010, p. 26).

Na sala, sou o único homem, branco, e escuto esses relatos com o corpo tremendo e perdido. Como posso me conectar com elas estando tão distante dessas experiências?

Como afirma Harding (1986), algo só é identificado como um problema de pesquisa na medida em que alguém o vivencia como tal. As experiências sociais de homens e mulheres constituem pontos de partida diferentes para o conhecimento, impulsionam e propagam (embora não determinem) modos de interrogar que levam a resultados distintos. (CAITITÉ, 2016, p. 42).

Trata-se de um tema fundamental, como política de pesquisa, a possibilidade de aproximar-se, afetar-se e passar as histórias adiante (MORAES et al., 2014). Histórias que não encontrariam formas de ganhar expressão sem a possibilidade e disponibilidade de se deixar afetar pelas interações com as outras.

Nunca havia pensado que este exercício poderia suscitar a questão que emergiu – um gesto de olhar se manifesta agora em mim. Precisei voltar para mim como homem, pesquisador e facilitador do grupo. Afinal, de alguma forma, minha presença como único homem neste dia pode atualizar as marcas citadas. Como me perceber como sujeito que também produz olhares e posturas que atualizam essas violências? Como passar essas histórias para frente? Como compor com o grupo ocupando um lugar que nunca foi atravessado conscientemente por essas questões?

Uma certa ferida se abre em mim, como se pudesse sentir um pouco mais perto uma questão levantada por Donna Haraway que parece balizar as falas do grupo: com o sangue de

quem foram feitos os teus olhos? (HARAWAY, 1995, p. 25). Tais questões não encontram respostas simples, nem definitivas, mas convocam para um constante exercício ético de influenciar e transformar impulsos e atitudes culturalmente “esperadas” em outros modos de estar junto e me colocar em relação, principalmente com corpos femininos.

Esse abalo advindo das expressões das participantes provocou um alargamento de consciência que parece da ordem do irreversível. Olhar para mim como gesto sutil encarna toda uma trama de microviolências de gênero, até então “invisíveis”, que agora não passarão por mim da mesma forma. Tal desvio de visão também convoca a pensar o olhar nas políticas de pesquisa e o exercício de ser afetado como multiplicador de histórias que importam para a realidade que foi vivida junto.

Da metáfora da visão, Harding (1986) dispensa o olhar neutro que existe por si só e que pretensamente vê de lugar nenhum, substituindo-o por olhos encarnados, que nada poderiam alcançar sem a densidade material que os continua, ou seja, sem as demais sensorialidades do corpo no mundo. Haraway (1995) abraça essa metáfora, afirmando que ninguém vê com um Olho. A visão sempre acontece com olhos corporificados, imersa numa totalidade inacabada de sensorialidades e aparatos técnicos interdependentes. (CAITITÉ, 2016, p. 42).

Um deslocamento se opera. Paro. Silêncio. Sinto e percebo as relações que passam a se produzir espontaneamente entre as demais participantes, pois ainda não sei como comentar ou intervir em relação ao relato apresentado. Exercitei uma forma de ficar com o problema (HARAWAY, 2016) e pude ver melhor as composições e afetações das outras participantes durante o relato.

Foi impressionante ver o laço que se formou no grupo durante a exposição de cada participante; cada nova cena de violência narrada sacudia todos os pescoços e desencadeava muitas outras cenas compartilhadas. Todas comentaram que isso é real e legítimo. Todas as mulheres sentem-se invadidas por homens e tais invasões se dão muito pelo olhar, talvez aí esteja a prova empírica de que o olhar não é o sentido da distância, elas já sabiam antes uma coisa que eu só descobri de fato fazendo essa dinâmica. E nesse movimento em grupo vou encontrando pistas para exercitar um olhar ético, como proposto por Haraway (2008), um olhar que pode ser experienciado atravessando muitos tipos de diferenças. Um olhar que podemos saber olhando e olhando de volta. Portando, foi preciso re-parar para respeitar – *respecere*.

Assim, se tradicionalmente a visão é articulada ao conhecer, Haraway a retoma em seu projeto de conhecimento como prática situada, insistindo na natureza corpórea da visão.

Há que se ter certo vagar na consideração deste ponto já que o sentido da visão é tomado em várias perspectivas como aquele que define o conhecer, em especial o conhecimento científico. Uma visão que se define como não marcada, isto é, um olhar que de longe alcança o objeto. (ARENDDT; MORAES, 2016, p. 17).

Percebemos, então, que as falas e expressões vividas convidam-nos a pensar o corpo para além de um veículo mecânico que desloca um “sujeito” cindido pelo espaço. Ao contrário, começamos a sentir o corpo como território sensível que, em sua totalidade, se constitui com o espaço e suas relações. Um corpo em cujo contorno também se desenham as nuances de todos os tipos ativos de olhar (HARAWAY, 2008). Uma vez compreendendo este conceito, podemos destacar que a constituição dessas relações é constantemente atravessada por relações de poder.

Nesse sentido, uma leitura possível a partir da obra de Foucault é entender como o poder se encontra exposto no corpo mesmo. Como diz Foucault (1979), o corpo é um efeito de luta. O corpo é o resultado do jogo de forças, pelo qual a história se realiza, se manifesta e se desfaz. Dessa forma, podemos testemunhar como a história do patriarcado se articula fisiologicamente naqueles corpos, atualizando-se em contrações como agentes de agressão.

Formas diferentes de enfrentamento também apareceram. Em grupo, todas revelaram a possibilidade de encarar e confrontar situações agressivas. No entanto, uma vez sozinhas, prevalece recolher-se e encolher-se, em razão dos riscos que se corre, e que algumas viveram na pele. Dessa forma, podemos tirar consequências políticas do reflexo de susto e agressão apresentado no começo do diário. Podemos ver na carne como os agenciamentos econômicos, bélicos, estatais e paraestatais de uma sociedade patriarcal localizam em cada relação, por mais cotidiana que seja, uma possibilidade de agressão/invasão/dominação ao corpo feminino (SEGATO, 2014).

Algumas xingam, outras querem sumir. Em cada relato, estratégias de enfrentamento foram sendo partilhadas, desde incluir trejeitos masculinos nos gestos e falas, pois, como elas disseram, “*eles só respeitam os iguais*” (Ellen, 11/10/2017), até a percepção da pouca assertividade nos espaços acadêmicos, como no caso da amiga de uma das participantes que, após sua entrada na UFF, passou a falar mais “eu acho”, por ser uma das poucas mulheres na sala de filosofia.

O gesto de virada se apresenta quando passo a olhar para mim e minhas práticas, o grupo me ensina a fazer pesquisa como um encontro de diferenças em que haverá conflitos, impossibilidades, conexões improváveis e manejo de dissensos...

Nunca vou sentir o que sentiram, mas exercitamos a possibilidade de uma partilha do sensível. Podemos trazer à tona o conceito de partilha do sensível, proposto por Rancière (2017; 2018), como a qualidade de dar forma à comunidade. Ou seja, “um sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* partilhado e

partes exclusivas”. (RANCIÈRE, 2018, p. 15). Partilha, neste conceito, traz consigo a participação em um conjunto comum e a separação, a distribuição de afecções.

Uma partilha do sensível, então, é a relação entre o conjunto comum partilhado, neste caso as histórias narradas pelas participantes, e a divisão de partes exclusivas, ou seja, como cada um pôde sentir e diferenciar-se de si mesmo após o contato com tais narrativas. Nesse sentido, partilhamos formas de dar visibilidade a modos de fazer e modos de pensar que atravessavam os corpos presentes. Além disso, buscamos inventar formas de alterar e realizar novas percepções de si e do mundo.

O grupo de mulheres deu conta de se apoiar e ensinaram-me, também, a sair do lugar de ter que oferecer todas as entradas e saídas, sair do lugar de terapeuta, facilitador grupal perfeito e centralizador. Não é só o grupo que começa a olhar para si, como aponto em relação à primeira oficina no início deste capítulo. Como pesquisador, começo a olhar para mim com o grupo e, na troca de olhares, me desestabilizei para produzir algum sentido comum.

Comentaram também sobre a dificuldade em dizer “PARA” no exercício proposto, todas as participantes disseram não ter falado por si, mas ficavam sempre atentas aos gestos das outras. Quando percebiam uma certa relutância de quem se movia, o “PARA” era dito. Nas palavras de Isabella: *“vi que não tenho força ativa para dizer ‘PARA’”*. Tem algo importante aqui, uma anulação de si em relação à vontade do outro.

Trata-se de outra luta em que o corpo faz ver as relações de poder e demonstra a produção de uma faceta de produção de subjetividade contida, conformada e silenciada diante da resposta do outro. Um corpo que se contrai e se recolhe, tendendo sempre a dar espaço para o outro. Como dito pelo grupo, um corpo com dificuldade em encontrar voz ativa. Discutimos essas questões e como podemos modular essa contração anátomo-política.

Além dessa camada, uma participante revela descobrir que seu corpo fica melhor à distância, mas ela sente que tem algo de errado e que deveria saber se aproximar, pois, para ela, o certo é conseguir ficar sempre próxima fisicamente dos outros. Conversamos sobre essa questão, problematizando as cobranças. Talvez o importante não seja se culpar por ficar melhor distante, mas ocupar-se em poder decidir pelo que faz bem a ela e poder escolher quem, como, quando e quanto deve estar em relação à ela.

Um choro após essa problematização parece amaciar a dureza de uma proteção tão exigida por aqueles corpos. O choro que surge do respeito (re-spectar). Da capacidade de olhar mais uma vez para o que vivemos e a cada momento diminuir a distância entre o que experimentamos e o que podemos formar, sem reproduzir padrões de susto, mas influenciando nossas respostas com forças ativas. Percebemos como relações de poder podem

subformar decisões e experimentações dos limites, afetos e segurança. Atentos à fisicalidade dessas relações, contrações e recolhimentos, pudemos começar a produzir outras formas de agir, compor e responder com aquilo que nos toca.

Das coisas que não se esperava III

Outra proposta de exercício se desenha na hora. Uma experiência lúdica, que convoca, a princípio, duas imagens: uma urso e uma árvore. Em duplas, cada uma escolheria o que ser, e a brincadeira seria a seguinte: a urso tentaria de todas as formas possíveis sacudir, quebrar, deslocar a árvore de lugar com empurrões, esbarrões puxões... E a árvore tentaria manter-se estável. O desafio maior: a árvore deve fazer a força exata que o toque da urso está provocando, ou seja, deve achar a justa medida para resistir – um vetor oposto de mesma intensidade. O propósito, então, é investigar formas de resistir aos toques sem exagerar na dureza nem na submissão.

A brincadeira provoca sorrisos e experimentações de diversas articulações do corpo e entre os corpos. Os papéis são trocados após algum tempo e, num terceiro momento, deixamos livre para os lugares de urso e árvore alternarem-se no silêncio, entre os movimentos, em um diálogo tônico que afina-se cada vez mais.

Uma dança começa a ganhar fluidez. A proposta de resistir na exata medida das perturbações vai se perdendo. Esperava que praticássemos formas de resistir à perturbação na exata medida em que éramos perturbados, para modular os estados de rigidez e colapso extremos. Pensava que, variando o tônus, poderíamos formar gestos úteis para afinar a escuta entre os corpos e experimentar estados de tensão que não fossem sempre extremos e reativos ao serem tocados.

Porém, a coreografia escapa da minha expectativa e passa a se estabelecer a partir de uma troca de pesos. Os corpos deixam de ter eixos próprios. Cada hora um corpo se apoia completamente no outro e a troca de apoio faz surgir vários movimentos. Mesmo não sendo a proposta inicial, algo passa a ganhar cor e forma no grupo: estamos construindo formas de dar suporte uma para a outra. Apoiando-nos, podemos descobrir formas de nos movermos mais.

Esta percepção não foi óbvia. Foi preciso um novo deslocamento. Foi preciso entender que esta forma de se movimentar, não esperada por mim, não se tratava de um erro, mas de um efeito produtor de realidade. Apenas assim pude olhar para este gesto de apoiar sem julgamento, mas como algo singular àquele encontro.

Mais uma vez, um gesto inesperado se faz presente, o gesto de apoiar-se. Esse é um gesto produzido pelo grupo e que esteve em curso ao longo de todo o encontro. Elas estiveram o tempo todo ali, apoiando-se nas falas e nas trocas de experiências.

Nesse ponto, podemos marcar um efeito do gesto sutil na pesquisa. Entendo que o gesto sutil opera uma explicitação das conexões que sempre estiveram presentes, sustentando as relações do grupo: tornar visível o que já estava presente ali, ou seja, um movimento que torna sensível e comunicável os agenciamentos que estavam operando para tornar possível a relação daquele momento.

O gesto sutil produz efeitos na pesquisa quando entendemos que os imprevistos da pesquisa nos convocam a perceber os movimentos do grupo como ambiente vivo. Um espaço com ações singulares, capazes de produzir a si próprio, em uma dinâmica igualmente própria de contínua relação. Ou seja, as proposições feitas por mim não determinam as experiências nem antecipam conhecimentos prévios. Não servem *para* chegar a lugar nenhum, mas *a partir delas* pode-se ativar uma rede de transformações dinâmicas que geram ações efetivas e contemporâneas à vida de cada sujeito envolvido.

Uma ação que permite aos sujeitos envolvidos continuarem sua existência em um determinado meio, ao fazer surgir um mundo comum (MATURANA; VARELA, 2002). “O experimentador, longe de se manter em segundo plano, envolve-se: envolve seu corpo, envolve seu conhecimento, sua responsabilidade e seu futuro. A prática de saber se transformou numa prática de importar-se” (DESPRET, 2004, p. 131).

A pesquisa, quando atenta a estes momentos, se envolve na vida dos participantes e toma suas ações em seu aspecto cotidiano, trazendo à tona a possibilidade de reflexões, ou seja, uma forma de conhecer como conhecemos e criamos um mundo comum.

A percepção do gesto sutil me destitui do lugar de prever e determinar como seriam as expressões dos movimentos e me convida a olhar as qualidades que sustentam o grupo em seu processo de expressão e criação de si. Um olhar que só foi possível quando o grupo passou a se apoiar.

Quando, ao invés de resistir à exata medida da perturbação do outro, passamos a trocar nossos pesos aos nos apoiar, tecemos um bordado que perfura a tela do mundo de agressões, conectando os pontos de apoio e abrindo novas vias de formar corpos e tecer coletivos. Aos poucos, vamos entendendo nos gestos desse grupo “As práticas somáticas como uma política do sensível que alarga a dimensão microperceptiva e evidencia um campo vibrátil-coletivo, no qual os corpos se conectam, afetam e contagiam-se mutuamente.” (RESENDE; CAETANO; TORRALBA, 2019, p. 115). Tal afirmativa nos permite avançar nessa discussão e propor que

tais práticas somáticas também evidenciam marcas de violência que devem ser olhadas, revistas e respeitadas (*respecere*), exercitando formas de aprendizagem para olhares éticos que olham, tocam, atentam e cuidam, para que antigas e novas histórias sejam levadas adiante. Marcas singulares que ampliam as versões dos modos de viver e resistir quando compartilhadas e levadas em conta.

Na saída, escuto: “*É aqui que a gente tem aula? Nem parece que dá pra mover assim*” (Amanda, 11/10/2017). Uma nova posição já muda a experiência e como vemos o mundo.

Por isso, porque eu acho que a primeira função da educação é ensinar a ver, eu gostaria de sugerir que se criasse um novo tipo de professor, um professor que nada teria a ensinar, mas que se dedicaria a apontar os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana.

(Rubem Alves)

APOIAR

Este capítulo tem a intenção de discutir a qualidade do apoio nas práticas do *pesquisar com*. Para tanto, é preciso trazer a relação entre o peso das experiências que vivemos e a forma como apoiamo-nos para vê-las.

Apoiar com

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: – Me ajuda a olhar! (GALEANO, 2002, p. 15).

Assim como o mar de Diego, quando consideramos uma prática de pesquisa que entende o pensar como uma atividade que envolve aventuras e encontros inusitados com o mundo (MORAES, 2010), percebemos que muitas vezes a realidade performada por tais encontros nos coloca diante de uma imensidão de sentidos. Quando nos dispomos a ser afetados, quando nos despimos de certezas absolutas, que buscam apenas o reconhecimento de si mesmo, a pesquisa, por vezes, nos emudece.

Nesse momento, o trecho apresentado por Galeano (2002) nos oferece outra pista preciosa. Em tais momentos de fulgor e perplexidade é preciso estar *com* o outro para ver. Como Diego em seu esforço de expressar nos anuncia, é preciso aprendizagem para olhar. O olhar não está dado de forma natural. Não são apenas os processos neurofisiológicos básicos e isolados do meio que vão dar a espessura e o contorno para a experiência do ver. Para ver é preciso de suporte. Um olhar que só se constrói quando este encontra apoio nos corpos que dividem aquela realidade.

Sobrar, celebrar, abraçar

Trago para a composição desse encontro uma imagem que me marcou na oficina apresentada no capítulo anterior (OLHAR). São imagens de corpos se apoiando, alternando sua distribuição de peso ao ponto de que se perdia o próprio eixo de apoio para jogar o peso de seu corpo totalmente no corpo do outro. Essa imagem me convoca a propor uma modulação dessa ação. Sinto vontade de experimentar movimentos em que o eixo não se perca por completo, dependendo totalmente de outro corpo para se reequilibrar, mas se desenvolva um equilíbrio partilhado. A imagem de um corpo se lançando completamente na direção e sobre o outro pode atualizar relações de objetificação, como se, ao invés de partilharmos apoio, estivéssemos usando o outro como apoio.

Importante ressaltar que essa relação de uso e objetificação do outro não me pareceu ocorrer com este grupo. Tal especulação surgiu mais como um risco possível fazendo-se presente quando, em um momento, afastado do grupo, me debrucei sobre a imagem de corpos largando-se sobre outros corpos. Como as oficinas são processos vivos e em desenvolvimento aberto, a imagem desse risco serviu-me como ponto de partida para o encontro, orientando-me.

Tento, então, propor uma forma de experimentar a gravidade, essa força que nos atravessa constantemente, podendo nos deslocar, desestabilizar, derrubar... Enfim, uma força constante que, quando propomo-nos a nos relacionar com ela, nos possibilita a descoberta de uma infinidade de movimentos. Sua persistência nos dá um pano de fundo para inventarmos gestos entre o céu e o chão, entre a queda e o apoio.

O foco na gravidade e sua ação sobre os corpos foi um dos principais desencadeadores do que chamamos hoje de *Contact Improvisation*, desenvolvido por Steve Paxton e colaboradoras (SILVA, 2013). Quando o dançarino percebe e brinca com essa força, descobre que para cada ação várias reações opostas e iguais são possíveis. Nesse jogo, reside a possibilidade de improvisação. Ou seja, a gravidade, mesmo em sua estabilidade, é componente para criação.

O grupo chega cansado, parece que o fim do período letivo aumenta a força da gravidade, pois os ombros mostram-se encurvados e os olhares mais caídos. E assim começamos a entrar em contato com essa força. No solo, de olhos fechados, fizemos uma espécie de *scanner* do corpo. Colocar atenção nas bolsas e pulsos do corpo (respiração, diafragmas, órgãos internos, cérebro, musculatura). Como estou pulsando agora? Quem sou

eu com este pulso? Sem julgamento, a pergunta serve para a observação de si, não exigindo respostas.

Ainda no solo, sentir com um pouco mais de acuidade a gravidade, atentando para os pontos onde o corpo parece ceder mais, onde ele luta contra a gravidade, como se configura o corpo no solo com essa força. Outro passo foi investigar pontos de apoio para levantar-se, fazer uma experimentação das várias formas de se levantar e, ao descobrir um caminho novo, cair novamente para levantar-se de outra forma, e assim sucessivamente.

Após algum tempo, passamos a caminhar observando o corpo – como ele caminha, como se equilibra –, deixando cair algumas partes e resistindo à gravidade em outras. Apostamos em que esses exercícios podem disparar a consciência de nosso sistema locomotor como um estado de constante dança por desequilíbrio. A dança poderia dar-se pelas oposições e possibilidades de convite, um jogo entre resistir e entregar-se.

Uma pausa. De pé. Observamos o exercício que o corpo faz para simplesmente permanecer de pé. As microvariações sucessivas que executamos ao nos mantermos eretos dão pistas para ficarmos atentos ao momento presente do corpo. A gravidade é uma constante, que somada a diversas forças nos convoca a desenvolver diferentes movimentos para nos sustentarmos em pé. Percebemos que, mesmo em pé, estamos em uma queda contínua.

Em dupla começamos a acrescentar mais toques e estímulos. Tocar suavemente a pele passando pelo corpo todo; em seguida, aprofundar o toque investigando e sentindo a textura dos músculos, aprofundando com intensão e qualidade para chegar aos ossos.

“Eu acho muito legal porque, aquela parte do toque eu lembro que o que me pegou é: ah! Quem vai primeiro porque pra mim é muito mais fácil resistir do que ceder. Então deixa que eu faço, deixa que eu tomo a postura porque se permitir é uma outra coisa. É estar sem essas carapaças, a pessoa pode te tocar, ela te alcança”. (Lucas, 18/10/2017).

Ainda em duplas, com as reverberações destes toques, convido para experimentarem uma dança com as marcas dos toques em contato com o outro corpo.

“Outra coisa legal é a comunicação desses corpos. Sua mão vai indo e vai entendendo até onde aquele corpo quer. Aonde você pode, aonde você não pode. Eu acho isso muito bacana, porque pra mim eu tive dificuldade não sei vocês, eu tive dificuldade naquela hora.” (Leticia, 18/10/2017).

O grupo parece envolver-se em uma experimentação entre o ceder e o resistir com as pernas firmes. Porém, meu olhar pousa em uma participante “sem pernas”: o tônus das pernas se perdia e apenas ombros e braços faziam força para mover, empurrar e se jogar. Peço para ela tentar encaixar o quadril com mais consciência. A qualidade do movimento muda e o tronco começa a ganhar espaço para torções e outros movimentos. Sua dupla, em um momento de conversa, rememora essa experiência, trazendo elementos para pensarmos como foi a vivência:

“É uma ilusão que ela não fazia isso antes, mas é uma ilusão que parece que funcionava. Essa ilusão, essa máscara cai, vem te toca e você deixa é um processo outro. Você mesmo vai conversando com suas defesas e celebrando elas, porque elas são parte de você, você não quer acabar com elas, não quer se rasgar, você quer entender por que elas estão lá, porque que elas se formam. E aí vem uma outra pessoa que também tem as carapaças e as máscaras dela, colocando as mãos em você e celebrando esse corpo é muito especial, eu acho. É uma coisa que vem na minha cabeça, desde a primeira atividade, é quão importante é ter respeito por aquele outro corpo.” (Lucas, 18/10/2017).

Nesse momento, nós caímos sozinhos e juntos.

Ao misturar o peso de dois corpos através de um ponto cambiante de contato físico, um centro de gravidade partilhado é estabelecido. Em torno desse centro os parceiros passeiam o peso ao longo de caminhos comungados. Liberar, dobrar, oferecer e entregar, ativar o fluxo do peso através das articulações abre e suaviza os participantes uns para os outros e para que cada um seja e descubra o próprio chão.

Para finalizar, tento experimentar um abraço com intensificação de apoio, ou seja, um abraço que foque sua sustentação nas quatro pernas que irão compô-lo – um bicho que tem quatro pernas e apenas um eixo. As duplas abraçavam-se com um encaixe único, joelhos flexionados e muita proximidade.

Para um dos participantes: *“esse tipo de atividade devolve essa centralidade do corpo que também é mente, né? A mente também é todo nosso corpo.” (Lucas, 18/10/2017).*

Ao final do abraço, abrimos uma roda para conversar e relatos, como os que seguem, multiplicam uma palavra: “sobrar”.

“Eu tenho muito medo de sobrar, toda vez que você fala eu ficava: ai meus deus, vou ficar sozinha, vou ficar sozinha, todo mundo já tem par. Ai que sensação! Mas é sempre muito bom.” (Julia, 18/10/2017).

“Isso que você falou agora, quando vamos fazer alguma atividade em dupla eu não consigo me sentir bem até eu dar isso pro outro sabe? Eu não consigo ficar bem recebendo porque até eu fazer no outro eu fico. Ah eu recebi isso, mas o outro não, será que eu to devendo alguma coisa eu sinto muito isso de dever. Como ele falou é muito mais fácil empurrar do que ceder, sei lá você fica com medo de cair.” (Vitoria, 18/10/2017).

“E isso da sensação de sobrar em dupla é uma coisa da vida toda, você viveu quando era criança, você sobrou aquele dia no ano tal e do dia tal, é difícil de esquecer. E até hoje, quando vai achar uma dupla, você acha que vai sobrar, sabe, é muito ruim sobrar é uma sensação muito estranha.” (Amanda, 18/10/2017).

“Na primeira atividade eu sobrei, mas assim, eu fui feliz de ser sobrada, curti minha dupla não foi a pessoa que me trouxe aqui, mas fiquei feliz que foi você, senti o respeito que se deve ter com o corpo das pessoas, o toque não é nada sexualidade, é mais, muita energia também, tanto que eu tava tocando assim você e a minha mão estalava, assim porque eu estava muito despistando as energias que estavam em você e no abraço seu também, senti muito isso. Ai essa insegurança de sobrar talvez hoje ou nesse espaço pudesse ser quebrada um pouco.” (Manuela, 18/10/2017).

“Fora daqui é outra realidade que eu sei que preciso me policiar, mas aqui eu sei que não vou sobrar, conheço as pessoas sei que elas vão me respeitar. Então sobrar é uma coisa que eu vou me haver lá fora, aqui que eu tenho que botar na cabeça [na cabeça não!], botar no corpo (risos), em tudo e levar pra fora. Porque eu to conseguindo aqui, cada vez mais eu me entrego.” (Jéssica, 18/10/2017).

Ouvindo tantos relatos em comum sobre a sensação de sobrar, proponho uma intervenção. Peço para que formemos uma roda em que os ombros fiquem bem próximos, e para que, uma pessoa por vez, fique no meio da roda.

Uma vez no meio da roda, peço para ela cair, lançar-se para qualquer direção como um brinquedo de João Bobo. Amparada por alguém da roda, a pessoa que ampara sussurra em seu

ouvido “eu estou aqui”. Ficamos algum tempo com algumas pessoas. Um estranhamento de início passa por uma atmosfera de suporte e interesse em se fazer presente.

O apoio que cada um se dedicou a oferecer mostra uma relação com a experiência de se entregar como algo menos privado e mais compartilhado, encontrando com o outro formas de suportar o mundo que se vive. O gesto anterior de abraçar também marcou uma costura nos corpos, criando uma relação viva. Assim como na dança de salão, o abraço funciona como um segundo chão, um chão movente que vai convidando movimentos e demandando escutas.

Das coisas que não se esperava IV

Após o final do encontro, cada pessoa que vai embora, antes de sair da sala, se despede com um abraço em mim. Acabo sendo abraçado por todo mundo.

O abraço é um elemento tão presente quanto a gravidade, nesse grupo. Entre os braços, parece que estamos criando laços.

Este sentimento de passar pelos braços de todos os participantes me traz uma pista para o gesto sutil desse encontro. O abraço como um gesto sutil me chega como um bastidor do bordado, que cria uma zona de tensão no tecido para dar foco e contorno ao espaço em que a linha irá traçar seus pontos e formas.

Passo pelos braços de todo mundo e isso é muito relevante. É entre aqueles corpos que as oficinas se passam. Os abraços, como um bastidor, mostram-me onde ver para traçar as linhas das oficinas. Aqui, podemos destacar uma lógica de atenção ao presente e à operação do grupo em sua singularidade traçando caminhos e versões inventivos (KASTRUP, 2004).

A surpresa em receber tais abraços exhibe, neste gesto de abraçar, certa estética do ato que me desloca e convida a perceber o grupo em sua capacidade de suporte e espontaneidade. Este gesto afasta de mim os medos e riscos que havia carregado antes do encontro, retiram hipóteses que se fizeram longe do grupo e começam a incluir-me na pesquisa como alguém que está junto. O risco inicialmente imaginado, de objetificar e usar o outro, está fora dos nossos corpos. Entre nossos corpos estamos, ao contrário, achando apoio, um contorno para aquilo que sobra, um suporte para o medo de não ver aquilo que se sente, uma forma de confiar.

Abraço um laço de gente
envolvendo o presente
do encontro

Nesse sentido, o apoio se apresenta para além do mero servir ao equilíbrio e ganha a conotação de sustentação da necessidade vital do cuidado (BELLACASA, 2012). O apoio na lógica do cuidado (MOL, 2008) nos ensina a entrega como uma diluição do privado para a construção de um espaço compartilhado. Nessa lógica, encontramos, com os outros, formas de suportar, mover-se e intervir no mundo em que se vive. Algo que significa sustentar relações florescentes que germinam espaços para expressões e invenções de medos e modos de com-fiar.

Dos pés à cabeça

A lógica do apoio, no decorrer das oficinas, foi sendo refinada a cada encontro. O apoio parecia demonstrar uma qualidade capaz de contornar e sustentar nossos modos de expressão e experimentação de sentidos. Tais sensações foram possíveis a partir do momento em que passamos a nos mover de forma diferente na sala de aula.

Precisamos, para isso, desabituar a sala de aula e nossos corpos. Uma das estratégias adotada foi retirar as carteiras da sala, disparar movimentos extracotidianos e atentar para as partes do corpo que são ativadas quando extrapolamos os direcionamentos do espaço. Por exemplo: as carteiras, objeto que acompanha toda nossa vida escolar, impedem e direcionam toda uma série de movimentos. Além disso, a quantidade de horas que passamos sentados permite que adormecemos o sentido de outras partes do corpo. Neste caso, podemos citar as pernas.

A manutenção da posição sentada, em nossa formação, revela onde o conhecimento se apoia. Tim Ingold nos traz uma provocação interessante em relação ao conhecimento e aos pés. Ao visitar a formação da civilização europeia moderna, podemos perceber a eliminação de algumas funcionalidades do pé, como “remar um barco, tecer um pano, e até mesmo roubar anzóis...” (INGOLD, 2015, p. 73). Ao contrário, passamos a calçar os pés com botas e sapatos, reduzindo sua função a uma máquina de andar. Aos poucos, conforme Ingold nos mostra, o conhecimento também parou de ser associado ao movimento do corpo. Caminhar não interessava aos viajantes, mas sim, o conhecimento a ser obtido na chegada. O interesse estava na cena ao redor, na contemplação da paisagem, e não em como se chegou ali.

Tal compreensão pode ser transpassada diretamente para as salas de aula. Nos lugares de ensino, o conhecimento deve ser impresso pela paisagem que está no quadro,

independentemente de quais foram os caminhos que trouxeram os estudantes até ali. Além disso, a posição de estudo – sentados em carteiras – retrata a impossibilidade de envolver e pensar com os pés. Testemunhamos, sentados, a ascensão da cabeça sobre os calcanhares (INGOLD, 2015). Dessa forma, presenciamos a produção de pensamentos com cheiro e forma de lugar fechado. Um conhecimento sentado, curvado, encolhido sobre si próprio (GROS, 2010).

Com a eliminação das pernas nos processos educacionais, resolvemos investir em oficinas que explorassem as pernas que ganhamos em nossos caminhos, para retirar a compressão das coisas que passaram por nossos pés, assim como falado na língua inglesa – *under-stand*.

“[...] perna é o que leva a gente, eu acho, né, as vezes a gente fica muito aqui em cima, no planejamento no pensamento, na resolução na possível resolução, mas essas pernas são as que levam a gente assim. E eu acho que retomar essas pernas é muito importante porque é retomar pra onde a gente vai.” (Lucas, 18/10/2017).

Tentamos criar movimentos de apoio com as pernas. Uma vez em pé, não é possível ficar parado, e caminhar juntos implica uma coparticipação, o entendimento de que há participação do outro no processo. Envolve tônus para receber e responder ao movimento proposto, ou seja, aceitar um movimento de forma consciente e concordante; sentir junto demanda a participação mútua de todos os envolvidos. Apoiar, nessa lógica, não é uma forma de cessar o movimento, mas garanti-lo, dar suporte e ambiência para que a criação se realize. Com essa proposição, preparamos a sala.

Sustentando pesos, dividindo dores, emprestando limites

Estamos em outra oficina, o primeiro convite foi à experimentação do *grounding*: fazer contato com a terra. Trata-se de um clássico exercício da bioenergética (LOWEN, 1985) cuja premissa é a experiência de enraizamento, estabelecendo relação entre os movimentos voluntários, semivoluntários e involuntários a partir da percepção de como nos sustentamos.

Na produção do *grounding*, ao flexionarmos as pernas, aumentamos a sensação da força da gravidade sobre nosso corpo. Investindo em uma respiração diafragmática, enquanto os participantes executavam estas ações, eu executava um movimento de compressão na

região do trapézio que convidava a uma percepção de si e alterações quando o tônus é distribuído aos membros inferiores.

“É, quando soltou eu falei assim, quando soltou, não parecia meu ombro, meu ombro não é assim, meu ombro é tensionado, ele soltou a trava, fazia muito tempo que eu não tava com o ombro tão relaxado assim.” (Letícia, 01/11/2017).

“[...] o meu pé tava formigando, eu falei tem uma coisa muito errada, e quando levantei, passou.” (Jéssica, 01/11/2017).

“A gente conversou sobre o que a gente mais sentiu, assim, sentimos coisas iguais e coisas diferentes, tipo, a tensão aqui quando você apertou, quando você segurou aqui (trapézio) e você soltou eu disse que tive a sensação que você tinha levado todo meu corpo embora e só tinha ficado as pernas, assim, no chão, e ela falou que ela também teve essa sensação de que ela sentia muita tensão aqui (trapézio), aí isso foi o que a gente sentiu aqui.” (Vitória, 01/11/2017).

Poucos minutos depois, algumas pessoas, não todas, entraram em um estado de vibração, um quadro que, segundo a bioenergética, diz de uma redistribuição energética que anteriormente estava estancada por contrações musculares cronificadas.

“[...] depois do encontro eu sinto dor o dia inteiro na perna, mas acho que hoje foi o que mais senti, não é dor, é uma sensação diferente como que eu sentisse minha perna. E aí dói. Eu não sei explicar gente (riso) [porque a gente não sente sempre a perna] é! E dói... às vezes pra subir escada dói e eu sinto realmente. Eu sinto a perna depois do encontro. Eu sinto dor também, e eu sinto aqui assim... é eu não sei explicar, é como se eu tivesse ido malhar na academia e aí saísse da academia, é uma dor mas não é uma dor surreal, é um dor tipo, estou sentindo, estou sentindo minha perna.” (Letícia, 01/11/2017).

Aproveitando este movimento que toma a sala, convido para uma técnica de butô: *the hanging body*⁶³ – um exercício de imaginação para ação. Imaginamos então um fio saindo do

⁶³ Esta técnica foi aprendida no *workshop “Body Resonance, based on Butoh and Organic Movement”* realizada por Yumiko Yoshioka. Bailarina, coreógrafa, mestra e diretora artística, Yoshioka pertence à primeira geração de bailarinos que criou e moldou as bases do Butoh, juntamente com os expoentes Tatsumi Hijikata e Kazuo Ohno. Atualmente, pesquisa a interação entre dança, espaço e arte visual distanciando-se, assim, do Butoh

topo da cabeça até o céu e outro saindo do períneo até o centro da Terra. Com os fios tensionados, imaginamos que alguém os puxa com leves e constantes toques para cima e para baixo.

Com o exercício do *hanging body*, sacudimos um pouco; os ombros começaram a ganhar mais espaço e movimento e os corpos mais vitalidade. Não parecíamos mais pendurados por uma tensão que cola nossos ombros na cabeça; aumentar o espaço com o movimento parecia trazer mais disponibilidade aos corpos.

Proponho um *grounding* invertido: enrolando o corpo para baixo, cabeça e braços ficam pendurados, enquanto o quadril se volta para cima. As vibrações do primeiro *grounding* ganham contágio e uma parte maior do grupo entra em vibração.

“[...] e outra coisa que eu falei foi a questão do equilíbrio, eu falei que é muito fácil desequilibrar e que eu, é, no primeiro grupo que eu vim que foi no segundo grupo, segundo dia de grupo, eu não conseguia ficar com a perna, me empurravam e eu ia eu não conseguia voltar com a força pra trás, e aí foi aquele dia que você falou: encaixa o quadril, não sei o que e aí eu do nada veio e já começou a doer muito a minha perna aquele dia, só que hoje tava doendo muito, tipo muito. E eu falei assim: gente não é possível que só eu esteja sentindo essa dor, tá doendo muito e tava todo mundo super bem e eu tipo gente! E outra coisa que eu falei que ela falou assim: gente eu não senti isso. Que foi quando a gente abaixou e aí você fez a força embaixo do quadril e tava vibrando muito! Parecia que tava formigando muito, mas não era formigamento, foi outra coisa sei lá.” (Lucas, 01/11/2017).

“[...] eu senti isso também, e tava sentindo muito, muito, muito e quando levantei a cabeça passou.” (Jessica, 01/11/2017).

“[...] eu tava achando muito engraçado, muito doido, eu tava assim, gente que coisa doida, eu já senti assim, tinha uma época que eu meditava muito assim, e aí eu sentia uma coisa meio doida assim e eu achava muito engraçado ficar sentindo essas coisas meio doidas, e foi a mesma sensação, foi uma sensação boa, tava doendo tava formigando, mas eu tava achando muito engraçado porque eu não tava conseguindo controlar aquilo e tava só fazendo e eu tava achando engraçado entendeu? É foi um pouco que eu senti assim... eu não

convencional e passando a explorar novas áreas de trabalho de corpo e artes performáticas. Seu workshop foi realizado entre os dias 21 e 23 de outubro de 2016, em um espaço do Rio de Janeiro que promove a integração de culturas e técnicas vivenciadas através da dança, teatro, música, artes plásticas, Kinomichi e outras artes do movimento.

sei, não sei explicar, foi bom, porque tava doendo mas não era uma dor que me machucava era uma dor que eu só sentia, é não sei explicar, foi bom, foi algo muito bom.” (Lucas, 01/11/2017).

Creio que esse foi um momento de aquecimento, uma tentativa de convidar a perceber as pernas, a fim de experimentar essa consciência nos exercícios por vir.

Em duplas, formamos uma fila. Da lousa até o fundo da sala, convido uma dupla por vez para experimentar encaixes entre os corpos sem perder as pernas. Em movimento, experimentamos esses encaixes em todos os planos (alto, médio e baixo), ou seja, as duplas começavam em pé, iam até o solo, e terminavam em pé outra vez. Na sequência abrimos a roda para dividir as experiências:

“E aquela parte das duplas foi muito legal, porque eu comecei a jogar essa responsabilidade pra perna.” (Leticia, 01/11/2017).

“[...] eu achei engraçado porque assim, você fala de apoio assim, eu já imaginei que ela ia se debruçar assim em mim e não. Foi um apoio muito diferente ela veio de uma forma muito sutil e eu senti que ela realmente estava se apoiando, mas que ela não estava se jogando ali. Eu estava sendo apoio pra ela, mas eu não tava com aquilo tudo eu estava sendo um apoio ali, só ali onde ela precisava e na medida que ela precisava achei interessante porque achei que ia ser uma coisa mais pesada. Eu achei que ela ia se jogar assim de ter que segurar com meu peso todo. Mas foi uma forma diferente de ser apoio, acho que foi isso porque no final, na hora que eu soltei que eu percebi ela estava realmente ali se apoiando só que pra mim não parecia porque ela estava de levinho ali, mas ela tava se apoiando.” (Vitoria, 01/11/2017).

“[...] eu tenho muito essa sensação de que quando eu vou ser apoio eu não sei, eu não busco vai vir um peso e eu vou pegar um peso, eu tenho a sensação de que alguma coisa vai vim e eu vou aos poucos colocar um equilíbrio na nossa sensação de dois acho que foi mais isso mesmo de eu vou colocar um equilíbrio, vou deixar o peso vir e aí o peso vai ficar em mim numa sensação de equilíbrio, não eu fazendo uma força.” (Jessica, 01/11/2017).

“[...] o peso não precisa ser maior do que eu né, ele pode tá do meu tamanho, ele pode se encaixar em mim, ele pode se encaixar no meu corpo.” (Leticia, 01/11/2017).

“Os movimentos foram se encontrando, sorrisos saltavam nas transições de plano e encaixes improváveis iam surgindo. Parece que os sorrisos abrem espaço para encaixar diferente. As brincadeiras de tensão e flexibilidade foram se transformando em uma dança e assim deixamos o encontro encontrar seu fim peça para conversarem entre si em seguida abrir a conversa em uma roda. [...] e ela não deixa, não quer começar.” (Jessica, 01/11/2017).

“É eu sempre começo desde que alguém começa em mim, se é pra fazer eu já deito no chão para alguém fazer em mim, se é pra apoiar eu deixo que as pessoas fiquem se apoiando em mim, eu tive muito essa sensação hoje.” (Vitoria, 01/11/2017).

“[...] ela falou uma coisa engraçada, ela falou que tava com medo de não conseguir ser apoio, só apoiar.” (Jessica, 01/11/2017).

“Eu tenho dificuldade de ser apoiada fisicamente falando mesmo e eu ficava preocupada pensando assim, eu to me apoiando demais e aí ele falou que não, acho que por eu não consegui deixar esse peso em mim eu não consigo soltar o peso na pessoa e pra mim eu tava super”. (Leticia, 01/11/2017).

“[...] engraçado porque pra mim foi um pouco diferente eu fico com essa mania de controle primeiro então eu acho que os movimentos eu queria saber, por isso que quando foi de olho aberto foi ruim, eu queria saber, prefiro ser apoio.” (Lucas, 01/11/2017).

“[...] tenho dificuldade de ser apoio, deixar apoiar em mim.” (Amanda, 01/11/2017).

“[...] eu não quero ser a primeira, ele diz que quer controlar tudo, eu não tenho essa.” (Vitoria, 01/11/2017).

Ao perceberem dificuldades opostas, como um tem dificuldade em apoiar e o outro em ser apoio, bem como a necessidade de controle por parte de um e não de outro, comento com o grupo como cada experiência poderia servir de apoio para as dificuldades expostas. Proponho, como intervenção, que as pessoas que partilhavam dificuldades opostas realizassem uma cena na qual essas dificuldades se encontrassem.

Apresentação da cena:

Uma dupla dançava em posições opostas com olhos fechados e movimentos próprios. Os corpos pareciam se buscar, até que se encontraram e viraram de costas um para o outro. O corpo que disse anteriormente ter dificuldade em ser apoiado vai flexionando a coluna para trás até ser totalmente erguido e apoiado pelo corpo que disse que tinha dificuldade em apoiar.

— *Foi muito difícil... não sei pra você, foi engraçado porque só no fim eu notei que enquanto eu ficava aqui, meu corpo ia se mexendo, sabe? Ele ia acontecendo assim, eu tentava, a gente tinha uma dupla realidade, eu tentava imaginar ela nos vários cenários assim, o que a gente ia fazer e tal, e na hora ela já estava se mexendo, eu me integrei nesse fim, eu falei: ó deu tudo certo, sabe? E achei que foi engraçado porque no fim a gente falou de equilíbrio e desequilíbrio também, né? Porque meio que a gente ficou de costas e você foi pra frente eu não tava sabendo o que você estava fazendo eu estava sem controle, assim, mas eu estava querendo não estar com controle e aí depois eu achei que você super me segurou. Quando a gente estava andando pra trás, você tropeçou, mas eu digo quando eu coloquei meu peso sobre você assim você me segurou todo na sua perna - Disse o participante que foi erguido.*

— *Mas eu nem senti.* Respondeu de forma tímida sua dupla.

— *Que!?! Sério!?!* Exclamaram outras participantes que viram a cena

— *Eu pensei “nossa, e agora? Vou cair de cabeça.” Ela tinha dito que não tinha equilíbrio, mas ela super me segurou.* Reafirma sua dupla.

— *Eu nem senti o peso dele.* Diz a parceira que o suspendeu.

— *Ele literalmente se jogou pra trás, todo, todo, todo!* Ainda exclamando uma participante que viu a cena.

— *Eu nem senti, eu achei que ele nem tivesse jogado todo.* Segue afirmando uma das protagonistas da cena.

— *Não eu fui colocando, colocando e você foi indo.* Complementa sua dupla.

— *Eu achei que ele não tinha soltado tudo, e eu fui segurando aqui, e não foi tão pesado assim.*

— *Foi lindo assim.* Comenta outra participante.

Peço atenção para uma frase:

— *Não foi tão pesado assim, não foi tão pesado de segurar. Como é falar isso? – Questiono.*

— *É bom. Você aguenta um peso tão grande e você nem sentiu que foi tão grande assim, foi bom. Você olha pra ele e diz “nossa, deve ser muito pesado, ia me esmagar”, e tipo, não foi, é bom, não te sentir tão pesado assim.*

— *Você então pode aguentar mais do que imagina?* Pergunto.

— *Eu posso aguentar mais do que eu imagino.* Ela responde.

— *É verdade?.... Sem dor?* Sigo questionando.

— *Sem dor.*

Quando conquistamos a postura ereta, todo um jogo de força se altera em nossa mecânica corporal, os pés passam a ganhar funções como a de receber o peso do corpo e permitir um desenvolvimento progressivo para o deslocamento. No caminhar, os pés vão estabelecendo uma relação de contato, apoio, pressão, impulso e separação com o chão. Ou seja, fazemos contato, nos unimos e nos diferenciamos do solo a cada passo. Isso implica resistência e flexibilidade (CASTRO, 2016). A marcha forma uma onda vertical, pulsátil e emocional, que pode estender-se para o mundo e contrair-se de volta para o organismo (KELEMAN, 1992).

A frequência da marcha vai aos poucos estabilizando um pulso e estabelecendo um ritmo próprio, que faz parte da construção de nossa subjetividade. Essa dinâmica se forma a partir de uma complexa relação entre nosso metabolismo interno e a gestão voluntária dos movimentos. A caminhada se agencia como uma bomba pulsátil que mobiliza nossos líquidos, músculos, ossos e neurônios. Logo, mover-se na vertical atualiza nossa forma de relacionarmos-nos com a terra e tudo que nela está envolvido.

Segundo Keleman (1992), múltiplos aspectos participam da eretibilidade, sendo eles: genético, bioquímico, mecânico e emocional. Todos esses aspectos compõem a história de um sujeito, que precisa lidar com tais estímulos para gerir sua vitalidade e transformá-la em relações, movimento e domínio do campo gravitacional.

Quando estimulamos

exercícios de atenção à eretibilidade, percebemos as marcas do grupo e como se afetam com a distribuição de peso nas pernas, a diferenciação do corpo em relação ao chão, o jogo de peso com outros corpos. Tais afecções trazem formas de lidar com essas forças vivas que podem passar do medo à orientação, da paralisia ao salto, da dor à sustentação (CASTRO, 2016).

“[...] o que eu pensei assim, é que muitas das vezes eu saio do equilíbrio muito fácil com as coisas da vida, tipo, não é andando e tal. E aí eu acho que fico muito tensionada e aí eu meio que, é não sei eu fico sofrendo com dor e tal e eu fico muito travada, e o que a gente pode pensar disso é liberar essa energia vital, mas são coisas que eu não faço, que eu acho que eu

posso levar. Quando chega, eu fico com isso aqui duro, tensionado, muita dor, e aí meio que percebo que preciso sentir mais minha perna.” (Leticia, 01/11/2017).

Na posição vertical, expomos as vulnerabilidades do nosso organismo. Como quadrúpedes, as partes moles e vulneráveis de um organismo estão protegidas por músculos e ossos das costas. Ao invés de proteção, nós, quando caminhamos, precisamos lidar com a exposição de nossas partes macias. Tal exposição amplia demasiadamente a ação dos órgãos de captação do sistema nervoso, aumentando as informações que chegam pelos órgãos de sentido, para que possamos estar cada vez mais cientes do que nos cerca, evitando possíveis ataques e ameaças.

Em contrapartida, a partir de nossas vulnerabilidades, são possíveis também encontros mais íntimos, toques mais próximos e profundos. Precisamos, então, lidar constantemente com este paradoxo entre o perigo e a possibilidade intensa de vínculos e conexão. Estar em pé, portanto, requer uma rede social, uma rede de apoio para que, mesmo com todas as nossas vulnerabilidades expostas, possamos nos realizar. Dessa forma, encontramos o apoio naquilo que nos expõe, movimenta e conecta.

Nesse momento, vale ressaltar a relação de nossa verticalidade com o espaço escolar. A vida escolar chega em um momento específico de nossas vidas, visto por um padrão hegemônico. Trata-se do momento em que saímos da conexão com os pais e lançamo-nos para a ampliação de laços e vínculos sociais.

Interessante perceber que, exatamente nesse momento, nos deparamos com uma couraça institucional: a carteira. Na maior parte do período escolar, e ao longo de toda a escolarização, nossas partes moles estão “protegidas”, “cercadas” pelas carteiras.

A partir desse acoplamento corpo-carteira podemos apontar como algumas relações escolarizadas formam-nos, atrofiando nossa capacidade de exposição e conexão. Essa arquitetura potencializa a formação de seres incapazes de fazer contato com os outros e consigo mesmos. Sentados e isolados, nos especializamos, pouco a pouco, em criar defesas, barreiras, medos e competições.

Nossas experiências têm uma fisicalidade, pois toda atividade envolve um processo organizador do movimento, que produz sentido e significado às nossas experiências (KELEMAN, 1995). Quando destacamos uma inviabilidade física em conectar-se com os colegas por meio de barreiras de madeira, ferro e/ou plástico, estamos alertando para esse agenciamento pedagógico como fator dificultador da possibilidade de construir colaboração e intimidade.

Por este motivo, apostamos na retirada das carteiras como método para produção das oficinas. Pois é a partir da retirada da carteira que pudemos criar espaços em que a história das nossas vulnerabilidades não nos paralisasse, mas nos fizesse capazes de juntos aguentarmos mais do que imaginávamos. Dessa forma, o conhecimento não se apoia mais em cadeiras ou quadros, mas em nossa capacidade de conexão com aqueles que participam dos momentos em que se vive juntos.

Vale ressaltar que não se trata de um manifesto para evitar as carteiras a qualquer custo. Em alguns momentos do processo pedagógico pode ser uma ferramenta interessante para organizar formas e pensamentos. A retirada das carteiras trata-se de uma estratégia que abre possibilidades outras para que o ensino, com ou sem carteiras, possa ser organizado por acordos e não imposições.

No pesquisarCOM podemos entender que a exposição de nossas vulnerabilidades multiplica as versões da pesquisa, por implicar exercícios de conexão e cuidado das vidas que compõem cada encontro. Tais exposições demandam um certo apoio, como a sutileza em lidar com o peso da vida. Para isso, não basta estar em roda, sentados e cercados por mesas e cadeiras, investindo preponderantemente no olhar e na fala. É preciso estar de pé, expostos, próximos, capazes de nos conectar e nos abrir fisicamente, sem metáforas. Nesse encontro, acredito que fomos levados a experimentar o apoio de uma forma diferente. Um apoio que não apenas suporta o peso, mas se importa com o outro e consigo mesmo.

“[...] mas que te transforma né, porque aquilo é movimento, como você falou, não é só com pessoas, o encaixe, é com uma dor, com um dia, um pensamento, uma memória e se você se relaciona com essas coisas de uma maneira igualitária, honrosa, respeitosa, isso já é movimento, então engraçado. Saía um peso do meu corpo e isso já era movimento, isso pra subir e pra descer eu achei muito bonito.” (Lucas, 01/11/2017).

PARAR

Estamos em nosso oitavo encontro consecutivo e gostaria de investir no corpo como campo expressivo. Essa vontade fez-se presente após sentir os efeitos das oficinas anteriores e perceber que estávamos conseguindo aumentar nossa capacidade de dar mais liberdade para o mover. A dança pareceu ser um elemento que vinha ganhando espaço e fluidez em nossos encontros. Os relatos dos participantes parecem alcançar esse lugar, em falas como:

“Um encontro que permitiu mover meu corpo e o corpo do outro sem tantos pudores que o mundo lá fora nos impõe. Liberdade. De me expressar e de enriquecer a expressão do outro. Desenrijecer. O corpo e os sentimentos. Trazer pra fora muito do que está guardado lá dentro no fundo. Mas não através das somatizações doentes e sim através dos simples pedidos fluídos que só vem e eu atendo sem resistências.” (Amanda, 06/12/2017).

Animado com as imagens dos corpos dançantes dos últimos encontros, resolvo investir em mais técnicas de dança, apostando na amplitude e exploração de movimentos a partir de ferramentas que havia aprendido recentemente. Penso em usar como ferramenta o conceito de “antena”. Esse conceito é utilizado por algumas bailarinas de Butoh. Trata-se de encarnar qualidades de movimento a partir de imagens fantásticas e imaginárias. A “antena” como ferramenta busca alcançar o invisível com o esforço do corpo ao percorrer a sequência: imagem – movimento – sensação.

Eis que nos encontramos no dia da oficina.

Chego atrasado e acelerado, querendo arrumar a sala, preparar o som... Afobado, nem pergunto como estão as pessoas que já ocupam a sala.

Iniciamos com alguns exercícios de aquecimento. Tais exercícios são uma forma de preparação para a proposta de cada oficina. Aquecer, em outras palavras, é provocar uma intervenção inicial nos modos como nossos corpos se movem cotidianamente, trata-se de ultrapassar uma inércia ou repouso dos sentidos e despertar um estado de presença mais atento e disponível para a experimentação em grupo.

Após o aquecimento inicial, começo a trazer as imagens para disparar movimentos e ampliar recursos para se mover (antena). Peço para se imaginarem como um artista obcecado pelo número oito e que absolutamente todo o espaço é uma tela. Então convido a traçarem os mais variados tipos e padrões de oito, com os braços e pernas, como se

pudessem pintar tudo de oito. Os movimentos variam de grandes amplitudes a pequenas variações nos dedos. O grupo pinta a sala de movimento, até que, após alguns minutos, esse artista não é mais você, ele invade seu corpo e passa a pintar oitos em seu tórax, constantemente e de mil e uma formas.

Em seguida, o artista migra para a cintura e segue em sua perseverança de pintar oitos, agora no quadril. Esse mesmo artista “interno” larga o pincel e passa a fazer sua série de oitos, agora com uma máquina de tatuar no corpo inteiro, o movimento segue com mil e uma agulhadas. Tais imagens vão alterando modos de sentir e mover o corpo e o grupo parece seguir as propostas, mas com um ritmo mais lento do que meu movimento interno. Após refletir, percebo que ainda tinha em mim a aceleração da chegada.

Uma pausa para outro momento de antena. Caminhar encontrando formas de se conectar com um golfinho, tentar ir metamorfoseando o corpo e os movimentos para encontrar um jeito próprio de ser golfinho.

Trago para esta proposta uma caixa de som que emite sons de bolhas. O som aos poucos toma a sala. Sugiro algumas características do golfinho como olhos grandes, curiosos, os golfinhos como devoradores de bolhas que tomam a sala com o som e também a imaginação dos participantes.

Após um tempo, um convite. Dividimos a sala em dois grupos para realizar uma cena a partir do golfinho que cada um montou. Cada grupo, alternadamente, encena enquanto o outro assiste os golfinhos formados por cada um e suas relações. Uma característica importante foi colocada por mim: o golfinho nunca perde a alegria e sempre inventa formas de comer as bolhas

Uma vez divididos os grupos, com um grupo sentado de frente para o outro, iniciamos as seguintes situações:

A sala ainda ao som de bolhas. Cada golfinho se encontra em um lugar fechado, cheio de bolhas, eles estão felizes, brincando com as bolhas. É um lugar apertado e cilíndrico, e os golfinhos brincam e devoram as bolhas em cima e embaixo do seu lugar fechado. Aos poucos eles descobrem um buraco que se abre neste lugar e encontram um oceano, todo o espaço agora é possível para seus movimentos; há mais bolhas em mais lugares e também outros golfinhos.

A liberdade de se mover no espaço vai se transformando, agora um novo cilindro vai comprimindo o espaço, e dessa vez juntando todos os golfinhos em um espaço muito pequeno. Eles se tocam e ainda podem brincar com as bolhas em cima e embaixo, e aos poucos criam novas sincronias de movimento.

Dessa forma, a cena vai se encerrando.

De repente me volto para o grupo que está assistindo e uma imagem me toca diretamente. Ao som de bolhas do fundo do mar, vejo um corpo molhando a sala. O mar que ia se formando na sala vinha de lágrimas de uma participante. Todos olham para ela e para mim como se esperassem algum movimento que não cabia mais ser o movimento de conduzir a cena. Paramos.

Dirijo-me até ela e pergunto se gostaria de continuar na sala com alguém cuidando dela ou sair com alguém dali. Ela me responde, após um longo silêncio, que preferia sair um pouco, convido-a para que vá com alguém – ela não diz nada e sai sozinha, mas o grupo não deixa que a solidão dure muito tempo e, logo após sua retirada, alguém, sem nenhum combinado, levanta e vai em sua direção.

Dentro da sala interrompo a proposta inicial para conversarmos sobre como estávamos nos sentindo e como tinha sido até aquele momento. Há um clima diferente no ar. Ainda estamos envolvidos demais com a cena do choro para falar de qualquer outra coisa e assim surge um desejo de todo mundo: ficar mais perto e cuidar da participante que saiu. O grupo queria cuidar de quem estava ali.

Neste momento, fica evidente como aquele espaço formado por nós significa algo e todos nos responsabilizamos por ele de alguma forma. O grupo sabe que pode contar com quem está ali. Saí e comuniquei essa vontade do grupo para ela, que estava ao lado da porta da sala, acompanhada. Disse que o grupo sentiu vontade de ficar junto com ela e cuidar do que estava acontecendo. Disse ainda que ela poderia dizer o que estava sentindo e veríamos como poderíamos inventar um cuidado para aquilo, caso ela quisesse.

Esta proposta de inventar algo foi feita pelo grupo e esse movimento me desestabilizou, senti um grupo forte que se apoia ao invés de se apoiar em mim como o único mediador do cuidado. Ela topa a proposta de voltar e conversar com todos. Sentados em roda, ela diz que já estava mal antes e que estava se sentindo muito mal com ela mesma.

Entre outras falas dos participantes, surgiu a proposta de um abraço coletivo. Depois uma saravada⁶⁴. Outra proposta foi de dizer quais eram as dores e vulnerabilidades que cada um estava carregando ao chegar ao grupo e como o grupo estava transformando essas dores. Dentre as falas, surgiram: a dor de não se sentir amparado e como os toques entre os corpos na oficina construíam a sensação de cooperação e aliança. Outra fala foi de

⁶⁴ Exercício realizado em oficinas anteriores em que uma pessoa fica de pé, no centro de uma roda, envolvida por todos os participantes. Em seguida, todos apoiam as mãos sobre a cabeça de quem está no centro da roda e, de forma rápida e sincronizada, descem as mãos passando por todo o corpo até os pés.

se sentir mal por não conseguir entrar no golfinho nem ficar feliz, pois estava triste com o dia. Nesse momento, percebo que não havia perguntado como estavam, antes de começar o grupo.

Após a exposição da dificuldade em fazer o golfinho, noto o quanto minha ânsia por técnicas de dança e aceleração me fizeram reproduzir uma lógica disciplinar e escolar de ação, execução, sem reflexão. Tal percepção me fez expor ao grupo uma sensação de fracasso, pois a ideia não era virar um golfinho perfeito, mas o que se conseguia conectar e, ao se conectar com a imagem, a ação modificaria a sensação, no caso de tristeza.

Fizemos uma massagem coletiva, em seguida uma mandala de corpos deitados no chão. A Isabella disse que consegue levar momentos vividos por nós para fora do grupo. Nos momentos em que teve dificuldade de estudo, ela diz que aprendeu a parar. Quando ela executava pausas em momentos de dificuldade, podia perceber no corpo como estava se desesperando, em seguida tentava experimentar outras formas de encarar a situação.

Falaram da massagem como muitos toques para assimilar, mas que aos poucos virava uma coisa só. Falaram também que, geralmente, sendo mulher, é difícil tocar homens, mas que ali podemos construir outra forma, e que ali não é um espaço para só ficar bem, é um espaço construído por todos para ficarmos bem.

Após tais experiências, os efeitos fazem sair um relato de quem havia chorado: “sou outra pessoa” e quando pergunto o que ativou o choro, ela responde que foi quando percebeu que não conseguia fazer o golfinho. Nesse momento, chegamos em um ponto de análise muito importante para a pesquisa. O choro performou em mim uma forma de dizer: “para e re-para nesse modo de conduzir, hoje não funciona a lógica de reproduzir.”

Das coisas que não se esperava V

O choro trouxe sua sutileza, ao nos fazer parar e reparar. Havia uma herança escolar que atravessava o grupo em final de período e atualizei quando apostei em uma linearidade de evolução do grupo, acelerado. Não busquei saber como estávamos antes de começar, não acolhi o que chegava e investi apenas na transmissão de técnicas e conceitos de dança como se fosse algo acumulativo. O grupo neste momento mostra força ativa e abre caminhos para aproximações.

Este gesto de chorar como uma forma de parar o que estava em curso nos ensina que a aplicação da técnica não é algo unidirecional. O grupo enquanto força coletiva responde à

minha aceleração e a um modo que prima pela execução. O choro aparece então como uma retomada do presente, um gesto sutil que tece fios para juntar nossa atenção às relações possíveis naquele momento.

Quando todo o coletivo atentou-se ao instante que fugia de uma atividade esperada, pudemos perceber que parar não é interromper. Pelo contrário, o gesto que o choro ativou – parando o que estávamos fazendo –, mostrou as possibilidades de continuidade de um grupo implicado em construir redes de cuidado entre todas e todos que dividem aquele espaço, algo pensado e pactuado na origem de sua criação.

Executar é tudo que os participantes estavam fazendo nas últimas semanas. Era final de período e a execução, acelerada por prazos e volumes imensos de provas e trabalhos, estava tornando-os tristes. O choro nos fez parar e aprender a acolher e inventar formas de cuidar. Foi preciso que algo vazasse pelos olhos para que eu pudesse vê-la.

Nesse sentido, parar, escutar e cuidar deste choro nos fez transformá-lo em abraço, massagem, versões de fragilização e fortalecimento nos espaços de formação. Algo que conecta, expande e amplia formas de estar e fazer no mundo, eis a potência da sutileza.

Aprendemos a aprender. Entender que a aprendizagem é sempre coletiva e inclusiva, pois, inclui outros participantes que também produzem mundos. Cabe escolhermos qual mundo queremos viver. “Não é o conhecimento, mas sim o conhecimento do conhecimento que cria o comprometimento” (MATURANA; VARELA, 2002, p. 270).

Entendendo a partícula “a” como partícula de negação, propomos uma interpretação livre da palavra – aprender como **não prender**, não se prender a modelos e expectativas. Aprender não é aprisionar, mas trazer para junto na conexão do possível – é o que estamos construindo no grupo, formas de nos levar juntos sem nos agarrar em dogmas institucionais. Assim como a Isabella disse sentir que iria nos levar junto nas férias. Aprender a a-prender é cuidar do que escolhemos trazer para perto de nós.

Hoje o grupo me olhou de volta: eu tentando articular um corpo conceitual, um corpo como um campo expressivo. O grupo me olhou de volta e me mostrou um modo de funcionamento adoecedor de autocobrança e espremimento. Ou seja, enquanto eu imagino uma linearidade e um corpo perfeito conceitualmente, os corpos me olham de volta e me convidam a olhar essa formação de um si coletivo e espontaneamente expressivo. Pedem para parar. Uma participante que compareceu pela primeira vez neste grupo, a convite de uma amiga, ao final do encontro diz que vai levar isso para faculdade dela. Ela cursa medicina no estado do Amazonas e relata que todo mundo lá estava mal também no fim do período, porque eles não paravam. Precisavam parar, e esse foi um espaço para isso.

Por fim, retomamos o choro como um mal-entendido promissor, que nos fez olhar para heranças deixadas pelo ambiente escolar em nossos corpos e modos de agir. Uma herança onde ter que executar, provar que sabemos, se sobrepõe à nossa capacidade de nos acompanhar em cada experimentação.

Um mal-entendido promissor é, portanto, aquilo que produz novas versões disso que, apenas em contato com o outro, pode fazer existir. Em outros termos, ele é uma proposição que, da maneira pela qual se propõe, cria a ocasião para uma nova versão possível do acontecimento (DESPRET, 1999). E foi apenas quando o olhar de uma participante transbordou em águas que pudemos perceber o que estávamos fazendo para consecutivamente inventar outra forma de fazer.

Das coisas que não se esperava VI

Com a perspectiva de acompanhar e ampliar formas de expressão dos efeitos das oficinas, sempre pedia para que os participantes colocassem suas impressões de forma livre em um pedaço de papel. Tais relatos poderiam ser poesias, desenhos, escritas...

Então, ao final de cada oficina, distribuía papéis e cada pessoa ficava à vontade para compor algo de sua experiência naquele momento. Esse relato não era obrigatório, mas eu fazia questão de dizer da importância, por não querer escrever sozinho as impressões que tinha de cada encontro. Todos os relatos entregues aparecem em algum momento da tese.

Uma participante em especial nunca me entregou nada. Não era algo que eu reparava, pois as folhas não eram identificadas com nomes. Porém, tive essa percepção quando essa participante, ao final de uma oficina, me confrontou diretamente:

— *Thiago! Nunca te entreguei nada, mas dessa vez eu quero muito escrever! Foi muito intenso! Não vou escrever agora porque estou atrasada para almoçar, mas dessa vez quero que você me cobre.*

Atendendo ao seu pedido, após duas semanas sem receber nenhum relato e já afastado do Rio de Janeiro, envio uma mensagem para ela por *whatsapp*. Nos dias que se seguem, não recebo nem o relato e nem uma resposta à mensagem enviada.

Um mês se passa. Retornando ao Rio para fazer uma oficina de encerramento, reparo que esta participante está lá.

Ao final do encontro, ela me procura e diz:

— *Thiago, não te entreguei nada, né?! Eu sei! Mas é que eu só fiz o que consegui fazer.*

Pergunto curioso o que ela havia conseguido fazer. De repente, ela suspende sua blusa até a altura das costelas e mostra uma tatuagem:

— *Só consegui fazer isso. Esta tatuagem⁶⁵. Para mim, ela significa o que aprendi nas oficinas: estar com o outro sem se perder de si mesmo. É sobre crescer sem deixar de caber no próprio corpo, sobre se expandir estando dentro de si. Florescer, flor e ser.*

As marcas da oficina vão se revelando por lugares inesperados. Ela havia tatuado seu relato. Em uma formação escolarizada, o que importa são os registros em papéis: provas, relatórios, resenhas e fichamentos. Quando incluímos um corpo sensível, capaz de mover e dividir suas marcas, percebemos registros sutis – aqueles que sustentam todas as expressões acadêmicas, mas, antes do papel, são gravados em nossos corpos. Aprendemos então que quando conseguimos nos conectar, expor e comunicar nossas marcas, os registros que ficam na pele podem valer tanto quanto os registros em papel.

⁶⁵ A imagem da tatuagem está representada por um bordado (figura 14).

Figura 14 – Sem título (2020)



Fonte: arquivo pessoal

Descrição da imagem: Fotografia de um bordado feito em tecido branco, dentro de um bastidor de madeira clara, sobre uma superfície de madeira mais escura. O bordado é todo feito em linha preta grossa. Do lado esquerdo do tecido há uma figura humana, sem cabeça. De seu pescoço saem ramos compridos de flores, que sobem até quase chegar na parte superior do bastidor. A parte debaixo do corpo termina na altura do quadril, atravessada por uma linha azul de caneta. [Fim da descrição]

FAZER, PERCEBER E SENTIR

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco.
(BONDÍA, 2002, p. 25)

Todos os nossos exemplos levantam o mesmo problema: o que o corpo (nos) faz (os outros) fazer. E como todos os nossos exemplos sugerem, este corpo que 'faz-fazer' é primeiramente articulado pelos afetos.
(DESPRET, 2004, p. 78)

Parentescos e alianças tornam-se conexões transformadoras – mesclando relações herdadas e construídas. Este gesto nunca foi evidente.
(BELLACASA, 2012, p. 45)

Começaremos aqui a retomar e delinear algumas produções de um caminho trilhado pelo trabalho que fizemos juntos. Tentaremos apresentar no texto e nas produções coletivas algumas camadas de sensibilidade, antes inesperadas, que puderam ser formadas com o grupo.

A primeira camada diz de um relato que surge na segunda oficina. Nesse relato, uma participante aponta que, após as práticas de sensibilização e consciência corporal realizadas na primeira oficina, pôde perceber que o corpo não é apenas um veículo que a levava para os espaços esperados e determinados pela sua rotina.

Evidencia-se, assim, uma relação entre consciência-afeto-corpo, corroborando a afirmação de que nem o mundo, nem o corpo, nem a consciência podem ser claramente separados, e a alteração de movimentos ordinários em experiências novas de contato com o espaço e com outros corpos multiplica outras formas de ser, estar e pensar. Dessa forma, podemos explorar a relação complexa entre corpo, afeto e consciência, na qual a indução de novas articulações entre os corpos provoca maior consciência sobre relações antes naturalizadas pela rotina e amplia os horizontes de possibilidade de ser e sentir.

Chegamos nesse lugar a partir da prova como dispositivo pedagógico, que na primeira oficina atualizou no grupo uma lógica de rigidez e colapso nos corpos. No decorrer desse encontro, caminhamos para um construto de um espaço de formação onde fosse possível provar (degustar) os sentidos que nos formam e que podemos formar, em grupo, partilhas de sensibilidades. Essa nova lógica traz à cena um novo sentido, o sentido do paladar, que necessariamente demanda proximidade, contato e incorporação, convidando-nos a pensar uma formação que, além de diminuir distâncias, se atenta a como incorporamos, tornamos nosso e expressamos nossos modos de ser.

Outra percepção que surgiu com o grupo foi de um certo regime de atenção que parece transitar em todos os trabalhos e que possibilita a percepção do que chamamos de gesto sutil. Trata-se de um regime de atenção que me convida a brincar com as palavras para tentar elucidá-lo. Percebo dois polos principais: *há-tensão* e *a-tensão*.

Em relação ao que chamamos de *há-tensão*, digo de momentos em que existe uma tensão mais evidente da minha parte, como pesquisador e facilitador de grupo, quando estou no ímpeto de realizar uma tarefa, quando me coloco em uma posição de pesquisador ou facilitador de grupo muito duro, cheio de consignas pré-estabelecidas e não partilhadas, mas aplicadas de forma reproduzível.

Nesse momento, a tensão se concentra em reproduzir um pensamento que foi formado anteriormente e em momento nenhum se envolve com o grupo e com o que se apresenta no presente. São momentos de reprodução de um trabalho, preconcebido e sem aresta para o presente.

Esses momentos foram importantes para perceber como os lugares ocupados de antemão, sem comunicação, atualizam heranças de um poder que dificultam a construção de um pensar com cuidado (BELLACASA, 2012) e anestesiam nossas possibilidades de articulação em nome da via de comprovação e verificação de hipóteses. Há nesses momentos, então, uma clara divisão entre o pesquisador e o objeto a ser pesquisado, que almeja um resultado esperado, um lugar para chegar e um objeto a ser visto.

No entanto, quanto mais rígido foram estes momentos, maiores foram as intervenções do grupo. Logo, o que chamo de *há-tensão* pode ser considerado como um marcador, um instrumento que, quando encarnado, ao menor sinal de avaria ou deslocamento, já sinaliza um movimento singular de grupo. Ou seja, aqui apresento uma reflexão sobre modos de proceder em espaços de formação.

Normalmente quando deslocado ou avariado o lugar de autoridade, as instituições correm e recorrem a todos os meios possíveis para manter os lugares e papéis instituídos. Contudo, os movimentos de ruptura em relação aos lugares instituídos que performamos, quando acolhidos e escutados, apareciam para a pesquisa como um gesto sutil, ou seja, *um movimento mínimo que apresentava as relações e marcas que sustentavam as conexões possíveis naquele grupo*.

Nesse sentido, a ideia de autoridade se desloca para a proposição de autoria e concorda com o surgimento de uma partilha de sensibilidades. Ou seja, a perspectiva da tese me fez experimentar um lugar de envolvimento, onde envolvia meu corpo, meu conhecimento e minha responsabilidade nas oficinas, em constantes variações com os movimentos coletivos;

logo, a prática de pesquisa tornou-se uma prática de importar-se com a autoria do grupo (DESPRET, 2014).

Tomado por essa perspectiva ética, foi possível me sensibilizar para qualquer formação e deslocamento de um lugar de centralidade. Isso possibilitou, por sua vez, um engajamento na percepção de mínimos gestos que desestabilizavam a ordem esperada e expressavam desejos, afetos, marcas e histórias que não cabiam em expectativas criadas por mim anteriormente, nem nos espaços instituídos de formação. Foi a partir destes gestos que pudemos estabelecer relações que fossem interessantes para os envolvidos e, assim, desenvolver modos de conhecer comuns.

Tais momentos lançaram-me para outro modo de estar que aqui denomino de *a-tensão*; nesse nome, tento destacar o “a” como partícula de negação, ou seja, um momento em que suspendia minhas expectativas e me via entregue ao processo que se apresentava. Nesses momentos, percebia uma maciez em meu corpo, como se não precisasse brigar por uma posição, mas receber um convite de contemplação de um processo grupal que estava em andamento.

Trata-se de ultrapassar o que se coloca como limite entre o sujeito e o objeto, para corporificar a relação produzida neste movimento. Implica construir um modo de pesquisar que acolha a experiência que insiste em expressar a multiplicidade que nos constitui, o que nem sempre pode-se dizer que é sem tensão, mas diz de uma organização maior de recuo do que de combate, mais de contemplação do que de intervenção. Talvez a tensão, nesse sentido, se implique na sustentação de um plano de criação comum, uma força de organização para uma anatomia dos encontros.

Ou seja, *a-tensão*, neste caso, diz de evitar a pressa por respostas quando surgem embates, discordâncias ou contradições. Diz, portanto, de apostar na potência que os grupos têm de criar os esforços necessários para cultivar os graus de conexão e comunicabilidade. Esse processo parece operar-se a partir de dois termos: confiança e interesse. Portanto, para experimentar, não basta entregar-se à experiência, antes é preciso desfazer-se de um lugar hierarquizado e construir um modo de permanecer no processo, em um corpo que solicita *a-tensão*.

Atentos a como os modos de relação afetam o modo de pesquisar, criamos espaços que solicitavam o deslocamento de todos os envolvidos: o lugar a se chegar é um lugar em processo, um lugar praticado, logo, múltiplo, heterogêneo e cheio de vulnerabilidades que se expuseram durante o processo. Não se está buscando algo já dado, deseja-se exatamente o que

está sendo apresentado como possível: seguir na abertura para acolher as diferenciações que o pensamento produz com a experiência.

A experiência de poder surpreender-se nesse lugar gera a possibilidade de intervenções coletivas no espaço, que rearranjam nossas percepções, mostrando-se vitais para o grupo. A possibilidade de surpreender-se surge, então, como ferramenta de cuidado. Este aspecto abre possibilidades de construir modos de formação em que se ponha em pauta a possibilidade de um “pensar com cuidado” (BELLACASA, 2012).

Pensar com cuidado é vital para qualquer construção de pensamento coletivo e nos leva para o limite do pensamento Acadêmico, pois, demanda reconhecer o modo como nos envolvemos e reproduzimos lógicas de dominação; demanda ainda entender que o pensamento é sempre fruto de relações e o cuidado, em si mesmo relacional, requer formas de manter junto e sustentar a heterogeneidade da vida. Tal concepção implica o pensamento em todas as suas relações, explicitando a prática do pensamento como uma prática de pensar-com.

Esse movimento traz uma singularidade para cada pesquisa, o que impede uma replicação técnica e generalizações, mas abre para uma tecnologia relacional nas formas de conduzir estudos e formações. Tal disponibilidade ética, narrada também no decorrer da tese a partir dos deslocamentos “das coisas que não se esperava”, produz algumas faíscas de sensibilidade, de proposições para outros percursos de formação, para outros modos de lidar com o gesto sutil na formação.

Para experimentar um “pensar com cuidado” e atentar para um gesto sutil, vista-se de não senso; abandone a cronologia e habite o tempo que flui no movimento de pensar-com; opte por seguir pelas passagens de novos sentidos e faça do absurdo a matéria do pensamento; crie palavras para acolher os afetos que se produzem neste percurso; deixe o método, a explicação e a interpretação desamparados; permita-se recuar, hesitar e participar.

Uma última percepção se apresenta sob a forma de desenhos e poesias produzidos pelo grupo nas oficinas em que a dança figurou-se como elemento de destaque. Refiro-me às formas que ganharam passagem quando pedi para escreverem, em um pedaço de papel, o que sentiram após a oficina. Tais imagens e poesias serão apresentadas ao final deste texto. Penso que podemos refletir pela dança como um elemento que, para se expor, rompe com as linhas do caderno e ganha outras linhas de expressão, como desenhos e poesias.

Como se a dança dos riscos equivalesse aos riscos das danças. Esse fenômeno de vazamento das formas de expressão, em relação aos espaços institucionalmente esperados, apresenta-se nos registros de uma oficina em que o que foi vivido não cabia nas linhas retas

do caderno. Assim como a experiência da tatuagem contada em “Coisas que não se esperava V”, percebemos que a sutileza das conexões estabelecidas mostra suas marcas de formas inesperadas, logo, para vê-las, é preciso abrir espaço, sair também do próprio lugar, sair de si mesmo e se interessar pelo que foi composto com o outro.

Sendo assim, percebo que o construto do gesto sutil serve como uma pista para compreender as formas como nossos corpos podem articular-se. Para isso, é preciso dar lugar aos deslocamentos, surpresas e outras formas de se expressar. Tal concepção se evidencia quando percebemos que cada participante tem sua própria proposição ao relatar suas experiências. Ou seja, dos mesmos exercícios cada um subjetivou a experiência de uma forma.

Logo, as oficinas não serviam para repetir um gesto, mas como exercícios de fazer sentir e articular afetos na formação de uma partilha comum. Um caminho que só é possível quando a formação de ensino oferece ferramentas para seguirmos juntos. Não a ansiedade da reprodução, nem mesmo da invenção, mas a sensibilidade da cooperação.

Talvez seja esse o maior efeito do processo em minha formação como pesquisador e profissional de saúde. Durante o percurso da tese, habita em minhas práticas a compreensão do pensamento como fenômeno coletivo, logo, me inclino para uma percepção maior na produção das articulações e suas expressões, do que em conteúdos ensimesmados.

Essa prática me permitiu seguir com a aposta na generosidade dos grupos nas produções coletivas e compreender que as singularidades do grupo surgem de marcas, heranças e histórias, por vezes gloriosas, por vezes dolorosas, mas que em composição com outras versões podem expandir nossa forma de ver, conhecer e intervir no/com o mundo.

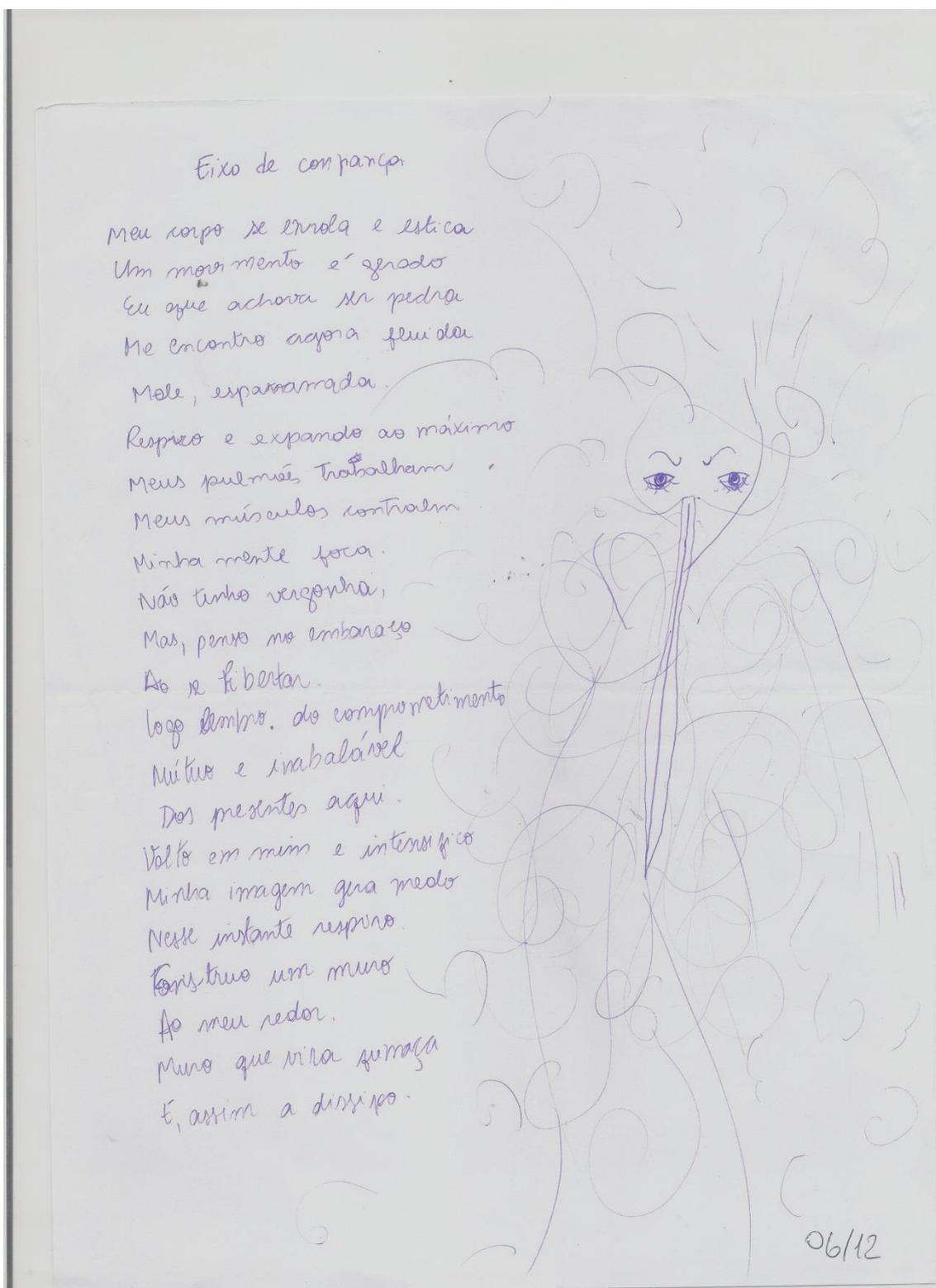
Toda essa reflexão também permite colocar em questão os graus de adoecimento que vivemos e reproduzimos nas instituições de ensino. Podemos apontar os modos de adoecimento quando a história do grupo se sufoca de ementa, quando a competição elimina a possibilidade de colaboração e quando a reprodução amortece a capacidade de reflexão.

Todas essas tônicas – ementa, competição e reprodução – têm uma coisa em comum: o esmorecimento de nossa capacidade de articulação. Tal atrofia na capacidade de articular-se consigo e com o outro, gera uma grande dificuldade no exercício de uma política de cuidado, algo tão importante nas formações dos profissionais de saúde.

Por isso esta tese destaca seus efeitos na minha formação como docente e profissional de saúde, visto que os efeitos dos encontros relatados abrem pistas para seguir com tais abordagens como uma política de trabalho. Além disso, a tese anuncia a possibilidade e a relevância de se criar espaços coletivos durante o período de formação educacional.

A partir destes espaços parece ser possível consolidar-se uma aposta na multiplicação de momentos em que as práticas relacionais, manifestadas por gestos sutis, possam ser exercitadas e incorporadas como uma aprendizagem sobre os modos de se expressar e produzir vínculo. Para seguir contornando os efeitos sensíveis de tais práticas, na sequência do texto, iremos expor algumas formas de produções e manifestações de registros feitas pelo grupo.

Figura 15 – Sem título (2018) #1



Fonte: arquivo pessoal.

Descrição da imagem: Fotografia de uma folha de papel branco com desenho e texto a caneta. A metade esquerda do papel está ocupada por uma poesia. Na metade direita há um

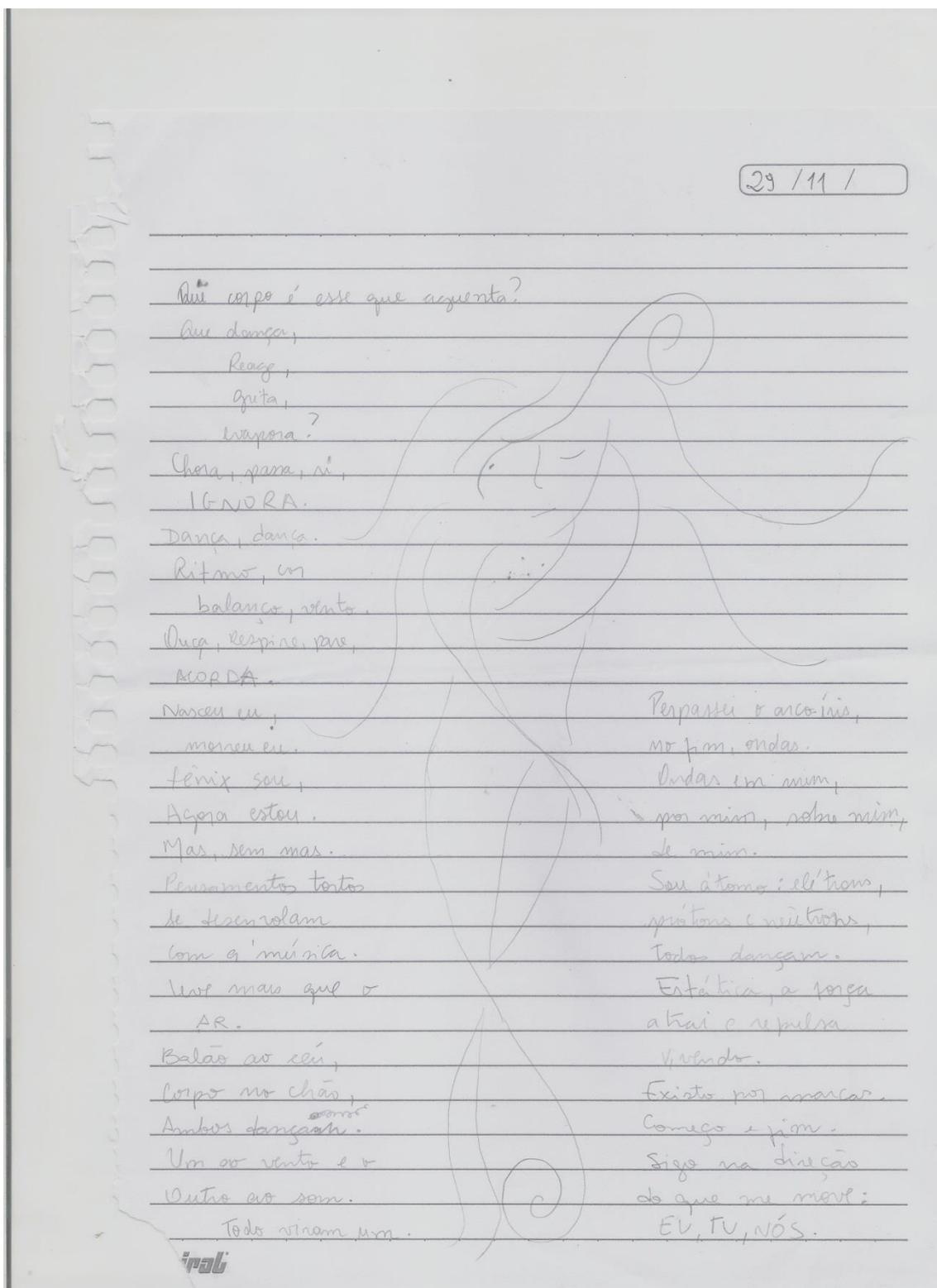
desenho de uma figura humana feita de linhas finas e dispersas, com linhas espiraladas em todo o seu redor. No meio dessas linhas somente os olhos e as sobrancelhas estão desenhados com definição. As sobrancelhas apontam para baixo. No texto à esquerda está escrito:

“Eixo de confiança

*Meu corpo se enrola e estica
Um movimento é gerado
Eu que achava ser pedra
Me encontro agora fluida
Mole, esparramada
Respiro e expando ao máximo
Meus pulmões trabalham
Meus músculos contraem
Minha mente foca
Não tenho vergonha,
Mas, penso no embaraço
Ao se libertar.
Logo lembro do comprometimento
Mútuo e inabalável
Dos presentes aqui.
Volto em mim e intensifico
Minha imagem gera medo
Nesse instante respiro
Construo um muro
Ao meu redor
Muro que vira fumaça
E, assim a dissipo.”*

No canto inferior direito há uma data: 06/12. [Fim da descrição]

Figura 16 – Sem título (2018) #2



Fonte: arquivo pessoal.

Descrição da imagem: Fotografia de uma folha de caderno com poesia e desenho à lápis. Ao centro há o desenho de uma figura humana, composta por linhas fluidas e curvas. As linhas dos braços misturam-se com as linhas dos cabelos, que esvoaçam para os lados. Um rosto é

visto entre essas linhas, com um olho fechado aparecendo. As linhas da perna se cruzam, formando uma aparência de ampulheta, e as linhas dos pés terminam em curvas e em uma espiral. Ao redor do desenho, escrito de comprido do lado esquerdo e do lado direito, está o texto:

“Que corpo é esse que aguenta?

Que dança,

Reage,

Grita,

Evapora?

Chora, para, ri,

IGNORA.

Dança, dança.

Ritmo, um

Balanço, vento.

Dança, respire, pare,

ACORDA.

Nasceu eu,

Morreu eu.

Fênix sou,

Agora estou.

Mas, sem mas.

Pensamentos tortos

Se desenrolam

Com a música.

Leve mais que o

AR.

Balão ao céu,

Corpo no chão,

Ambos dançam.

Um ao vento e o

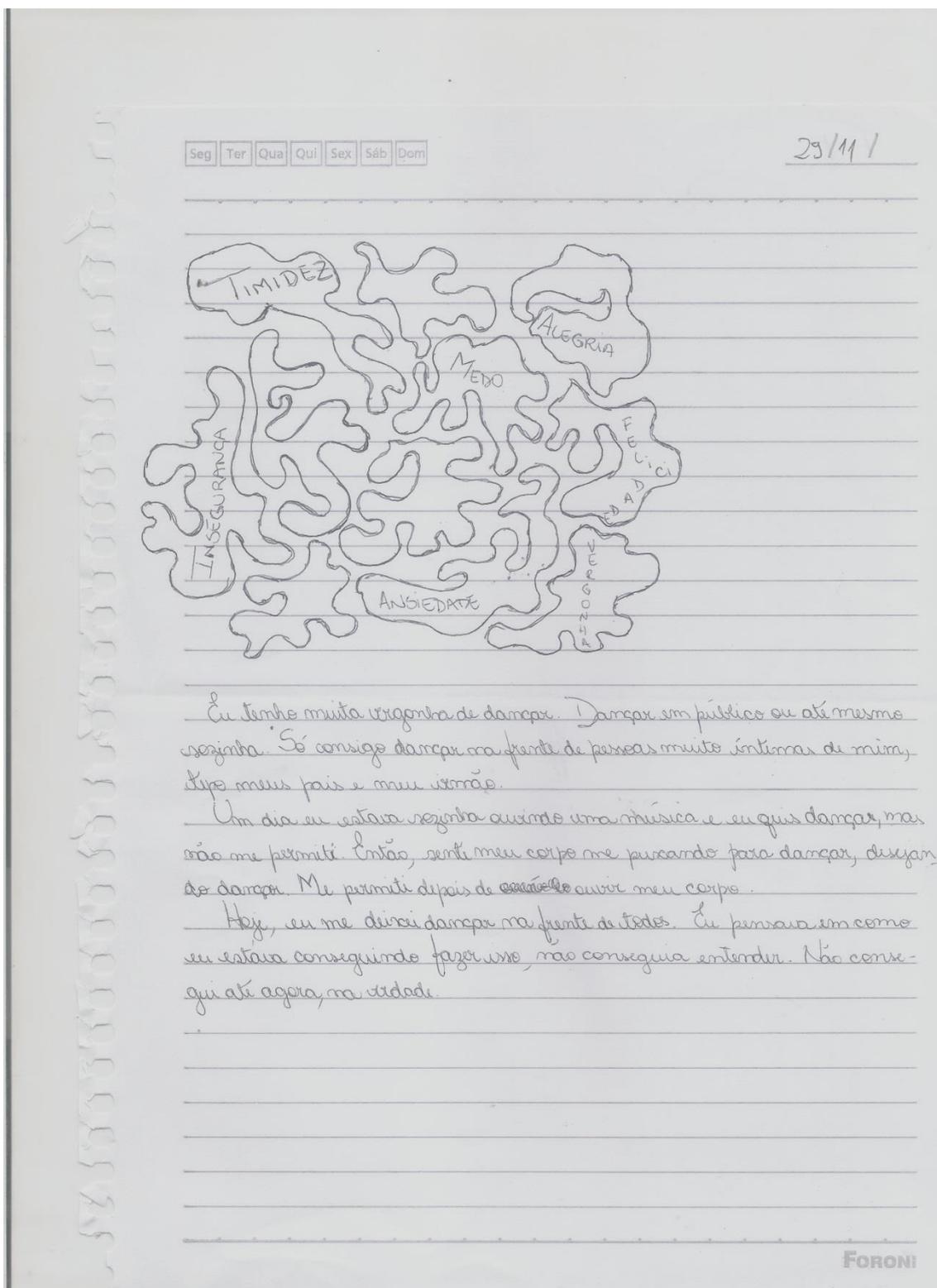
Outro ao som.

Todos viram um.

*Perpassei o arco-íris,
No fim, ondas.
Ondas em mim,
Por mim, sobre mim,
De mim.
Sou átomo: elétrons,
prótons e nêutrons,
Todos dançam.
Estática, a força
Atrai e repulsa
Vivendo.
Existo por marcas
Começo e fim.
Sigo na direção
Do que me move:
EU, TU, NÓS.”*

[Fim da descrição]

Figura 17 – Sem título (2018) #3



Fonte: arquivo pessoal.

Descrição da imagem: Fotografia de uma folha de caderno com texto e desenho à lápis. No canto superior direito há uma data: 29/11. Abaixo há o desenho de uma composição com várias formas curvas, fechadas, com reentrâncias que encaixam umas nas outras sem se

encostarem. Dentro de algumas dessas formas há palavras escritas: Timidez, medo, alegria, insegurança, felicidade, ansiedade e vergonha. Abaixo do desenho está escrito: “Eu tenho muita vergonha de dançar. Dançar em público ou até mesmo sozinha. Só consigo dançar na frente de pessoas muito íntimas de mim, tipo meus pais e meu irmão.

Um dia eu estava sozinha ouvindo uma música e eu quis dançar, mas não me permiti. Então, senti meu corpo me puxando para dançar, desejando dançar. Me permiti depois de ouvir meu corpo.

Hoje, eu me deixei dançar na frente de todos. Eu pensava em como eu estava conseguindo fazer isso, não conseguia entender. Não consegui até agora, na verdade.” [Fim da descrição]

POESIAS PRODUZIDAS:

o ar se envolve

É envolvido

Contorna o corpo

E se une

Nos unimos

Somos um

Me sinto mais uma vez na infância

Verão à noite na praia

Água quente

Céu estrelado

Eu boio, flutuo

Escuto o mar, a onda

Uma, duas e três estrelas cadentes

Desejos para um futuro

Mas agora é tudo um só

Passado, presente e futuro

Mar, corpo que flutua e as estrelas

Somos todos um

Até hoje somos todos um

O toque dela me fez sorrir. Várias vezes. Não o riso de uma gargalhada, mas um riso solto. Feliz.

A tensão não me deixa. O olhar do outro ainda me incomoda e por isso não consigo me soltar. Me

sinto sempre pesada, mas hoje quis ser leve. Tentei, pelo menos. Mas dançar é tão bom. Quero dançar sempre, mas não posso. E nem sei por que não. Eu sonho em um dia ser livre para dançar.

(Natália, 29/11/2018)

E assim cada um,
Cada dupla ou cada olhar,
Te quebra e te refaz...
Eu sou vergonha, fascinação,
Curiosidade, eu sou aquilo que sou
E que posso ser...
Tudo isso desvendado pelo simples toque
Pela simples atenção em nós mesmos
Falta,
Pois nos constrói,
Não estamos sozinhos.
(Jéssica, 29/11/2018)

Um corpo me disse
Que nascera uma flor de jasmim na cidade
Tive medo e não pude crer
Como me pode nascer uma flor de jasmim nesta cidade?
Cidade de desertos e barulhos e violência.
E então um corpo me disse
Que há florescer nos lugares mais pérfidos
E me contou, sorridente, que nascera uma flor de jasmim na cidade
Me estilhacei a chorar
Pois esse corpo era meu
E, nele já viveram muitas flores.
Mas, ele me jura que nascera uma flor de jasmim na cidade.
E sorrio – pois já passara o meio dia e o sol rachou, e há depois de memórias molhadas e vales secos,
posso ser uma flor de jasmim que nascera na cidade! Há-me florescer.
(Lucas, 29/11/2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bater à porta errada costuma resultar em descoberta.

(ANDRADE, 2019, P. 53)

Aqui nos vemos dando mais um passo em direção ao fim. Talvez o fim para mim seja o momento de maior exposição, pois nos demanda definir, mesmo que momentaneamente, o que fizemos e deixamos de fazer. Por conseguinte, é no fim que devemos assumir nossos limites. A conclusão de um texto, mesmo com promessa de continuação e proposta de novos estudos, se encerra em algum momento e é com o que está escrito que o leitor pode contar e amparar-se. Ou seja, a partilha de uma experiência demanda sempre uma exposição de marcas, histórias, caminhos e fins. É a partir disso que se pode gestar uma composição. Essa proposta mostra uma das camadas que atravessou a tese: expor para compor.

A composição das considerações finais desta tese será gestada em eixos de sentidos que se formaram, ao longo das oficinas, em colaboração com as considerações dos participantes. Tais considerações partem de registros escritos pelas e pelos participantes⁶⁶ e das declarações feitas após o último encontro presencial, realizado no dia 06/11/2019, no qual produzimos um espaço de reflexão sobre o percurso da pesquisa.

Em cada encontro o grupo foi mostrando, cada vez mais, formas e ferramentas de cuidar de todos os envolvidos. Cada um de nós experimentou, a seu modo, a manufatura das palavras *permitir* e *cuidar*, palavras que são marcadas por ações que se efetivam fortalecendo aquilo que pede passagem. Verbos que constroem coletivamente os interesses (entre-esses) que surgiram e gestaram a pesquisa. Os gestos, em sua capacidade de transmitir, mais do que revelar algo, disponibilizam versões, e é isso que este grupo fazia constantemente: apresentar versões de mundo, versões de universidade, versões de pesquisarCOM.

Portanto, apresentamos três blocos de sentido que saltaram nas falas e escritas do grupo em relação ao nosso percurso. Os blocos são: *cuidado*, *formação* e *corpo e contornos*. Nesses trechos, o direcionamento será a relação que cada participante estabeleceu com as oficinas vividas e seus efeitos nos entornos delas. Buscamos mostrar a visão que cada um tinha de si mesmo e como as oficinas proporcionaram um rearranjo, possibilitando a

⁶⁶ A escolha por apresentar tais relatos escritos neste momento da tese se dá para completar a exposição de todos os registros físicos que foram entregues no decorrer da pesquisa, e por acreditar que seu conteúdo contribui com a construção dos eixos de sentido apresentados.

ressignificação das coisas de si e do mundo a partir da vinculação de seus afetos com o grupo e seus movimentos.

Cuidado

A proposição do cuidado talvez seja um plano que possibilita a consolidação desta tese. Tal concepção se fez presente quando pudemos sentir que havia sustentação para os deslocamentos tão constantes durante a pesquisa. Podemos tentar esclarecer melhor essa afirmação a partir da gênese da tese. A intenção inicial para sua construção era pensar o gesto a partir de uma inventividade, ou seja, tentar desmontar uma ideia de linguagem corporal que categoriza e psicologiza todas as expressões do corpo, em proveito da proposição de que o corpo expressivo pode ir além de dogmas interpretativos e produzir uma estética do movimento capaz de gerar novas sensibilidades e significados.

Essa ideia circulava em um plano muito abstrato desde minha chegada ao doutorado e foi apenas a partir da vivência no espaço universitário, entre aulas e ocupações, que pude sentir o primeiro deslocamento. A aposta na criação de novas sensibilidades só foi possível após um movimento de hesitação, escuta, convocação e acolhimento. Foi preciso me desfazer do interesse individual para compreender que o processo de formação só é possível a partir de vínculos e articulações de interesses coletivos.

Viver as experiências da ocupação me fez vislumbrar a multiplicidade de vidas e histórias que circulam no *campus*. Vidas e histórias que só podem se manter e expandir a partir de contatos e conexões. Ao tentar compor com essa constatação, pude ver surgir grupos que orbitaram pelos espaços construídos ao longo da ocupação. Em seguida, após as ocupações, levei adiante essa aposta de escutar, expor e compor nossas marcas, a partir da promoção de movimentos corporais não usuais dentro da sala de aula, dançando, dramatizando, meditando e fazendo caber aquilo que extrapola grades e mapas de salas instituídas. Dessa forma, percebemos a formação de um grupo mais vivo, expressivo e conectado no decorrer das aulas.

“Lembro até hoje daquela experiência que a gente teve na aula da Marcia, aquilo foi muito forte pra mim, mudou muito minha vida e a nossa turma é uma turma que é muito estranha, dividida por locais, tinha um local que 3,4 pessoas eram amigas, outro local com 3, 4 pessoas

amigas, a turma era um conjunto de conjuntos, não era nada participativa. E teve esse evento muito forte e a turma se abraçou! Foi muito interessante aquilo ali” (Lucca, 06/11/2019).

“A disciplina da Marcia pra mim foi a melhor disciplina que eu tive na UFF e foi com certeza a que mudou minha forma de ver. Tanto que foi dado como matéria mesmo da Marcia quando a gente vê epistemologia e epistemologia do sul e do norte. Problematizar toda a questão da ciência isso mudou muito minha forma de ver as coisas. Tanto quanto o exercício que a gente fez. Exercícios corporais. Eu sempre lembro desse exemplo e do que você falou no último dia de aula que estava todo mundo tocando violão e cantando junto e você disse que quando tinha chegado na sala você via a gente sentado na cadeira não falando nada e você queria isso de ver a gente podendo cantar e brincar junto e sobre pesquisa e ensino e extensão as diferenças entre elas. A disciplina da Marcia foi muito boa e fez muito sentido. Não marcou apenas minha formação, mas a mim mesma, como eu vejo o mundo. Como estou na faculdade.” (Leticia, 06/11/2019).

Tanto as práticas durante a ocupação, quanto em sala de aula, deram sequência às oficinas narradas durante a tese e devem suas origens a momentos de convocação. Durante as ocupações, fomos convocados a nos implicar com práticas concretas, dentro e para os espaços de formação; durante as aulas, fomos convocados a explorar outras autoras e outras maneiras de ocupar a sala de aula. A construção das oficinas também nasce de uma convocação dos estudantes ao perceberem como o modo diferente de ensino, vivido em nossa disciplina, apontava para os contornos de adoecimento que modos rígidos produziam.

Pude perceber que os gestos sutis transmitem uma urgência de comunicação, ou seja, produzem convocatórias para dar visibilidade a planos coletivos, mostram que todo gesto não apenas se faz, como também produz contexto e necessidade de articulação com outros corpos (humanos e não humanos). As ativações dessas articulações abrem a possibilidade de formar linhas de cuidado. Vale apontar que esse movimento de convocação, urgência e comunicação sempre caminhou junto com um vínculo que já estava em curso. O fato de parar, escutar e permitir-se deslocar em relação ao gesto do outro, abria de forma imanente novas entradas para outras conexões.

Esse estado de abertura e acolhimento, que se dá por múltiplas vias ao atentarmos para os gestos sutis, é o que podemos pensar como uma certa política de cuidado na vinculação de práticas coletivas. A palavra cuidado surge diversas vezes nos relatos trazidos em nosso último encontro, um momento reservado para refletirmos juntos como foi o processo.

Algumas construções são trazidas agora para pensarmos juntos suas consequências na construção de tal eixo:

“Uma das oficinas que mais ficou marcada para mim foi quando a Leticia ficou muito mal e todo mundo se comoveu com isso. Aquilo pra mim foi assim, auge. Quando eu penso nas oficinas, essa foi a primeira que vem na minha cabeça.” (Victoria, 06/11/2019).

Este relato é uma evocação da experiência compartilhada no capítulo PARAR e traz outras vozes que dão pistas para pensar o cuidado nas oficinas.

“[...] eu acho que isso do cuidado. Quando eu chorei. Isso mostra isso. Eu chorei e não foi eu lidar com meu choro sozinha ou no máximo a Isabella ir lá ficar comigo. Foi uma coisa que o grupo acolheu como sendo do grupo né! Não é da Leticia é de todo mundo e acho isso muito importante e é o que eu sinto muita falta! [a participante menciona outro grupo]. Era um grupo grande e eu não me sentia confortável, não sentia que tinha um cuidado ali e aqui é muito diferente. Eram poucas pessoas, aos poucos fomos criando isso e era um cuidado muito bom.” (Leticia, 06/11/2019).

“[...] e como que a gente mudou tudo a partir daquilo.” (Isabella, 06/11/2019).

“Isso foi o mais incrível a gente estava fazendo uma coisa completamente diferente, a gente estava..., tipo era uma oficina que foi planejada pra ser uma das mais agitadas que estava todo mundo em pé e a gente fazia muito movimento e virou uma coisa completamente diferente. Essa possibilidade. Só de ter essa possibilidade de a gente poder virar o jogo completamente por causa de uma pessoa que faz parte do grupo é importante de estar bem de você estar bem e a gente estar bem em grupo. E a gente poder te dar um certo cuidado que a gente viu que a gente podia ter e não estava tendo. Assim, acho que daquele momento ficou uma coisa muito grupo. Foi uma coisa que não foi um movimento seu (Leticia) nem foi um movimento do Thiago [...].” (Victoria, 06/11/2019).

“[...] isso me faz pensar que eu lembro que sempre me sentia muito segura aqui. Você dava muito suporte e eu sentia que a gente era cuidado. Porque tem lugares que parece que a gente não tem espaço pra se expressar, não vai ser acolhido, mas aqui eu nunca senti isso.” (Isabella, 06/11/2019).

Tais expressões trazem uma pista interessante para pensar o cuidado como operador de um coletivo. Trata-se de pensar uma política de cuidado como espaço para estar aberto ao acaso e entender que qualquer manifestação que fuja ao esperado precisa ser vista como efeitos que viabilizam a produção de vínculo, e não como erro.

Nesse sentido, como ferramenta de atuação, é preciso estar atento para o que está favorecendo as conexões e gerando autorias coletivas. Gesto sutil, nessa política, é aquele que ao mesmo tempo desestabiliza nossos padrões de costume e sustenta as relações que estão se estabelecendo em ato.

“Nos diálogos, tentava sempre dar algum tipo de amparo, de cuidado ou apoio. Quando conseguia deixar alguém fazer isso para mim, cedia completamente, como se fosse algo que eu já quisesse fazer há muito tempo.” (Luna, 06/11/2019).

“Eu fui presente, fui intimidade mútua com respeito à energia do próximo... Ao próximo? Mas de movimentos visamos um só...

Mi fiz em calafrios. Porque íntimo que reparte, faz sentir, daquela pessoa que agora, recuso de chamar de estranha.” (Jessica, relato escrito em 29/11/2017).

“Como o tempo do outro ou do grupo transforma e forma seu tempo e muda o seu pensamento/sentimento e intenção. O que o movimento e o ritmo do outro traz lembranças permite a sua criação. Cada ritmo, cada gesto pode trazer outro sentimento, outras lembranças, outras formas de encarnar o tempo da música, descobrir sensações de mudança em você, do que pode permitir e criar na vida com isso.” (Vitor, relato escrito em 29/11/2017).

Outra pista interessante nestes relatos é a importância da proximidade e da presença de contato, pois apenas o estranhamento *com* o outro permite que nos sintamos convocados a estabelecer transformações pessoais para a produção de vínculo.

“Era uma coisa diferente o espaço permitia conexões diferentes, momentos diferentes e conseqüentemente sentimentos e afetos diferentes. Aqui eu acho que existe um espaço para o cuidado, aqui é diferente esse acolhimento acontece de uma forma diferente.” (Victoria, 06/11/2019).

Um ponto a ser destacado foi o relato de algumas participantes que, após as oficinas, buscaram espaços que explorassem as corporalidades e suas expressões. Ao experimentar alguns desses espaços no percurso da formação, perceberam diferenças nos manejos coletivos que valem ser apontadas também como pistas. As participantes dizem ter vivido momentos de muita intensidade, mas estas mobilizações de afetos pareciam ter um objetivo final programado. Tal abordagem e compromisso com algo a ser entregue acabava abafando a possibilidade de elaboração e apropriação singular de cada experiência.

“O grupo como uma forma de existência não só uma questão de expressão, uma forma de estar ali e presente nesse lugar Universidade, mas um lugar que a gente encontrava esses caminhos que você dava e descobria caminhos que a gente criava.” (Victoria, 06/11/2019).

Talvez, em virtude de as oficinas nascerem de uma convocatória de um grupo, a apropriação deste espaço pelo coletivo possa ter sido facilitada. Ou seja, a construção das oficinas nasceu de um movimento do grupo, logo a responsabilidade pôde ser partilhada de saída.

“Foi muito importante a gente ter conseguido fazer a oficina eu estava pensando nisso dentro do ônibus. Eu não acreditava que a gente fosse conseguir fazer as oficinas. Lembro que a gente conversou com as tutoras, mas eu nunca, eu não botava fé que você realmente fosse seguir com a gente e você topou e aconteceu e estou aqui no sexto período e agora estou indo para o sétimo período e não imaginava isso.” (Leticia, 06/11/2019).

Esse efeito na pesquisa permite pensar um certo lugar de pesquisador, que se coloca à espreita, entendendo que o estado de busca serve para ser abalado e nutrido por uma sensibilidade às convocações e acolhimentos que o próprio grupo oferece, ao mostrar que existem outras rotas possíveis.

“[...] é verdade e eu lembro que a gente exigia. A gente quer corporal, mas não quer só isso não! A gente quer falar também! Você acha que é só corpinho? A gente chegou te convidando mesmo! [...]” (Isabella, 06/11/2019)

Tal deslocamento nos lugares de pesquisa torna possível pensar essa lógica de cuidado como a possibilidade de estabelecer uma articulação de interesses coletivos na produção do conhecimento.

“[...] Nossa Victoria, você percebeu que nós fomos pesquisados? Porque eu demorei, nem estava pensando em pesquisa eu estava super me movimentando pelo interesse mesmo, as oficinas estavam fazendo sentido pra mim. Muito mais do que muitas outras coisas, aí ontem eu estava tipo pensando: Nossa! Você estava combinando de encontrar com a gente e eu pensei. A gente foi pesquisado, gente! Mas olha isso que doidera.

Como é se interessar sem se pesquisar antes? Como é interessar-se sem pensar sobre o que você tem que ressoa com aquilo? Como é se interessar quando tem um vazio e o que a gente coloca nesse vazio que a ressonância deixa ali. Se não tem nenhuma ressonância pelo que você está fazendo fica só oco.

Tem a gente foi pesquisado, mas olha isso! É uma pesquisa que reverbera! Pra sempre (até hoje! – fala de Victoria) e que modula e que eu acho que pavimenta lugares pra que o desejo possa caminhar também. Então eu acho que a gente consegue articular os nossos interesses através do corpo [...]” (Lucas, 06/11/2019)

Tais concepções não são nem triviais, nem óbvias, nem naturais. Escolho encerrar esse eixo com o risco e análise institucional apontado por este participante. Ele destaca a importância de compreender essas práticas como exercícios de formação lenta, contínua e continuada. Ou seja, criar graus de vínculo, singularidade e pensamentos com cuidado são aprendizagens e, para tanto, precisam ser praticadas.

“acho importante ter falado isso pra ver como o trabalho é endêmico, é uma coisa que pega. E você quer levar pra frente. Meu medo é o perigo da velocidade que isso se dissolve. Por exemplo. A turma anterior que não teve esse trabalho pediu prova! Eles claramente não queriam prova, mas não tinham canais de comunicação para se organizar. Olha que rápido. A partir do momento que você não deixa nada de corporal as pessoas voltam e vão enrijecendo e surgem formas rígidas de novo.” (Lucas, 06/11/2019).

Formação

No eixo do cuidado encerramos apontando os riscos dissipativos de tais práticas, quando não encontram planos de consistência e continuidade, o que sinaliza a relevância da perspectiva da tese como uma ética a ser adotada e praticada nos espaços de formação.

Para além do apontamento anterior, neste eixo extrairemos alguns efeitos que marcaram a formação dos participantes, em que se percebe que as vivências das oficinas não apenas produziram zonas de interesse, mas também foram apropriadas e multiplicadas em outros espaços.

“E o que você estava falando da sala e de estar na aula. Quando a gente faz a oficina dentro da sala isso muda nossa relação com a sala. Então a gente tipo, eu tenho aulas aqui, mas eu também posso rolar pelo chão e parece que é outro lugar. Eu posso estar em uma aula aqui sentada escrevendo no meu caderno, mas se você afastar todas as cadeiras a gente pode rolar aqui. E eu acho que a gente não pensa muito assim, podemos inventar formas de estar no espaço. Quando a gente experimenta a universidade e o espaço da universidade de uma forma diferente, a gente também muda a forma como a gente vai ver. Eu vejo que a aula não precisa mais ser desse jeito, agora eu tenho outras possibilidades de ter uma aula! E acho que isso é importante também pra uma formação.” (Luciana, 06/11/2019).

Tal experiência partilhada pela via do mover fora de padrões normativos possibilita uma sensibilidade aos graus de conexão que podemos gerir quando dividimos um espaço comum e o corpo cada vez mais articulado com outros corpos. Tais articulações transformam e mesclam percepções de corpo/espaço, criando o que podemos chamar de certa anatomia do encontro, na qual os gestos sutis realizam suas costuras.

“Me levou pra outros caminhos. Por exemplo, estou fazendo formação em Reich por causa dos nossos encontros. Me sentia desconectada do meu corpo e o ponta pé inicial para mudar foi na aula da Marcia. Porque tinha muita coisa racional e você colocou movimentos corporais junto, sabe? Não era uma coisa separada você fazia coisas relacionadas a aula, ao que a gente estava estudando e você não separava tipo: Agora é o momento do corpo e agora é o momento da mente. E eu vi que dava pra juntar!” (Isabella, 06/11/2019).

“Desde a última vez que a gente conversou que eu falei de como mudou na minha formação e tal. A gente conversou sobre como a gente ter isso no primeiro período mudou as coisas que a gente se interessou durante a formação. Na formação, a gente procurou coisas que... é...

que na verdade a oficina abriu portas pra gente procurar coisas. A gente descobriu interesse, na verdade [...]” (Victoria, 06/11/2019).

“[...] eu acho que foi muito essencial e falo com o Lucas porque a gente acabou fazendo muita coisa de corpo assim depois...” (Victoria, 06/11/2019)

O final deste relato mostra ainda que as oficinas levaram a cabo a busca por outros espaços na formação com temáticas semelhantes. A mesma participante relata que, atualmente, entrou em um projeto de pesquisa pelo qual talvez não se interessasse caso não tivesse vivido as experiências das oficinas.

“[...] mas quanto ao processo de formação nos primeiros períodos eu tive mais contato com terapias corporais e adorei, achei incrível e acabou que durante minha formação não fui pra mais lugares que tinham corporal fiz a matérias e oficinas com o tema do corpo. Foi muito bom relembrar isso e aí eu tô no sexto período e tenho que escolher estágio. Chegando nesse período estou repensando muita coisa porque foi muita coisa que não tem feito sentido pra mim na formação. Então uma das coisas que pensei hoje quando eu vim. O que eu quero, o que faz sentido? Quando tivemos a disciplina com você (Thiago) e as oficinas, foram momentos que faziam sentido.” (Leticia, 06/11/2019).

Este relato traz à luz um momento de escolha para o encerramento do curso e a percepção de uma trajetória em que as oficinas ajudaram a produzir algum sentido e inaugurar questões.

“Teve isso! A nossa interação com você e as coisas que você propôs fez com que a gente propusesse vários corporais durante várias aulas e trabalhos, avaliações!” (Lucas, 06/11/2019).

“É nesse período que a gente estava fazendo outras aulas. Um professor ficou muito tocado, agradeceu a dinâmica e falou que não esperava nada disso. Mudou muita coisa na turma, teve uma das meninas que disse que queria muito se aproximar de um grupo e não sentia abertura e depois da roda ela se sentiu mais próxima e achava espaço pra resolver conflitos dentro da própria turma! Teve uma que disse que não se sentia acolhida por pessoas que

eram amigos... Toda dinâmica que a gente fez surgia uma integração da turma. Outra em outra disciplina.” (Victoria, 06/11/2019).

Estes relatos mostram algo muito interessante para a pesquisa. Os participantes contam de intervenções realizadas em outras disciplinas inspiradas no que foi vivido nos encontros que fizemos. Ou seja, uma vez vivenciadas novas sensibilidades com o corpo e apropriadas essas transformações, percebemos que o material afetivo dessas vivências pôde ser entendido como ferramenta de intervenção.

Dessa forma, o trabalho das oficinas não operou apenas uma transformação pessoal, que ficou restrita àquele espaço e individualizada como experiência. Ao contrário, as vivências nas oficinas autorizaram multiplicar estratégias de sensibilização do corpo como possibilidade de trabalho. Vale ressaltar que as intervenções narradas pelos participantes não “copiam” nenhuma proposição feita nas oficinas. Os participantes apropriaram-se de tal maneira das oficinas como modo operativo possível, que também autorizaram-se a inventar suas próprias intervenções⁶⁷.

Outra pista de apropriação e multiplicação dos efeitos das oficinas foram as movimentações do grupo externas ao tempo e espaço em que ficamos juntos. Dentre elas, podemos citar um gesto realizado no *whatsapp* criado no dia 13.05.2019. Um gesto sutil, que anunciava algo que eu não esperava: a imagem do grupo foi alterada por ação autônoma dos participantes para uma figura do livro “*Outros jeitos de usar a boca*” (KAUR, 2017) com o seguinte poema:

Olhe para seu corpo

Sussurre

Não há casa igual a você

- obrigada

Tal mudança de imagem advém de chamados entre os participantes para realizarem uma oficina sem a minha presença, afinal, eu já estava morando em Belo Horizonte e os encontros passaram a ser mais espaçados temporalmente.

⁶⁷ As intervenções não serão descritas aqui por questões éticas, pois expõem outros espaços e disciplinas que não passaram TCLE.

Após alguns meses, fico sabendo que o grupo conseguiu reunir-se e fazer uma oficina elaborada por eles com dança e poesias deste mesmo livro. No último encontro, ao lembrar deste evento, o grupo disse que foram poucas pessoas e que não conseguiram manter a constância dos encontros. Mas esse movimento evidencia que este trabalho já se apresenta como horizonte de possibilidade na formação e atuação profissional de quem participou das vivências.

Corpo e contornos

Outro eixo que se destaca nos relatos dos participantes são as relações estabelecidas por eles entre seus corpos, contornos e modos de ser e habitar o mundo. Tais relatos mostram mais uma vez como o momento das oficinas experimentou desdobramentos e transbordamentos.

“Esse espaço extrapola de uma forma diferente. As coisas aqui vividas podem ser levadas pra outros lugares. Não é uma bolha pra só ser sentido aqui.” (Isabella, 06/11/2019).

“[...] eu estava pensando nos momentos que a gente viveu nas oficinas, nas coisas que a gente sentiu e tudo mais, e eu lembro que eu tinha umas dificuldades com meu próprio corpo que eram muito sutis e que na época eu percebia, mas hoje eu percebi que eu não tenho mais....

[...] Acho que foi uma das primeiras até. A gente fez alguma coisa de toque que era um toque que começava no pé e ia subindo e eu lembro que na época eu me depilava ainda, hoje em dia não faço mais isso, mas eu lembro que quando a pessoa começou a passar a mão nas minhas pernas e nos meus pelos, eu lembro que fiquei muito incomodada, muito, muito incomodada e lembro que pensava – vou de calça na próxima vez pra não ficar assim. E não era nem o toque em si, mas era tipo ter alguém percebendo meus pelos, percebendo coisas no meu corpo que me incomodavam e que eu percebi que dentro das oficinas comecei um processo de me desapegar das coisas que me incomodavam muito.” (Victoria, 06/11/2019).

Notamos como algumas marcas e padrões determinados socialmente impediam o contato com outras sensibilidades que o encontro e vínculo entre corpos poderiam produzir.

“[...] que eu lembro é que eu estava muito mal comigo mesma, tava sentindo tudo de ruim e achando que eu era um incomodo pra todo mundo que eu estava atrapalhando todo mundo que eu era um peso que eu era muito ruim. Tudo ruim mesmo, achava que as pessoas não gostavam de mim. Que as pessoas só me suportam, tava com esse sentimento com tudo e me sentindo horrível e burra e tudo de horrível. Eu estava tendo isso muito na época. E aquele momento quando comecei a chorar e desabei era por isso. Eu tava sentindo isso.” (Leticia, 06/11/2019).

“[...] esse dia estava no fim de período, estava todo mundo fazendo prova e o que mais incomodou é que não estavam conseguindo fazer o que eu estava pedindo (“foi, foi, foi” – todos concordam) [...]” (Thiago, 06/11/2019)

“[...] uma coisa que eu queria falar é que não foi uma coisa só individual. Tinha a ver com um corpo que você estava sentindo e que pudemos sentir juntos [...]” (Victoria, 06/11/2019).

“[...] quando eu saio desse lugar de pesquisador – facilitador, o grupo me interrompe ou interroga é quando vemos o que sempre esteve ali.” (Thiago, 06/11/2019).

“[...] e foi isso que senti a gente mudou tudo por uma coisa que já estava o tempo todo.” (Isabella, 06/11/2019).

“[...]é quando a gente faz algo que pra gente faz sentido, né? [...]” (Victoria, 06/11/2019).

“Deixar o outro ir e deixar o outro participar do seu movimento como a construção de um movimento. Como o tempo do outro ou do grupo transforma e forma seu tempo e muda o seu pensamento/sentimento e intenção. O que o movimento e o ritmo do outro traz lembranças permite a sua criação. Cada ritmo, cada gesto pode trazer outro sentimento, outras lembranças, outras formas de encarnar o tempo da música, descobrir sensações de mudança em você, do que pode permitir e criar na vida com isso.” (Luiza, 06/11/2019).

Outro momento importante diz respeito a como os gestos sutis eram elaborados por cada participante. De alguma forma, partilhamos sensibilidades em comum, em nossos corpos, que, quando expressadas, puderam dizer de modos de estar na universidade.

“[...] muita coisa que começou a reverberar foi uma experiência que eu fiquei de te mandar. Aquela coisa que aconteceu com minha mãe. Foi uma vez que você falou pra gente fazer o movimento mais forte possível e depois cessar, não sei o que aconteceu, o que era aquilo. Eu sei que na hora de cessar eu fui morrendo e fui tendo uma onda visual. Enquanto estava acontecendo algo meu corpo foi ditando a narrativa, não o visual estava ditando um movimento mental, mas as sensações internas, e eu tive toda uma onda muito doida, porque eu tive uma onda com minha mãe biológica que eu nunca conheci, eu sou adotado com um dia. Eu estava pensando sobre isso e psicanálise estava acontecendo na minha vida, muitas coisas. Aí eu caí nos meus intestinos e vi essa mulher que era minha mãe biológica só que sem rosto. Porque eu não sei como ela era. Mas eu sabia que era ela, era essa mulher e aí eu fui caindo e ela estava meio que nos meus intestinos eu a vi no meio dos meus intestinos assim. E aí era como se eu tivesse matado ela. Era como se ela estivesse morta nos meus intestinos, só que ela tinha uma faca. Ela estava lá e começou a vir atrás de mim e ela me matou também. Enfiou a faca na minha garganta, cortou minha garganta e nisso nós dois mortos caídos. Eu estava totalmente paralisado e estava tudo caído e estilhaçado no chão. E tive essa experiência de como se ela estivesse me dizendo que eu tinha matado ela e ela agora tinha me matado também e era como se a gente estivesse renascendo junto. Agora ela era quem ela tinha que ser, quem eu deixava ela ser, eu não precisava continuar matando ela e deixando ela apodrecendo no meu intestino, sabe? E foi uma chave porque essa experiência aconteceu e eu voltei e aí teve uma questão dela estar me segurando e eu estar sangrando. Ela ficava me olhando enquanto eu estava morrendo e estava chorando e uma das lágrimas dela caiu na minha boca e quando caiu na minha boca eu peguei fogo por dentro. Morremos e renascemos juntos. Quando eu voltei pra casa eu contei essa experiência pro meu pai e assim que contei essa experiência pro meu pai é como se tivesse encaixado alguma coisa. Era como se eu tivesse mostrado que eu estava preparado para receber informações que nunca tinha recebido sobre minha própria adoção. Aquela mãe que tinha me matado no intestino era a mãe do desconhecido também. A mãe que eu nunca soube o que fez e de onde veio. É a mãe que eu criei. Quando ele me contou coisas muito reais do processo eu comecei a chorar muito, parecia que o choro fazia contato com o processo que aconteceu nos intestinos. Aquilo se concretizou, chorei muito e depois nunca mais doeu daquele jeito, nunca mais precisei colocar algo para apodrecer ali, eu podia lidar com aquilo como aquilo era. Foi muito forte porque sem a experiência da oficina talvez eu não estivesse tido todo esses encaixes para essa conversa.” (Lucas, 06/11/2019).

Para além de qualquer interpretação deste relato tão pessoal, podemos expandir uma percepção em relação ao processo com o grupo. Assim como a elaboração do que foi vivido, na qual foi possível abrir novos encaixes de comunicação, a experiência das oficinas permitiu encaixes para outros momentos da formação e de conhecimento de si com os outros. Para isso, todos nós de alguma forma morremos e renascemos outros.

“[...] uma oficina que foi muito forte pra mim foi aquela com a perna. Tive várias experiências com isso, né? A gente estava construindo uma perna e eu sempre tive isso de tremer muito a perna. E teve uma vez que estava firmando a perna e fiquei com o ombro leve. E nunca mais senti meu ombro tão leve quanto aquele dia. Lembro do dia que o Lucas caiu e não caiu. Soltou todo o peso em mim e eu nem senti o peso eu estava só lá e ficava muito bem. Lembro que uma vez eu saí da oficina e estava caminhando pro estacionamento e sentia as pedrinhas no meu pé de uma forma como se eu realmente estivesse sentindo muito mais e foi muito importante pra mim [...]” (Leticia, 06/11/2019).

“Tenho que fazer tanto o tempo inteiro, é uma pressão tão grande no dia a dia, percebi que em situações adversas meu corpo reage se enrijecendo, o que faz com que momentos de liberdade sejam tão raros.” (Suzana, 06/11/2019).

“Cada dia aqui no grupo (eu) me percebo o quanto de mim cabe em mim mesma. Não caber em si é difícil, mas, pra mim, mais difícil ainda é se limitar à somente o seu corpo. Cada dia mais me vejo transbordando de mim, sem sair do meu corpo. SERÁ QUE ISSO É POSSÍVEL? (eu sei o desenho perfeito disso, pena que não sei desenhar).” (Zilda, relato escrito 29/11/2017).

“A experiência de dançar livre é muito difícil. Como que libertar o corpo de todas as amarras dele. Sinto uma resistência muito grande do próprio corpo, enquanto a mente pensa palavras de suporte e incentivo ou se abstém de se expressar. Conectar a mente, o corpo e o espírito na mesma estação é um desafio. Ao ser tocada, traçada, desenhada / permitir-se sentir como se todo o corpo fosse abraçado / Ser acessada.” (Bárbara, relato escrito 29/11/2017).

“Eu não tinha a noção do que meu corpo podia fazer. Ele relaxa ao pensar numa viagem e enrijece só de ouvir falar em prova. Como eu não pude ver? Sentir um abraço, um toque, leveza, pureza.” (Elisa, 06/11/2019).

“A cada semana eu me descubro, me reconheço, me reinvento e percebo que meu corpo vai muito além de pele e osso. Eu não sabia que era possível olhar para alguém e identificar/sentir o que cada parte do corpo da pessoa me passava. Foi uma sensação de tensão muito grande, que ao longo do tempo, foi aliviando. Observar e ser observado com cuidado pelo outro me causa um certo estranhamento. Talvez seja porque isso não se faz presente no dia a dia. Dar e receber um toque, um olhar com carinho, uma massagem é muito bonito. Me faz querer ter mais respeito e cautela quando se trata de um corpo que não é meu; um corpo que carrega história, lembranças, traumas e afetos. Descobrir a cada semana que nosso corpo é poesia me causa uma sensação de satisfação muito grandiosa.” (Ellen, relato escrito 26/11/2017).

Durante as oficinas, nos encontramos com a potencialidade de órgãos, membros e formas de articular esses elementos com o mundo, alterando nosso modo de estar conosco e com o entorno. Da mesma maneira, pudemos perceber padrões de ação, tomando consciência de que, como se atualizam, é possível intervir e construir novas respostas.

“Ausência de pensamentos, apenas um corpo e seus movimentos, sem se preocupar com o que é ‘certo’ ou ‘errado’, pode ser.” (Thais, relato escrito em 29/11/2017).

Para além da consciência de padrões, a possibilidade de degustar os sentidos sem ter o compromisso de entregar algo esperado, promove também surpresas e suavidades que, aos poucos, vão desenhando uma possível experiência estética. O fato de cada um fazer uma apropriação diferente, aponta para uma estética dos gestos, de como movimentos que foram realizados com a mesma consigna subjetivam-se de formas diversas. Ou seja, os movimentos destacaram-se como uma processualidade que convertia um saber-fazer em um saber-ser, o mover se convertia em modalidades de ser que abria planos de construção comum na partilha desses sentidos ontológicos.

A possibilidade de degustar um movimento de forma singular e flexível traz de arrasto o conceito elaborado por Galard, que coaduna com os autores mencionados no capítulo ABORDAR, em que podemos dizer que, quando um movimento multiplica versões, “o gesto

é a poesia do ato” (GALARD, 2008, p. 27). Nesse movimento, podemos destacar a importância da dimensão estética na formação. Um espaço marcado por codificações, pode ser interessante incluir momentos flexíveis, de paradas, suspensões e mudanças coletivas pela via da experiência sensível do mover.

Apropriar-se dos percursos de formação, para esses estudantes, passou por um processo de apropriar-se do corpo: pela formação de grupo, pela construção de uma certa autoria – singular e também coletiva – dos percursos de formação de cada um deles, ao mesmo tempo que intervinham em minha formação como pesquisador e profissional da saúde.

Talvez uma contribuição possível da tese seja, portanto, a percepção de que, a partir da atenção aos gestos sutis, podemos realizar uma retomada da experiência como matéria e material de formação em espaços coletivos. Um material que deve acolher surpresas, hesitações, autorias coletivas e as marcas de cada corpo, para a composição de mundos em que seja interessante viver, expandir, conhecer e intervir.

“Eu estou com o sorriso mais bobo do mundo porque finalmente eu estou comigo. E é emocionante. Eu senti tanto a minha falta. Me esperei por tanto tempo sozinha e agora eu cheguei pra mim e me dei um abraço. Estive longe por tanto tempo. Ah, que saudade! Dos meus momentos, do meu ritmo, da minha voz, do meu sorriso. De me divertir comigo. Acompanhada pela pessoa mais íntima que eu conheço, finalmente à vontade. Vivendo nesse corpo, nesses traços. Abocanhando cada pedacinho de mim com garra e, quando me tenho dentro de minha boca, eu me saboreio, lembrando como era o gosto de mim. Há tanto a conhecer. Que incrível! Tantas pessoas ao meu redor, tanta vida, tantas possibilidades! Tantas naturezas. Posso trocar de novo! Posso ser! E no movimento que crio comigo, percebo que estou dançando o tempo todo com o que está fora de mim. E olha que incrível. Aproximam-se corpos o tempo todo! E bailamos. As naturezas se investigam, dialogam, às vezes intensamente, às vezes devagar, calma e suavemente. As membranas se acariciavam. As durezas se alinham. Conservam-se as essências, as particularidades. E a cada momento uma descoberta. Um toque. Um universo sem fim.” (Viviane, relato escrito em 29/11/2017).

Práticas para se viver junto

Gostaria de encerrar a tese compartilhando o trabalho da série: “Práticas para se viver junto”, de Julia Bernardes. Trata-se de um conjunto de ilustrações feitas por monotipia e

cedidas pela autora. Essa partilha começa quando passamos a dividir momentos e movimentos em um curso de formação em dança, na cidade de Belo Horizonte. O desenvolvimento dessa formação em dança ampliou-se para conversas e aproximações de interesses de pesquisa e atuação no campo da educação. Neste sentido, o trabalho da autora, quando endereçado para esse momento da tese, traz consigo as trilhas, encaminhamentos e encontros que foram se abrindo na medida em que a tese se encerra.

Acredito que este trabalho ilustra a tese, acrescentando a ela mais uma camada sensível – estar junto demanda escolhas e atitudes. A proposição de cada desenho em uma página expõe também este convite para ação. Uma forma de conectar os gestos entre quem apresenta o trabalho e quem decide continuar nele. Uma composição que só se realiza acompanhada. Quem escolher seguir junto com o trabalho deve evidenciar alguma ação motora para seguir fruindo. Podemos assim finalizar praticando um gesto vivo, exibindo o ato como a poética do encontro.

“Perceber a produção do encontro como ato. Uma musculatura afetiva que se desenvolve a partir da prática de corpos disponíveis. Cultivar os gestos vivos e animá-los de ações que desenham contornos e fazem surgir uma anatomia do encontro.

Sobre habitar as distâncias e as intimidades: dissolver, dobrar, torcer, esticar. Tocar e manusear os espaços como matéria plástica. Tocar e manusear os espaços entre os dedos do tempo. Treinar a manufatura da existência e quais experiências tiramos dela.

Aprender e apreender o viver junto. Provar as matérias no corpo. Criar intimidade com a distância como os azulejos criam com os rejuntas. Seu rejunte junta o que?

Imaginar o perto de perto e de longe conviver com a pergunta: como o espaço e o corpo se continuam e transbordam em gestos?

Imaginar e praticar a companhia de si e do outro. Uma composição que só se realiza junto.”

(Texto escrito em parceria com a autora Julia Bernardes)

Figura 18 - Julia Bernardes. Praticas para se viver junto #1. 2020. Carbono sobre papel

Fonte: arquivo pessoal cedido pela autora

Descrição da imagem: Reprodução de desenho. O fundo é branco e o desenho é feito de linhas em azul escuro. Duas pessoas muito parecidas estão em pé, uma de frente para a outra, uma em cada lado da imagem. Elas seguram entre elas um objeto comprido e retangular, esticado. [Fim da descrição]

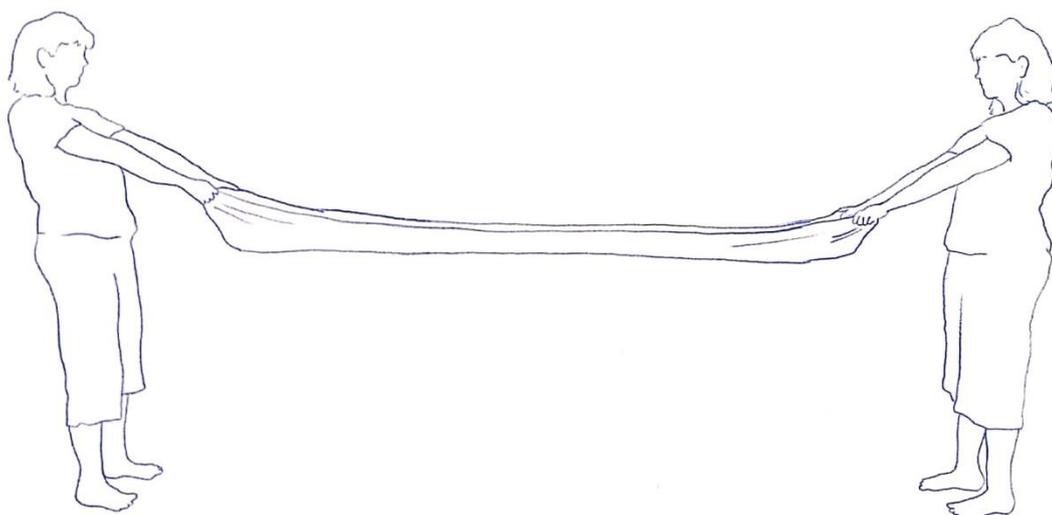


Figura 19 – Julia Bernardes. Praticas para se viver junto #2. 2020. Carbono sobre papel

Fonte: arquivo pessoal cedido pela autora

Descrição da imagem: Reprodução de desenho. O fundo é branco e o desenho é feito de linhas em azul escuro. Duas pessoas muito parecidas estão em pé com o torso abaixado, uma de frente para a outra, uma em cada lado da imagem. Elas seguram entre elas um objeto comprido e retangular que toca o chão. [Fim da descrição]

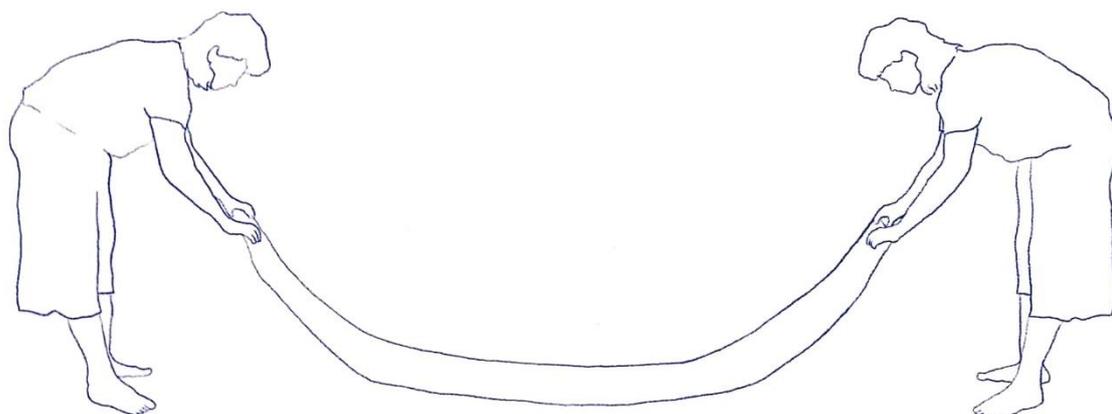


Figura 20 - Julia Bernardes. Praticas para se viver junto #3. 2020. Carbone sobre papel

Fonte: arquivo pessoal cedido pela autora

Descrição da imagem: Reprodução de desenho. O fundo é branco e o desenho é feito de linhas em azul escuro. Duas pessoas muito parecidas estão em pé, uma de frente para a outra, uma em cada lado da imagem. Há entre elas um objeto comprido e retangular, no chão. [Fim da descrição]

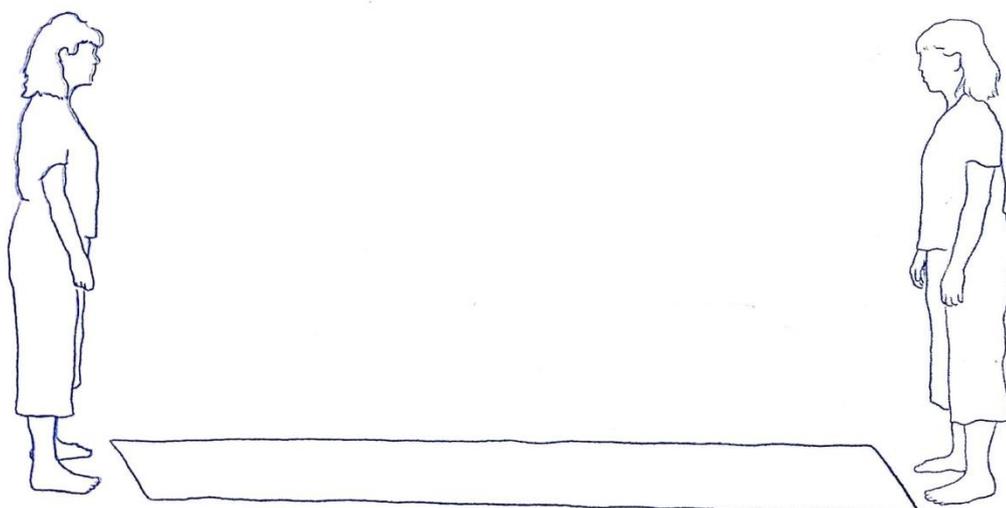


Figura 21 - Julia Bernardes. Praticas para se viver junto #4. 2020. Carbone sobre papel

Fonte: arquivo pessoal cedido pela autora

Descrição da imagem: Reprodução de desenho. O fundo é branco e o desenho é feito de linhas em azul escuro. Duas pessoas muito parecidas estão agachadas, uma de frente para a outra, uma em cada lado da imagem. Há entre elas um objeto comprido e retangular, no chão. Elas dobram as pontas desse objeto para dentro. [Fim da descrição]

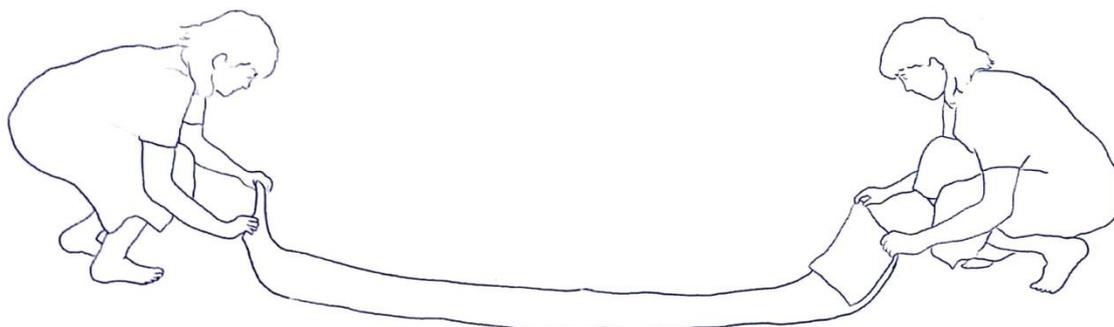
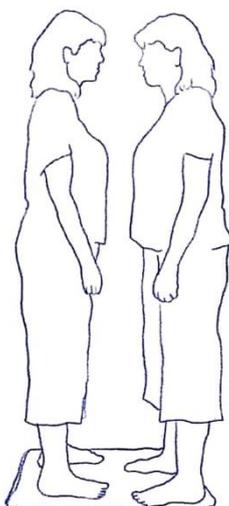


Figura 22 - Julia Bernardes. Praticas para se viver junto #5. 2020. Carbono sobre papel

Fonte: arquivo pessoal cedido pela autora

Descrição da imagem: Reprodução de desenho. O fundo é branco e o desenho é feito de linhas em azul escuro. No centro da imagem há duas pessoas muito parecidas em pé, muito próximas, uma de frente para a outra. Embaixo delas há um objeto quadrado, no chão, emoldurando os seus pés juntos. [Fim da descrição]



REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. Notas sobre o gesto. **Artefilosofia**: Revista de Estética e Filosofia da Arte do Programa de Pós-graduação em Filosofia – UFOP, Ouro Preto, n.4, p. 9-14, jan.2008.
- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ANDRADE, C. D. **O avesso das coisas**: Aforismos. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ANDRADE, G. **Corpografias em dança**: da experiência do corpo sensível entre a informação e a gestualidade. Belo Horizonte: Scriptum, 2017.
- ANZALDÚA, G. Como domar uma língua selvagem. Trad. Joana Plaza Pinto e Karla Cristina dos Santos. Revisão da Trad. Viviane Veras. **Cadernos de Letras da UFF: Dossiê Difusão da Língua Portuguesa**, Niterói, n. 39, p. 297-309, 2009.
- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Trad. Édna de Marco. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- ARENDRT, R. J. J.; MORAES, M. O projeto ético de Donna Haraway: alguns efeitos para a pesquisa em psicologia social. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v. 11, n. 1, p. 11-24, jan./jun. 2016.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross *In*: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1973, v.4.
- BAREMBLITT, G. **Compêndio de análise institucional e outras correntes teoria e prática**. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002
- BARROS, R. D. B de. **Grupo**: a afirmação de um simulacro. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2007.
- BELLACASA, M. P. Nothing comes without its world: thinking with care. **The sociological review**, v. 60, n. 2, p. 197-216, 2012.
- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. *In*: **Obras escolhidas**: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.
- BERNARD, M. **O corpo**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.
- BONDÍA, J. L. **Elogio da Escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 jan. 2021.

BOURDIN, G. L. Marcel Jousse y la antropologia del gesto. **Pelicano**, Córdoba, v. 2. p. 69-81, 2016.

BRAGA, R. **Os Trovões de antigamente**: crônicas. Lisboa: Livros do Brasil, 1973.

CAITITÉ, A. M. L. Pistas para uma reinvenção da epistemologia: ser afetado, ciência no feminino, pesquisarCOM e saberes localizados. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v. 11, n. 1, p. 37-52, jan./jun. 2016.

CALLADO, A. **Quarup**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CALLE 13. **La vuelta al mundo**. Miami: Sony U.S. Latin, 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=v_zZmsFZDaM. Acesso em: 13 jan. 2021.

CALVINO, Í. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPOS, G. W. S. **Um método para análise e cogestão de coletivos**. São Paulo: Hucitec, 2000.

CASTRO, D. **O método corpo intenção**: uma terapia corporal da prática a teoria. São Paulo: Summus, 2016.

CERCLET, D. Marcel Jousse: à la croisée de l'anthropologie et des neurosciences, le rythme des corps. **Parcours anthropologiques**, France, n. 9. p. 24-38, 2014.

CERTEAU, M. de. Une anthropologie du geste: Marcel Jousse. **NUNC – Revue Anthropologie**, Clichy, n. 25, p. 81-83, out. 2011.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1 Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CONTI, J. *et al.* Corpo, Memória e Testemunho: Cheiros Que Deixam Marcas. *In*: Prestelo, E. T.; Quadros, L. C. T. (org.). **O tempo e a escuta da vida**: configurações gestálticas e práticas contemporâneas. Vol. 1. Rio de Janeiro: Quartet, 2014, p. 51-53.

CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (org.). **História do corpo**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

COURTINE, J.-J. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? *In*: **O mistério de Ariana**. Lisboa: Vega, 1996, p. 83-96.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3 São Paulo: Editora 34, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-édipo**. São Paulo: Editora 34, 2010.

DE MARINIS, M. Corpo e Corporeidade no Teatro: da semiótica às neurociências. Pequeno glossário interdisciplinar. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 42-61, jun. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbep/v2n1/2237-2660-rbep-2-01-00042.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

DESPRET, V. **Ces émotions que nous fabriquent**. Paris: Lês empecheurs de penser en rond, 1999.

DESPRET, V. **Ces émotions qui nous fabriquent: ethnopsychologie des émotions**. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Ronde; Le Seuil, 2001.

DESPRET, V. Que diraient les animaux, si... on leur posait les bonnes questions?. **Lectures** [En ligne], Les comptes rendus, Paris, 2012. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lectures/8598>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

DESPRET, V. The Body We Care For: Figures of Anthro-zoo-genesis. **Body & Society**, v. 10, n. 2-3, p. 111-134, 2004.

ENGELS, F. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem (1876). **Trabalho Necessário**, ano 4, n. 4, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4603/4239>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

FARINA, C. **Arte, cuerpo y subjetividad**. Estética de la formación y pedagogía de las afecciones. 2005. 404f. Tese (Doutorado) – Programa de Doctorado del Departamento de Teoría e Historia de la Educación, Facultad de Pedagogía, Universidad de Barcelona, Espanha, 2005.

FAVRE, R. Um corpo na multidão: do molecular ao vivido. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 15, n. 37, p. 621-628, abr./jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832011000200025>. Acesso em: 13 jan. 2021.

FLUSSER, V. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.

FONSECA, T. M. G.; FARINA, J. T. Clinicar. In: FONSECA, T. G.; NASCIMENTO, M. L. do; MARASCHIN, C. (org.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2012.

FOUCAULT, M. The subject and power. *In*: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: beyond structuralism and hermeneutics. 2ª ed. (com posfácio inédito dos autores e entrevista de Michel Foucault). Chicago: The University of Chicago Press, 1983, p. 208-226.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1971.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**: Estratégias Poder-Saber. Vol. IV. São Paulo: Forense Universitária, 2006a.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**: Ética, Sexualidade, Política. Vol. V. São Paulo: Forense Universitária, 2006b.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 20ª ed. São Paulo: Graal, 2004.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a Genealogia e a História. *In*: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 15-39.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GALARD, J. **A beleza do gesto**: uma estética das condutas. São Paulo: EDUSP, 2008.

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. 9ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2002

GIL, J. **Movimento Total**: O corpo e a dança. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 2001.

GODARD, H. Gesto e percepção. *In*: PEREIRA, R.; SOTER, S. (org.). **Lições de dança**. Vol. 3. Rio de Janeiro: UniverCidade, 1999, p. 11-35.

GROS, F. **Caminhar, uma filosofia**. Trad. Lília Ledon da Silva. São Paulo: É realizações, 2010.

GUATTARI, F. Somos todos grupelhos. *In*: **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GUATTARI, F. Da Produção de Subjetividade. *In*: **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 11 - 44.

HARAWAY, D. Able bodies and companion species. Tradução para fins de estudos Grupo TAR-UFSJ (setembro de 2014). *In*: **When Species meet**. London: University Minnesota Press, 2008, p. 161-179.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial [orig. The science question in feminism, *Feminist Studies*, v.14, n.3, 1988]. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-42, 1995.

HARAWAY, D. **Staying with the trouble**. Carolina do Norte: Duke University Press, 2016.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1995.

INGOLD, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

JOUSSE, M. **L'anthropologie du geste**. France: Éditions Gallimard, 1974.

JOUSSE, M. Le retour aux gestes du composé humain. **NUNC - Revue Anthropologie**, Clichy, n. 25, p. 40-47, out. 2011.

KASTRUP, V. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 7 - 16, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 jan. 2021.

KASTRUP, V. O tátil e o háptico na experiência estética: considerações sobre arte e cegueira. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**, v. 8, n.3, p. 69-85, 3º quadrimestre 2015.

KAUR, R. **Outros jeitos de usar a boca**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017

KELEMAN, S. **Anatomia emocional**. São Paulo: Summus, 1992a.

KELEMAN, S. **Corporificando a experiência: construindo uma vida pessoal**. São Paulo: Summus, 1995.

KELEMAN, S. **Padrões de distresse**. São Paulo: Summus, 1992b.

LATOURE, B. Como falar do corpo?: A dimensão normativa dos estudos sobre as ciências. *In*: NUNES, J; ROQUE, R. (org.). **Objectos impuros: Experiências em estudos sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 2007, p. 40-61.

LATOURE, B. **Reagregando o social**. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc. 2012

LE BRETON, D. **Antropologia do Corpo e Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEITE, A. R. N. L. **Estética da experiência, corpo e democracia: uma abordagem do Contato Improvisação a partir das considerações filosóficas de John Dewey**. 2017. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2017.

LIMA, D. **Gesto: práticas e discursos**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013.

LIMA, T. S. F. **Por uma clínica dos poros: conhecimento e práticas em saúde a partir do exercício de um corpo sensível**. 160 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2014.

LOWEN, A.; LOWEN, L. **Exercícios de bioenergética: o caminho para uma saúde vibrante**. São Paulo: Agora, 1985.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 17ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MANDRESSI, R. Dissecções e anatomia. *In*: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (org.). **História do corpo**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 411-440.

MATURANA, H. R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2002.

MAUSS, M. As técnicas do corpo. *In*: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 399-422.

MOL, A. **The logic of care: health and the problem of patient choice**. New York: Routledge; 2008.

MORAES, M. Do “pesquisarcom” ou de tecer e destecer fronteiras. *In*: MARCHEZI, G. T.; MORAES, M.; BERNARDES, A. G. (org.). **Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia**. Vitória: Edufes, 2014, p. 131-138.

MORAES, M. Pesquisar: verbo ou substantivo? Narrativas de ver e não ver. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 6, n. 2, p. 174-181, 2011.

MORAES, M. PesquisarCOM, Política Ontológica e deficiência visual. *In*: MORAES, M.; KASTRUP, V. (org.). **O Exercício de ver e não ver**. Rio de Janeiro: Nau, 2010, p. 26-51.

MORAES, M. **Que objeto para a psicologia?**. [Manuscrito não publicado - Aula FAMATH]. Niterói, 2003.

MORAES, M.; TSALLIS, A. C. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. **Revista Polis Psique**, Porto Alegre, v. 6, n. spe, p. 39-51, jan. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2016000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 jan. 2021.

NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (org.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2015, p. 49-52.

ORÓ, J. J. M.D. Evolution of the brain: from behavior to consciousness in 3.4 billion years. **Neurosurgery**, vol. 54, n. 6, p. 1287–1297, jun. 2004.

PASSOS, E.; BARROS, R. D. B. de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, RS: Sulina/Editora da UFRGS, 2010, p. 17-31.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. A dimensão performativa do gesto na prática docente. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, p. 555-563, dez. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782010000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 jan. 2021.

PIGLIA, R. Uma proposta para o novo milênio. **Caderno de leitura N. 2**. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2012.

PORTA, J. A. **Oficinas de Movimento: Corpos e Processos Formativos**. 155 f. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Psicologia Institucional, Universidade Federal do Espírito Santo. Orientação: Fabio Hebert da Silva. Vitória, 2017.

RANCIÈRE. J. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2018.

RANCIÈRE. J. **Políticas da escrita**. São Paulo: Editora 34, 2017.

RESENDE, C; CAETANO, P; TORRALBA, R. Política do Sensível: práticas somáticas e corpo-campo-coletivo. **Vazantes**, v. 2, n. 2, p. 115-128, 2019.

RODRIGUES, A. C. **Por entre ratos e andorinhas: burburinhos e garatujas de uma experiência de montagem no limiar das palavras cidade e subjetividade**. 149 f. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Orientador: Frederico Guilherme Bandeira de Araújo. Rio de Janeiro, 2013.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUCSP, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-51, fev./set. 1993.

ROQUET, C. Da análise do movimento à abordagem sistêmica do gesto expressivo. **O Percevejo online**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p 1-15, jan./jul. 2011.

RUSSELL, K. J. GUPTA, A. Ocupação. In: BOYD, A. MITCHELL, O.D. (orgs). **Bela Baderna: ferramentas para Revolução**. Tradução de Gabriela Vuolo e Tica Minami. São Paulo: Edição Ideal, 2013.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez, 2010.

SEGATO, R. L. **Las nuevas formas de la guerra y El cuerpo de las mujeres**. Edición Puebla: Pez en el árbol, 2014.

SENNETT, R. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1997

SILVA, H. L. da. **Contato improvisação: o movimento e a desabitucação compartilhada no campo da experiência**. 252 f. 2013. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro, Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ivani Lúcia de Oliveira Santana. Salvador, 2013.

SPINK, P. K. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 18-42, dez. 2003. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jan. 2021.

SPINOZA, B. de. **Ética**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SZYMBORSKA, W. **Poemas**. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

TAHAN, M. **O Homem que Calculava**. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

TROËL, C. L'Anthropologie de Marcel Jousse – approche philosophique: Approche globalisante du Geste comme condition d'humanisation. **Educatio**, France, n. 4, 2015. Disponível em: <<http://revue-educatio.eu/wp/2015/03/16/lanthropologie-de-marcel-jousse-approche-philosophique-approche-globalisante-du-geste-comme-condition-dhumanisation/>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

UNO, K. **Hijikata Tatsumi**: Pensar um corpo esgotado. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

VIANNA, K. **Dispositivo clínico**: histórias para não-ver. 2019. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em Psicologia Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Alexandra Cleopatre Tsallis. Rio de Janeiro, 2019.

VIÉGAS, M. N.; TSALLIS, A. C. O Encontro do Pesquisador com seu Campo de Pesquisa: de Janelas a Versões. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 6, n. 2, p. 298-304, ago./dez. 2011.

ANEXOS**ANEXO I – Proposta de atividade ocupação****GT DE CULTURA E AGENDA – ICHF****PROPOSTA PARA ATIVIDADE – OCUPAÇÃO ICHF****RESPONSÁVEL: THIAGO DE SOUSA****TEMA:****OFICINA DE MASSAGEM COLETIVA****DISPONIBILIDADE DE DIAS: QUARTA E SEXTA****DISPONIBILIDADE DE HORÁRIOS: FIM DA TARDE OU
INTERVALO ALMOÇO****SÍNTESE DA ATIVIDADE:****COMPARTILHAR TÉCNICAS DE MASSOTERAPIA INDIANA E
TOQUES SUTIS.****PROPORCIONAR DESESTAGNAÇÕES DE ENERGIAS E
LIBERAÇÕES DE TENSÕES FÍSICAS, PSÍQUICAS E**

EMOCIONAIS.

CONSTRUIR EM CONJUNTO FERRAMENTAS DE AUTO-CONHECIMENTO E REVIGORAMENTOS PARA OS ENFRENTAMENTOS COTIDIANOS.

ESTRUTURA E MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- **SALA AMPLA COM CHÃO LIMPO PARA QUE AS PESSOAS POSSAM FICAR DEITADAS (PODE SER O AUDITÓRIO DO PRÉDIO DE PSICOLOGIA)**
- **QUEM QUISE PARTICIPAR TRAZER ROUPAS LEVES**
- **QUEM PUDER E QUISE LEVAR CANGAS (NÃO OBRIGATÓRIO, MAS DEPENDENDO DA CONDIÇÃO DO PISO)**

CONTATO: LIMA.THIAGOSOUSA@HOTMAIL.COM – TELEFONE

SEM WHATSAPP, MAS COM SMS: 27 – 995788147.

:

DATA: .07 / 11 /2016

ANEXO II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Título do Projeto:

Gestos em formação: diálogos entre corpo, ensino e conhecimento

Pesquisador Responsável:

Thiago de Sousa Freitas Lima

Instituição a que pertence o pesquisador responsável:

Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense

Telefone para contato do pesquisador:

(21) 9963 19409

Outra forma de contato com o pesquisador:

email:lima.thiagosousa@gmail.com

Nome do participante:

O(A) Sr.(ª) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “Gestos em formação: diálogos entre corpo, ensino e conhecimento”, de responsabilidade do pesquisador Thiago de Sousa Freitas Lima. Entendemos que uma formação universitária carrega consigo muitos desafios e fatores estressores com consequências negativas para seus graduandos. Para compreender melhor sobre tais fatores e como alterá-los, acreditamos que espaços que incluam movimentos de conscientização e expressão corporal nos cursos de graduação podem ser aliados no processo de formação por oferecerem um momento de acolhimento e conhecimento de si e do outro. Para isso, gostaríamos de realizar esta investigação com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento de exercícios de expressão e conscientização corporal, para entender como elas podem colaborar na formação profissional em Psicologia. Realizaremos oficinas com técnicas de expressão e conscientização corporal. As oficinas serão abertas a todos os estudantes de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Neste espaço conversaremos sobre quais questões estão atravessando a formação em Psicologia em grupo e, a partir do que for levantado no diálogo, iremos propor exercícios de expressão e conscientização corporal utilizando técnicas de jogos teatrais, dança, meditação, relaxamento... As técnicas dependerão do tema que surgir no grupo. Serão feitas coletivamente e se baseiam em procedimentos do esquizodrama e da metodologia formativa. O esquizodrama é um procedimento que visa produzir de forma ativa com os participantes a conscientização e produção de novas realidades, por meio de dramatizações. A metodologia formativa são exercícios que se baseiam em ensinar como nossas emoções são inibidas ou expressas, como nosso pensamento se torna ação, como o sentido é construído e o significado é formado, a partir de graus de contração e relaxamento muscular guiado por estágios distintos. Os riscos inerentes a este projeto de pesquisa são aqueles que dizem respeito à mobilização de experiências subjetivas que podem ser dolorosas para os sujeitos. Tal risco, no entanto, é minimizado uma vez que o pesquisador é também psicólogo, com formação profissional em todas as técnicas utilizadas na pesquisa, o que valida sua atuação para lidar com situações que envolvem a subjetividade, além disso as atividades serão realizadas em um local adequado que garante a proteção física e privacidade dos participantes. O benefício será a construção de vivências que ampliem a capacidade de análise dos sujeitos diante da realidade de seu cotidiano e de seu processo de formação, possibilitando espaços que fortaleçam as estratégias de cuidado e vínculo na criação de momentos de disponibilidade e contato com o outro, tendo como consequência redução de estresse, maior disposição para enfrentar os desafios da graduação e ampliação de ferramentas para o cuidado de si e do outro. Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. A sua participação é voluntária e você está livre para não aceitar ou retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação pela sua decisão. Sua recusa em participar da pesquisa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. É garantida a confidencialidade das informações geradas pela pesquisa preservando a identidade e privacidade dos participantes.

Caso tenha qualquer dúvida o pesquisador e o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) podem ser contactados a qualquer momento da pesquisa.

Comitê de Ética em Pesquisa/UFF: Contatos: (21) 26299189 - etica@vm.uff.br.

Os Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) são compostos por pessoas que trabalham para que todos os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos sejam aprovados de acordo com as

normas éticas elaboradas pelo Ministério da Saúde. A avaliação dos CEPs leva em consideração os benefícios e riscos, procurando minimizá-los e busca garantir que os participantes tenham acesso a todos os direitos assegurados pelas agências regulatórias. Assim, os CEPs procuram defender a dignidade e os interesses dos participantes, incentivando sua autonomia e participação voluntária. Procure saber se este projeto foi aprovado pelo CEP desta instituição. Em caso de dúvidas, ou querendo outras informações, entre em contato com o Comitê de Ética da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (CEP FM/UFF) de segunda à sexta, das 08:00 às 17:00 horas.

Eu, _____, declaro ter sido informado e concordo em participar, como participante, do projeto de pesquisa acima descrito.

Assinatura do Participante

Niterói, _____ de _____ de _____